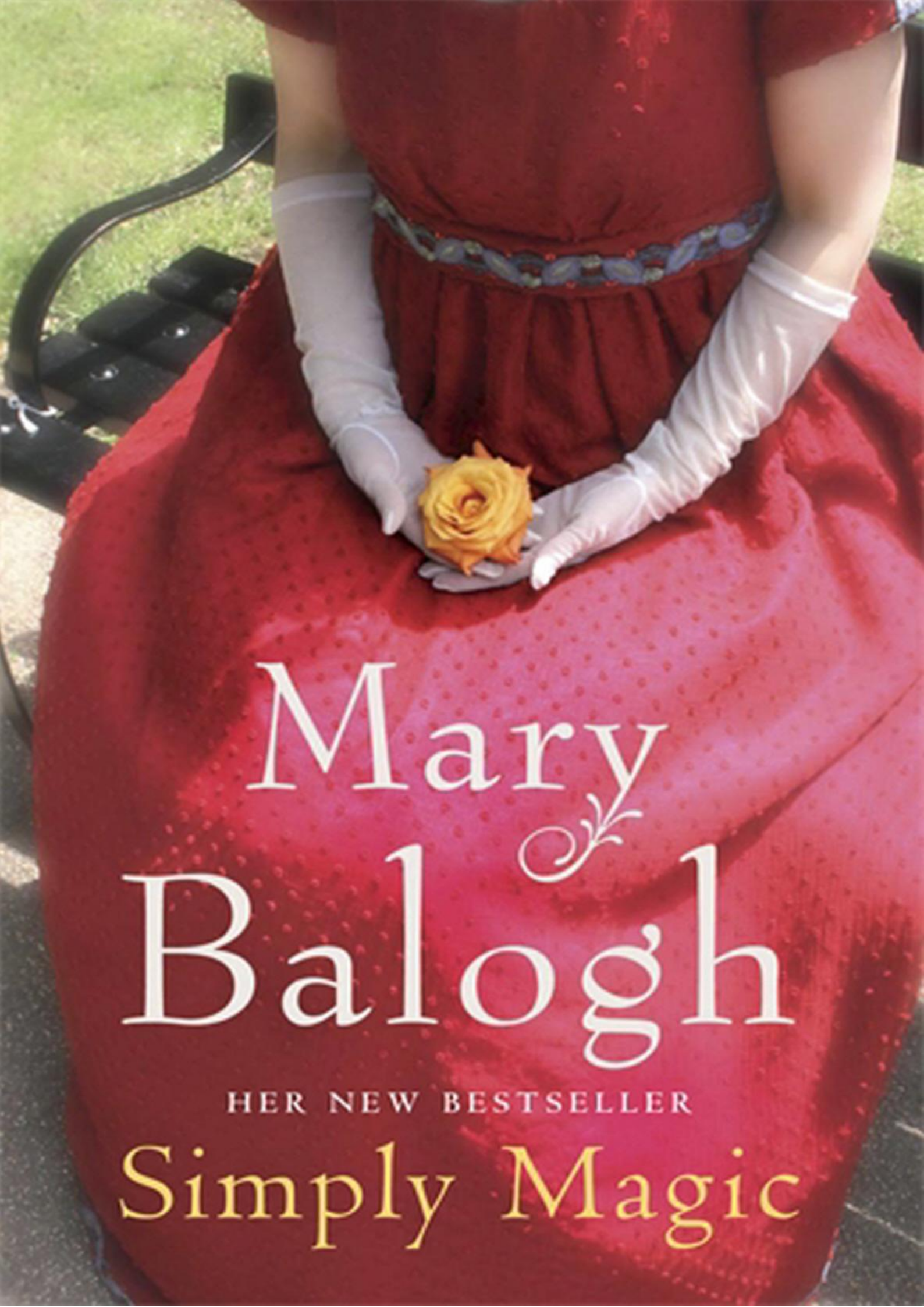

Mary
Balogh
HER NEW BESTSELLER
Simply Magic

MARY BALOGH

Simplemente Mágico

3° da série Professoras

Simply Magic (2007)

ARGUMENTO:

Em uma linda tarde de agosto Susanne Osbourne é apresentada ao homem mais bonito que ela já encontrou e momentos depois sentiu um arrepio gelado de reconhecimento. Peter Edgeworth, Visconde de Whitleaf é absolutamente encantador e aparentemente, demostrava que nunca viu Suzanne antes desse dia. Com sorriso e olhos sedutores, Peter é um libertino perfeito, mas consegue despertar nela um estranho desejo que nunca sentiu antes, e isso éra tão assustador como avassalador. Ela imediatamente percebe que este nobre constitui uma séria ameaça ao seu coração e aos segredos que ela tenta desesperadamente esconder.

A partir do momento em que foram apresentados, Peter foi atraído para a independência e a beleza de Susanne, então decidiu que tinha de fazê-la sua. Mas quanto mais ele insistia, mais distante ela ficava, até que um jogo sensual de cabo de guerra acabou em uma tarde gloriosa de paixão. Agora, mais determinado do que nunca a ficar ao lado dela, Peter começa a suspeitar que uma história trágica ainda assombra Susanne. E o mais perto da verdade, é que irá desafiar os mistérios de seu passado para permanecer com essa criatura tão delicada, e tudo o que Susanne deve fazer é confiar o segredo mais precioso de todos ...

SOBRE A AUTORA:



Mary Balogh, pseudônimo da Mary Jenkins, nasceu e cresceu no Gales, Grã-Bretanha, terras de canções e lendas; mas vive no Canadá junto a seu marido. Professora de inglês, encontrou tempo para sua verdadeira vocação, a escrita, quando seu filho mais velho completou seis anos. Sua primeira novela ganhou o prêmio Rita de Novela Romântica. É uma das autoras mais premiadas e reconhecidas, admirada por seus romances vitorianos. Publicou Titania, simplesmente inesquecível e foi a primeira de suas novelas relacionadas com a escola Miss Martin's para senhoritas.

Publicou seu primeiro livro em 1985 e tem escrito mais de sessenta. Sua afeição pelas novelas da escritora inglesa Georgette Heyer a levou a escolher como cenário de suas histórias, o período da Regência inglesa. Sua série dos irmãos Bedwyn, cujo título: Ligeiramente Imoral e o quinto livro, consagrou-a como uma das escritoras mais populares do gênero. Especializou-se em novela romântica, mais concretamente em romances da época vitoriana.

Revisão: Alcioni
Revisão final: Elisa
Revisado sem fins lucrativos e de fãs para fãs. A comercialização deste produto é estritamente proibida.

CAPÍTULO 01

—Humm.

Peter Edgeworth, visconde de Whitleaf, franziu a testa enquanto dobrava a carta que ele tinha acabado de ler e a depositou virada para baixo junto a seu prato de café da manhã.

John Raycroft, sentado no outro extremo da mesa, baixou o jornal matutino frente a seu rosto e arqueou as sobrancelhas.

—Más notícias?

Peter suspirou de forma audível.

—Minha vontade era retornar para casa, —disse — embora eu tenha apreciado estas duas semanas que passei aqui com você e sua família. Lamento ter que ir agora em que toda a vizinhança mostrou-se tão hospitaleira comigo. Por estranho que pareça, estava impaciente para retornar, mas cometi o erro de comunicar minhas intenções a minha mãe e ela organizou uma grande festa de boas-vindas para mim. Convidou um grupo de pessoas para passar umas semanas em casa, incluindo à senhorita Rose Larchwell, seja lá quem for essa mulher. Nunca tinha ouvido falar dela. E você? Asseguro-lhe, Raycroft, que isso não é nada divertido.

Mas seus protestos chegaram muito tarde. John Raycroft ria enquanto deixava o jornal e prestava toda atenção em seu amigo. Estavam sozinhos na casa, pois o resto da familia tomaram o café da manhã mais cedo enquanto eles davam um passeio a cavalo.

—Está claro que sua mãe quer vê-lo casado, —disse John—. O qual não tem nada de estranho, Whitleaf, dado que é seu único filho e está a caminho dos trinta.

—Só tenho vinte e seis anos. — Protestou Peter, franzindo o cenho novamente.

—E cinco mais que a última vez em que sua mãe tentou algo similar e fracassou — Recordou Raycroft sem deixar de sorrir— Sem dúvida pensa que chegou o momento de tentar novamente. Mas, você pode negar, como na última vez.

—Humm —voltou a dizer Peter, que não compartilhava o regozijo de seu amigo. Esse era um episódio em sua vida que não tinha nada de cômico. Havia escandalizado os ilustres membros da alta sociedade, que achavam que ele estava prestes a comprometer-se com Bertha Grantham não podia retirar-se de forma honrosa, embora não tenha acontecido nenhum anúncio oficial. Os membros mais jovens da boa sociedade consideravam-no um tipo admirável por que atreveu-se a desprezar à sociedade, evitando os grilhões do matrimônio no último momento.

Maldição, não foi nada divertido. Aos vinte e um anos Peter atingiu a maioridade, mas era inocente como um bebê e seguia o rumo que sua família e seus tutores traçaram para sua vida. Santo céu, até se apaixonou por Bertha, como esperavam dele! Nunca percebeu que era corajoso até que depois do susto, viu-se obrigado a manda-la embora e pôr fim a um quase compromisso de forma mais que desajeitada e pública. Durante um bom tempo, como resultado desse episódio, sua coragem ficou desmoralizada, embora a tivesse adquirido novamente uma hora mais tarde ao dizer para seus tios e antigos tutores, com

cara de pouco caso, que já não precisava deles, já que havia completado a maioridade. Agradeceu por terem perdido o sono por sua culpa. Mas não estava muito seguro de ter-lhes agradecido.

—O ruim —disse— é que certamente essa garota está iludida, ou em todo caso, a mae dela, seu pai, seus irmãos, seus avós e seus primos. Céu santo!

—É possível —disse John Raycroft—que você goste, Whitleaf. Talvez seja tão atraente como promete seu nome.

Peter fez um gesto.

—É possível —respondeu—.Eu gosto das mulheres em geral, mas não se trata disso. Não tenho intenção de me casar com ela, nem com nenhuma mulher, a não ser aquela que eu mesmo possa escolher, mesmo sendo bela como um milhão de rosas. De modo que me verei na complicada situação de ter que ser cortês e amável com ela sem dar a impressão que a estou cortejando. Mas o resto dos participantes desta infernal festa de boas vindas saberão muito bem por que foram convidados, pois minha mãe se ocupará disso. Agradeceria que apagasse esse sorriso de seu rosto, Raycroft.

John Raycroft voltou a soltar uma gargalhada enquanto jogava seu guardanapo sobre o jornal.

—Lamento-o sinceramente, amigo —disse—. É muito chato ser rico, nobre, um bom partido e saber na tenra idade de vinte e um anos que é um destruidor de corações. Esse dado, como é natural, aumenta a sua atração. Ao menos no referente ao sexo fragil. Mas terá que se casar mais cedo ou mais tarde. É uma das obrigações de seu título. De modo que mais vale fazê-lo agora que mais tarde.

—E por que não mais tarde? — Apressou-se a perguntar Peter, tomando sua faca e garfo e atacando o que ficava de seus ovos com presunto—. Não sou como você, Raycroft. Não posso olhar uma mulher através de um salão de baile lotado numa noite, compreender que é o único amor de minha vida e fazer a corte durante um ano sem olhar sequer a outra mulher e me comprometer com ela esperando outro ano enquanto a garota empreende uma excursão pela Europa.

—Foi a Viena, para ser preciso —falou seu amigo —Com seus pais. Fazia muito tempo que planejaram dar esse presente a ela. E não foi um ano completo, Whitleaf. Retornarão na primavera. Casaremo-nos antes que termine o verão. E um dia compreenderá por que eu estava disposto a esperar três vezes esse tempo se for necessário. Seu problema é que não sabe discriminar. Basta olhar uma mulher para voce ficar apaixonado por ela. Fica apaixonado por todas, e portanto nenhuma.

—Quantas mais, menos perigo. —Peter não pôde deixar de sorrir—. Mas asseguro Raycroft, que não me apaixono pelas mulheres. Eu gosto, isto é tudo.

Era verdade, para sorte dele. Era só do amor ou de qualquer outro sentimento profundo que procurava escapar. Mas o fato é que ele gostava das mulheres, —e as pessoas em geral.

Evitou passar de um inocente bebê a um cínico no prazo de um único dia.

Seu amigo meneou a cabeça.

—O que vai fazer? —Perguntou Raycroft indicando a carta com a cabeça—. Voltar para casa e aterrissar no meio da festa casamenteira que sua mãe organizou, ou ficar aqui, em Hareford House? Por que não repensa e em vez de ir amanhã fica o mês todo, tal como tinha pensado? Escreva a sua mãe dizendo que me deixou contrariado por ter decidido

abreviar sua visita. Diga-lhe que minha mãe ficou muito desgostosa. Diga-lhe também que se sente obrigado a ficar para assistir a festa do povoado que será celebrado dentro de duas semanas. Nenhum desses eventos é mentira. De fato, a vizinhança provavelmente ficará de luto se não assistir à festa. Talvez até mesmo a anulem por falta de interesse. Menos mal que estou comprometido com Alice e seguro de seu amor. Estar com você é o suficiente para afundar qualquer solteiro e sem compromisso em um abatimento mortal. Para as mulheres não há outro homem quando se encontra num raio de vinte quilômetros.

Peter riu, embora não tivesse ainda conseguido animar-se.

O certo é que depois de vagar durante cinco anos de um lado a outro sem outra coisa que sua limitada sabedoria para guia-lo, levando a existência vazia e sem sentido do típico jovem da alta sociedade, por fim havia tomado algumas decisões firmes sobre seu futuro.

Chegou o momento de retornar a Sidley Park. Durante cinco anos só fez algumas breves visitas á sua casa antes de retornar para a sua vida em Londres, Brighton ou em algum dos balneários.

Chegou o momento de empunhar as rédeas de sua vida, sua propriedade e as responsabilidades que comportava seu status social.

Dizendo de outro modo, chegou o momento de amadurecer e comportar-se como o homem que tinham educado para que fosse, e o homem que sempre sonhou ser, embora esse sonho tenha ficado interrompido durante muito tempo. Peter cresceu sentindo um grande carinho por Sidley, sabendo que era dele a partir da morte de seu pai, que ocorreu quando ele tinha três anos.

Os prazeres não mais o satisfaziam. Isso compreendeu durante a temporada social em Londres este ano. Nem tampouco as aventuras sentimentais, que foram muitas. Esbanjou cinco anos de sua vida. Na realidade não os tinha esbanjado totalmente, pensou. Aprendeu a cuidar de si mesmo, embora ainda não estivesse tão seguro do que desejava. E aprendeu a usar tudo que o ensinou sua amorosa mãe e também suas cinco irmãs, assim como seus numerosos tutores: decidir o que era importante e o que rejeitar de forma permanente.

Esses tutores, e principalmente sua mãe, o decepcionaram profundamente há cinco anos. Mas, compreendeu que basicamente proporcionaram-lhe uma sólida educação. Havia chegado o momento de parar de sentir auto-piedade, castigando-se e também a eles, e converter-se na pessoa que desejava ser. Ninguém podia fazer isso; salvo ele mesmo.

A decisão de assumir por fim o controle de sua vida, proporcionou a ele uma enorme satisfação.

Prometeu permanecer um mês em Hareford House com Raycroft quando terminasse a temporada em Londres, decidiu cumprir essa promessa e depois retornar para sua casa. Mas o afeto que o unia aos membros da família Raycroft, o calor do tratamento que dispensavam a ele e os amigos e vizinhos, só reforçou sua determinação e desejo de ser o dono e senhor de sua casa. De modo que ao final de duas semanas decidiu abreviar sua visita e retornar a Sidley Park. Era final de agosto e não demoraria para começar a colheita. Desejava retornar para casa nessa época e ficar ali.

Mas a carta de sua mãe tinham embaçado seus sonhos. Indignou-se com o fato de que ela demonstrasse estar tão pouco afetada pelos eventos ocorridos há cinco anos. Ou talvez tratava simplesmente de fazer as pazes com ele da única forma que sabia. O sonho de sua mãe era vê-lo criar raízes, com uma esposa e vários filhos.

A irmã mais nova de John, apareceu na sala de café da manhã, uma jovem de faces rosadas, olhos luminosos e com um aspecto muito atraente, depois de ter passado uma hora no jardim colhendo flores para sua mãe, interrompendo o assunto antes que Peter pudesse responder ao convite de seu amigo. Olhou a jovem com afetuosa admiração quando esta beijou seu irmão na face e logo olhou para ele, fazendo uma deliberada careta. Peter levantou-se para puxar-lhe a cadeira.

—Estou muito zangada com você —disse Rosamond ao sentar-se—. Poderia ficar alguns dias a mais.

—Parte-me o coração —respondeu Peter sentando-se de novo em sua cadeira—. Mas eu não estou zangado. De fato, quero pedir-lhe um favor, posto que sua beleza deslumbrante tirou-me o apetite. Rogo humildemente, senhorita Raycroft, que reserve para mim a primeira dança na próxima festa do povoado.

A falsa careta de desgosto desapareceu, substituída por uma expressão de entusiasmo juvenil.

—Decidiu ficar? —Perguntou a jovem—. Você vai participar da festa?

—Como poderia resistir? —Respondeu Peter levando a mão direita ao coração e olhando-a com uma expressão cheia de sentimento—. Não deveria ter saído esta manhã, pois o sol e o ar puro melhoraram ainda mais sua cútis já perfeita. Caso chegasse aqui pálida e gasta, vestida com suas roupas mais velhas e esfarrapadas tenho certeza que ainda assim, sua beleza teria parecido irresistível.

Rosamond riu.

—De modo que vai ficar —disse—. O certo é que estou com o meu vestido mais velho e esfarrapado, seu bobo. Fico feliz que fique. Eu sabia que brincava quando insistiu que partiria amanhã. Claro que eu vou dançar com você. Não imagina o quão poucos cavalheiros jovens assistem às festas, lorde Whitleaf. E muitos dos que assistem passam toda a noite jogando cartas ou observando os outros, como se morressem caso fossem dançar.

—É provável que os matasse, Ros, —interrompeu seu irmão—. Dançar exige um grande esforço.

—As Calvert morrerão de inveja quando souberem que tenho a primeira dança comprometida, e nada menos que com o visconde de Whitleaf —prosseguiu a senhorita Raycroft, aplaudindo de alegria—. Comentarei isso esta manhã. Prometi passear com elas. Deveria pedir a Gertrude que lhe reserve a primeira dança, John. Sabe que mamãe e a senhora Calvert esperam que o faça, embora esteja prometido com Alice Hickmore. E Gertrude se sentirá muito aliviada.

Ela não poderá dançar com o pobre senhor Finn, que nasceu com dois pés esquerdos, ambos exageradamente grandes. Peter sorriu.

—Irei com você e pedirei agora —respondeu John com tom jovial—. Finn é um magnífico agricultor, Ros. E capaz de matar uma carriça* com um tiro entre os olhos a cem metros de distância. Não é justo esperar que seja também um consumado bailarino.

---

* Carriça E uma ave pequena muito ativa e de cor castanha na parte superior, listra superciliar clara e dorso e asas listrados. Tem uma cauda pequena e arrebitada. É facilmente reconhecível pelo seu porte e por ser muito pequena, com apenas 10 cm.

—Matar uma carriça? —A senhorita Raycroft se deteve com a mão estendida para a bandeja de torradas e a expressão horrorizada—. Que ideia tão horrível. Espero que não me peça que dance com ele.

—Falava em sentido figurado —Esclareceu seu irmão—. Do que serve caçar carriças? Ninguém quer comer isso.

—Ninguém tem nenhum motivo para caçar carriças—Assegurou Peter a jovem ao mesmo tempo em que saia da mesa—. São pássaros encantadores e bonitos. Eu também a acompanharei em seu passeio, senhorita Raycroft, caso me permita. O clima e a paisagem bastam para me tentar a sair, mas mesmo que chovesse, fizesse frio e soprasse um vendaval, sua companhia seria irresistível.

A jovem aceitou o exagerado elogio com sorriso alegre e olhos faiscantes. Tinha dezessete anos, e já sabia tão bem como outros que Peter não estava cativado por seus encantos, nem com os encantos de nenhuma amiga dela. Não era atrevido ao ponto de paquerar com ela e não existia a menor probabilidade de que a jovem interpretasse erroneamente suas intenções. John era seu melhor amigo e estava hospedado na casa de seus pais.

—Subirei para lavar o rosto e me trocar—disse Rosamond levantando-se de novo, esquecendo as torradas—. Estarei pronta em quinze minutos.

—Faça com que sejam dez, Ros —disse o irmão suspirando—. Parece-me que tem um aspecto mais que apresentável.

Peter olhou a jovem, que parecia consternada, e piscou os olhos para ela.

—Vá ficar mais bonita, caso seja possível —disse—.Vamos esperá-la, embora demore vinte minutos.

Parecia, lamentou Peter em seu íntimo, que o assunto estava decidido. Não retornaria para casa. Ao menos, ainda não.

Uma hora mais tarde o visconde de Whitleaf refletia sobre a singular desvantagem de possuir só dois braços quando seria mais conveniente ter três ou quatro. Dava o braço direito à senhorita Raycroft e o esquerdo a mais velha das irmãs Calvert, enquanto que a senhorita Jane Calvert e a senhorita Mary Calvert paqueravam com ele e giravam a seu redor como encantadoras e pitorescas aves, tagarelando e rindo, e John Raycroft caminhava junto deles, movendo os braços com energia e levantando o rosto para o céu quando não sorria com gesto jovial, enquanto contemplava a seu redor a campina nos fins do verão e comentava que a colheita este ano seria sem dúvida excelente.

Peter confiava também que suas explorações agrícolas em Sidley Park, fossem excelentes. Depois de pensar nisso, ansiando estar ali para a colheita, para percorrer os campos vestido com umas calças velhas e botas de campanha, estar com com seus trabalhadores, tirar a jaqueta, e arregaçar as mangas da camisa para trabalhar com eles, sentindo o suor do trabalho honrado escorregando pelas costas. Resumindo fazer todas essas coisas que não permitiram que ele fizesse quando era jovem e que fez somente em um maravilhoso ano, quando tinha completado vinte anos e estava impaciente por alcançar sua maioridade.

Maldição, por que havia comunicado a sua mãe que pensava ir este ano? Por que anunciou sua chegada?

Peter suspirou, mas quase imediatamente recuperou o bom humor quando pensou de novo no presente.

A senhorita Calvert era uma bonita jovem embora não tivesse as deliciosas covinhas de sua irmã menor, a senhorita Jane Calvert, ou os olhos profundamente azuis de sua irmã caçula, a senhorita Mary Calvert. As três irmãs tinham fama na comarca de ser muito belas. Também chamariam a atenção em um lugar como Londres, e provavelmente fariam um casamento vantajoso embora não tivessem um dote.

—Deve ficar duas semanas mais, lorde Whitleaf —Exortou a senhorita Mary Calvert, voltando-se para olhá-lo e dando uns apressados pulinhos para trás, para manter-se diante dele e de suas irmãs—. Haverá um baile no salão de celebrações, e nós gostaríamos muito que estivesse presente.

As fitas azuis embaixo de seu queixo e as que brilhavam na cintura —cuja cor era exata a de seus olhos—agitavam-se enquanto caminhava, e seus cachos loiros moviam-se embaixo da aba de seu chapéu. Os esbeltos tornozelos apareciam abaixo da oscilante beirada de seu vestido de algodão. Era realmente muito bonita.

—Sério? —respondeu ele com um exagerado suspiro. Sorriu para cada uma das damas e pensou em quão agradável era a manhã e a sorte que tinha de gozar de tão encantadora companhia, embora teria preferido preparar-se para retornar amanhã para casa—. Devo dizer que é uma tentação irresistível.

Mas a senhorita Raycroft não estava disposta a renunciar a ser ela quem fizesse o importante anúncio.

—O visconde de Whitleaf decidiu ficar —declarou—. E me reservou a primeira dança.

—Não teve que empregar força para isso, —assegurou Peter, enquanto as senhoritas Jane e Mary Calvert aplaudiam com alegria e a mais velha das irmãs Calvert agarrava o braço de Peter com mais firmeza. As três sorriram encantadas.

—. Como não ficaria, quando terei o prazer de dançar com quatro damas tão belas, isso é, caso consiga convence-las a dançarem comigo.

Mas embora estivesse paquerando com as jovens —e todas estavam conscientes disso—, dizia a verdade. Durante as duas últimas semanas tinha visto com frequência os vizinhos dos Raycroft, com os quais simpatizava, em especial com as jovens moças.

Um coro de alvoroçadas risadas acolheu suas últimas palavras.

—Confio que a senhorita Calvert me faça a honra de reservar a segunda dança —disse Peter—, a senhorita Jane Calvert a terceira e a senhorita Mary Calvert a quarta. Quer dizer, caso não seja muito tarde e já comprometeram todas as danças com os cavalheiros da comarca. E isso não me surpreenderia absolutamente.

Outro explosão de gargalhadas acolheu suas palavras, seguido das promessas das três irmãs de que reservariam sem falta as danças solicitadas para ele.

—Como isso fosse possível —comentou a senhorita Mary Calvert em tom de brincadeira.

—Mais vale que dança a primeira contradança comigo, Gertrude —disse John Raycroft com tom jovial e sem o menor tato nem galanteria—. Entendi que a outra alternativa é Finn, e Ros assegurou-me que seria uma sorte pior que a morte.

Todas as jovens riram de novo.

—Muito amável de sua parte, John —respondeu a senhorita Calvert—. Agradeço-lhe. O senhor Finn é um homem amável e formal e gosto muito dele. Mas, confesso que não é um bom dançarino.

Peter compreendeu que por certo a jovem gostava do sr.Finn e que este queria provar todo o seu valor durante o próximo ano ou os próximos dez anos para declarar-se a senhorita Calven

—Eu soube —disse olhando-a com expressão risonha—que Finn é um magnífico fazendeiro. Eu mesmo tive mais de uma conversa com ele sobre os cultivos, o gado, a drenagem dos campos e outros temas similares, e me pareceu um homem muito entendido na matéria.

A senhorita Calven sorriu com satisfação.

Seguiram caminhando entre os verdes campos que começavam a tingir-se de dourado e as frondosas sebes vivas coalhadas de flores silvestres que mesclavam-se entre si e cujos perfumes saturavam o ar, enquanto as damas conversavam animadamente sobre a próxima festa.

Antes de esgotar o tema chegaram a uma bifurcação no caminho e John as interrompeu, assinalando o atalho à direita e explicando a Peter que retornariam ao povoado caso seguissem por ele, enquanto que o da esquerda conduzia a Barclay Court, aonde o conde e a condessa de Edgecombe ainda não haviam retornado de viagem. Mas enquanto falava, a senhorita Calven exclamou com grata surpresa, e suas irmãs fizeram a volta e correram para saudar duas damas que vinham na direção deles a pé pelo atalho da esquerda.

—É a condessa —explicou a senhorita Calvert—. Retornaram para casa, John. Estou tão feliz!

Peter reconheceu à condessa de Edgecombe, pois o conde era um velho conhecido dele. Sempre tinha admirado essa dama, que era alta, simpática e muito bonita. Sua voz era de soprano e a mais maravilhosa que ele tinha ouvido. Gozava de grande prestígio no mundo da música e viajava por toda a Europa oferecendo recitais de grande audiência.

—Isso parece —respondeu John Raycroft jovialmente—. Magnífico!

Mas os olhos de Peter fitaram a acompanhante da condessa. Era uma moça, miúda e com uma bonita figura. Embaixo de seu chapéu verde, um tom mais escuro que o de seu vestido, Peter viu que tinha o cabelo de uma viva e interessante cor acobreada. Seu rosto era risonho e bonito, combinando com seu esplêndido cabelo.

Era uma grande uma beleza e Peter a contemplou com evidente admiração.

Mas enquanto a olhava, um estranho pensamento aflorou sua mente.

Aí está ela, pensou.

Peter ignorava o que se referia sua mente com essas três palavras que pareciam inocentes, mas que de alguma forma eram inquietantes. Mesmo assim, não parou para analisar. Sempre admirou às jovens bonitas com as quais encontrava. Sempre ansiava por conhecê-las. Mostrava-se sempre cortês e encantador, e preparado para flertar com elas. Mas seu coração estava bem protegido há cinco anos contra todo sentimento mais profundo.

Um pensamento lhe ocorreu e o pegou despreparado.

Aí está ela.

Céu santo, parecía que uma parte de sua alma perdeu-se há muito tempo!

Caso tivesse tido tempo para meditar sobre isso, talvez sentisse que estava ficando um tanto ridículo —por não dizer preocupado—por sua teatral e exagerada reação ante uma beleza desconhecida.

Mas não pensava assim.

Os dois grupos saudaram-se efusivamente quando se encontraram no cruzamento das ruas. Aparentemente, todos se conheciam, exceto Peter e a jovem que, como não demorou para descobrir, era a senhorita Osbourne. Peter esperou que alguém o apresentasse. Tinha os olhos cor verde mar, conforme observou ao deter-se a poucos passos dela. Formavam uma maravilhosa combinação com seu cabelo. Usava um traje escolhido com acerto a fim de realçar seu colorido.

Deus, como era linda! Como é que não observou antes?

Quem diabos era, além de chamar-se senhorita Osbourne?

—Lorde Whitleaf —disse a condessa—, deixe-me apresentar-lhe a senhorita Osbourne. Dá aulas na Escola para Meninas da Senhorita Martin em Bath, onde eu também trabalhei como professora antes de casar-me com Lucius. Este é o visconde de Whitleaf, Susanna.

Susanne Osbourne. O nome combinava maravilhosamente. Seus olhos eram grandes e emoldurados por longos cílios, que sem dúvida, eram sua melhor característica, no entanto, Peter não observou a menor imperfeição em nenhum dos outros traços dela.

Ajovem o saudou fazendo uma reverência. Depois que as senhoritas Raycroft e Calvert soltaram o braço de Peter, ele inclinou a cabeça elegantemente e dirigiu à senhorita Osbourne seu mais cálido e sedutor sorriso.

—Senhorita Osbourne —disse—. De repente, este esplêndido dia me parece muito mais quente e alegre.

As mulheres que o rodeavam riram alegremente ante o exagerado cumprimento. A menos a senhorita Osbourne. E o cálido sorriso que Peter apresentava desde que seus olhos pousaram nas damas esfriou-se grandemente quando ela o olhou com... O que expressavam seus olhos? Antipatia? Desdém? Um ou outro desses sentimentos.

—Milorde —murmurou ela ao saudar Peter antes de desviar a vista e sorrir afavelmente aos outros.

—Que sorte termos encontrado com nossos amigos pouco depois de sair de Barclay Court —comentou a condessa—. Lucius e eu chegamos ontem. Trouxemos conosco Susanne de Bath para passar algumas semanas aqui, antes do reinício das aulas no outono, e íamos apresentar nossos respeitos a alguns de nossos vizinhos. De fato, pensávamos ir primeiro a Hareford House. Senhor Raycroft, confiávamos em convencê-lo a retornar conosco para ver Lucius, que esta manhã encerrou-se em casa com o administrador do imóvel. Está hospedado em Hareford House, lorde Whitleaf? Em tal caso venha também. Lucius ficará contente.

—Lorde "Whitleaf vai ficar até depois da festa do povoado que irá celebrar-se dentro de duas semanas —declarou a senhorita Mary Calvert com tom triunfante e jovial—. Dançará com cada uma de nós, embora não falo com Rosamond porque como tem a vantagem de viver em Hareford House dançará primeiro com ele, enquanto eu terei que aguardar algum tempo, posto que Gertrude e Jane são as mais velhas. Embora Rosamond seja mais nova que eu apenas duas semanas. Asseguro que é muito irritante, lady Edgecombe.

Mas ao dizer isso a jovem riu para indicar que não estava gravemente ofendida e aproveitou o momento para aproximar-se apressadamente de Peter e tomar seu braço direito. Elevou a vista e o olhou sorrindo enquanto a senhorita Jane Calvert segurava o braço esquerdo.

—Vice, lorde Edgecombe e a senhorita Osbourne irão a festa? —Perguntou a senhorita Calvert à condessa.

—Que festa? Eu não sabia que estavam organizando. Mas é claro que vamos participar—assegurou à condessa—. Será um prazer. Obrigado, senhor Raycroft.

John ofereceu um braço à condessa e o outro à senhorita Osbourne, que o aceitou com um sorriso.

Peter pôs-se a andar atrás deles pelo atalho junto com as quatro damas restantes, que estavam mais animadas que antes por terem encontrado com as outras, e faziam frequentes comentários e perguntas quando não tagarelavam entre si ou conversavam com Peter.

De modo que a senhorita Susanne Osbourne era professora, pensou Peter. Em Bath. Agora ficou explicado por que nunca a viu antes.

Que juventude e deslumbrante beleza tão desperdiçada!

Provavelmente também era inteligente e instruída.

Estava claro que não era suscetível aos encantos masculinos e aos elogios, ao menos, não aos dele. Peter pensou que devia tomar conhecimento da apresentação da condessa e ter evitado os cumprimentos. Em vez disso devia ter brilhado com sua inteligência e erudição recitando os nomes de todas as flores silvestres que cresciam nas sebes, e ainda por cima por seus nomes em latim.

Possivelmente isso teria impressionado à senhorita Osbourne.

Claro que Peter não conhecia nenhuma flor por seu nome em latim.

Escola para Meninas da Senhorita Martin.

Peter fez uma careta mentalmente enquanto ria de uma ocorrência que acabava de soltar a senhorita Jane Calvert.

Parecia muito formal e com classe.

Igual à típica professora, essa jovem carecia de todo senso de humor.

Mas não, isso era injusto. Que diabos ele havia dito a ela? Algo a respeito de que um esplêndido dia parecia mais quente e alegre devido a sua presença? Peter estremeceu. Santo céu! Não poderia ter pensado em algo mais inteligente? Esperava que ela se derretesse de gratidão ante semelhante elogio.

As vezes ele cometia alguma falha imperdoável.

Peter concentrou sua atenção nas duas damas que levava pelo braço e nas outras duas que permanciam à sua volta e dedicou o resto da manhã a flertar com elas em tom amável.

Observou que Raycroft e as damas de Barclay Court pareciam manter uma conversa sensata, salvo quando eram interrompidos por uma pergunta ou um comentário formulados pelas outras.

Peter sentiu certa inveja. Quase nunca mantinha uma conversa sensata com mulheres. Em vez disso flertava com elas, e isso tornou-se um costume. Mas nem sempre foi assim. Recordava ter mantido intermináveis e sérias conversas com Bertha sobre todos

os temas que o fascinavam quando estudava na universidade e sobre religião, política e filosofia, até que sentia certa expressão ausente nos olhos da jovem o que indicava um tremendo aborrecimento.

CAPÍTULO 02

Susanne Osbourne supos que não poderia ir a Barclay Court, pois isso a aborreceu, por mais que tentasse convencer-se que não importava.

Permaneceu todo o verão na escola em Bath com Claudia Martin para ocupar-se das alunas de caridade, que não tinham aonde ir durante as férias. Anne Jewell, a outra professora residente, foi passar um mês em Gales com seu filho David, convidados pela marquesa de Hallmere, uma velha conhecida dela.

Mas, enquanto Anne ainda estava ausente, Frances Marshall, a Condessa de Edgecombe, ex-professora, da escola, deteve-se em Bath com o conde, seu marido, durante a viagem de volta para Barclay Court em Somerset. Passaram uns meses na Austria e em outros países europeus, onde Frances havia sido contratada para oferecer recitais de canto. Convidou Claudia, Anne ou Susanne para passar algumas semanas em sua casa. As três continuavam sendo as melhores amigas de Frances, embora esta havia se casado há mais de dois anos.

Claudia insistiu para que Susanne fosse. Assegurou-lhe que podia cuidar sozinha das meninas, e em caso de necessidade sempre podia pedir ajuda às professoras não residentes. Além disso, Anne não demoraria para voltar, mas Susanne era uma pessoa leal. Claudia Martin havia dado o trabalho a ela cinco anos atrás, quando Susanne ainda era uma aluna de caridade na escola, e não esquecia sua gratidão ou ou obrigação de antepor seus deveres a qualquer inclinação pessoal.

Havia dito a Frances sem vacilar que nesta ocasião não podia ir. E, como é natural, Frances não insistiu. Tinha compreendido. Mas justamente um dia antes que Frances e o conde partissem, Anne retornou para casa, por isso já não era necessário que ela ficasse também.

Então, neste momento estava em Somerset, para alguns dias particularmente ensolarado e quente no final de agosto. Não era a primeira vez que ia para Somerset, mas estava segura que o maravilhoso prazer que proporcionavam estas visitas nunca minguaria. Barclay Court era uma mansão imponente, espaçosa e muito bonita e Frances era encantadora, além disso o conde mostrava-se muito amável. Os vizinhos, como recordava Susanne, eram muito cordiais. Sabia que Frances se esforçaria para tratá-la com atenção como a uma rainha. Embora não fosse necessário esforçar. O mero prazer de estar de férias era suficiente, especialmente em um cenário tão magnífico.

Frances e ela tinham ido visitar os Raycroft, com os quais Susanne simpatizou no primeiro momento. Decidiram dar um passeio a pé em vez de ir de carruagem pois estava um dia lindo e na véspera viajaram sentadas durante toda a jornada. Logo depois que andaram um quilômetro ouviram vozes alegres e joviais e viram as jovens Raycroft e às Calvert dando também um passeio.

Susanne sentia uma profunda sensação de alegria. A vida parecia maravilhosa.

Até que de repente deixou de experimentar essa sensação.

Frances e o senhor Raycroft conversavam sobre Viena. Frances esteve ali fazia pouco tempo, e a noiva do senhor Raycroft, a senhorita Hickmore, viajou para lá com seus pais para passar os meses de outono e inverno.

O senhor Raycroft, alto, ágil e loiro, com um rosto mais afável que bonito, mostrou-se muito amável. Frances insinuou em certa ocasião, em tom de brincadeira, que Susanne devia procurar conquistá-lo. Mas ele não tinha mostrado nenhuma inclinação romântica para ela nem ela por ele. O fato de saber que estava noivo não causou a menor contrariedade a ela, só esperava que a senhorita Hickmore fosse digna dele.

O senhor Raycroft foi muito cavalheiro em inclui-la na conversa, explicando que possuía tão poucos conhecimentos como ela sobre os pormenores de cidades como Viena, já que nunca tinha saído da Inglaterra.

—Sem dúvida é uma cidade muito bonita —disse sorrindo para Susanne com afabilidade—, embora esteja seguro que não supera a Londres em beleza. Conhece Londres, senhorita Osbourne?

Susanne tratou de concentrar-se na conversa em lugar de outros pensamentos que ficaram amontoados de forma desordenada em sua mente.

—Muito pouco —respondeu—.Tive uma breve temporada ali quando era menina, mas não retornei mais. Invejo Frances por ter visitado Viena, Paris e Roma.

—Lady Edgecombe —disse uma das jovens que caminhavam atrás deles—, acredita que tocarão alguma valsa na festa que acontecerá dentro de duas semanas? Vou morrer caso toquem uma. Mamãe nos proibirá de dançá-la, como sem dúvida fará. É certo que é uma dança muito rápida e perigosa?

—Não tenho a menor ideia, Mary —respondeu Frances enquanto Susanne se virou para ver quem tinha feito essa observação—. Recorde que nem sequer sabia que iam celebrar uma festa há dez minutos, quando você a mencionou. Mas espero que toquem uma valsa. É uma dança linda, muito romântica e nada perigosa. Ao menos, nunca me pareceu .

E aí estava ele, no meio das outras, conforme observou Susanne com pesar, com uma jovem em cada braço, como quando o viu pela primeira vez, enquanto as outras duas damas giravam a seu redor como se fosse o único homem importante no mundo, uma opinião com a qual ele sem dúvida estava de acordo.

Susanne não tinha uma boa opinião dele, embora reconhecia que Peter não tinha a culpa de ostentar esse nome.

Visconde do Whitleaf.

A jovem sentiu de repente frio ao recordar esse nome, como aconteceu há poucos minutos quando Frances o tinha apresentado.

Sem dúvida jamais vira cavalheiro mais bonito, coisa que pensou inclusive antes que ele ficasse próximo o suficiente para que ela comprovasse que seus olhos possuíam uma extraordinária cor violeta. Parecia que seu ajudante de quarto o embutiu literalmente em sua jaqueta de fina lã azul e suas calças de cor marrom escuro. Suas botas estilo militar contavam com um aspecto suave e caro, embora o brilho ficava um tanto embaçado pela ligeira camada de poeira causado pela estrada de terra, e vestia uma camisa branca do mais puro linho. Sobre seu cabelo negro levava uma cartola alta, ligeiramente inclinada, que dava a ele um ar muito atraente. Seu físico punha em realce o elegante traje: era alto e magro, mas as costas os ombros eram largos e as pantorrilhas bem torneadas.

Se havia alguma imperfeição física em sua pessoa, ela não detectou.

O fato de vê-lo entre os Raycroft e as Calvert causou-lhe surpresa.

Então Frances mencionou seu nome.

Ele inclinou-se com estudada elegância —tão formal em um caminho rural—, Sorriu com calculada coragem e dedicou a ela esse exagerado e ridículo elogio enquanto a olhava em seus olhos tão profundamente que Susanne não ficou surpresa ao comprovar que os cabelos da nuca ficaram chamuscados. Além de suas outras perfeições, o visconde de Whitleaf possuía lindos dentes brancos e regulares.

As outras jovens riram com alegria, mas embora Susanne não tenha ficado atônita ao ouvir o nome do cavalheiro, não soube o que fazer ou responder. Sua mente ficou paralisada e foi um milagre que não tenha ocorrido o mesmo a seu corpo.

Mesmo que ele não tivesse a culpa de ostentar esse sobrenome, pensou Susanne neste momento, recordando que seu ressentimento não ia dirigido contra um determinado visconde de Whitleaf, sentia por ele uma intensa antipatia. Um cavalheiro não devia fazer com que uma dama desconhecida ficasse incomodada, nem confusa. Ela não sabia muito sobre os homens, mas reconhecia um homem frívolo e vaidoso assim que o via, um homem tão absorto em sua gloriosa pessoa que supunha que toda mulher que encontrasse cairia rendida a seus pés.

Visconde de Whitleaf era esse tipo de homem. Seu nome encaixava perfeitamente com sua personalidade.

Susanne tinha aceito com gratidão o braço que o senhor Raycroft ofereceu, mas cada passo que dava pelo caminho, sentia a presença do visconde de Whitleaf a suas costas como uma mão sobre sua coluna vertebral. Era uma sensação desagradável e estava zangada consigo mesma por permitir esse sentimento.

Era Óbvio que o nome Osbourne provavelmente não significava nada para ele. E por isso tampouco era culpado. Quando aconteceu o fato não era mais que um menino... Mas deveria recordar. Deveria ter esse nome gravado a fogo em sua mente igualmente estava gravado na mente dela.

Susanne lamentava amargamente que Anne tivesse retornado a Bath tão rápido e não ter sido ela quem viesse a Barclay Court com Frances e o conde. Ansiava achar-se de volta entre as quatro paredes da escola, que ofereciam uma monótona, mas infinita segurança.

Mas a que vinha isto? Por que deixaria que ele amargurasse suas férias? Um homem frívolo, presunçoso e desconsiderado, um homem convencido que bastava que uma mulher olhasse nesses lindos olhos violeta para que esta ficasse imediatamente e irremediavelmente apaixonada por ele?

Susanne voltou para o caminho que discorria frente a ela, endireitando as costas e levantando o queixo, sem perceber, e perguntou ao senhor Raycroft aonde gostaria de ir caso pudesse escolher qualquer lugar do mundo. Escolheria talvez a Grécia?

—Sem dúvida a Grécia bem vale uma visita, senhorita Osbourne —respondeu este—, embora tenha ouvido dizer que viajar para ali é muito incômodo. Confesso que sou um homem que goza das comodidades materiais.

—Não o reprovo —atravessou Frances—. E asseguro que não conheci um país que rivalize com a Inglaterra quanto a beleza. Sinto-me muito feliz de estar novamente em casa.

Em poucos momentos chegaram ao povoado e foram falar com a senhora Calvert, que saiu da casa para saudá-los, embora tenham declinado seu convite para entrar. Quando

reataram o passeio sem as irmãs Calvert, o visconde de Whitleaf pôs-se a andar diante dos outros de braço dado com a senhorita Raycroft, e ambos conversaram animadamente até chegar a Hareford House, visivelmente satisfeitos em sua mútua companhia.

As duas visitantes tomaram chá com os Raycroft e conversaram de coisas banais durante meia hora antes que Frances e Susanne ficassem em pé para sair.

—Suponho, senhor Raycroft —disse Frances—, que não gostará de voltar a sair depois do longo passeio. Posso contar com sua visita amanhã a Barclay Court?

—Recordo-me —atravessou o visconde de Whitleaf—, que seu convite me incluía também senhora, e eu adoraria dar outro passeio hoje. Desejo apresentar meus respeitos a Edgecombe. Acompanha-nos, Raycroft? Ou terei o prazer de apreciar sozinho a companhia destas duas damas durante o passeio a Barclay Court?

Susanne rapidamente olhou para o senhor Raycroft. Sentiu-se muito aliviada quando este declarou disposto a fazer mais exercício.

Mas seu alívio durou pouco. Ansiava controlar a situação caminhando junto a Frances ou com o senhor Raycroft, mas este ficou a conversar com Frances enquanto desciam pelo caminho do jardim e, como é natural, assim que atravessaram a grade este ofereceu o braços a ela. De modo que Susanne não teve mais remédio que seguir junto ao visconde de Whitleaf.

Não podia ter imaginado pior sorte. Olhou para ele com angustiada contrariedade e enlaçou as mãos com firmeza a suas costas antes que ele fosse obrigado a oferecer-lhe o braço.

Sobre o que conversariam?

Susanne ficou horrorizada ao comprovar que sentia a presença de Whitleaf a seu lado direito como uma febre, embora houvesse alguns centímetros entre ambos. Sentia uma opressão na boca do estômago, e a incapacidade de falar.

Lamentava não sentir-se tão cômoda a seu lado como haviam sentido antes a senhorita Raycroft e as irmãs Calvert. No final das contas, era um homem como outro qualquer, e muito superficial. Não era uma pessoa a quem ela desejasse impressionar. Bastava que se mostrasse cortês para com ele.

Por mais que espremesse os miolos não ocorreu nenhum tema amável que pudesse conversar.

Susanne tinha vinte e três anos e sentia-se tão coibida como qualquer jovem que saía da sala de aula pela primeira vez. Naturalmente, não imaginou que iria deixar a sala de aula.

Completou vinte e três anos e nunca teve um noivo.

Nunca foi beijada.

Mas esses pensamentos tão patéticos só faziam incrementar seu nervosismo.

Era como se tivesse passado os últimos onze anos em um convento, pensou com tristeza, pois não sabia viver e sentia-se cômoda no mundo dos homens.

Depois de percorrer a metade do trajeto a Barclay Court, conforme calculou Peter, este dirigiu à senhorita Osbourne apenas seis palavras e ela uma.

—Que dia mais esplêndido! —havia dito Peter a princípio para romper o gelo, olhando-a sorrindo, melhor dizendo, olhando a aba de seu chapéu, que estava à altura de seu ombro.

—Com certeza.

Susanne caminhava muito rígida, mantendo as mãos enlaçadas nas costas, um sinal inconfundível de que não desejava que lhe oferecesse o braço. Peter achou que não tinha assunto ou continuava indignada por tê-la comparado com um dia bonito, embora não fosse o único a quem ocorreu semelhante comentário. Acaso Shakespeare também nao fez isso em certa ocasião? Peter suspeitava que era a indignação o que a fazia guardar um teimoso mutismo, posto que há menos de meia hora a viu conversando com a senhora Raycroft com mais de que simples monossílabos.

Peter seguia dando voltas ao curioso pensamento ao vê-la pela primeira vez.

Aí está ela.

Mas quem diabos era?

Para ele representava uma experiência inédita estar junto a uma mulher que evidentemente não desejava estar com ele. Claro que não estava acostumado a conversar com professoras de Bath. Possivelmente fossem uma espécie diferente das mulheres que ele estava acostumado a tratar. Possivelmente fossem mais sérias.

—Tem razão —disse Peter por fim, simplesmente para observar sua reação—. Sua presença não faz com que este dia seja mais quente e alegre. Foi um comentário estúpido.

Ela olhou para ele obliquamente, um instante antes que a aba do chapéu ocultasse de novo seu rosto. Ele tornou a sentir-se impressionado pela combinação de uma brilhante cabeleira acobreada e os olhos verde mar, e pelo saudável rubor que o ar puro conferia a sua cútis perfeita.

—Sim —respondeu ela, duplicando sua contribuição à conversa desde que tinham abandonado Hareford House.

Já que ela não ia responder o contrário, Peter não pôde resistir a continuar:

—Foi meu coração —disse tocando o peito com a mão direita —que ficou mais quente e alegre.

Desta vez Susanne não virou o rosto, mas ele sorriu divertido ao perceber que a aba de seu chapéu esticou-se um pouco.

—O coração —disse ela—, não é mais que um órgão que temos no peito.

De modo que era dessas pessoas que tomam as coisas ao pé da letra, pensou ele sorrindo.

—Com a função de uma bomba —apostilou ele—. Mas essa é uma visão muito pouco romântica. Com essa afirmação levaria muitos poetas à ruína, senhorita Osbourne. Sem mencionar os amantes.

—Não sou uma romântica —replicou ela.

—Sério? —respondeu ele—. Que lástima! De modo que não acredita que existam sensibilidades delicadas? Não há nenhuma parte de nossa anatomia ou alma capaz de sentir-se mais reconfortada e alegre ante a beleza?

Ele supôs que não responderia. Chegaram à bifurcação no caminho onde se encontraram horas atrás e seguiram Raycroft e à senhora Edgecombe pelo caminho que conduzia a Barclay Court.

—Zomba você das sensibilidades delicadas —disse a senhorita Osbourne com um tom tão seco que Peter inclinou a cabeça pensando que ela acrescentaria algo mais.

Mas Susanne ficou calada.

—Considera-me incapaz de ter sentimentos delicados? É isso o que insinua?

—Não me atreveria a supor tal coisa —respondeu ela.

—É obvio que sim. Já fez —replicou Peter. Descobriu que a companhia desta jovem tão séria e escrupulosa com aspecto de um anjo o divertia. – Acabou de dizer que caçoo das sensibilidades delicadas.

—Peço-lhe desculpas —disse ela—. Não queria dizer isso.

—Com efeito, quis fazer —respondeu ele—. Feriu profundamente meu coração, esse órgão que temos no peito, essa bomba tão prosaica. Que forma tão distinta temos de ver o mundo, senhorita Osbourne. Ouviu-me fazer um elogio exagerado e estúpido e concluiu que não sei nada das emoções humanas mais sublimes. Em troca eu a olhei, tão séria e com esse gesto de desaprovação, e tive a sensação de ter penetrado em um momento simplesmente mágico.

—Agora caçoa de mim —replicou ela.

Sua voz era doce e ao mesmo tempo indignada. Era de estatura miúda e muito esbelta, embora com uma figura curvilínea. Peter ficou imaginando se era capaz de controlar uma classe de meninas, a maioria das quais sem dúvida desejavam estar em qualquer outro lugar exceto na escola. Faziam-na ficar com raiva? Ou possuía um caráter de aço, como parecia ter?

Peter teria apostado que era de aço, sem muita ternura. Pobres meninas!

—Temo —disse—, que com essas néscias palavras me condenei para sempre ante seus olhos, senhorita Osbourne. Quer que troquemos de tema? No que empregou suas férias da escola até este momento?

—Na realidade não são umas férias —respondeu ela—. Praticamente a metade das meninas na escola são alunas de caridade. Ficam ali todo o ano e algumas de nós ficamos também para cuidar delas e entretê-las.

—Nós? —inquiriu Peter.

—Há três professoras residentes —explicou Susanne—. Havia quatro até que Frances casou com o conde há dois anos. Agora somos apenas a senhorita Martin, a senhorita Jewell e eu.

—E todas renunciam às suas férias para cuidar de alunas de caridade? —perguntou ele.

Ela virou-se para olhar seu rosto cara a cara, com uma expressão séria que parecia denotar certa recriminação.

—Eu era uma delas —respondeu—, a partir dos doze anos até os dezoito quando a senhorita Martin me nomeou professora auxiliar .

—Ah.

—Sim.

Extraordinário, disse-se Peter.

Passeava e conversava com uma ex-aluna de caridade convertida em professora. Não era por menos que ficava cada vez mais difícil a comunicação ente ambos. Dois mundos radicalmente opostos encontraram-se no mesmo caminho rural no mesmo momento, um encontro não muito feliz para nenhum deles. Embora isso não era de tudo certo, pois ele divertia-se muito.

—Não se trata de renunciar a nossas férias —continuou ela—. A escola é nosso lar e as meninas nossa família. Como é natural, agrada-nos tirar alguns dias livres de vez em quando. Anne, a senhorita Jewell, acaba de retornar de Gales onde passou um mês com seu

filho, e eu vim passar duas semanas aqui. De vez em quando Claudia Martin passa também alguns dias fora da escola, mas em geral me alegro, tanto quanto às outras, por estar ocupada. Uma vida ociosa não foi feita para mim.

Sem dúvida era uma jovem muito séria e escrupulosa.

Nada havia a dizer sobre o tempo, e só tinha feito breves comentários censurando Peter quando este falou sobre o coração e aos sentimentos. Mas ficava muito faladora ao discorrer sobre a escola e a ideia de que as professoras e as alunas de caridade constituíam uma família.

Que Deus me ajude! Pnsou Peter.

Mas era mais gloriosamente bela que quase todas as demais mulheres que conhecia, e inclusive podia omitir a palavra «quase» desse pensamento sem cair em um exagero. Peter pensava frequentemente que o destino era brincalhão, e agora estava convencido disso. Mas o aparente e imenso contraste entre o aspecto desta jovem, seu caráter e circunstâncias fascinavam mais do que outra mulher havia fascinado por um longo tempo, talvez nunca.

—Insinua que eu levo uma vida ociosa? —Perguntou rindo—. Senhorita Osbourne, fala com tom sério, mas tem uma língua mordaz. Imagino que suas alunas a temam por isso.

Em qualquer caso, não estava muito equivocada. Ele levava com efeito, uma vida ociosa, pelo menos há cinco anos. Era certo que pensava emendar-se e abandonar em um futuro próximo essa existência, mas ainda não fez isso. Pensar e propor era uma coisa; fazê-lo, outra muito distinta.

Sim, tal como era ele hoje, na presente circunstância, a senhorita Osbourne tinha acertado em seu julgamento sobre ele. Não tinha defesa alguma.

Perguntou-se como devia sentir-se alguém ao ter que trabalhar para ganhar o sustento.

—Referia , milorde —disse ela—, em resposta a sua pergunta. Não era uma insinuação sobre você.

Seus pes eram miúdos e delicados, pensou ele, em alinhamento com sua pequena estatura. Peter observou durante o chá que as mãos dela eram pequenas e delicadas.

Susanne Osbourne não tinha uma boa opinião sobre ele, ao contrário, possuía uma péssima ideia a seu respeito. Em seu mundo as pessoas trabalhavam. Perguntou-se em como poderia sentir-se ela, pelo fato de ter sido uma aluna de caridade na escola onde agora repartia as aulas?

—Gosta do ensinar? —Perguntou-.

—Muito —respondeu ela—. É a profissão que teria escolhido embora pudesse escolher entre muitas outras.

—Sério? —Peter avaliou sua sinceridade. Talvez houvesse dito isso só para convencer-se de que era certo—. Preferiria ser professora antes que casar-se e ser mãe?

Produziu-se um comprido silencio antes que ela respondesse, e ele arrependeu-se por ter formulado essa pergunta. Possivelmente a tivesse ofendido com essa grosseria. Mas não podia retirá-la.

—Suponho que embora imaginasse um sem-fim de possíveis escolhas—respondeu ela, — todas teriam que achar-se dentro do âmbito da realidade.

Céu santo!

—E o casamento não entra nesse âmbito? —perguntou ele, surpreso.

Não esperava, até contemplar a delicada pele do arco de seu pescoço, ms a jovem abaixou tanto a cabeça que provavelmente só via seus pés. Maldição, tinha conseguido fazê-la morrer de vergonha! Pensou ele. Não estava acostumado a comportar-se de forma tão grosseira.

—Não —respondeu ela.

Uma resposta previsível e que ele parou para pensar. Quantas vezes soube que uma perceptora contraiu matrimônio? E uma professora devia ter até menos probabilidades de conhecer um bom partido. Peter ficou imaginando como a condessa conheceu Edgecombe. Até hoje não sabia que era uma ex-professora. Possivelmente haveria uma história interessante atrás desse noivado.

Em seu mundo as mulheres não desejavam ou pensavam em outra coisa que não fosse o casamento. Suas irmãs não tinham considerado que suas vidas fossem completas até terem casado uma atrás da outra com excelentes partidos, em ordem da maior para a menor e ainda muito jovens. Isso foi tão gratificante para elas como para sua mãe.

—Bem —disse—, Ninguém sabe o que o destino nos tem reservado, não é assim? Gostaria que me explicasse porque é que gosta tanto da profissão de professora. Mas hoje não, pois nos aproximamos de Barclay Court. Continuaremos nossa conversa quando voltarmos a nos ver durante as duas próximas semanas.

Susanne virou-se para olhar de soslaio e ele riu.

—Vejo-a refletir com a esperança de evitar semelhante encontro —disse Peter—. Mas tenha a certeza que não terá sucesso. No campo todos os vizinhos encontram-se continuamente. Do contrário, como evitariam morrer de tédio? E eu permanecerei em Hareford House durante as duas próximas semanas, como você em Barclay Court. Agora celebro não retornar para minha casa amanhã, tal como planejei a princípio.

Ficou surpreendido por dizer essas palavras com sinceridade. Por que diabos desejava conhecer mais a fundo uma mulher que pertencia a um mundo alheio e que não simpatizava com ele? Só porque possuía uma beleza deslumbrante? Ou porque não podia resistir ao insólito desafio de arrancar um sorriso e uma palavra amável dela? Será que é porque esperava ter a oportunidade de manter uma conversa com ela uma conversa sensata, sobre sua vida como professora? As conversas que ele estava acostumado a manter —e também sua vida—eram muito corriqueiras e aborrecidas.

—Imagino —disse ela—que estará muito ocupado com a senhorita Raycroft e as senhoritas Calvert.

—Certamente. —Peter riu—. São jovens encantadoras, e quem pode resistir a dedicar-se a algo tão encantador?

—Não espere que responda a isso —disse Susanne.

—É obvio que não —respondeu ele—. É uma pergunta retórica. Mas, não estarei ocupado com elas o tempo todo, senhorita Osbourne. Alguém poderia interpretar mal meu interesse nelas. Além disso, com elas não senti um momento mágico.

Peter sorriu ao mesmo tempo em que fixava a vista no chapéu de Susanne.

—Agradeceria—disse ela enquanto avançavam pelo caminho de cascalho do terraço em frente à casa, em um tom gélido como o gelo do Ártico—que não me falasse com esse tom, milorde. Não sei como responder. Pelo resto, não desejo responder. Não gostaria que no futuro falasse comigo. Por favor, não faça isso.

Droga de garota! Por acaso a tinha ofendido mais do que pensava? Perguntou-se Peter

— Então, toda vez que nos encontrarmos nas próximas semanas, devo fingir que só vejo ar? — Ele me perguntou—. Temo que Edgecombe e sua esposa me considerariam imperdoavelmente grosseiro. A cumprimentarei com um aceno de cabeça e farei um comentário sobre o esplêndido dia ou as inclemências do tempo, evitando qualquer comparação com sua pessoa. Parece bem? Poderá suportar que fale essas palavras?

Susanne pensou por um instante.

—Sim —respondeu, pondo fim à conversa com um monossílabo.

Quando Edgecombe os viu, saiu pela porta principal e desceu os degraus em forma de ferradura para recebe-los, oferecendo-lhes um cordial sorriso de boas-vindas.

—Fico feliz que os convencessem a vir, Frances —disse apoiando uma mão nas costas da condessa ao mesmo tempo em que lhe dirigia um suave e breve sorriso—. Me alegro em voltar a vê-lo, Raycroft. Whitleaf hospeda-se em sua casa? Fico feliz. Entrem. Aproveitou bem o passeio, Susanne? Encontraram o senhor e a senhora Raycroft em casa?

Sorriu afavelmente para a professora e ofereceu o braço para ela, que aceitou sem vacilar.

—Encontramo-nos com a senhorita Raycroft no cruzamento das ruas —respondeu Susanne—. Saiu para passear com seu irmão e as irmãs Calvert. Retornamos juntos ao povoado e logo paramos em Hareford House, onde tomamos um chá com a senhora Raycroft. Foi um passeio muito agradável. Não acredito que exista nada mais bonito que os campos de Somerset.

Ela disse com tom alegre e satisfeito. Peter sorriu para si mesmo com tristeza, subiu os degraus atrás deles e entraram todos na casa, a condessa flanqueada por Raycroft e ele.

Quando Peter atravessou a soleira, a senhorita Osbourne subiu pela escada sem voltar-se.

—Suponho que queira conversar com o senhor Raycroft e lorde Whitleaf na biblioteca, Lucius —disse a condessa—. Não incomodaremos vocês.

—Obrigado —respondeu ele, apoiando de novo a mão na cintura de sua esposa—.O padre apareceu por aqui. Imagino que já saiba que dentro de duas semanas ocorrerá a festa do povoado.

—Certamente —respondeu ela.

—Disse-lhe que iremos à festa —explicou seu marido—, a condição é de que toquem pelo menos uma valsa. O vigário prometeu cuidar disso.

O conde sorriu para sua esposa e esta devolveu o sorriso, mostrando uma expressão divertida, antes de voltar-se para seguir à senhorita Osbourne escada acima.

—Perfeito. —Edgecombe voltou-se novamente para seus visitantes, esfregando as mãos de alegria—. Passamos à biblioteca? Tomaremos um lanche e logo quero que ambos me contem tudo o que perdi em Londres durante a temporada. Ouvi dizer que por fim comprometeu-se com a senhorita Hickmore, Raycroft. Parabéns. Uma magnífica escolha, no meu modo de ver.

CAPÍTULO 03

— Não gostei dele—respondeu Susanne sem rodeios quando Frances perguntou o que achou do visconde de Whitleaf.

—Serio? —Frances a olhou surpresa—. Mas é muito bonito, não é? E sempre me pareceu extremamente simpático.

Susanne não fez comentários sobre a aparência de Whitleaf, embora parecia a ela algo mais que «*muito bonito.»*

—Calculadamente encantador — disse tirando o chapéu e aparando os cachos com a ajuda do espelho em seu quarto enquanto Frances permanecia na soleira da porta, fazendo girar seu chapéu pelas fitas—. Não diz uma só palavra franca. Duvido que tenha pensamentos sinceros.

—Por Deus! —disse Frances rindo—. Vejo que ele causou uma impressão muito desfavorável. Suponho que tentou flertar com você.

—Já ouviu o que disse quando nos encontramos —respondeu Susanne, virando de costas para o espelho e indicando a cadeira junto a penteadeira.

Frances entrou no quarto, mas não sentou na cadeira.

—Seu comentário foi bastante divertido —confessou—. Não pretendia ofendê-la. Imagino que a maioria das mulheres gostam de ouvir esses elogios da parte dele.

— È um homem frívolo e vaidoso —declarou Susanne.

Frances inclinou a cabeça e olhou para sua amiga atentamente.

— Talvez seja um erro de tirar conclusões precipitadas —disse—. Nunca ouvi dizer que tivesse vícios. Nunca o chamaram de descarado, um jogador contumaz, um inapresentável e nenhum qualificativo que possa ser aplicado aos jovens solteiros da alta sociedade. Lucius gosta dele e confesso que eu também, embora seja verdade que nunca fui objeto de seus galanteios.

—Não entendo —disse Susanne—como essas garotas ficam tão deslumbradas com ele.

—Refere-se à senhorita Raycroft e as Calvert? —Perguntou Frances—. Na realidade não estão. É o visconde de Whitleaf, um aristocrata, muito rico. Elas sabem que está fora de suas mãos. Apenas aproveitam as suas atenções, e quem pode reprovar-lo? A vida no campo está acostumada a ser muito aborrecida, especialmente quando uma pessoa apenas se afasta de sua casa mais de dez quilômetros. E Whitleaf é muito hábil na hora de flertar sem favorecer uma dama mais que a outras e infundir esperanças que só podem conduzir ao desengano. Em minha opinião as mulheres o conhecem bem e procuram marido em outra parte. Assim são os hábitos e costumes da sociedade.

—Em tal caso me alegro muito —respondeu Susanne com aspereza—de não pertencer à alta sociedade. Tudo isso me parece muito artificial.

Mas ao cruzar um olhar com sua amiga, no começo sorriu e logo caiu em repentina gargalhada.

—Falo como uma seca e pudica professora solteirona.

—Mas não parece absolutamente — disse Frances, rindo também—. Suponho que Whitleaf, o patife, flertou com você também ao retornar para Barclay Court, e que você

respondeu com cara séria e língua mordaz, não é assim? Pobre homem! Eu teria gostado de ouvir.

Ambos caíram na gargalhada novamente. Possivelmente reagiu de forma exagerada, pensou Susanne. Talvez não o teria julgado com tanta severidade se o tivessem apresentado como o visconde de Jones ou Smith ou qualquer outro nome que não fosse Whitleaf.

—Em todo caso, sempre disse que esperava conhecer pelo menos um duque. Um simples visconde não é ninguém.

As duas riram desse comentario absurdo. Um simples visconde!

—Venha a minha sala de estar —disse Frances—. Vamos pedir o chá e ter uma agradável conversa até que os visitantes partam. Foi uma longa caminhada para um dia tão quente. Estou sedenta. Mas foi bom esticar as pernas. Passei muito tempo sentada em uma carruagem durante os últimos meses e é bom fazer esse tipo de exercício.

Susanne a seguiu até a sala dos aposentos privados que Frances compartilhava com o conde e sentou-se em uma confortável poltrona estofada de brocado enquanto Frances tocava a campainha para chamar uma criada.

Mas Frances ainda não havia terminado com o tema do visconde.

—É obvio —disse—, tem razão em recear o visconde de Whitleaf, que é famoso por sentir atração pelas belas mulheres, mas ele pode não ter notado que você é inteligente demais para responder agradecida ao flerte e alguns devaneios vazios. É muito inteligente para se deixar deslumbrar por ele. Mas, Susanne, tem que existir alguem que seja perfeito para você. Estou convencida disso. Gostaria muito de vê-la feliz e casada. O senhor Birney, nosso vigário, veio ver-nos pouco antes que partíssemos para a Europa, de modo que não o conheço bem. Mas tem um aspecto agradável, tem modos refinados e está solteiro, pelo menos estava há seis meses. E não deve ter mais que trinta anos, no máximo. E ainda tem o senhor Finn, um fazendeiro e um cavalheiro, inquilino de Lucius. É um homem sério, poupador, honrado e com um aspecto mais que apresentável. Acredito que o tenha que conhecido na última vez que esteve aqui.

—Sim —respondeu Susanne com olhar malicioso—. Tenho a impressão que gosta da senhorita Calvert mais velha.

—Possivelmente tenha razão —disse Frances—. Mas não estou convencida que ela sinta atração por ele. Bem, vamos descartá-lo caso esteja apaixonado por ela. E há também o senhor Dannen. É um latifundiário e conforme dizem, possui uma modesta fortuna. Em todo caso dá a impressão de gozar de uma situação mais que desafogada. Não o conhece. Estava ausente, acredito que na Escócia, na última vez que você esteve aqui. É baixinho, mas você também é. De resto, é muito bonito. É obvio, está...

—Frances! —interrompeu Susanne rindo—. Não tem que ficar arranjando casamento para mim.

—Certamente que sim. —Frances sentou em um sofá em frente à poltrona de sua amiga, depois de ordenar à governanta que servisse o chá e olhou com atenção para Susanne—. Você, Claudia e Anne são minhas melhores amigas, Susanne, e desejo fortemente que todas casem e sejam tão felizes como eu. Nesta comarca há homens solteiros suficientes para todas vocês.

Susanne voltou a rir com mais regozijo, e depois de uns instantes Frances começou também a rir.

—Pelo menos para uma de vocês —disse—. Não imagino Claudia casada, e você? E Anne está tão ligada a David que por certo não vai querer arriscar a dar-lhe um padrasto que talvez não o trate bem.

David Jewell era filho ilegítimo, pois Anne nunca se casou.

—De modo que só resta a mim? —inquiriu Susanne.

—Perfeitamente —respondeu Frances, tomando as duas mãos de sua amiga e estreitando-a com força—. É muito bonita, Susanne, e tem um caráter muito doce. É injusto que o destino a colocasse em uma escola para meninas quando tinha doze anos e a obrigasse a permanecer ali, longe dos homens e dos cortejos e noivados.

—Não é injusto —replicou Susanne com firmeza, retirando as mãos—. Exceto, talvez, por centenas e milhares de outras meninas que não tiveram tanta sorte. Sabe o carinho que tenho à escola, por todas as meninas, Claudia, Anne e até mesmo pelo senhor Keeble e às demais professoras.

O senhor Keeble era o velho zelador da escola.

—Sei —respondeu Frances suspirando—.Eu mesma adorava ser professora até que Lucius me obrigou a reconhecer que o meu grande desejo era cantar... e me casar com ele. Bem, não aprofundarei no assunto. Aqui está o chá.

Ambas guardaram silêncio enquanto a criada depositava a bandeja na mesa e Frances servia o chá e passava a Susanne uma xícara.

—dentro de duas semanas acontecerá uma festa no povoado —disse Frances—. Retornamos para casa no momento certo.

—Deve ser muito divertido participar de uma festa —disse Susanne—. Embora ao mesmo tempo assustador. Eu nunca participei de uma.

—É verdade —respondeu Frances reparando que sua amiga realmente não tinha participado de nenhuma festa—. Mas voce dançou um sem-fim de vezes na escola, Susanne, quando ensinava os passos de dança às alunas. Agora ao menos poderá utilizar seus dotes em um autêntico baile. Não deve temer se expor ao ridículo e que todo mundo pense nisso. Trata-se de uma festa campestre com gente do campo que desejam divertir-se, não observar-se mutuamente com olhos críticos. E se essa expressão receosa tem a ver com o fato de que o visconde de Whitleaf participará, não seja boba, pois fará que deseje que retorne a Sidley Park antes da fatídica data. Não deve deixar que sua presença a intimide.

Sidley Park. O coração de Susanne encolheu de novo ao voltar a ouvir esse nome. Por que o visconde de Whitleaf tinha que ser amigo do senhor Raycroft? E por que hospedou-se em Hareford House, precisamente agora? Durante muitos anos —concretamente onze—, não aconteceu nada importante que recordasse sua infância e seu imprevisto e dramático fim. Conseguiu convencer-se de que o havia esquecido.

—Ah —continuou Frances—, e Lucius insistiu com o vigário até convence-lo de que na festa a orquestra toque pelo menos uma valsa. Falei alguma vez da primeira valsa que dançamos juntos, em um poeirento salão de celebrações no piso superior de uma estalagem deserta, nós dois sozinhos, sem calefação, embora estivéssemos em pleno inverno, e sem música?

—Sem música? —Perguntou Susanne rindo.

—Eu cantarolei a música —respondeu Frances—. Foi a valsa mais gloriosa que possa imaginar, Susanne. Asseguro isso.

Ambas ficaram em um grato silêncio enquanto a expressão sonhadora e as faces um tanto avermelhadas de Frances indicavam que lembrava desta valsa e Susanne perguntou para si mesma se alguém a tiraria para dançar na festa. Ela esperava que sim. Nem sequer pensava concretamente em uma valsa. Conformaria-se com qualquer tipo de dança.

Embora tivesse conhecimento dos passos da valsa. Era uma dança que o senhor Huckerby, o professor de danças da escola, ensinava sempre às alunas. Não obstante, não podia dançar com nenhuma delas, só com a professora que estivesse disposta a dançar com ele para demonstrar às alunas como fazer. Antigamente era Frances quem fazia o par. Agora eram Susanne e Anne, e às vezes mademoiselle Etienne, a professora de francês, que se alternava.

Susanne gostava mais da valsa que das outras danças. Não que houvesse nada remotamente romântico em executar os passos com o senhor Huckerby, sobre tudo ante um público composto por um grande número de alunas, muitas das quais pouco conseguiam sufocar as risadas. Mas sempre sonhou dançar a valsa em um esplêndido salão de baile iluminado pela luz das velas nos braços de um cavalheiro alto e bonito que a olhava nos olhos sorrindo, como se não existisse ninguém no mundo salvo eles dois.

«Não sou uma romântica», havia dito há poucos momentos ao visconde de Whitleaf. Que mentira tão descarada! Susanne levava a vida ocupada e disciplinada de uma professora de escola, e adorava seu trabalho, nisso não tinha mentido. Mas seus sonhos eram recheados com romance, amor, união e esperança de ser mãe. Coisas que jamais experimentaria na realidade.

“Eu tive a sensação havia penetrado em um momento simplesmente mágico”.

Quando Peter pronunciou essas palavras ela tinha sentido desejo de começar a chorar, palavras que para ele não tinham nenhum significado para ela, eram dolorosamente saudosas. Quanto ansiava experimentar a magia de amar alguém mais do que tudo na vida! mais E que alguém a amasse com a mesma intensidade!

Durante um breve instante Susanne imaginou-se dançando a valsa com o visconde de Whitleaf, cujos risonhos olhos violeta ficavam suaves ao olhá-la com ternura.

Mas estremeceu ligeiramente ao mesmo tempo que apagava rápidamente essa imagem de sua mente e apanhava uma bolacha de gengibre. Não devia manchar o esplendor de seus sonhos impondo neles a imagem desse homem.

Então recordou algo que ele havia dito:

«*Feriu-me no mais profundo de meu coração, nesse órgão que temos no peito, essa bomba tão prosaica*».

Susanne esteve a ponto de destruir a aversão que sentia dele prorrompendo em gargalhadas.

Frances teria pensado que tinha perdido o juizo.

Logo pensou de novo em Sidley Park. Até os doze anos tinha vivido a poucos quilômetros dessa mansão, embora jamais a visitasse. Sabia que era o lar da viscondessa de Whitleaf, embora sempre soube que o jovem visconde vivia ali também junto com suas cinco irmãs, que ostentavam o sobrenome de Edgeworth. Recordou que a primeira vez que ouviu Frances referir-se ao conde de Edgecombe experimentou um desagradável sobressalto, pensando que talvez ele pertencesse à mesma família, até perceber que os nomes não eram idênticos.

Mas além disso, conseguiu manter essas lembranças a distância. Eram muito dolorosas. Ouviu dizer que algumas pessoas conseguiam bloquear as lembranças dolorosas com tal eficácia que acabavam esquecendo-se por completo delas. Certas ocasiões ela desejava poder fazer o mesmo.

De repente evocou uma lembrança muito concreta. Devia ter cinco ou seis anos e pescava no lago com Edith Markham quando se aproximou um garoto alguns anos mais velho que elas. Este perguntou a elas com tom jovial e evidente interesse o que faziam e sentou-se na borda junto à Susanne para ver se ela havia conseguido apanhar um peixe com sua rudimentar vara de pescar.

—Má sorte! —Havia dito o garoto ao comprovar que não—. Suponho que hoje os peixes resistem a morder os anzóis. Ouvi dizer que às vezes nem beliscam. Minha mãe não me deixa pescar. Teme que eu caia na água ou pegue um resfriado em lugar de um peixe. Alguma vez pescou um resfriado em lugar de um peixe? Sua mãe fica tão brava quanto a minha?

Caramba, tem os olhos mais verdes que já vi! Nunca tinha visto olhos dessa cor. São muito bonitos, e harmonizam com seu cabelo vermelho. Acredito que quando crescer ficará muito bonita. Não é que agora não o seja. Me perdoe, durante uns momentos esqueci minhas boas maneiras. Um cavalheiro jamais induz uma dama a pensar que não é bonita. Permita-me que segure a vara de pescar? Talvez tenha mais sorte que você, embora imagine que entenda mais sobre pescarias que eu.

Mas logo que o garoto sentou na borda e tomou a vara de pescar das mãos de Susanne com expressão animada, alegre e amigável, apareceu uma garota mais velha que ele dizendo em voz baixa e com tom zangado que não devia brincar com elas, depois apareceu outra moça, mais velha que a primeira. Aproximando-se dele, tirou rapidamente a vara de pescar de suas mãos e o levou, advertindo-o com firmeza que não voltasse jamais a aproximar-se tanto do lago. Disse que corria o perigo de cair na água e morrer afogado, e elas e sua mãe jamais poderiam ser consoladas pela sua perda.

Edith foi com eles, e Susanne verificou mais tarde que viviam em Sidley Park e essa tarde tinham decidido fazer uma excursão ao lago: a viscondessa de Whitleaf com seu filho, o jovem visconde e suas filhas.

Durante muitos anos Susanne não pensou no fato acontecido. Ficou surpresa ao recordar agora.

Era possível que aquele garoto tão amável e brincalhão, excessivamente protegido por sua mãe, e o visconde que ela tinha conhecido esta tarde fossem a mesma pessoa? Sem dúvida. Para Susanne o garoto parecia bom e desejava ser seu amigo. Acreditou que aparecesse de novo por ali, e embora tivesse entendido que o havia feito, ela não tornou a vê-lo.

Naquela época já viviam em dois mundos radicalmente opostos.

—Convidaram-nos a passar amanhã à noite com o Sr. Dannen e sua mãe —comentou Frances—. Espero que agrade a você Susanne. Assim terá tempo de dar uma olhada e comprovar se você gosta.

Frances riu ao observar a expressão no rosto de Susanne, e ambas riram.

***

Peter havia dito a verdade ao dizer que as pessoas que viviam no campo com frequência reuniam-se para realizar um improvisado passeio a pé ou em carruagem, visitar algum amigo durante o dia ou organizar algumas diversões mais formais como jantares, excursões ou festas ao ar livre.

A tarde do dia seguinte a que Peter conheceu Susanne oferecia uma dessas reuniões formais.

A mãe de Dannen havia chegado recentemente da Escócia, onde vivia com um irmão viúvo, para passar umas semanas com seu filho. De modo que Dannen convidou seus vizinhos para que fossem em sua casa em uma tarde, durante a qual jogariam cartas, escutariam música e jantariam.

Os Raycroft foram os primeiros a chegar, mas quando Peter elevou a vista para observar a aparição na sala de estar do conde e a condessa de Edgecombe assim como a senhorita Osbourne, a senhorita Krebbs estava sentada junto a ele em um sofá, as senhoritas June e Mary Calven estavam sentadas perto deles, uma em uma poltrona e a outra sobre um divã, e a senhorita Raycroft apoiava-se no respaldo do sofá, depois de declinar o oferecimento que fez Peter de sentar-se junto a eles.

Conversavam —quase indevidamente—sobre a festa. A senhorita Krebbs tinha perguntado a Peter sobre a valsa e se era embaraçoso dançar durante um baile cara a cara e sem deixar de tocá-la.

A pergunta suscitou um coro de tímidos risinhos por parte das outras jovens, depois guardaram silêncio para escutar a resposta de Peter.

—Embaraçoso? —Respondeu ele, olhando-as uma a uma com fingido assombro—. Contemplar um belo rosto com a mão apoiada na cintura da dama e sustentando sua mão com a outra? Não me ocorre uma forma mais agradável de passar meia hora. E a vocês?

—Ah —disse Mary Calvert emitindo um profundo suspiro—. Mas mamãe insiste em que é uma dança muito atrevida para nós, e não me refiro ao tempo da dança.

—O bom da valsa —disse Peter—reside precisamente em que se dança em público e todas as mães podem vigiar suas filhas e aos casais. Nenhum homem com um mínimo de bom senso tentaria nada remotamente indecoroso em tais circunstâncias, por mais que desejasse.

Todas tinham estalado em alegres e maliciosas gargalhadas quando

Peter elevou a vista e cruzou com o olhar de Susanne Osbourne no outro lado da sala.

Ah.

Bem.

Se alguém houvesse dito que um raio penetrou através do telhado e o teto e a parte superior de sua cabeça para sair através de seus pés e atravessar o chão, ele não teria discordado.

Que, bem pensado, foi muito estranho, considerando que durante o breve instante antes que Susanne desviasse o olhar, ele não percebeu estrelas em seus olhos nem adoração no resto de seu rosto. Muito ao contrário. A expressão da jovem fez com que ele sentisse uma inquietação ao compreender o aspecto que devia apresentar, sentado ali, rodeado de belas jovens e gargalhando com elas.

O aspecto de um vaidoso e frívolo homem.

Peter não voltou a cruzar o olhar com Susanne até depois de algumas horas, durante as quais conversou praticamente com todos os presentes, jogou cartas e logo dedicou-se a

virar as páginas da partitura sobre o piano enquanto várias jovens demonstravam seu talento musical ou tagarelavam alegremente ao mesmo tempo em que se moviam em torno dele. Outros homens, conforme observou Peter, procuravam evitar tal tarefa, embora aplaudiam com cortesia ao finalizar cada peça.

A Peter pareceu pouco galante por parte destes, guardar distância embora provavelmente sustentavam interessantes conversas sobre a agricultura, a caça, os cavalos e outros temas similares, tal como ele mesmo tinha feito ontem com Edgecombe e Raycroft na biblioteca de Barclay Court. Quando as pessoas estavam em companhia de ambos os sexos, teria de ocupar-se também das damas.

Observou com interesse que a senhorita Osbourne não permaneceu sentada em uma parte contemplando com severidade e desaprovação toda a frivolidade e o vício que a rodeava, posto que nas mesas de jogo o dinheiro trocava de mãos continuamente, embora em quantidades muito pequenas. Em lugar disso, movia-se entre os distintos grupos junto com a condessa até que Dannen apropriou-se de Susanne e esteve conversando com ela enquanto a condessa conversava com outros convidados. Peter observou que somente Dannen falava. Observou em outras ocasiões que nada agradava mais a Dannen que monopolizar e obrigar alguém a escutar seus monólogos.

Esta noite a jovem estava ainda mais bela que ontem, caso isso fosse possível. Como é lógico, não usava chapéu, e Peter viu que seus cabelos eram curtos, e formavam cachos suaves e lustrosos de uma cor menos intensa que o vermelho, mais quente que o dourado, mas com elementos de ambas as tonalidades. Usava um vestido cor creme que realçava a cor de seus cabelos.

Ele evitou deliberadamente aproximar-se dela, posto que a jovem expressou seus desejos com toda claridade. Possivelmente não teria dirigido sequer a palavra em toda a noite se não houvesse sentado depois de jantar junto à senhorita Honeydew ao comprovar que estava sozinha. A senhorita Honeydew era a irmã de um ex-vigário que havia falecido e ja era idosa. Peter suspeitava que ela nunca foi bela, pois seus dentes superiores eram protuberantes, e somado ao rosto largo e ao nariz maior ainda, conferiam-lhe um aspecto de cavalo. Sempre escapava alguma mecha cinza das volumosas toucas que usava e olhava com olhos míopes o mundo através de óculos enormes que sempre escorregavam sobre o nariz e viravam para a esquerda, movia continuamente a cabeça em um gesto de assentimento, talvez por costume ou devido a algum defeito, e geralmente exibia um ar risonho e avoado.

Os vizinhos, conforme observou Peter durante as duas últimas semanas, mostravam-se sempre muito amáveis com ela e no princípio da noite a acolheram em diversos grupos. Mas também suspeitava que levava uma vida solitária sem filhos ou netos, nem sequer sobrinhos, que fizessem companhia e se ocupassem dela.

De modo que foi sentar se a seu lado e iniciou uma conversa.

Perguntou a ela sobre a festa que ia celebrar-se logo, quando de repente apareceu a senhorita Osbourne. A senhorita Honeydew a pegou pelos pulsos e sacudiu-lhe o braço com energia olhando-a sorrindo.

—Ah, senhorita Osbourne —disse—.Alegro-me que tenha voltado para Barclay Court. É a primeira oportunidade que tenho de falar com você em toda a noite.

Susanne estava conversando com Dannen —ou escutando suas balelas—quando a condessa passou conversando com a senhorita Honeydew.

Susanne sorriu amavelmente à senhorita Honeydew sem olhar a Peter.

—Como vai, senhora? —Perguntou—. Que agradavel voltar a vê-la.

—Esta jovem —disse a senhorita Honeydew, olhando para Peter sem soltar a mão da senhorita Osbourne—, foi muito amável comigo na última vez que esteve aqui. Veio visitar-me uma tarde quando machuquei o pé e não podia sair, e ela leu em voz alta para mim durante mais de uma hora. Embora leve óculos, leio com muita dificuldade. Hoje em dia as letras dos livros são muito pequenas, não é verdade? Sente-se querida, e conversaremos um momento. Conhece o visconde de Whitleaf?

Susanne não teve escolha senão olhar para ele, ainda que brevemente, enquanto sentava em uma banqueta junto à poltrona que ocupava a senhorita Honeydew.

—Sim —respondeu—. tive esse prazer, senhora.

—Faz um dia esplêndido, senhorita Osbourne —disse ele—. Durante a jornada elevei várias vezes a vista ao céu, mas não vi uma só nuvem. E a noite é quase tão cálida como o dia, pelo menos era quando saí de Hareford House.

Susanne o olhou de novo; seus olhos verdes mostravam uma expressão grave. Peter sorriu. Jurou conversar com ela só banalidades como o tempo, quando novamente se encontrassem de forma inevitável. Repentinamente observou uma expressão perspicaz em seus olhos. Quase sorria.

—Acredito —respondeu ela—ter visto uma nuvenzinha pela tarde, milorde, quando retornava de um passeio com Frances. Mas era minúscula, e não demorou para afastar-se flutuando.

Cativado, Peter a fitou nos olhos ao mesmo tempo em que devolvia o sorriso. De modo que sim, tinha certo senso de humor, inclusive era capaz de fazer um comentário coerente. Mas Susanne ficou ruborizada de repente e virou o rosto de novo para a senhorita Honeydew.

—Se desejar, um dia irei visita-la em sua casa e lerei novamente em voz alta, senhora —disse—. Farei isso com muito prazer.

—Eu gostaria muito —respondeu a senhorita Honeydew entusiasmada, assentindo com mais energia que de costume—. Mas não pode vir a pé, minha filha. Minha casa fica a uns cinco quilômetros de Barclay Court.

—Em tal caso pedirei... —começou a dizer a senhorita Osbourne.

Mas Peter, esquecendo por completo sua decisão de permanecer afastado dela e falar só do tempo, cedeu a um impulso instintivo.

—Estou disposto a lhe fazer um favor, senhora —disse dirigindo-se à senhorita Honeydew—. Quando desejar que a senhorita Osbourne vá a sua casa para ler em voz alta, não ficará desejando. Caso me permita isso, eu mesmo a levarei em minha carruagem.

Como se fosse necessário que a senhorita Honeydew desse permissão a ele.

—Eu... —disse a senhorita Osbourne, não sem certa indignação.

—Oh —disse a senhorita Honeydew, extasiada, levando suas magras e artríticas mãos ao peito—. É você extremamente amável com esta anciã, milorde.

—Uma anciã? —Peter olhou ao redor da sala com gesto de assombro—. Mas há alguma anciã presente? Rogo que me indique onde está e irei mostrar amabilidade para com ela.

A senhorita Honeydew riu de boa vontade da péssima piada de Peter, e várias pessoas olharam em sua direção.

Peter suspeitou que não ria frequentemente com autêntico regozijo.

— Você está zombando de mim! —disse ela—. Você é um patife, milorde. Mas é muito amável de sua parte oferecer a carruagem para levar a senhorita Osbourne a minha casa. Ficarão para tomar o chá comigo? Pedirei a minha governanta que prepare seus pasteis especiais.

—Sua companhia e uma xícara de chá bastarão para me recompensar, senhora —respondeu ele—. Ah, e também a companhia da senhorita Osbourne.

Disse com sinceridade.

A senhorita Honeydew sorriu encantada.

—Então está decidido. —Peter olhou para a outra mulher—. Que hora lhe convém, senhorita Osbourne?

Ela o fitou com as faces vermelhas e uma expressão nos olhos que ele não conseguiu decifrar, ou possivelmente não desejava fazer. Não olhou diretamente nos olhos, conforme observou ele, a não ser a um ponto à altura de seu queixo.

Ocorreu a Peter que, além de não ser agradável para Susanne, a jovem possivelmente sentia-se um pouco tímida em sua presença, ou ao menos por seu título. Possivelmente a forma com que ele a saudou quando a apresentaram, era tão alheia a sua experiência pessoal que sentiu-se incômoda. O que disse para ela quando se despediram? Agradeceria que não me falasse com tanta intimidade, milorde. Não sei como responder.

Ele ficou temeroso ao imaginar que possivelmente comportou-se de forma pouco cavalheiresca.

—Permitirá que a leve para a casa da senhorita Honeydew em minha carruagem? —Perguntou—. Será um prazer para mim.

—Sim, obrigada —respondeu ela.

—Amanhã? —Apressou-se a perguntar a senhorita Honeydew. Susanne olhou à anciã e sua expressão suavizou-se. Inclusive sorriu.

—Tudo, caso pareça oportuno para o visconde de Whitleaf, senhora —respondeu.

—Certamente —disse ele—. Ah, vejo que a senhorita Moss encontrou a partitura que procurava. Está me fazendo gestos para que eu vire as páginas enquanto toca. Desculpem-me?

ASrta. Honeydew assegurou que o desculpava. A srta. Osbourne não disse nada.

—Parecia necessitar que o resgatassem —comentou a senhorita Moss rindo com outras jovens quando Peter chegou próximo ao piano.

—Na realidade —respondeu ele—, desfrutava de uma amável conversa com a senhorita Honeydew. Mas como podia resistir a oportunidade de voltar a me cercar de música... e beleza?

—A senhorita Osbourne fará companhia à senhorita Honeydew —disse a senhorita Krebbs—. Não precisa de você também.

Peter agradou às jovens e flertou agradavelmente com elas durante o resto da noite, enquanto imaginava se a senhorita Osbourne procuraria algum pretexto para não ir com ele em sua carruagem.

Peter percebeu que esteve pensando nela durante toda a noite, inclusive, curiosamente, quando encontravam-se em lugares diferentes ou quando ele fixava os olhos na partitura a fim de virar as páginas no momento certo.

Nenhuma outra mulher conseguiu fazer com que ele estivesse tão pendente dela.

Maldição, um dos quatorze dias que ambos passariam nesta comarca já havia transcorrido. Conformaria-se ele em deixar que os outros treze transcorressem, sem tentar pelo menos vencer a aversão que Susanne sentia e convertê-la sua amiga?

Uma amiga?

Que pensamento tão estranho. Segundo ele, as mulheres e a amizade —em todo caso uma amizade profunda—não estavam acostumadas a emparelhar-se. Considerava que eram interesses excludentes.

Então, qual era seu motivo exatamente? Mas por que tinha que haver um motivo? Susanne era uma mulher extraordinariamente bela e ele um homem de temperamento apaixonado. Acaso não era motivo suficiente? Ele não estava acostumado a olhar tanto com respeito ao fato de cortejar às mulheres. Mas claro que nunca conheceu uma professora de Bath, exceto, sem que ele soubesse, a condessa de Edgecombe.

Em qualquer caso, teria que esperar para ver o que aconteceria amanhã. Ao menos estariam sozinhos durante o trajeto de cinco quilômetros de ida e volta a casa da senhorita Honeydew, isso é, caso a senhorita Osbourne não encontrasse uma forma de impedir que ele a levasse para lá em sua carruagem.

E não poderia chover.

CAPÍTULO 04

Os planos de casamentos de Frances estavam condenados ao fracasso, pensou Susanne na tarde seguinte enquanto atava as fitas de seu chapéu de palha debaixo do queixo. Eram verdes, combinando com seu vestido favorito, embora o fato era que não tinha muitos outros que competissem com ele.

O reverendo Birney, um homem simpático com uma aparência saudável e jovem, foi muito educado com ela na noite passada. Inclusive conversou um breve momento com Susanne durante o jantar, expressando interesse em uma escola que admitia quase tantas alunas de caridade como de pagamento. Mas este tratamento simpático dele para ela, não era nada remotamente parecido à paixão.

O senhor Dannen, era de baixa estatura —como Frances lembrou—, e com o início de calvície no cocuruto, mas com o rosto nada desagradável, conversou com ela durante quase uma hora antes do jantar, embora fosse o anfitrião e deveria ter se ocupado mais de seus convidados. Susanne perguntou sobre a Escócia, a terra da mãe do senhor Dannen e este tinha demonstrado ser o tipo de homem que não necessitava que lhe dessem asas para discorrer sobre um tema de interesse pessoal para ele. Suas descrições foram interessantes e Susanne ficou entusiasmada em escutar. Mas, não havia sentido o menor interesse por ele. Nem ao que parecia, ele por ela.

A Srta. Calvert e o Sr. Finn estavam claramente interessados um no outro.

—Ah, vejo que já está preparada —disse Frances da porta do quarto de Susanne—.O visconde de Whitleaf chegou. Está lá embaixo, falando com Lucius.

Susanne fez um gesto e pegou o par de luvas. De repente sentiu uma opressão no estômago e suas pernas ficaram trêmulas.

—Preferiria ir caminhando para a casa da senhorita Honeydew —disse.

—Sabe que teríamos chamado uma carruagem para você antes de permitir que fosse a pé —respondeu Frances.

—Mas ele estava presente quando propus à senhorita Honeydew para ir ler em voz alta —explicou Susanne—e ele se sentiu obrigado a me levar em sua carruagem. Pobre homem! Senti-me terrivelmente morta de vergonha.

Frances riu e afastou-se para deixar Susanne sair do quarto.

—Não acredito que o incomode o mínimo —disse—. É um homem muito galante com as damas. É muito amável de sua parte, Susanne, estar disposta a dedicar uma tarde à senhorita Honeydew. Quando estamos em casa procuro visitá-la várias vezes. Mas nunca tinha me ocorrido ler em voz alta para ela, embora lembro-me que a última vez que esteve aqui também o fez.

Desceram a escada e foram para a porta principal. Estava aberta, e Susanne viu o conde de Edgecombe e o visconde de Whitleaf frente a ela, sobre os degraus em forma de ferradura. Ao ouvir as damas aproximarem-se, ambos se voltaram, e o visconde tirou o chapéu e fez uma reverência.

—Hoje faz também um dia esplêndido —disse olhando a Susanne com olhos faiscantes—. Há algumas nuvens no céu. No caminho para aqui contei umas doze, mas são pequenas, brancas e inofensivas, e na realidade emprestam uma maior beleza ao céu.

Susanne esteve a ponto de rir ou pelo menos sorrir por ter saído nesse momento e ter visto a carruagem que ia. Frances e o conde decerto acharam estranho por Peter se estender tanto em um simples comentário sobre o tempo. Mas Susanne viu o veículo. Peter havia dito ontem à noite que a levaria em sua carruagem, mas estava muito nervosa pensando que ele a conduziria a casa da senhorita Honeydew para reparar que nunca tinha andado em uma carruagem daquele tipo. E não era uma carruagem qualquer. Susanne suspeitou que se tratava do tipo de transporte que os cavalheiros utilizavam para fazer corridas, um veículo ligeiro e de aspecto pouco sólido, com grandes rodas e um assento pequeno, de aspecto frágil e muito alto.

—E a esporádica sombras agradece —comentou Frances—, pois faz muito calor.

—Parece que a senhorita Honeydew está decidida a nos entreter com chá e pasteis depois que a senhorita Osbourne tenha lido para ela—disse o visconde—. É possível que nos ausentemos durante um longo tempo, mas garanto que devolverei a senhorita Osbourne sã e salva.

—Whitleaf é muito hábil com o chicote. Susanne —disse o conde rindo enquanto todos desciam pelos degraus para a terraço—. Não tema por sua segurança.

—Não temo por ela —respondeu Susanne—. É que nunca andei em uma carruagem deste tipo.

Visto de abaixo o assento parecia ainda mais alto e todo o veículo mais frágil, embora muito elegante. Os cavalos, que um dos moços segurava, pareciam alarmantemente nervosos. Mas antes que Susanne começasse a ficar preocupada com a viagem nesse veículo, perguntou-se como diabos ia subir nele.

Por sorte foi mais fácil do que parecia. Conseguiu subir no assento sem excessiva perda de dignidade, embora ao subir segurou à mão do visconde. Sentou-se em um extremo do assento, mas não obstante...

Não obstante, quando ele subiu e sentou junto a ela tomando as rédeas, a parte exterior de sua coxa e seu quadril roçaram os de Susanne, sem que ela pudesse fazer nada a respeito. E dois dias atrás, quando ambos retornavam a Barclay Court de Hareford House, ela pensou que jamais havia sentido tanta vergonha! Nesses momentos não sabia o que significava sentir-se morta de calor.

Whitleaf deu aos cavalos o sinal para partir, a pequena carruagem arrancou e Susanne agarrou com força o corrimão lateral. Durante uns momentos só pensou em sua segurança, ou na falta de segurança.

—Não deixarei que caia —disse ele enquanto passavam do terraço ao caminho—. E não fustigarei os cavalos, quer dizer, a menos que você me peça isso.

Que eu peça...

Ela soltou uma gargalhada e voltou a cabeça para ele. Peter virou a cabeça também para ela e Susanne sobressaltou-se ao comprovar que seus rostos quase roçavam.

— Mas é possível que ria, senhorita Osbourne? —Exclamou ele arqueando as sobrancelhas—. É possível que esteja gostando de andar em minha pequena carruagem?

Com certeza ela estava aterrorizada. Tinha os dedos dos pés encolhidos dentro dos sapatos, a mão agarrada ao corrimão de metal com muita força e com cada músculo de seu corpo tenso. As sebes vivas desfilavam frente a eles debaixo do campo visual de Susanne, as nubéculas deslizavam rapidamente sobre suas cabeças, os alazães trotavam alegremente pela estrada, suas pelagens reluzentes sob o sol, o assento movia ritmicamente sobre seus corpos. Ela sentia-se...

Soltou outra gargalhada.

—Isto é maravilhoso! —Exclamou.

Então pensou ter agido como uma estúpida. Que estupidez! Comportava-se como uma menina a que deram um presente inesperado. Mas não pensava como uma menina ao notar de novo a perna e o ombro dele roçando os seus.

Começou novamente a rir.

Susana lembrou que passou uma noite insone.

Temia essa tarde e à perspectiva de estar sozinho novamente com ele. Do que conversariam? Não sentia o menor desejo de conversar com o visconde de "Whitleaf. Além do nome que ostentava, não queria conhecê-lo mais a fundo, não queria mais vê-lo. Decidiu que era um homem frívolo e superficial. Mas não podia esquecer que ficou junto à senhorita Honeydew quando a maioria dos outros jovens procuraram fugir dela durante toda a noite sem dar a impressão de serem grosseiros. E que ele a fez rir com sua absurda piada sobre o fato de ser uma anciã. E se ofereceu voluntariamente a passar uma aborrecida tarde na casa da senhorita Honeydew. Ele não foi obrigado a fazer isso. —Como Susanne queria acreditar em Frances— ao oferecer-se para levá-la em sua pequena carruagem. Podia ter evitado fazer isso sem maiores problemas.

—Ontem à noite você divertiu-se muito com todas as jovens damas —disse ela—. E elas ficaram felizes mesmo tendo a presença de outros cavalheiros.

—Sim —reconheceu ele, virando na bifurcação e tomando o caminho que conduzia diretamente ao povoado, com mãos que pareciam muito habilidosas para empunhar as rédeas—. Passei muito bem. É um prazer escutar jovens mocinhas conversar e virar para elas as páginas da partitura sabendo que com isso ficam felizes. Mas, entendo que você volta a fazer seus comentários mordazes.

Acredita ficariam felizes somente com a minha companhia? Duvido. A senhorita Calvert não teria ficado satisfeita de não ter conversado com o senhor Finn. Ou não observou que passou um bom momento conversando com ele? E a senhorita Krebbs ficou encantada quando Moss pediu a ela que reservasse uma dança na festa, até a ponto que permitiu que ele enchesse seu prato no bufet e sentasse a seu lado. A senhorita Jane Calvert teria passado uma noite menos agradável se não estivesse conversando com o reverendo Birney durante boa parte do tempo. E você teria passado uma hora só, caso não tivesse conversado com Dannen.

—O senhor Dannen era o anfitrião —protestou Susanne— Não me referia a isso.

—Como última palavra em minha defesa —disse ele—, cabe assinalar que todos os cavalheiros tiveram a mesma oportunidade de colocar-se junto ao piano e virar as folhas da partitura.

A Susanne não ocorreu nenhuma resposta a esse comentário.

—Esta é uma carruagem de corrida? —perguntou.

—Nenhum cavalheiro com menos de trinta anos — respondeu ele—adquiriria uma carruagem pequena como esta se não pudesse disputar uma corrida.

—E suponho que... —disse ela—, que você disputa corridas com ela.

—Que sentido teria —respondeu ele—possuir uma carruagem de corrida se a utilizasse só para transitar com ela por caminhos rurais a passo de tartaruga como faço agora?

—Parece-lhe que vamos a passo de tartaruga? —Inquiriu ela. A velocidade parecia emocionante e produzia nela uma sensação de risco.

—Meus pobres alazães —disse ele—jamais me perdoarão a indignidade desta viagem.

Ela riu.

Ele virou o rosto para olhá-la sorrindo.

—Como, não vai exortar-me sobre o perigo que arrisco de quebrar o pescoço e os de meus cavalos correndo por um caminho rural pelo mero afã de ganhar uma corrida? Por certo, a última foi de Londres a Brighton, e para ser sincero devo confessar que me venceram com folga.

—Porque me importaria que você arrisque o pescoço? —Perguntou ela.

— Isso foi um comentário ofensivo, senhorita Osbourne —replicou ele.

—Suponho —disse ela com ar pensativo—que deve ser maravilhoso voar à velocidade que galopam seus cavalos.

Ou simplesmente voar. Susanne sempre sonhava que era um pássaro, livre para sulcar o firmamento e cavalgar com o vento.

—Tenho a curiosa suspeita —disse ele—, de que minha primeira impressão sobre você eram totalmente errôneas, senhorita Osbourne.

As palavras de Peter a surpreenderam e ficou preocupada por estar conversando com ele, inclusive gostando. Entraram no povoado e a meio caminho da casa de campo da senhorita Honeydew.

—Seu silêncio é tão eloquente como acusador —disse tocando a aba do chapéu com o chicote enquanto ela elevava a mão que tinha livre para saudar o senhor Calvert, que caminhava pela rua em direção a sua casa—. Está claro que pensa que suas primeiras impressões sobre minha pessoa estavam certas.

Estava ele correto? Perguntou-se Susanne. Whitleaf deliciava-se flertando com as damas jovens. Possuía uma carruagem de corrida e tinha participado de uma corrida de Londres a Brighton. Ela não viu em seu caráter nada que sugerisse um mínimo de juízo, por mais que ontem à noite fizesse companhia à senhorita Honeydew e se mostrasse amável com ela.

—Continuo sem parecer bem a você—disse ele suspirando, embora mais do que parecia o contrariar, o divertia.

—Eu não... —respondeu ela.

—Eu acredito que sim —Interrompeu ele—. Não ensina a suas alunas que é muito feio mentir? É por meu aspecto?

—Sabe muito bem —respondeu ela bruscamente, —que tem um aspecto perfeito.

Logo que pronunciou essas palavras, Susanne desejou com toda sua alma poder retirá-las. Santo céu, expressava-se como uma jovem apaixonada!

—Sério? —respondeu ele rindo—. A cor de meus olhos não parece a você meio afeminada?

—Sabe muito bem que não —respondeu ela indignada. Como era possível que a conversa tivesse tomado de repente um giro tão pessoal?

—Tenho uma prima —explicou ele—que tem os olhos da mesma cor que eu. Sempre pensei que nela era mais adequado.

—Não poderia dizer —respondeu ela—, posto que não conheço essa senhorita.

—De modo que não é meu aspecto —disse ele—, a menos que tenha alguma coisa contra a perfeição. Embora isso não tenha nenhuma lógica. Portanto, deve ser meu caráter.

—Não penso mal de você—protestou ela—. Não observo nada digno de objeção em seu caráter, salvo que não leva nada a sério.

—Isso —respondeu ele—parece muito com essas desagradáveis frases com que algumas pessoas iniciam um comentário prejudicial: «*Não é por criticar, amigo, mas...*» Esse «*mas*» contém uma tremenda carga acusatória. Igualmente a esse «*salvo*». De modo que me considera um homem superficial.

Essas palavras não foram formuladas a modo de pergunta, mas ele esperava uma resposta. Pois bem: ela não pensava negar somente porque sua educação a obrigasse. No fim das contas, ele tinha perguntado.

—Com efeito, milorde —disse ela, fixando a vista na estrada e perguntando-se quando divisaria a casa da senhorita Honeydew.

—Suponho —replicou ele—que não acreditará quando digo que às vezes penso que não sou totalmente superficial.

Ela duvidou uns instantes.

—Seria presunçoso de minha parte chama-lo embusteiro —disse.

—Por que? —Ele tinha aproximado sua cabeça a de Susanne até quase encostar durante uns instantes, antes que voltasse a fixar o olhar na estrada, ela sentiu seu fôlego na face.

—Porque não o conheço —respondeu ela.

—Sim —disse ele—. O que diria, senhorita Osbourne, se lhe dissesse que face à confissão que fiz há alguns instantes, sigo pensando que você é incrivelmente bela, mas ao mesmo tempo muito dura em seus julgamentos, e insensível, incapaz de sentir um afeto ou um amor profundo?

Ela ficou indignada.

—Diria que não sabe nada de mim nem de minha vida —replicou tentando em vão de deslizar-se mais para o extremo do assento.

—Justamente —respondeu ele com tom de satisfação—. Não nos conhecemos absolutamente. Como você sabe que eu não sou digno de sua amizade? Como eu sei que você é?

Susanne agarrou com mais força ao corrimão lateral.

—Em todo caso —respondeu—, não acredito que tenhamos o menor desejo de nos conhecer. De modo que as respostas a suas perguntas não têm importância.

—Mas para mim sim, têm —afirmou ele—. Desejo conhecer quem é a senhorita Susanne Osbourne. Desejo profundamente, sobre tudo depois de descobrir o surpreendente fato de que gostaria de participar de uma corrida a Brighton em uma carruagem de corrida. Não teria adivinhado isso em você nem em mil anos.

—Eu não... —respondeu ela.

—Muito tarde — interrompeu ele—Já confessou de forma implícita. Tenho a suspeita que é uma pessoa interessante que merece que a conheçam a fundo. E eu sinto a necessidade que me conheçam, justificar minha existência a alguém que me considera indigno.

—Eu não disse isso! —Protestou ela—. Jamais diria semelhante coisa a alguém. Mas sente essa necessidade com todas as damas que conhece? Sente a necessidade de conhecer e ser conhecido pelas senhoritas Calvert, a senhorita Krebbs e a senhorita Raycroft?

—Céu santo, não! —respondeu ele rindo.

—Então, por que eu? —Inquiriu ela, voltando-se e olhando-o com o cenho franzido—. Só porque não respondo a seus cumprimentos como fazem outras mulheres?

—Suponho que isso é uma possibilidade —reconheceu ele—. Mas confio que exista outra coisa. Quando não ri diante do perigo e a emoção da velocidade mostra você um aspecto sério. Tenho a horrível suspeita que isso obedece a uma inteligência superior. Você é uma mulher inteligente, senhorita Osbourne?

—Como quer que responda isso? —Perguntou ela sentindo que sua exasperação aumentava por momentos.

—É uma das coisas que devo descobrir sobre você —respondeu ele—. A condessa de Edgecombe a convidou a vir aqui por amizade, não por obrigação, pelo menos essa é a impressão que tenho. A condessa é uma mulher inteligente. Imagino que suas amigas também devem ser inteligentes. Finalmente, você é professora e deve possuir um vasto amontoado de conhecimentos que permanecem em seu cérebro. Mas preciso descobrir por mim mesmo se isso é certo.

Susanne ficou estupefata, de repente compreendeu a realidade da situação. Devia ser a realidade, pois nenhum dos confusos e inquietantes sonhos que teve ontem à noite sugeriu este cenário. Aqui estava ela, falando pelos cotovelos nada menos que com o visconde de Whitleaf e divertindo-se!

—Você acredita, senhorita Osbourne —perguntou ele—, que poderíamos ser amigos apenas se nos esforçássemos? Quer tentar?

Ela observou seu rosto de perfil. Mas não viu o menor resquício de gozação.

—Embora fale a sério, não é possível —respondeu—. Viemos de mundos diferentes, quase de universos distintos. Além disso, os homens e as mulheres não podem ser amigos embora pertençam ao mesmo mundo.

—Aconselho que não diga isso a Edgecombe nem à condessa —disse ele arqueando as sobrancelhas—. Não obstante, eu teria concordado com você até ontem. Não tenho o costume de procurar amizade com nenhuma das mulheres que conheço. Mas você me impede que flerte com você, então eu não tenho escolha, senão tornar-me seu amigo.

—Ou ignore-me —Respondeu ela secamente.

—Essa não é uma opção —respondeu ele, sorrindo.

—Isto é absurdo —disse Susanne—. Totalmente absurdo.

—Então faça-o para me agradar —disse ele—. Permita-me ser seu amigo embora você não queira ser minha amiga? Não me considero capaz de seguir falando com eloquência somente sobre o tempo durante outros doze dias.

Susanne soltou uma inesperada gargalhada. Nesse momento percebeu que a carruagem de corrida parou e ao levantar a vista comprovou surpreendida que haviam chegado a casa da senhorita Honeydew.

—Ah. —Ele virou para observá-la —agora está melhor. Tornou a rir. Queria perguntar a você por que é que gosta tanto de sua profissão. Mas, de novo, a chegada a nosso destino me impede de fazer isso. Espero que me responda no caminho de volta.

—Lorde Whitleaf —disse ela enquanto Peter saltava do assento e atava as rédeas na parte superior da cerca que rodeava o jardim—não acredito como possa interesar-lo minha carreira de professora.

Ele levantou os braços, a tomou pela cintura e a depositou no chão antes que ela tivesse tempo de procurar um ponto de apoio para os pés. Ele fazia com que se sentisse leve como uma pluma... e como sofresse um pouco de febre.

—Você, senhorita Osbourne —disse ele, sem retirar as mãos de sua cintura—, não pode saber o que me interessa ou o que deixa de interessar. Não é verdade?

Esperava uma resposta.

—Sim —reconheceu ela.

Ele a olhou sorrindo e a soltou.

Voltaram-se para cumprimentar a senhorita Honeydew, que tinha saído à porta principal para recebê-los. Era evidente que pôs seu melhor vestido e seu semblante irradiava felicidade.

Susanne pensou com temor que Frances estivesse enganada. Temia que o visconde de Whitleaf fosse muito perigoso.

CAPÍTULO 05

Depois trocaram as primeiras e efusivas saudações, que Peter calculou que duraram uns quinze minutos, saiu de novo para cuidar de sua pequena carruagem e de seus cavalos.

Então, ao observar que algumas tábuas estavam soltas na cerca e desde que não havia nenhum homem na casa que pudesse consertá-las, foi em busca de um martelo e alguns pregos, que encontrou no estábulo que servia também as vezes de abrigo para as ferramentas de jardinagem. Deixou sua jaqueta ali e reparou a cerca ele mesmo, quando a empregada veio até a porta do galpão para descobrir o que estava causando tanto barulho, olhou-o como se ele fosse o desventurado possuidor de duas cabeças.

Continuando, de qualquer maneira mesmo enquanto um pequeno e peludo terrier latia para ele sem cessar desde que chegaram, saltando a seu redor e inclusive tentando morder suas mãos e os tornozelos até que Peter o informou que caso o mordesse novamente tiraria a pele dele. Decidiu que o animal precisava de mais exercício do que oferecia um passeio pelo jardim. Localizou uma velha correia de couro no galpão, tirou as teias de aranha, a colocou no terrier e o levou a dar um tonificante passeio pelos estreitos caminhos rurais dos arredores, até que, de volta para casa, tirou a correia para que pudesse brincar e correr. O animal ficou entusiasmado ao descobrir espaços tão grandes e abertos e a liberdade de explorá-los livremente.

No estábulo, que foi construído para abrigar três cavalos e uma carruagem de reduzidas dimensões, só cabiam seus dois cavalos. A pequena carruagem teve que ficar de fora. Peter ordenou um pouco o lugar para criar mais espaço. Logo, posto que dava a sensação de que ninguém tinha utilizado uma vassoura nem um balde de água há muito tempo nesse novo espaço, varreu e esfregou o chão antes de jogar palha nova que cheirava a limpo, que achou empilhada atrás do edifício.

Quando entrou na casa pela porta da cozinha, sentia-se sujo e suado e bastante satisfeito em termos gerais. Tudo indicava que esta ia ser a tarde mais agradável das quantas que tinha passado desde que chegou a Hareford House.

Lavou as mãos e os braços com a água que a aflita empregada verteu para ele, abaixou as mangas da camisa, voltou a colocar a jaqueta —que não era tarefa fácil sem a ajuda de seu criado de quarto—e entrou na sala de estar, onde a senhorita Osbourne lia, mas em tom baixo enquanto a senhorita Honeydew permanecia sentada perto de uma poltrona, com a cabeça apoiada na almofada do respaldo, com os olhos fechados, a touca torcida e a boca aberta, roncando suavemente.

Peter e a senhorita Osbourne se olharam.

Ele saiu de novo para o corredor, esclareceu a garganta, esfregou o assoalho com suas botas manchadas de terra, agradeceu pela segunda vez e mais efusivamente a empregada pela água, e entrou de novo na sala.

A senhorita Osbourne fechou o livro e a senhorita Honeydew despertou e endireitou-se em sua poltrona. Ajustou a touca e sorriu de felicidade.

— Você tem uma voz maravilhosa para ler em voz alta, senhorita Osbourne —disse—. Poderia passar todo o dia escutando-a. E é magnífico que duas pessoas jovens tenham vindo tomar chá comigo. Espero que a tarde não tenha sido aborrecida, lorde Whitleaf, embora temo que sim. Não imaginam o que significa para mim a amabilidade que tiveram ao vir para ver-me. Devem estar desejosos de tomar o chá.

—A tarde não foi absolutamente aborrecida, senhora —respondeu ele, sentando-se—. Há um instante pensei que foi a tarde mais agradável que já passei desde minha chegada a Somerset.

—Você é um patife! —Exclamou a senhorita Honeydew aplaudindo de alegria e rindo alegremente.

Susanne Osbourne olhou para Peter com gesto de recriminação.

—Arderá no inferno por seus pecados —Falou uma hora depois que se despediram da senhorita Honeydew, que acenou da porta de sua casa e tomaram o caminho de volta para Barclay Court—. A tarde mais agradável desde que cheguei aqui! E o ouvi dando marteladas na parede, e a governanta sussurrou ao meu ouvido que você estava limpando o estábulo e ela não sabia o que fazer a respeito.

—Também levei o cachorro para dar um passeio —disse Peter rindo—. Supus que seus latidos a deixariam louca.

—Por que fez tudo isso? —Perguntou ela com um tom um tanto zangado.

—Porque não posso ficar sem fazer nada —respondeu ele—. Mas não penso que você acredite. Considera-me um folgado. Talvez eu tenha feito para impressioná-la.

—E ficou a adular à senhorita Honeydew sem cessar durante quase uma hora —disse ela—. Estava encantada, embora não acreditasse uma palavra do que voce disse. Sem dúvida entesourará este dia durante semanas e inclusive meses.

—E o que tem isso de mau? —Inquiriu ele—. Ela está muito sozinha, não é?

—Não tem nada de mau —respondeu ela, sem suavizar seu tom zangado—. Você é muito amável, extremamente amável.

Ah, de modo que estava zangada porque ele tinha demonstrado que estava pelo menos parcialmente errada sobre ele.

—Mas também frívolo e folgado —disse ele, de repente, percebendo que o singular perfume que tinha tentado identificar durante todo o caminho até a casa de campo não era um perfume mas o sabão. Não obstante, era muito sedutor. Igualmente era o calor que emanava da coxa e do braço de Susanne.

Ela não respondeu e ele riu.

—É impróprio de sua parte não me contradizer, senhorita Osbourne —observou ele—. O que lhe parece se aproveitarmos a viagem de volta para descobrir se possuímos algum ponto positivo que nos permita sermos amigos?

—Ou negativo—respondeu ela.

—Deduzo —disse ele—que pertence você à escola de pensamento do copo meio vazio, senhorita Osbourne, enquanto que eu pertenço a do copo meio cheio.

—Em tal caso somos incompatíveis —disse ela.

—Não necessariamente —respondeu ele—. As diferenças de opinião nos proporcionarão numerosos temas sobre o que discutir animadamente. Não há nada mais aborrecido que duas pessoas que estão de acordo sobre todos os temas e portanto não têm nada a dizer um para o outro.

Mas Peter não tinha a menor ideia do por que a noite passada pensou em como desejava ser amigo da senhorita Osbourne. Exceto que possivelmente não conseguiria convertê-la em uma flerte. Ela não consentiria..., e ele tampouco. Não importava flertar com mulheres pertencentes a sua classe social, que conheciam as regras do jogo. Mas desejava flertar com uma humilde professora —que para cúmulo foi uma aluna da caridade na escola onde agora dava aulas—, a quem podia ferir sem querer.

Mas não podia deixar de estar consciente dela. Céu santo, o que pensou mesmo há dois dias atrás , quando a viu pela primeira vez?

Aí está ela.

Essas palavras continuavam deixando-o desconcertado e fazendo com que ficasse estranhamente perturbado.

Seria uma provocação e uma novidade tentar cultivar amizade com uma jovem que não pensava nada bem dele e que afirmava que viviam não em dois mundos, mas em dois universos opostos.

Em qualquer caso, os desafios serviam para animar a aborrecida rotina da vida.

Não que a que rotina fosse sempre aborrecida. Às vezes Peter sentia falta de alguma coisa. Tinha crescido com ela e supunha que o acompanharia o resto de sua vida: uma aprazível rotina, o cumprimento do dever que ele mesmo se impôs em vez de impor aos outros, como ocorreu durante toda sua infância. Na realidade sempre esperou muito pouco de sua vida, tão somente uma espécie de paraíso formado por um lar, uma família e uma felicidade doméstica. A maioria de seus amigos teriam ficado horrorizados ao saber que pensava assim. Inclusive Raycroft, seu melhor amigo, teria ficado estupefato.

—Explique-me por que é apaixonada por sua profissão de professora. —disse ele.

Mais que ver, Peter intuiu que ela sorria.

—É algo que estou capacitada para fazer bem —respondeu Susanne—, e trabalho em excesso constantemente para melhorar. É útil e proveitoso.

—Parece-lhe proveitoso educar algumas meninas? —Perguntou ele, caso que a induziria a espraiar-se mais.

—As meninas têm uma mente igual a dos meninos —respondeu ela com firmeza—, o mesmo desejo de adquirir conhecimentos e somos igualmente capazes de aprender e compreender. É certo que quando ficam adultas a maioria delas levam uma vida para a que não requerem uma grande preparação, mas suspeito que para a maioria dos homens acontece o mesmo.

—Como a mim? —Perguntou Peter.

—Segundo o ditado —respondeu ela com aspereza— Cada um deve procurar achar a fôrma de seu sapato.

Ele riu.

—Mas a maioria dos homens sustentariam —disse—que o fato de educar às jovens, no pior dos casos lhes produz encefalite e no melhor as torna menos atraentes. Ou Talvez confundi o pior e o melhor.

—Suponho —respondeu ela—que esses homens sentem insegurança em sua masculinidade e temem que as mulheres possam eclipsá-los. Deve ser humilhante ter que perguntar a uma mulher a raiz quadrada de oitenta e um.

Era um encanto. Ele tinha observado já várias facetas distintas de seu caráter, mas nunca deixava de mostrar-se como uma professora escrupulosa. A raiz quadrada de oitenta e um!

—Ai! —exclamou ele mudando de fisionomia—.Mas quando aconteceria isso? A verdade é que não me ocorre. A propósito, qual é a raiz quadrada de oitenta e um?

—Nove —responderam ao uníssono.

Ele riu e depois de um tempo ela o imitou.

Peter ficou imaginando se Susanne seria consciente da deslumbrante combinação que formavam sua beleza e sua risada. Também ficou imaginando se ela riu com frequência.

Talvez com mais frequência do que ele suspeitou anteontem. Possivelmente contribuía com luz e alegria a essa escola de Bath.

—Mas seu dever não é me lançar todo tipo de perguntas difíceis e complicadas —disse assumindo de repente um gesto sério—. Minha masculinidade já é suficientemente frágil sem que você ponha a prova.

—Duvido —replicou ela com firmeza, depois do qual voltou a rir quando ele a olhou de soslaio com expressão melancólica.

Ele voltou a rir antes de entrar no caminho para o povoado que os conduziria à bifurcação e a Barclay Court.

— E se não me perguntei isso é por medo da resposta, senhorita Osbourne, não detecto nenhum sinal de encefalite em você, e certamente não é feia, mas muito pelo contrário.

—Preferiria —respondeu ela depois de um breve silêncio—, não tentasse lisonjear ou flertar comigo. Se quiser que sejamos amigos, fale-me com sensatez.

—Então, deseja que sejamos amigos? —Perguntou ele—. Muito bem. Serei sincero com você. Você precisa de toda atração. É uma figura miúda e magra, junto com uns cachos lustrosos e acobreados, olhos de cor verde mar e traços harmoniosos, não oferece o menor atrativo, como sem dúvida sabe.

Quando ele voltou a cabeça para olhá-la, comprovou que ela sorria com a vista fixa na estrada.

—Os amigos não têm por que não evitar a atração do outro —disse ele—. Conte-me no que ocupa seu tempo quando não dá aulas.

—Nota-se que sabe muito pouco sobre o mundo trabalhista, lorde Whitleaf —respondeu ela— Não há praticamente um tempo quando não estou ocupada com meu trabalho. Quando não estou no sala-de-aula, dedico a fiscalizar os jogos no campo junto à escola, a organizar peças teatrais, a corrigir exames O... O caso é que sempre tenho alguma para fazer. Mas, quando disponho de algum momento livre, geralmente na última hora da tarde, passo com minhas amigas, as outras professoras residentes. Estamos acostumadas a nos reunir na sala de estar de Claudia Martin. Ou às vezes, se ainda for dia e tenho a sorte de dispor de uma hora livre, saio para dar um passeio. Bath é uma cidade bonita. Há muito que ver nela.

Decididamente, procediam de universos opostos. Mas ele admirava que ela tivesse um propósito claro na vida.

—Agora é sua vez —disse ela—. Fale-me de você.

—Está segura que deseja que eu fale de minha vida vazia e ociosa? —Perguntou ele com expressão maliciosa.

—É você que acredita que pode existir uma amizade entre nós —disse ela—. Não pode haver amizade quando perguntas são formuladas somente por uma das partes. Fale-me de sua infância.

—Humm. —Depois de refletir por uns momentos, Peter respondeu—: Estava cheia de mulheres, que se tornou uma constante em minha vida, senhorita Osbourne. Meu pai morreu quando eu tinha três anos. . Infelizmente, não guardo nenhuma lembrança dele. Considero muito cruel da parte dele não ter esperado pelo menos outros dois ou três anos. Fiquei com minha mãe e cinco irmãs maiores. Imagino que meus pais perderam toda esperança em ter um herdeiro e sentiram uma grande alegria quando eu nasci. A essa altura

suponho que minhas irmãs também pensavam que uma família sem um herdeiro era uma família destinada ao desastre. A verdade é que nasci no momento certo para evitar isso. Quando criança, eu era o queridinho de todas as mulheres que me rodeavam. Para elas era perfeito. Adoravam-me, mimavam e consentiam tudo. Não existia outra criança mais afortunada que eu.

Ela voltou a cabeça e o olhou.

—De modo que não havia nenhum homem em sua vida? —Perguntou.

—Sim, vários —respondeu ele—. Houve tutores oficiais e outros que assumiram eles mesmos esse papel, os quais administravam minha propriedade, minha fortuna e minha pessoa e se encarregavam de tudo, desde minha educação até ler e responder às cartas que eu recebia. É obvio, tudo o que faziam era por meu bem. Eu era muito afortunado.

—Suponho —comentou ela—que não faziam nada diferente do que faria seu pai se fosse vivo.

—Exceto que teria havido uma relação paternal —respondeu ele—. Teríamos compartilhado afeições e sentimentos. Teria havido carinho entre nós.

Nesse momento Peter girou na bifurcação que havia no caminho. Geralmente nem sequer pensava nesses pensamentos tão tristes. De repente sentiu-se perturbado.

—Sentia falta de seu pai —disse ela brandamente.

Ele a olhou.

—A gente não pode sentir falta do que nunca teve, senhorita Osbourne —respondeu ele—. Nem sequer me lembro dele.

—Eu sentia falta da minha mãe —disse ela—. Morreu quando eu nasci.

Ah.

—É estranho que alguém sinta falta da pessoa que nunca conheceu —comentou ele—, ou que conheceu há muito tempo, que pouco se lembra. Minha mãe e minhas irmãs me alagaram de amor, mas não me bastava, desejava o carinho de um pai. Seu pai a queria?

—Certamente —respondeu ela—, mas eu tinha saudades de minha mãe. Sonhava com ela. Sempre a imaginava estendendo os braços para me abraçar e sempre ouvia sua voz, inclusive percebia o perfume das rosas quando ela estava perto. Mas nunca conseguia ver seu rosto. É estranho, não? Às vezes, até mesmo a imaginação é decepcionante. Que tolice!

Susanne desviou o olhar e parou de falar e Peter supôs que, por ter revelado esses destalhes sobre a menina que tinha sido, ficou tão perturbada como ele ficou há alguns minutos.

Nenhum dos dois voltou a mencionar o assunto, pois chegaram a Barclay Court e viram Edgecombe e à condessa atravessar a grama em frente à casa para os receber.

Mas Peter intuiu que algo sutil tinha acontecido entre eles.

Possivelmente tudo.

Haviam compartilhado confidências íntimas e ele já não poderia voltar a conversar sobre coisas banais com ela. Dito de outro modo, ambos deram um passo para uma mútua amizade, tal como ele desejou. Não obstante, esse fato o fez sentir um tanto incômodo. Sentia-se mais seguro conversando sobre banalidades. E flertando.

—Senhorita Osbourne —disse quando parou o veículo pouco antes que os amigos aproximassem—, acredita que é possível que sejamos amigos?

—Só estaremos aqui outros doze dias —respondeu ela.

—Vejo que a trouxe de volta sã e salva, Whitleaf —disse Edgecombe aproximando-se do veículo e estendendo uma mão para ajudá-la a descer—. Parabéns. Se não fosse assim, Frances teria ficado aborrecida com você.

—E você, Susanne, não parece tão assustada como quando partiu daqui —disse a condessa—. Aproveitou bem o passeio? E a visita?

Peter declinou o convite para entrar na casa e tomar um refresco . Disse que o esperavam em Hareford House e partiu depois de despedir-se deles.

Desta vez, conforme ele observou, Susanne Osbourne não entrou apressadamente na casa sem voltar-se para olhá-lo. Ficou com os outros dois para vê-lo partir.

Também observou que ela não disse que era impossível serem amigos.

Ou que era possível.

Ao partir em sua carruagem de dois cavalos ocorreu a Peter que possivelmente teria sido preferível que Susanne tivesse protestado. Não estava seguro que essa amizade fosse conveniente.

***

Susanne ficou surpreza ao notar o quanto a tarde foi boa, não só no momento que esteve com a senhorita Honeydew, mas também toda a tarde.

Surpreendeu-se ainda mais ao comprovar que o visconde de Whitleaf a cansou menos desta vez. Alem de ser um homem superficial que só gostava de flertar com cada mulher que encontrava, possuia também um agudo senso de humor. O que era mais importante, era um homem bondoso e não um total ocioso. Ficou perto da senhorita Honeydew e limpou o estábulo. Levou ainda o seu agressivo mascote para um passeio. Procurou não envergonhar à anciã ao encontrá-la dormindo em sua poltrona enquanto ela estava lendo em voz alta. E, por último, a pedido dela, comeu três dos pasteis que a governanta afirmou que eram sua especialidade, embora sem dúvida tinha notado no primeiro momento que estavam meio crus e frios no centro.

Descobriu, incapaz de resistir a perguntar sobre sua infância, como se não soubesse nada sobre ela, que tinha sido mimada e estragado por sua mãe e suas irmãs Portanto, não era culpado do que ocorreu ao pai dela. E ela não podia culpá-lo simplesmente por ter o nome Whitleaf.

Mas embora sua atitude ficasse mais suave com relação a ele, Susana não via possibilidade de serem amigos. Era uma ideia absurda. Não tinha absolutamente nada em comum.

Entretanto, a ideia não deixava de ser atraente. Ela nunca teve um homem como amigo. O senhor Huckerby e o senhor Upton, o professor de arte, não eram amigos, embora apenas colegas com quem compartilhava um respeito mútuo. E o senhor Keeble era só um conhecido que apreciava, uma figura paterna que tomava conta da porta da escola e afugentava a todo lobo imaginável.

Nos dias posteriores observou outros detalhes que confirmavam a bondade de lorde Whitleaf. Uma noite, depois de jantar na casa dos Raycroft, ele se ofereceu para ocupar um lugar vazio na mesa de cartas que ninguém queria ocupar, embora soubesse que teria como parceiro à anciã senhora Moss, que além de surda, demorava tomar uma decisão e quando o fazia, sempre jogava a carta errada. Embora os dois perdessem as cinco mãos que jogaram,

Whitleaf conseguiu divertir os outros jogadores e convencer à senhora Moss que foi sua própria falta de jeito com as cartas que havia causado a derrota de ambos.

E no domingo, depois de ir à igreja, Susanne ouviu o vigário saudar a senhorita Honeydew e dizer a ela o quanto o agradava vê-la na igreja mesmo depois da chuva que caiu há pouco tempo, ouviu também a senhorita Honeydew dizer ao vigário que o visconde de Whitleaf foi apanhá-la cedo em uma carruagem fechada para dar tempo a ela de arrumar-se e chegar com pontualidade à igreja.

Oconde de Edgecombe contou a Frances e a Susanne uma manhã, depois de acompanhar o senhor Raycroft e o visconde a visitara uma fazenda, que ao passar em frente das moradias dos trabalhadores e parar para visitar um dos seus empregados que havia sido gravemente ferido na mão na semana anterior, o visconde havia se afastado para falar com algumas das mulheres que estavam fora de suas casas cuidando das roupas que tinham lavado, pois era segunda-feira. Meia hora mais tarde o tinham encontrado, sem jaqueta e sem chapéu, em uma escada que sustentavam uma mulher e dois meninos, esticando uma corda que quase roçava o chão devido ao peso da roupa molhada estendida nela. Todas as mulheres e as crianças da vizinhança estavam amontoados a seu redor, aconselhando-o como fazer.

—E como é natural —acrescentou o conde rindo—, todos o olhavam com admiração, enquanto Whitleaf quase os matava de rir com suas piadas.

Então tinha esquecido que desejava ser seu amigo.

Ela o via todos os dias. Não passavam nunca mais de meia hora a sós. Peter era muito discreto para colocá-los em evidência, e embora não tivesse feito, teria feito ela. Susanne não queria suscitar falatórios na vizinhança. Nem que Frances ficasse inquieta. Mas quase sempre quando se encontravam ele bolava um meio de trocar umas palavras com ela em particular ou afastá-la do resto do grupo para que pudessem conversar a sós por um momento.

Ela esperava com impaciência esses breves momentos, os quais constituíam os momentos mais importantes de sua estada em Somerset.

Depois de jogar cartas com a senhora Moss na casa dos Raycroft após o jantar, por exemplo, ele aproximou-se de Susanne e perguntou se desejava que ele trouxesse uma xícara de chá e quando ela aceitou, propôs-lhe que o acompanhasse, caso Dannen a desculpasse por uns momentos, para que ele pudesse ter a certeza de que acrescentaria a quantidade adequada de leite e açúcar.

Susanne estava sentada ao lado do senhor Dannen durante uma hora, escutando suas histórias sobre seus antepassados escoceses, algumas das quais já tinha ouvido em outras ocasiões.

—Notei que começava a ficar aborrecida —disse o visconde de Whitleaf.

—Não é verdade! —protestou ela indignada—. Não sou tão grosseira.

—Mas é interessante observar —disse ele—que não nega que poderia ficar aborrecida. Em qualquer caso, resgatei-a. Para que servem os amigos?

Ela riu, e conversaram durante um momento ao lado da bandeja de chá até que o senhor Crossley e a senhorita Krebbs juntaram-se a eles.

Uma tarde lorde Whitleaf foi de carruagem a Barclay Court com a senhorita Raycroft e seu irmão, e os três tomaran chá. Mas quando o senhor Raycroft preparou-se para partir, sua irmã disse que desejava ver umas aquarelas de Viena que a condessa havia trazido da

Europa e prometeu mostrar posto que Alice Hickmore passava o inverno ali. O senhor Raycroft sentou novamente para prosseguir sua conversa com o conde, Frances levou a senhorita Raycroft a seu quarto e o visconde de Whitleaf convidou Susanne para ir com ele ao terraço, até que seus acompanhantes estivessem dispostos a partir. A pedido de Susanne, falou sobre seus anos em Oxford, onde estudou os clássicos. Por isso, dava a impressão que havia se esforçado para estudar, e que não só aproveitou esses anos longe de seu lar para correr de uma farra atrás da outra e gozar da vida.

A opinião que Susanne tinha sobre ele melhorou notavelmente.

O dia seguinte amanheceu com um vento frio, mas Susanne e Frances decidiram ir andando até o povoado para fazer exercício, respirar o ar puro e para que Frances entregasse uma cesta de comida a uma antiga governanta de Barclay Court que celebrou seu octogésimo aniversário no mês passado, quando ela e o conde ainda estavam ausentes. Susanne queria comprar uma fita para debruar o velho vestido que ia usar na festa do povoado.

Ao explicar o que pretendia fazer, ao Visconde Whitleaf, o que foram fazer ali, quando o encontraram enquanto este passeava pela rua do povoado, depois de levar duas das irmãs Calvert para casa, este propôs a Frances que fosse entregar a cesta enquanto ele acompanharia Susanne à loja, onde a jovem realizou suas compras antes que ele a levasse a hospedaria do povoado para tomar um copo de limonada e um pão-doce.

Queria ele acompanhar as duas no retorno a Barclay Court, e quando Frances protestou, ele insistiu em seu oferecimento, dizendo que nunca podia negar o prazer de levar duas damas, uma em cada braço enquanto passeava, e que confiava e que não lhe negariam esse prazer.

—Deus me livre de causar semelhante consternação à você —respondeu Frances rindo, tomando um braço enquanto Susanne tomava o outro braço dele.

—. Obrigado.

Ele falou com Frances sobre música, incluindo Susanne na conversa.

Esta compreendeu que quando queria, ele podia ser um excelente conversador. E que era muito instruído.

Susanne talvez estivesse um pouco decepcionada com a amizade de Peter. Isso devia-se ao fato de que o visconde de Whitleaf não havia pedido para que ela reservasse nenhuma dança para ele. Estava comprometido para as quatro primeiras danças, conforme recordou ter ouvido no dia em que se conheceram. Possivelmente tivesse também comprometido outras danças.

Ou talvez os amigos não sentiam a necessidade de dançar juntos.

Ninguém a pediu ainda para que reservasse uma dança. Ela estava quase certa de que o conde dançaria com ela, e provavelmente também o senhor Raycroft. Possivelmente o senhor Dannen também. Mas seria maravilhoso —uma delícia incrível— dançar com o visconde Whitleaf.

Seria algo digno de contar a suas amigas, era algo que ia lembrar pelo resto de sua vida. E se ainda por cima fosse a valsa...

Mas Susanne não quis dar mais importância a esse pequeno desengano. Estava certa de que estas férias alegraria seu espírito durante todo o curso de outono na escola. Não podia pedir mais.

Possivelmente ele pediria a ela que reservasse uma dança à noite.

Ou, caso tivesse todos as danças comprometidas, possivelmente procuraria pelo menos um momento para conversar com ela para que não se sentisse a feia do baile.

Não importava. O caso era que tinha feito amizade com um cavalheiro. Que histórias tão assombrosas poderia compartilhar com Claudia e Anne quando retornasse a Bath.

De qualquer forma, as férias ainda não acabaram.

CAPÍTULO 06

Todos os vizinhos foram convidados para um piquenique à tarde em Barclay Court, e por sorte o bom tempo reapareceu para a ocasião depois de alguns dias nublados, e com ventos frios.

Peter estava passando muito bem face a lembranças de uma carta afetuosa, embora sutilmente crítica, que recebeu aquela manhã de sua mãe, cuja festa de vários dias que organizou em casa, acontecia sem sua presença. Caso estivesse neste momento em Sidley Park, pensou ele, possivelmente, participaria do mesmo tipo de evento que acontecia aqui. Salvo que saberia que uma das jovens presente, foi selecionada como possível esposa para ele: a senhorita Rose Larchwell. E que o olhar afetuoso e ansioso de sua mãe o seguiria a todos os lugares. Ali sentiria o peso entristecedor de sentir-se adorado por alguém a quem perdoou, embora não tenha esquecido a ofensa.

Talvez tivesse sido preferível não ter perdoado, ou tê-lo feito com reservas. Possivelmente devia expor a sua mãe com clareza que não aceitaria mais intromissões em sua vida, e menos ainda como casamenteira. Possivelmente devia dizer que ela não podia continuar vivendo em Sidley. Mas sua mãe mostrou-se profundamente desgostosa, por ele e por si mesma. E nessa época tinha só vinte e um anos. De resto, amava-a e continuava amando-a. E era sua mãe.

De modo que sua mãe parecia acreditar, que sua missão na vida era expiar sua culpa, arranjar-lhe uma esposa em lugar daquela que ele perdeu por culpa dela.

Peter deixou de pensar no que estaria ocorrendo em Sidley e concentrou-se no que acontecia em Barclay Court. Aqui podia relaxar e se divertir com quem escolhesse, ou com a pessoa que ele escolhesse.

O local escolhido para o piquenique era uma grande clareira gramada junto a extremidade de um enorme lago, a certa distância da casa. Havia uma pitoresca ponte de pedra de três arcos que unia suas bordas. Abaixo dela corriam as agitadas águas de um rio que desembocava no lago. No centro da ponte, onde Peter parou por um momento as primeiras horas da tarde com as senhoritas Raycroft, Mary Calvert e Krebbs, Via-se o fluxo agitado do rio originado por uma cascata situada entre as árvores junto a este. Peter admirou a cena enquanto conversavam sobre a próxima festa do povoado.

No outro lado do lago havia um pitoresco pavilhão octogonal de madeira. Mais tarde Peter foi ali com Finn, a senhorita Calvert, a senhorita Jane Calvert, a senhorita Moss e seu irmão. Sentaram-se no interior do edifício um momento, admirando a vista, conversando animadamente e rindo de boa vontade.

Boa parte da conversa que sustentaram ali girou também em torno da festa, que todos esperavam com todos esperando com impaciência e antecipação. Aparentemente, era a primeira desde o Natal passado.

Quando retornaram ao local do piquenique, Peter sentou um momento sobre uma das mantas que foram dispostas no chão para os convidados, conversando com a condessa de Edgecombe e alguns de seus vizinhos mais antigos. Em resposta a suas perguntas, esta lhes contou alguns pormenores de sua recente turnê europeia, durante a qual ofereceu recitais de canto.

O céu estava limpo e apresentava uma cor azul maravilhosa, o sol emitia um calor morno em vez de sufocante. Soprava uma grata brisa. Em suma, fazia um dia de verão perfeito.

De repente decidiram dar um passeio de bote. Havia quatro, desenhados para ser ocupados somente por duas pessoas, a que remava e um passageiro, embora Peter comprovou que já estava em um como remador e duas damas já estavam apertadas no assento em frente a ele. Mas não se queixou. O que poderia fazer quando poderia admirar um par de senhoritas em vez de uma? Com seus vaporosos vestidos de verão, ofereciam um aspecto mais que apetecível. E ficou claro que todos gostaram da circunstância incomum que um belo dia de verão pela primeira vez coincidiu com um evento ao ar livre.

— A última vez que fomos convidados para um piquenique —comentou a senhorita Mary Calvert, deslizando uma mão através da água—, choveu muito todo o dia e toda a noite. Lembra-se, Rosamond? Foi na época da aposentadoria do antigo vigário e tivemos que nos refugiar na casa do pároco e ocultar a tremenda decepção que sofremos.

Peter não falou com Susanne Osbourne durante toda a primeira hora. Cada dia desde que visitaram a casa da senhorita Honeydew tinha desejado procurar uma forma de passar um momento com ela, mas cada dia que passava compreendeu a necessidade de que seus encontros fossem breves posto que não podia inclui-la no grupo de jovens damas que estavam acostumadas a rodeá-lo sempre, já que não a agradava a frivolidade das conversas em grupo. Ter uma amiga do sexo feminino representava uma novidade para ele, mas sabia que se não mostrasse cautela com o interesse que mostrava para com a senhorita Osbourne podia ser interpretado mal pelos outros. De modo que procurava não dirigir-se imediatamente a ela em nenhum evento, e quando o fazia, não passava mais de meia hora em sua companhia.

A primeira hora da tarde, quando chegou, a saudou no terraço com uma inclinação de cabeça, fazendo um comentário corriqueiro sobre o tempo para ver a expressão de regozijo que refletiam seus olhos, depois do qual saiu para falar com outra pessoa. A partir de então dedicou-se a aproveitar o piquenique, como ela.

Oreverendo Birney, o jovem vigário loiro de rosto bonito, a levou para dar um passeio perto do lago enquanto conversava com ela sobre temas sérios. Peter os observou.

O chato do Dannen a levou para dar um passeio a pé pela margem junto com Raycroft e a condessa. Logo a reteve de pé junto ao lago durante quinze minutos depois que os outros dois retornaram para o gramado. Peter calculou o tempo que durou o monólogo de Dannen.

Crossley, um viúvo de quarenta e tanto anos, entregou a Susanne um copo de limonada quando esta retornou e ficou sentado a seu lado durante um momento,

mostrando diversos pontos do panorama com amplos gestos do braço. Peter não tirou olho o olho dele.

De repente ocorreu a ele que a opinião da senhorita Osbourne sobre suas perspectivas matrimoniais era excessivamente pessimista. Mesmo que fosse pobre e precisasse de dote, havia atraído a atenção de praticamente de todos os solteiros da vizinhança. Mas era uma jovem muito sensata para casar-se com Dannen e muito alegre para considerar Birney como possível pretendente. E Crossley era muito velho para ela, pois poderia ser seu pai.

De fato, o mero feito de que a senhorita Osbourne casasse com qualquer um desses pretendentes causou em Peter uma absurda irritação. Agora era ele quem estava se mostrando pouco razoável. Sem dúvida, um casamento relativamente aceitável era preferível a uma vida de professora solteirona. Pelo menos, sabia que isso era o que diziam suas irmãs.

Mas enquanto estava distraído com esses pensamentos, ignorando às damas que tagarelavam a seu redor, alguém propôs organizar um jogo antes do chá, e então um coro de entusiastas vozes fizeram-se ouvir, dando diversas sugestões, de uma partida de críquete até brincar de esconde esconde. O críquete foi descartado a menos que alguém retornasse para casa para buscar o equipamento necessário. Além disso, a senhorita Moss queixou-se, apoiada por boa parte das damas, que o críquete era um jogo para homens. O jogo de esconde-esconde não era prático, posto que o arvoredo junto ao lago não era o suficientemente frondoso e havia poucos lugares onde ocultar-se. As demais sugestões foram também rejeitadas por um motivo ou outro.

Tudo indicava que não poderiam organizar nenhum jogo antes do chá, até que a senhorita Osbourne propôs:

— O que vocês acham de uma regata?

Sua proposta foi acolhida com entusiasmo, até que se elevou a inevitável voz discordante.

—Há poucos cavalheiros para remar —apontou a senhorita Jane Calvert—. Algumas de nós teria que ficar apenas observando.

As outras damas a olharam com visível contrariedade, imaginando que ficariam entre as excluídas.

—Mas quem disse —perguntou a senhorita Osbourne— que os únicos que podem se divertir são os homens? Eu me referia a uma regata em que todos são remadores e nenhum passageiro.

—Que novidade! —Exclamou Moss, rindo.

—É a melhor ideia que ouvi em toda a tarde, Susanne —disse a condessa.

Peter cruzou os braços e franziu os lábios.

—Mas eu nunca remei em um bote —protestou a senhorita Raycroft.

—Nem eu —queixou a senhorita Krebbs—. Não poderia...

—Então teremos que pensar em outra coisa —atravessou a senhorita Mary Calvert.

Mas a senhorita Osbourne elevou de novo a voz, com mais firmeza que antes.

—Como? —Olhou o círculo agrupado que se reuniu para escolher um jogo e Peter observou divertido que Susanne, esquecendo onde estava, assumiu seu acostumado papel de professora que tenta incentivar as alunas poucos entusiasmadas—. Vamos desperdiçar a ocasião de empunhar os remos nós mesmas e demonstrar que não somos uns meros

adornos decorativos e nos contentar somente como passageiras? Não queremos nos esforçar em vencer os homens?

—Que novidade —repetiu Moss, enquanto Peter sorria e captava uma expressão idêntica no rosto de Edgecombe.

—Vencer os homens? —Exclamou de novo a senhorita Krebbs com tom um tanto histérico. Parecia como se estivesse a ponto de desmaiar.

Outras jovens riam, e pareciam interessadas na proposta.

—Só há quatro botes —mostrou a senhorita Osbourne—. Teremos que organizar provas eliminatórias, através do lago até o pavilhão e de volta até aqui. As mulheres competirão entre si e os homens entre eles. Ao final haverá uma corrida entre o vencedor e a vencedora. Então veremos a capacidade da mulher para derrotar o homem.

Tinha as faces vermelhas, os olhos faiscantes e transbordando de energia e entusiasmo; era uma líder nata, pensou Peter, olhando-a intrigado e não pouco deslumbrado. Tudo indicava que ia se dar bem. Face à reserva com que a maioria das jovens acolheu a proposta inicial —sobre tudo ao saber que não iam ser meras passageiras nos botes—, agora quase saltavam de entusiasmo e impaciência para que começasse a regata.

—Este vai ser o melhor piquenique da história —declarou a senhorita Mary Calvert com juvenil exagero enquanto dirigia a Peter um radiante sorriso.

A senhorita Osbourne disse-lhe que era a professora de esporte na escola? Peter acreditava recordar que ela havia dito algo a respeito, embora nesse momento não havia prestado atenção. Uma professora de esporte? Mas existia semelhante coisa como uma professora de esporte em uma escola para meninas?

Durante uma hora na borda do lago houve mais saltos e pulos, aplausos, gritos, risos e brincadeiras que a mostra de destreza na água. Algumas disputas foram competitivas: a senhorita Calvert venceu por pequena margem à condessa, embora a senhorita Moss e a senhorita Mary Calvert ficaram atrasadas, um resultado motivado pelo fato de que ambas moviam-se tanto em círculo como em linha reta e nenhuma delas era capaz de deixar de rir. Raycroft derrotou Dannen por uma pequena margem, depois de superar a distância que o separava em uma virada dramática, enquanto que Finn e Moss ficaram para trás, aproximadamente à distância de um bote. Alguns ganharam por uma esmagadora vitória, por exemplo a senhorita Osbourne em sua eliminatória e Peter na sua. Susanne venceu também à senhorita Calvert na eliminatória das mulheres, e ele derrotou Edgecombe na dos homens, embora só pela metade do comprimento de um bote.

De modo que tudo dependia da última regata e todos, sem exceção, reuniram-se na beira do lago, embora a condessa tenha declarado entre risadas que todos deviam estar esfomeados e no entanto, todos rejeitaram o convite para comer naquele momento. Não obstante, prometeu-lhes oferecer um chá assim que ficasse proclamado o ganhador.

—Não acredito que ganhe senhorita Osbourne —comentou Raycroft em tom jovial, mas com uma lamentável falta de tato e galanteria.

A senhorita Raycroft deu nele uma cotovelada e as outras damas elevaram suas vozes em uníssono manifestando indignação. Peter e Susanne riram. Ele a olhou sorrindo e ela devolveu o olhar com expressão de esperança e determinação.

Mostrava um aspecto extremamente miúdo e frágil que contrastava com a dureza da competição. E irresistivelmente atraente. Havia algo muito atraente em uma mulher esportista, pensou Peter surpreso.

As jovens pareciam não saber a quem apoiar. Resolveram o problema aplaudindo, saltando e ovacionando de forma indiscriminada os dois competidores. A maioria dos assistentes mais velhos dedicaram-se a oferecer conselho à senhorita Osbourne, que subiu em um dos botes com ajuda de Edgecombe. Boa parte dos cavalheiros se mostravam descaradamente partidários de Susanne.

— É melhor vencer, Whitleaf —disse Moss—. Do contrário será uma humilhação tremenda para todos nós.

—A honra de nosso sexo descansa sobre seus ombros, Whitleaf —apostilou Crossley.

—Acredito que deve procurar não ganhar, milorde —recomendou o reverendo Birney—. Em honra a bravura de um cavalheiro e essas coisas.

Mas esta sugestão foi acolhida com uma explosão de vaias por parte dos homens e um coro de indignados protestos por parte das damas.

Susanne Osbourne empunhou os remos e flexionou os dedos para agarrá-los com firmeza.

Todos retrocederam um passo, Edgecombe indicou aos opositores que se preparassem, ouviram-se umas vozes prementes impondo silêncio, e os dois rivais partiram.

Peter sorriu olhando ao outro bote assim que se afastaram da borda, mas a senhorita Osbourne estava concentrada no manejo dos remos. Ela aprendeu muito durante a última hora, observou ele. Aprendeu a não afundar os remos muito profundamente na água, pois reduzia a velocidade em lugar de aumentá-la. Deslizava-se sobre a superfície a um bom ritmo e sem muito esforço. Era assombrosa a força que possuíam esses braços miúdos e de pele clara. A aba do chapéu de palha dela agitava-se sobre a brisa.

Peter não contou a ninguém —e Raycroft não divulgou seu segredo— que havia pertencido à equipe de regatas em Oxford. Nem sequer teve que esforçar-se para competir com os homens. Manteve seu bote ligeiramente diante do da senhorita Osbourne quando aproximaram-se do pavilhão, que marcava a metade do percurso. Ela fez girar sua embarcação manobrando-a sem cometer nenhuma estupidez.

Peter ouviu sonoros gritos e exclamações procedentes da margem oposta.

Susanne sorriu para ele. Olhou para ela enquanto endireitava o bote para o trajeto de volta e devolveu o sorriso, detendo-se por um momento.

—Caso se atreva a mostrar-se condescendente comigo deixando que eu ganhe —gritou ela—, não o perdoarei jamais.

—Deixar você ganhar? —Ele arqueou as sobrancelhas e as moveu com gesto de assombro—. Como poderia viver com a humilhação de ter sido derrotado por uma mulher?

Peter empunhou de novo os remos com firmeza e voltou a passar na frente dela, enquanto os gritos da margem adquiriam um tom febril. Quando a corrida estava a ponto de terminar ele virou-se para ela sorrindo satisfeito, decidido a fazer um último esforço e passar na frente dela no minimo pelo comprimento de um bote. Mas virou no momento mais inoportuno. Uma repentina rajada de ar inclinou seu chapéu para frente, fazendo com que caísse sobre um olho de forma um tanto cômica. Peter elevou apressadamente a mão para salva-lo da ignominiosa sorte de cair na água e em vez do chapéu perdeu o remo.

Não que este afundasse na água, mas sim ficou enganchado na cavilha do bote e teve que lutar com ele para endireitá-lo. Enquanto isso, seu bote saiu um pouco de seu rumo.

Susanne Osbourne propôs-se também a realizar um último sprint, como Peter não demorou para descobrir, e estavam tão próximos à margem do lago que ele não teve tempo de alcançá-la.

Então ela ganhou por um triz.

Ambos riram muito quando ela virou o corpo para olhar Peter fazendo um gesto triunfal; Seu aspecto era tão deslumbrante e cheio de vitalidade que ele teria estado disposto a conceder mil vitórias se ela tivesse pedido. Embora com certeza, não havia concedido a Susanne esta. Foi uma vitória limpa, embora ele poderia ter impedido isso caso não tivesse perdido tanto tempo virando-se para olhá-la sorrindo satisfeito.

O voto feminino, como descobriu Peter, abandonou-o em favor da campeã das damas. Estas conduziram Susanne em clima de triunfo para as mantas, onde as esperavam cestas de comida do piquenique.

—Devo morrer agora mesmo de humilhação? —Perguntou Peter sorrindo a Edgecombe, que segurava o bote enquanto ele desembarcava;

—Acredito que é melhor que morra agora, Whitleaf —disse desgastado—. Nosso sexo jamais superará a vergonha da derrota nesta comarca, meu amigo. Não me surpreenderia que a notícia aparecesse na imprensa londrina e não pudesse voltar a aparecer por lá.

—Mas deu muita alegria às damas —disse Edgecombe dando uma palmada no ombro de Peter—, e isso é o melhor que pode aspirar um homem. Mais agora deve comer ou Frances ficará ofendida.

—Devo dizer —atravessou Crossley—, que por ser uma mulher tão miúda a senhorita Osbourne demonstrou uma extraordinária habilidade com os remos.

As jovens compadeceram-se de Peter quando este sentou para tomar chá. Algumas delas postaram-se a seu lado, assegurando a ele que sem dúvida teria ganho a regata caso não estivesse a ponto de perder o chapéu. Mas a menção de tão abafadiço incidente fez com que todas prorrompessem em gargalhadas enquanto rivalizavam entre si tentando descrever a expressão de Peter no momento em que tal fato ocorreu.

Ele riu também.

Susanne Osbourne estava sentada em outra das mantas. Ele não podia ouvir o que dizia, mas esteve atento nela em todo o momento. Por fim compreendeu que não podia esperar mais. A regata não contava como um momento que tivessem passado a sós. Supôs que pouco depois do chá os convidados começariam a dispersar-se. Ficaria louco caso desperdiçasse esta oportunidade e não mantivesse com ela uma conversa.

Peter levantou-se sorrindo para as jovens, antes que alguma delas ficasse de pé também.

—Devo reconhecer humildemente minha derrota perante a senhorita Osbourne —disse.

Ela levantou a vista quando Peter caminhou para seu grupo e sorriu.

—Senhorita Osbourne —disse ele—rogo que dê um passeio comigo e permita-me que a felicite por sua vitória. Sofri uma derrota esmagadora.

Peter estendeu a mão e ajudou Susanne a levantar-se.

—Obrigada —disse ela alisando a saia do vestido—. Foi sim.

Em seguida riu e aceitou o braço que ele oferecia.

Peter pensou que o encanto da tarde estava completo: o céu parecia mais azul, o sol mais brilhante e o ar mais quente.

Era uma lástima que um homem e uma mulher não pudessem cultivar sua amizade a distância. Quando partissem daqui não poderiam corresponder-se, pois seria impróprio. E só restavam cinco dias para terminar as férias dela. A partir daí era pouco provável que voltassem a se ver.

Maldição! Ele lamentava ter que despedir-se dela.

Não obstante, cinco dias eram cinco dias e não quatro; acaso não havia descrito para ela como um homem que mantinha diante da vida a atitude de um copo meio cheio? Além disso, possuíam o resto da tarde. Supôs que não chamariam a atenção de ninguém caso passasse meia hora com a mulher que o havia derrotado na regata.

Sim, hoje permitiria a si mesmo o luxo, de passar meia hora com ela.

A conduziria para a ponte.

CAPÍTULO 07

Susanna havia gostado do piquenique, especialmente a última regata de botes. Como é natural, sabia que se o visconde de Whitleaf quisesse, teria conseguido alcançar a linha de chegada muito antes que ela e inclusive teria girado mais rápido diante do pavilhão, embora também sabia que não se propôs a deixá-la ganhar. A satisfação de ganhar foi imensa.

Aproveitou cada momento da tarde, mas enquanto andava para a ponte, de braço com o visconde, não pôde deixar de reconhecer que sua felicidade agora era completa. Por fim, ia passar um momento a sós com seu novo amigo.

Com certeza isso era muito bom. Quando ele estava presente sempre havia risadas e bom humor. Entretanto, quando estavam juntos sempre havia algo mais que risadas e bom humor. Susanne sentia que começava a conhecê-lo como pessoa e descobrir que não era tão superficial e egocêntrico como imaginava a princípio. E acreditava que o interessava como pessoa, não só como outra de tantas mulheres com um rosto bonito.

Havia algo mágico, pensou Susanne, em descobrir uma nova amizade em um lugar tão inesperado.

—Suponho —disse— que esta tarde não foi a primeira que remou em um bote.

—Certo —reconheceu ele.

—Embora também acredite —prosseguiu ela— que quando era menino não permitiam que fizesse isso.

—Como adivinhou? —A olhou sorrindo—. Pelo menos, quando estava em casa. Na escola e na universidade fiz muitas coisas que em casa não me permitiam, apoiando-me na teoria de que o que minha mãe e minhas irmãs não eram lhes causar grande consternação.

Susana lembrou que em uma ocasião uma de suas irmãs o havia tirado da margem do lago, quando ele tentava pescar com a vara de pescar dela, temendo que pudesse cair na água. Um garoto curioso e ativo e que não permitiam que ele sentasse na beirada do lago sustentando uma vara de pescar.

—Não recordo a última vez que me venceram em uma regata —disse ele quando subiram a ponte—. Meus mais sincero parabéns!

Ela riu.

—Alguém tem que baixar suas glorias.

— Você é cruel —replicou ele—. Recorde que confessei a voce que me venceram em uma corrida de carruagem.

—Com folga —apostilou ela—. Pergunto-me com quanta folga. Uma distância de dez metros? Cem? Um quilômetro?

—Às vezes —comentou ele—acredito que tem uma língua tão afiada que pode cortar um pedaço de carne dura.

Ela voltou a rir.

—E você, remou antes desta tarde? —perguntou ele—. Por favor, diga sim. Se você responder não a minha humilhação será completa.

—Algumas vezes, há muito tempo, quando ainda era uma criança —respondeu ela—. Mas não havia tornado a fazer.

—Onde? —perguntou ele.

—Onde eu cresci—respondeu ela vagamente. Ao chegar na metade da ponte ambos pararam ao mesmo tempo. Ela havia atravessado a ponte em outras ocasiões, durante sua última visita a Barclay Court, mas esta tarde não teve a oportunidade até agora. O sol brilhava sobre eles de um firmamento espaçoso. Susanne sentiu que a leve brisa refrescava sua face. Ouviu o murmúrio do rio que corria embaixo da ponte. Caso voltasse a cabeça veria o resplendor do sol sobre a água às suas costas.

Todos os seus sentidos estavam atentos. Sentia o calor que emanava do corpo dele. Percebia o aroma de sua colônia. Era uma sensação intensamente agradável. Sentia-se embargada de felicidade.

—Há alguns momentos, quando estava sentado no pavilhão —disse ele—, observei que o reflexo da casa aparecia perfeitamente desenhado nas águas do lago. É evidente que o paisagista escolheu com grande cuidado esse lugar. Devia ser um professor em sua arte.

—Sem dúvida —respondeu ela.

—Acredita que esta cascata também foi colocada de forma tão artística como o pavilhão? —Perguntou ele—. Situada nesse preciso lugar para obter o máximo efeito visual daqui?

—Possivelmente foi a ponte que o artista colocou neste preciso lugar —respondeu ela.

—Ou ambas as coisas —disse ele—Apostaria que foram ambas as coisas.

—Mas é possível dispor a natureza deste modo? —Perguntou ela.

— Sim, isso parece absurdo—. Respondeu ele— Não estamos acostumados a plantar flores e hortaliças em canteiros e fileiras rigidamente dispostas para nossa conveniência e prazer? Por que não poderíamos criar uma cascata se desejamos? Manipulamos a natureza constantemente. De fato, frequentemente cometemos o engano de acreditar que somos seus donos. De repente acontece uma tormenta que arranca os telhados de nossas casas, alagando-as, nos recordando o pouco controle que temos sobre os elementos e quão indefesos estamos diante deles. Observou que as grandes estruturas que foram abandonadas antigamente não demoram para ser reclamadas de novo pela natureza? As flores silvestres crescem nas gretas dos muros de castelos antes inexpugnáveis, e a grama cresce nos pisos dos palácios onde antigamente os reis tratavam com toda a pompa a elite de um império.

—Esse pensamento me parece mais reconfortante do que preocupante —respondeu ela—. Ouvi dizer que algumas áreas da zona rural estão ficando estragada devido ao dejetos

das minas de carvão e outros resíduos industriais. Imagino que essas atividades não cessarão em pouco tempo. Mas quando terminarem —caso o façam—, possivelmente a natureza reclamará a terra, apagará os estragos causados pelo homem e voltará a criar beleza.

—Tenho a incômoda sensação —disse ele—que se continuarmos aqui, alguém vai acreditar com o direito de se juntar a nós. Não quero que ninguém se juntando a nós, e você?

—Não —confessou ela ruborizando-se.

—E caso nos dirigimos para o pavilhão, pode ocorrer o mesmo —disse ele—. Vejo um caminho junto ao rio, do outro lado do lago. Calculo que deve ir até a cascata.

—Sim. E inclusive além da cascata —Informou Susanne—. Faz parte da trilha do bosque que começa perto da casa e se estende em torno do lago. Percorri alguns lances dela com Frances, mas nunca cheguei até a cascata. Nessa área a trilha é muito acidentada e choveu muito antes da minha última visita a Frances. O conde considerou que não seria seguro que fôssemos ali.

Peter olhou os leves sapatos de Susanne.

—Acredita que seja muito acidentado —perguntou— para alguém que acaba de ganhar três regatas individuais, incluindo, para minha eterna humilhação, a última?

—Sempre pensei —respondeu ela—, que essa trilha deve ser muito bonito.

—Em tal caso chegaremos até ali e retornaremos —disse ele—, confiando em que ninguém seja tão aventureiro para nos seguir.

Tomou de novo o braço de Susanne e puseram-se a andar.

Enquanto caminhavam Susanne desejou poder encerrar cada minuto em um pote e levar todos com ela, para os apreciar no futuro. Não recordava sentir-se tão feliz como quando caminhavam rumo ao rio, com a certeza de que estariam sozinhos pelo menos durante meia hora.

Não existia ninguém com quem tivesse preferido compartilhar esta beleza e solidão.

—Ah, é magnífico! — Exclamou o visconde de Whitleaf, detendo-se na trilha quando alcançaram a sombra de um pequeno bosque com altas árvores e voltaram-se para contemplar as águas do rio que formavam espuma embaixo da ponte para unir-se às águas mais suaves do lago, que reluziam sob o sol.

Peter contemplou a paisagem com evidente admiração. Era algo que há uma semana ele não teria imaginado. Considerava-se um homem feliz somente quando encontrava-se rodeado de mulheres que o adoravam.

—Acredito que Barclay Court deve ser uma das propriedades mais bonitas da Inglaterra —disse Susanne—. Embora o certo é que não vi muitas outras.

—Mas viu alguma? —Ele virou-se para olhar o rosto dela e sorriu.

—Só uma —respondeu ela, ofendida—. O lugar onde cresci.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Que lugar é esse? Nunca me falou de sua infância, salvo que sentia falta de sua mãe.

—Não importa —replicou ela.

Susanne ficou imaginando o que diria caso contasse a ele que em certa ocasião foram vizinhos, por dizer assim. Ficou imaginando se Peter recordaria aquele dia no lago, quando ele visitou o local com sua mãe e suas irmãs e se conheceram brevemente. E ficou imaginando se ele recordaria tudo o que havia ocorrido mais tarde.

Mas uma dolorosa opressão no estômago fez com que não perguntasse —nem pensasse— nada mais sobre o tema.

—Verá, senhorita Osbourne —disse Peter com fingida severidade—, uma das regras fundamentais da amizade é que nas amizades nada deverá ser ocultado.

—Isso não é verdade —corrigiu ela—. Inclusive os amigos necessitam de seus espaços privados, no fundo de sua alma, onde nenhuma outra pessoa tem direito a misturar-se.

A olhou nos olhos, meditando sobre o que ela acabava de dizer.

—Há alguns segredos profundos e escuros de seu passado que prefere guardar para si, não é certo? —Perguntou ele movendo as sobrancelhas—. Muito bem. De modo que você cresceu em uma fazenda? Era a filha do proprietário?

—Era a filha de um... criado, por assim dizer—respondeu ela—. Era um cavalheiro mas não possuía terras nem fortuna e não poderia fazer outra coisa senão trabalhar para ganhar o sustento. De modo que sou uma dama de nascimento, embora pobre. Está satisfeito?

Ele sorriu lentamente, e ela pensou que suas ruguinhas ao redor dos olhos ficariam gravadas de forma permanente e ofereciam uma atração a mais.

—Por não ter feito amizade com a filha de um capataz? —replicou ele—Isso teria bastado para que me desse um ataque de histeria. Vejo que a partir daqui o caminho é muito íngreme, embora tenha algumas pedras lisas que atuam como degraus. Está segura que se sente com forças para continuar?

—E você? —respondeu ela rindo.

—Faz um momento —disse ele—, acreditei ouvir o eco de algo que você me contou há uns dias, embora possa ser coisa de minha imaginação. É você por acaso professora de esporte, senhorita Osbourne? Em uma escola para meninas?

—Sou—respondeu ela—.Ensino jogos, e às vezes não posso resistir participar também deles. Quando era uma aluna me saia muito bem. Sim, há escolas para meninas onde ensinam algo mais que a bordar e a comportar-se como senhoritas.

—Valha-me Deus —disse ele torcendo o nariz—. Queria ser galante e oferecer minha mão em lugar do braço para ajudá-la a subir. De fato, o farei. Assim não preciso empurrar você morro acima, e você pode apoiar-se em mim.

Ele pegou sua mão com firmeza e durante um absurdo momento ela teve medo de começar a chorar. Tinha a sensação de que nunca ninguém havia segurado sua mão, embora sem dúvida seu pai devia tê-lo feito quando ela era uma menina. Era um gesto íntimo, que representava um vínculo de confiança.

Peter possuía a mão magra e os dedos longos. Ao mesmo tempo era forte, suave e viril. Susanne sentiu uma tensão no coração e dor na parte interna das coxas, embora ainda nem haviam começado a subir. Também experimentou uma espécie de bater de asas na barriga.

Começou a reconhecer que adquiriu um grande afeto pelo seu novo amigo em pouco tempo. No final de alguns momentos —muito tarde— ocorreu a ela que possivelmente não foi uma boa ideia tornar-se amiga dele. Na próxima semana, quando estivesse de volta a Bath, sentiria sua falta, e sabia que isso causaria uma grande dor a sua alma, inclusive sofrimento.

Mas era inútil pensar nisso agora. Era muito tarde para tomar outra decisão e manter distância dele. Pelo resto, não estava segura de ter agido de outra forma. Levou uma vida

muito protegida. Não poderia arrepender-se de ter se exposto à luz do sol, embora só fosse durante um breve tempo.

E tudo indicava que o sol brilhava sobre ele.

Subiram a encosta que não era muito perigosa e nem precisava ter se apoiado nele e nem ele nela. Quando alcançaram a metade do caminho pararam de repente, agarrados pelas mão e ofegando, contemplaram o caudaloso rio que corria aos pés da colina. Salpicada a superfície da água e as luzes e sombras projetadas sobre a folhagem pelo sol que brilhava através dos ramos das árvores criando um grande contraste com as águas reluzentes, e suaves do lago que viam a sua esquerda.

A magia do momento, a beleza da natureza em todo seu esplendor e o fato de ter um novo amigo, assaltou-a de novo.

Não trocaram uma palavra. Não era necessário. Susanne intuiu que ambos estavam com os pensamentos em perfeita harmonia. Após alguns minutos, recomeçou a subir como o som da cachoeira que caia sobre a ladeira sufocando outros sons, exceto, como observou ela, o canto agudo de um pássaro invisível.

Percorreram apressadamente os últimos metros até o topo da colina, situada ao nível do começo da cascata. A vista era incrível. Susanne sentiu gotinhas de água no rosto. Apesar do lago estar visível —como estava aos outros participantes no piquenique—, este lugar exalava um ar esquecido e selvagem. Talvez tivesse algo a ver com o som da água.

Contemplaram a cascata agarrados pela mão até que o visconde de Whitleaf se voltou.

—Ah —disse—, um buraco construído artisticamente na ladeira para que pareça uma gruta natural. Estou quase certo de que há uma por aqui. E como é natural, está colocada na direção certa. Capability Brown e os de sua espécie sempre construiam isso para oferecer este tipo de comodidade às pessoas que decidiam dar um passeio por estas remotas paragens. Quer que sentar por um momento?

—Aí dentro deve estar fresco —respondeu ela. Estavam um tanto acalorados devido ao esforço de subir a encosta, apesar das árvores os abrigar da luz direta do sol durante boa parte do caminho.

Na gruta havia um banco de madeira encostado à parede interior. Era o lugar ideal para fugir do sol, e proteger do vento, da chuva e do simples cansaço, um lugar onde sentar-se e deleitar-se com a beleza que oferecia a natureza, embora a mão do homem tivesse ajudado um pouco. A abertura ao mundo exterior estava emoldurada em três de seus lados por verdes e frondosas samambaias.

A cascata estava situada no centro do campo visual de ambos, e também o reflexo do pavilhão sobre o lago. Em ambos os lados das escarpadas ladeiras cresciam numerosas samambaias, e a parte superior estava cheia de árvores. Percebia-se o cheiro da agua e da terra. E, é obvio, o som da cascata e o canto dos pássaros.

—Eu gosto da amizade —observou ele com tom sério quando estavam sentados no banco—. Não é necessário ter que falar. —Emitiu uma breve risada—. Isso parece ter sentido para você?

—Sim —respondeu ela—. O silêncio é incômodo entre estranhos ou pessoas que tem pouco conhecimento.

—Como você e eu no dia que nos conhecemos —disse ele—.Sentiu-se incômoda?

—Muito —confessou ela.

—Por que?

Ao sentar no banco ela retirou a mão dele da sua para alisár a saia. De repente comprovou que ele havia tornado a segurar sua mão apesar de não saber como isso ocorreu. Suas mãos enlaçadas repousavam sobre a saia dela no banco, entre os dois.

—Você era o visconde de Whitleaf —disse ela—, bonito, elegante, evidentemente rico, muito seguro de si, um homem do mundo.

—Superficial —respondeu ele—, vaidoso, paquerador.

—Precipitei-me ao julgá-lo —disse ela.

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos, durante os quais Susanne estava consciente de que ele a olhava.

—Havia outra razão —Tornou a acrescentar—. Você era o visconde de Whitleaf e eu me criei muito perto de Sidley Park.

—Santo céu! —Exclamou ele depois de alguns momentos de silêncio—. Osbourne. Durante anos foi o secretário de sir Charles Markham quando este era ministro do governo. Quando me apresentaram pensei nele, mas Osbourne não é um nome incomum. Não imaginei... Embora soubesse que Osbourne possuía uma filha. Você?

—Sim —respondeu ela, visivelmente alterada. Não queria ter dito a ele quem era.

—Nos vimos algum dia? —Perguntou ele.

—Em uma ocasião —respondeu ela—. Você veio ao lago, onde eu estava brincando com Edith, mas apareceram duas de suas irmãs e o levaram. Uma delas não achou graça que estivesse brincando comigo, e a outra temia que caísse no lago e se afogasse.

—Não me recordo —disse ele—. Mas espere... Lembro-me alguma coisa relacionada com uma vara de pescar.

—Sim —respondeu ela—. Quis usar a minha. Pensou que teria mais sorte do que eu, mas na realidade acredito que nesse lago não existisse peixes. Nunca ouvi dizer que alguém tivesse apanhado um.

—De modo que era você —disse ele—. Recordo, ao menos vagamente.

Melhor assim, pensou ela. Era preferível que as lembranças fossem vagas e pouco concisas.

—Seu pai faleceu —disse ele.

Ela virou o corpo bruscamente e o olhou.

—Sim.

—Lamento-o —disse ele—Apesar de ser muito tarde para expressar minhas condolências. Foi algo imprevisto, não é assim? Um ataque cardíaco?

De modo que ele não sabia. Viveu protegido pelas numerosas pessoas que o rodeavam.

—Sim —respondeu ela—. Uma parada cardíaca. E isso não era mentira.

—Lamento-o —repetiu ele—. Mas me diga como acabou sendo uma aluna de caridade na escola da senhorita Martin em Bath.

Susanne nunca falou de seu passado para ninguém. Embora confiasse plenamente nas suas três amigas íntimas, jamais havia contado toda sua história. Os amigos deviam conservar alguns lugares secretos em seu interior. Mas ele sabia mais sobre ela que suas amigas.

Ela fechou os olhos por alguns momentos.

—Peço-lhe desculpas —disse ele, apertando sua mão com força—. Perdoe-me por despertar lembranças dolorosas em você.

Ela aprendeu a suportar sua solidão, sem pensar de forma obsessiva nela. No final das contas, possuía um trabalho e amigas que eram quase como sua família. Mas durante um tempo sentiu-se abandonada em um universo vasto e hostil. Duvidava que existisse uma sensação mais angustiante. Até sua sobrevivência esteve em jogo.

—O senhor Hatchard enviou-me à escola —disse—. É o advogado e agente de Claudia Martin em Londres. Interessou-se por mim quando eu procurava trabalho através de uma agência. Em princípio, quando ele me perguntou sobre Bath, supus que ia oferecer um emprego ali. Mas logo explicou que havia uma vaga na escola e se eu queria ocupá-la como aluna. Disse-me que uma pessoa a quem representava estava disposta a ajudar nos meus gastos e que seria uma das várias alunas de caridade.

Susanne recordava com nitidez o alívio e ao mesmo tempo a humilhação que experimentou ao ouvir a inesperada oferta do senhor Hatchard.

—E você aceitou —disse o visconde de Whitleaf.

—Não tive mais escolha —respondeu ela—.Teria morrido de fome. Só havia feito uma entrevista, para ocupar o posto de dama de companhia para uma senhora. Havia dito na agência que completei quinze anos embora só tinha doze. Mas a senhora que me entrevistou não acreditou e rejeitou-me no ato. Não era a governanta, como eu tinha suposto, a não ser a dama que ia me empregar. Explicou-me que já que era ela quem teria que suportar à donzela que contratasse, queria ser ela mesma quem a escolhesse. Senti-me aterrorizada em sua presença, embora fosse uma dama muito jovem. Entretanto, sempre tive o estranho convencimento de que tinha algo a ver com o fato de que o senhor Hatchard tivesse me conhecido.

—Sério? —perguntou ele.

—Como se explica o fato de ter me localizado e se fixado em mim? —inquiriu ela—. Londres está cheio de moças pobres. E o nome dessa dama aparece continuamente em relação a escola. Tempos atrás Claudia Martin foi sua governanta, mas partiu indignada pela inaceitável conduta e arrogância dessa mulher. Um bom dia, estando eu ali, apresentou-se de improviso na escola e perguntou a Claudia se precisava de alguma coisa. A pobre Claudia ficou enfurecida. Verá, a escola tem uma benfeitora ou um benfeitor secreto. Pelo visto nunca ocorreu a Claudia que pudesse ser lady Hallmere, mas é possível que seja.

—Lady Hallmere? —Perguntou ele.

—Quando solteira lady Freyja Bedwyn —explicou Susanne—. Irmã do duque de Bewcastle. Mais tarde casou-se com o marquês de Hallmere, e aí se dá o motivo de que tem sua residência e propriedade na Cornualla, precisamente onde viveu Anne Jewell antes que fosse recomendada para trabalhar de professora na escola.

—Conheço a família Bedwyn —disse ele—. Bewcastle vive perto de minha prima Lauren, a viscondessa de Ravensberg. —Peter sorriu ao acrescentar—:Acredito que seria um trabalho difícil ser a governanta de lady Hallmere. Você teve sorte de não ser contratada como sua dama de companhia. É uma mulher sistemática. Mas, você acredita que foi ela quem a enviou a Bath? Que interessante!

—Possivelmente esteja enganada —respondeu Susanne.

Caso fosse preciso que recordasse que provinha de um mundo muito distinto do dele, eis aqui a prova. Conhecia lady Hallmere e aos Bedwyn. Sua prima era viscondessa.

Mas esse fato já não a intimidava. O visconde de Whitleaf e ela eram amigos, conforme acreditava ela, embora só durante um breve tempo, pois não demorariam para retornar a seus respectivos mundos.

Susanne retirou a mão da dele, alisando a saia sem o fitar, levantou-se e saiu da gruta para contemplar a cascata. Ele a seguiu.

—Tive muita sorte em minha vida —disse ela—. Quando fiquei acostumada com a escola, senti-me feliz ali. E por isso trabalho como professora nela me sentindo ainda mais feliz.

—Em certos aspectos, invejo-a —disse ele.

Fitou seu rosto para ver se ele estava brincando com ela. Que comentário tão estranho! Mas ele observava a cascata com os olhos entrecerrados, como se falasse para si. Não estava brincando com ela. Quando a olhou de novo, sorriu.

—Está disposta a passar toda a noite dançando na festa que acontecerá amanhã? —Perguntou-Peter.

—É uma festa campestre, lorde Whitleaf —respondeu ela—. Suponho que terminará antes da meia-noite.

—Uma das primeiras coisas que observei em você —disse ele—, é que toma tudo ao pé da letra, como por exemplo que o coração é um órgão que temos no peito. Minha alma de poeta ainda se estremece ao recordar. Perguntarei de outra forma: Está disposta a passar toda a festa dançando?

—Estou disposta a me divertir —respondeu ela—.Nunca fui a um baile nem a uma festa campestre.

—Nenhuma vez? —Ele a olhou—. Então, não sabe dançar?

—Aprender a dançar constitui uma parte necessária da educação de uma senhorita —respondeu ela—, embora sejamos apenas alunas de caridade. Na escola temos um professor de dança, o senhor Huckerby. Ele me ensinou. E frequentemente danço com ele para ensinar os passos às alunas.

—Mas nunca dançou em uma festa? —Inquiriu Peter delicadamente.

Nesse momento Susanne sentiu-se profundamente morta de calor. Era um dado patético que devia ter guardado para si.

—Devemos retornar —disse—.Já é tarde. Todos estarão a ponto de retornar para casa, e ficarão chocados com nossa longa ausência.

—Senhorita Osbourne —disse ele de supetão—, aceita dançar comigo a primeira valsa na festa?

Oh!

Ela olhou-o presa de uma emoção que a impediu de articular uma palavra durante alguns minutos.

—Não é necessário que me peça isso—respondeu — Só porque contei que é a primeira festa que participo e pelo fato de que em certo sentido sou sua amiga.

Ele voltou a tomar a mão dela, mas não limitou-se a sustentá-la. Aproximou-a de seus lábios e a reteve ali alguns instantes enquanto a olhava fixamente nos olhos.

—O que significa «*em certo sentido*»? —Perguntou—. Como podem duas pessoas ser amigas «*em certo sentido»?* Ou somos amigos ou não. Eu pedi que dance a valsa comigo porque desejo dançá-la com você e só com você. Às vezes os motivos são tão simples como isso.

Ela observou sua mão junto aos lábios dele, e a havia sentido ali, não só a mão mas também cada célula de seu corpo. Nenhum homem jamais fez um gesto tão cortês com ela. Ninguém. E isso a fazia sentir-se muito bem. Mais que bem.

De repente o rosto dele se tornou impreciso e Susanne compreendeu horrorizada que seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Tratou de afastar a mão, mas ele a reteve, segurando-a com força.

—Desgostei-a em alguma coisa, Susanne? —Perguntou—. Se assim for, peço desculpas. Não quero ...?

—Sim —respondeu ela com voz trêmula, enxugando apressadamente os olhos com a mão livre—. Eu quero. Quero dizer que será um prazer dançar a valsa com você, milorde. Obrigada.

Mas sentiu que seu coração dava um tombo. Ele a chamou de «*Susanne*». Era uma tola por deixar que essa leve falta de cortesia, esse maravilhoso sinal de amizade, a afetasse desse modo.

Ele inclinou com elegância sobre sua mão e a olhou sorrindo.

—A noite que antecederá a esse baile será muita aborrecida —disse levando sua mão livre ao coração.

Susanne compreendeu que ele percebeu que ela estava perturbada e nervosa. E decidiu aliviar a tensão fazendo um comentário engraçado, mesmo flertando com ela. Sem dúvida era um homem muito amável.

—Não diga bobagens, lorde Whitleaf —replicou ela soltando uma gargalhada que soou como um estranho som gutural—. Não esqueci que prometeu dançar pelo menos as quatro primeiras danças da noite com outras damas. Não finja que a perspectiva de gozar da companhia de tantas mulheres o aborrece.

Ele riu.

—Mas me comprometi a dançar com elas antes de conhecê-la—disse—. Depois de conhecê-la, sou imune aos encantos de todas as outras mulheres.

— Bajulador!— Disse ela estalando a língua e voltou a rir, desta vez com autêntica alegria, ao mesmo tempo em que retirava sua mão da dele.

—Asseguro que é verdade —acrescentou ele—. Comprovei que a amizade é muito mais estimulante que a paquera.

—A população feminina da Inglaterra cairia em uma depressão coletiva caso ouvissem isso —respondeu ela—. Nós temos que voltar.

—É preciso? —Perguntou ele—. Não prefere que fujamos e desapareçamos para sempre? Não desejou alguma vez fazer isso?

—Não. —Mas ela levantou o rosto e o olhou com tristeza. Às vezes sim desejava. Em certa ocasião, ele havia fugido. Mas em seus sonhos às vezes podia voar...

—Em certa ocasião disse que não era uma romântica —observou ele—. Tampouco é uma aventureira?

—Não —respondeu ela—.Tenho os pés firmemente apoiados no chão.

—E seu coração bombeia sistematicamente o sangue dentro de seu peito —apostilou ele esticando a mão e acariciando-a ligeiramente com os dedos sob o queixo—. Não sei no que acreditar quando afirma essas coisas, senhorita Osbourne. Mas acredito que tem razão. Se não quer que fujamos juntos, é melhor retornarmos.

Juntos, começaram a andar em silêncio depois de alguns minutos tornou-se de novo amigável.

Mas enquanto desciam pelo trilha, despertou em Susanne um estranho desejo, o desejo de abandonar possivelmente toda a prudência, esquecer-se de seus princípios e lançar-se ao desconhecido...

Desconhecido?

Uma aventura?

Um romance?

Nenhuma dessas perspectivas parecia a ela alguma coisa séria, e ela as teria recusado de todas formas. Os sonhos eram muito bonitos sempre que não os confundissem com a realidade.

A realidade, era que caminhava com o visconde de Whitleaf por uma trilha remota em Barclay Court durante uma bonita tarde de verão. A realidade era que manhã dançaria a valsa com ele durante a primeira festa que participava. E depois disso ainda ficariam três dias de férias.

A realidade não tinha nada de ruim. Era quase perfeita.

E quando esses três dias chegassem ao final, encontraria com Anne e Claudia em Bath e a segurança de seu trabalho de professora. Haveria outras professoras e alunas, incluindo algumas novas. Enfrentaria à provação de ter que preparar um novo curso escolar. E teria as gratas lembranças de suas férias...

—No que pensa? —Perguntou ele quando desceram pela parte mais inclinada da trilha e ficaram próximos do lago.

—O quão grata estou por tudo o que tenho —respondeu ela.

—Sério? —Ele a olhou fixamente—. Conforme pude comprovar, as pessoas só ficam satisfeitas pelo que têm quando estão tristes. Você está triste?

—Não —respondeu ela—. Por que estaria? —Ele deu um profundo suspiro, que não explicou imediatamente.

—Não sei —respondeu depois de um breve silêncio—. Mas eu também me sinto melancólico.

O senhor Dannen e o senhor Raycroft atravessaram a ponte para ir ao encontró deles junto com a senhorita Moss, a senhorita Krebbs e a senhorita Jane Calven. Quando se encontraram, os grupos começaram a conversar e a rir.

Quando chegaram ao local do piquinique, no outro lado da ponte, o senhor Dannen dava o braço a Susanne e o visconde de Whitleaf à senhorita Krebbs de um lado e à senhorita Jane Calvert do outro. O senhor Raycroft caminhava junto deles.

O visconde explicava que acreditou ser o sol da manhã o que visualizou no centro da ponte, até ter a certeza de que era a presença das damas.

O patife!

Mas as damas não se deixaram enganar por estas adulações em nenhum momento, conforme comprovou Susanne pelo tom de suas risadas.

Ele mostrou-se amável com elas, procurando fazer com que ficassem alegres e felizes nesse dia.

Do mesmo modo, colocou uma máscara de frivolidade. Ou talvez não fosse uma máscara. Talvez tivesse o dom de semear alegria onde estivesse. No entanto, momentos

atrás tinha dito que sentia-se melancólico. Era possível que ao mesmo tempo ficasse melancólico e alegre?

Talvez. Ela mesma sentia-se triste e alegre ao mesmo tempo. Vivia uma das tardes mais felizes de sua vida. Entretanto...

Dentro de pouco tempo ambos retornariam a seus respectivos universos.

CAPÍTULO 08

O sentimento de leve melancolia que oprimiu Susanne depois do piquenique desapareceu por completo quando na tarde seguinte, chegou com Frances e o conde de Edgecombe o salão de celebrações, localizado no andar superior da pousada do povoado.

Jamais ela havia sentido tanta emoção, embora tenha se esforçado para ocultar, mas sem muito êxito.

—Bem, Susanne —disse o conde ao ajudá-la a descer da carruagem—você está deslumbrante. Qualquer joia seria supérflua.

Como era natural, não usava nenhuma. Mas tampouco Frances. Susanne suspeitava que isso acontecia devido ao fato de sua amiga usar um lindo vestido de cetim anil, evidentemente caro e confeccionado por habilidosas costureiras. Mas Frances não eclispava Susanne, nem suas vizinhas menos ricas que ela.

Frances tomou Susanne pelo braço quando entraram na hospedaria, e o conde entrou atrás delas.

—Compreendo o que você deve estar sentindo —disse Frances—. Recordo o que senti em Bath quando o avô e a irmã de Lucius me convidaram para um baile que ia acontecer em Upper Assembly Rooms. Estava morta de medo e ao mesmo tempo eufórica. Lembra?

—Claudia, Anne e eu nos demos conta no último momento que estava com uma prega descosturada —respondeu Susanne—e trabalhamos todas juntas em excesso para costurá-la sem que você tivesse que tirar o vestido, justamente no corredor da escola, quando o senhor Keeble fez passar o conde de Edgecombe, ou o visconde de Sinclair, que era o nome dele naquela época.

Ambas começaram a rir ao recordar o episódio e ouviram às suas costas uma grave gargalhada, indicando que o conde também achou muita graça em recordar.

O salão onde aconteceria o baile provavelmente teria parecido pequeno e modestamente decorado em comparação com qualquer salão londrino, pensou Susanne quando entraram nele.

Certamente era mais reduzido e simples que Upper Assembly Rooms, inclusive ela havia mostrado o lugar uma tarde, a um grupo de alunas da escola durante uma visita à cidade. Mas estes salões estavam cheios de pessoas que ela conhecia e ficava a vontade e todos foram elegantemente vestidos para a ocasião. O nível de ruído era muito elevado devido às excitadas vozes das senhoras e das jovens e também das vozes estridentes e animada dos homens tentando serem ouvidos através delas. Todos riam alegremente. E os membros da orquestra contribuíam para a gritaria afinando seus instrumentos sobre um pequeno estrado situado em um extremo do salão.

Para Susanne tudo parecia maravilhosamente deslumbrante.

Participava de seu primeiro baile, e na realidade não era, mas que uma festa campestre. E dançaria!

O conde pediu a ela que lhe reservasse ao menos uma dança, embora não tenha pedido nenhuma em concreto. Ao terminar o piquenique da véspera, o senhor Dannen, solicitou a Susanne que concedesse a ele a primeira contradança, que era a mais importante.

E o visconde de Whitleaf tinha pedido a primeira valsa.

Susanne aguardava impaciente essa valsa, que seria a única. Mas ao pensar nisso reprovou sua impaciência. Esta seria sem dúvida a noite mais emocionante de sua vida, e não queria desperdiçar a primeira metade do evento. Desejava viver cada momento, do primeiro ao último.

A senhora Raycroft e sua filha aproximaram-se para cumprimentá-los assim que apareceram na porta, e a senhorita Raycroft expressou sua admiração pelo vestido de Frances e o penteado de Susanne, que Frances insistiu que o confeccionasse sua dama de companhia.

—É a fita que comprou na loja do povoado? —Perguntou a senhorita Raycroft observando o barra do vestido verde pálido de Susanne, debruado com uma fita de cor verde escura aplicada em duas fileiras—. Como brilha à luz das velas! Fica muito elegante. O visconde de Whitleaf nos disse que a adquiriu aqui.

—Meu vestido requeria um toque mais festivo para a ocasião —explicou Susanne—. Nunca o havia posto para assistir um baile.

A partir desse momento tudo foi um torvelinho de atividade e animação enquanto os vizinhos saudavam-se uns aos outros e os cavalheiros foram em busca de seus pares para a primeira contradança.

Susanne reconhecia em seu íntimo que o senhor Dannen parecia bastante aborrecido. Durante as duas últimas semanas permaneceu várias horas em sua companhia, mas ela duvidava de que ele soubesse alguma coisa dela, salvo que era uma professora de Bath. Ela, pelo contrário, sabia tudo quando teria que saber sobre as origens e os antepassados escoceses do senhor Dannen.

Mas seu nulo interesse romântico para com ele não carecia de importância quando a conduziu à pista de dança e a colocou na fileira das damas enquanto ele ocupava seu posto entre os cavalheiros para a primeira contradança. Susanne nunca experimentou um momento mais feliz. A mais velhas das Calvert estava a sua esquerda, frente ao senhor Raycroft, e Rosamond Raycroft estava junto à senhorita Calvert. O visconde de Whitleaf, situado em frente a ela, sorriu satisfeito e disse algo que a fez rir alegremente. Cruzou um breve olhar com Susanne, mas era muito educado para deixar de prestar atenção a seu par durante mais de um segundo.

O mero feito de senti-lo perto fez que experimentasse um caloroso sentimento de felicidade.

Mas depois de alguns instantes não pensou em outra coisa que na dança, enquanto a orquestra atacava os primeiros compassos da música e a fileira de cavalheiros se inclinava ao tempo que a fileira de damas respondia com uma reverência.

Susanne deixou-se levar pela música sentindo que chão vibrava sob o rítmico tamborilar de numerosos pés e os bailarinos passeavam e descreviam círculos ao redor uns dos outros. O ambiente ficou mais quente e denso devido à mescla dos aromas de perfumes,

colônias e flores. Inclusive as velas do lustre e dos spots da parede pareciam mover-se ao animado ritmo da música.

E ela era parte de tudo isso.

Era parte integrante de tudo isso.

Possivelmente teria sentido uma certa decepção caso a contradança chegasse a seu fim e o senhor Raycroft não tivesse pedido a segunda dança antes que começasse. E o conde pediu a terceira.

Ao términar a terceira dança Susanne sentia muito calor, estava emocionada, ofegante e desejava que a noite não terminasse nunca. O senhor Finn aproximou-se e pediu para ela a quarta dança, mas quando este chegou perto ela sentou junto à senhorita Honeydew, que estava abanando-se e parecia um pouco enjoada, pois confessou a Susanne, que não comeu nada durante o almoço. Susanne deu graças ao senhor Finn, pediu-lhe que a desculpasse e conduziu à senhorita Honeydew à sala do bufe, levou-lhe uma xícara de chá e um prato de comida e sentou-se junto a ela enquanto a anciã comia e movia o pé ao ritmo da música que soava na sala contínua.

Mas Susanne não importou perder uma dança. O senhor Crossley solicitou a próxima dança para ela e logo tocariam a valsa.

O visconde de Whitleaf estava muito bonito esta noite com uma casaca marrom e calças de cetim marfim, um colete mate bordado e uma camisa branca e engomada. Observou também que era um magnífico dançarino e dava a impressão de estar divertindo-se. Cada vez que olhava o via sorrir com os olhos fixos em seu par. Seus pares, como era natural, mostravam-se entusiasmadas.

O senhor Crossley conduziu Susanne para a senhora Raycroft ao término da dança e esteve conversando com elas enquanto o visconde de Whitleaf e Frances, que dançaram juntos, caminhavam para eles através da pista de baile. Susanne moveu o leque para refrescar suas acaloradas faces e observou Peter aproximar-se. Decididamente, gostava muito dele.

— Valha-me Deus—exclamou Frances—, que dança agitada! Fiquei sem fôlego. Obrigado, lorde Whitleaf.

—Foi um prazer, senhora —respondeu este com uma reverência.

—Tenho que me apressar em recuperar o fôlego —disse Frances—. A próxima dança será a valsa e faz uma semana que espero com ansiedade. Assim como Lucius.

O conde de Edgecombe dirigiu-se para eles, sem afastar os olhos de Frances.

O conde de Whitleaf inclinou-se ligeiramente diante de Susanne.

—Acredito que me reservou esta valsa, senhorita Osbourne —disse.

—Certo, milorde. —Susanne fez uma pequena reverência e comprovou que a noite ainda podia ficar mais alegre e emocionante.

— Você dança a valsa, senhorita Osbourne? —Perguntou-lhe o senhor Crossley em tom surpreso e um tanto reprobatório.

—Conheço os passos, senhor —respondeu ela—. Eu aprendi na escola, com um professor de danças. Ele era um perfeccionista e insistia em que as coisas deveriam ser bem feitas.

—É muito exigente —apostilou Frances.

—Dei permissão para Rosamond dançar a valsa com o senhor Moss —disse a senhora Raycroft—, posto que tanto meu filho como o visconde de Whitleaf me asseguraram que se

dança a valsa no Almack's. E se você dançar a valsa, lady Edgecombe, deve ser uma dança excepcional.

—Apaixonamo-nos pela valsa a primeira vez que dançamos juntos —falou o conde de Edgecombe—. Foi em um salão de festas semelhante a este, não é, Frances?

O senhor Crossley guardou silêncio.

O visconde de Whitleaf estendeu a mão e Susanne depositou a sua sobre ela. Peter a conduziu à pista de dança vazia. Foram os primeiros em pisá-la. Provavelmente poderiam ter esperado cinco minutos a mais, mas Susanne alegrou-se de que ele não tivesse feito isso. Era o momento que Susanne aguardava impaciente desde que Peter a pediu na véspera que lhe concedesse esta dança. Ia dançar a valsa com ele! Sentia-se quase transbordando pela sorte que tinha.

—E bem? —Perguntou ele quando ficaram a sós, embora, como é lógico, estavam rodeados pelos outros assistentes—. Qual é seu veredicto sobre sua primeira festa? Embora vejo que não seria necessário perguntar.

—Tanto se nota? —replicou ela—. Me parece esplêndida, e não me importa caso eu pareça um pouco obtusa. É meu primeiro baile, aos vinte e três anos! E não vou fingir indiferença.

—Sim, é esplêndido —disse ele olhando-a nos olhos, como havia feito com todos os seus pares—. Mais esplêndido que todos os bailes ou festas que assisti até agora em meus vinte e seis anos.

E Susanne estava certa de que era mentira.

—Acredito que não completou a frase —disse ela rindo novamente—. Não devia acrescentar que parece maravilhoso devido a minha presença?

—Eu ia dizer isso—respondeu ele—mas imaginei que me acusaria de bajulador e de flertar com você.

—E não se equivoca —disse ela—. E você, diverte-se? Consta-me que todas as outras jovens estão encantadas de que esteja aqui.

—As outras jovens? —Inquiriu ele levando uma mão ao coração—. Não se inclui entre elas?

Mas ela riu e abanou a face. Dizer tolices, inclusive paquerar um pouco, era também muito agradável, pensou, sempre e quando ambos soubessem que o que diziam eram tolices.

—Recordarei isto toda minha vida —disse.

—Esta festa? —Perguntou ele—. Ou esta valsa?

Durante alguns instantes o sorriso se apagou do rosto de Susanne.

—Acredito que ambas as coisas —respondeu—. A menos que tropece com seus pés durante a valsa. Então suponho que recordarei ainda mais.

Outros casais se juntaram ao redor deles. Os membros da orquestra começaram a afinar de novo seus instrumentos.

—Se tropeçar com meus pés —disse ele—, será devido a minha imperdoável estupidez, que expiarei retornando a casa e queimando meus sapatos de baile. Não, minto. Expiarei queimando meus sapatos de baile e retornando para casa a pé.

Ela riu de novo.

Repentinamente deixou de rir.

Ele apoio a mão direita na parte posterior de sua cintura e tomou a sua mão com a esquerda. Então ela elevou sua mão esquerda e a apoiou no ombro dele. Percebia o aroma de sua colônia. Sentia o calor de seu corpo. Ouvia os batimentos de seu próprio coração retumbando em seus ouvidos.

Ele fixou seus olhos violeta nos dela e sorriu ligeiramente.

Ah, pensou ela, é um momento mágico! Maravilhosamente mágico! A música começou a soar.

Mais tarde ocorreu-lhe que outros casais ocuparam a pista de dança juntamente com eles. Inclusive recordava vagamente ter visto o conde de Edgecombe dançando com Frances em uma esquina do salão, estreitando-a contra si com mais força do que o senhor Huckerby acharia decoroso. Recordava as cores dos vestidos das damas, que não cessavam de girar, o quente resplendor das velas, o som de vozes e risadas, ter visto várias pessoas sentadas ao redor da pista, observando-os.

Mas naquele momento não pensava em nada disso. Só estava consciente da música, da valsa e do homem que a sustentava entre seus braços. Durante os primeiros minutos executou os passos de forma impecável, embora um tanto tímida, mantendo o corpo rígido e tão afastado do dele como o permitia a posição de seus braços. Mas depois de alguns minutos levantou o olhar do complicado nó do lenço dele e o olhou nos olhos e então ele sorriu fazendo com que ela relaxasse.

—Menos mal que lembra os passos —comentou ela resfolegando um pouco.

—E eu —respondeu ele—. Confio em estar à altura das exigências do senhor Huckerby.

Susanne riu.

—Não tema, está perfeito.

Em seguida guardaram silêncio, e mais tarde ao lembrar, parecia que os dois olharam nos olhos um do outro, todo o tempo que dançaram. E isso devia resultar muito incômodo. Olhar a outra pessoa nos olhos de uma distância tão curta enquanto conversava com ela sempre fazia a Susanne desejar retroceder um passo ou afastar a vista dessa pessoa de vez em quando. Mas com o visconde de Whitleaf nem havia sentido esse desejo. Teve a sensação que dançavam formando uma harmoniosa unidade.

Recordou a imagem mental que fazia dele há quase duas semanas, e que apressou em apagar, dançando a valsa nos braços dele. Esse sonho foi cumprido.

Era uma sensação incrivelmente emocionante!

Mas, como é lógico, não podia durar sempre. Depois de um momento Susanne intuiu que a música estava a ponto de cessar.

—Sim —disse—, já terminou.

Não tinha dado conta do transcurso do tempo.

—Mas foi maravilhoso —acrescentou quando a música cessou por completo—. Obrigada, milorde. Quer fazer o favor de conduzir-me para perto de Frances?

Não devia pedir muito, pensou. Podia ter estado condenada a ver como todos outros dançavam a valsa enquanto ela fingia divertir-se observando. Sempre entesouraria esta lembrança de sua primeira e, provavelmente, última valsa.

—É costume —disse ele inclinando a cabeça para ela—que o cavalheiro conduza seu par de dança à sala do bufe. Aceita jantar comigo?

—Já é hora de jantar? —Perguntou ela olhando a seu redor e comprovando que a sala estava quase vazia—. Me alegro. Sim, encantada. Obrigada.

De modo que sua meia hora com ele seria prolongada, pensou Susanne alegremente quando Peter a conduziu para a sala onde jantariam, embora sentassem junto a outras pessoas.

Era uma noite maravilhosa. Só restavam três dias da estadia em Barclay Court, e este baile tinha colocado um final de ouro a umas férias memoráveis.

Mas ainda faltavam três dias.

CAPÍTULO 09

Peter localizou dois assentos para ambos entre a bandeja de chá e a janela antes de dirigir-se à mesa do bufe. Uma das coisas com que a gente podia contar sempre em uma festa campestre, pensou ele satisfeito, enquanto enchia dois pratos, era uma grande abundância de comida.

—Aonde irá quando partir daqui? —Perguntou a senhorita Osbourne quando ele deixou os dois pratos e foi em busca de duas taças de chá sentando-se em frente a ela na pequena mesa que ocupavam—. Voltará para casa?

—A Sidley Park? —Respondeu ele—Não imediatamente. Não desejo impor minha presença no término da festa de vários dias que minha mãe organizou.

—Sua mãe organizou uma festa de vários dias em sua casa e você não está presente para ser anfitrião? —Susanne arqueou as sobrancelhas enquanto escolhia um pequeno sanduiche de pepino e o mordia.

—O caso —respondeu ele—é que minha mãe tenta desesperadamente arranjar um casamento para mim. Há uma jovem que deseja que eu corteje, e caso eu ali compareço, todos os convidados teriam pensado justamente isso.

—Não deseja casar-se? —Perguntou Susanne.

—É obvio que não —afirmou ele—. Em todo caso, não desejo ser obrigado a um casamento que não tenha escolhido livremente.

Fitou os olhos de Susanne com expressão risonha.

—Não desejo que minha mãe me escolha uma esposa —disse ele.

—Imagino que deve querer muito bem à você.—comentou Susanne.

—Certamente —respondeu ele—. Mas às vezes o carinho pode ser cansativo. A primeira vez que tentou me casar eu tinha vinte e um anos e era um ingênuo.

—Não amava essa jovem? —Inquiriu ela.

—Sim —respondeu ele fazendo uma careta—. Estava loucamente apaixonado por ela, porque era o que esperavam de mim. Eu era um presunçoso, senhorita Osbourne, e muito independente. Mas na realidade fazia tudo o que desejavam que eu fizesse. Acreditei estar apaixonado por ela.

—Mas não a amava? —Susanne apoiou um cotovelo na mesa rompendo todas as normas de etiqueta e apoiou o queixo na mão—. O que aconteceu? —Perguntou olhando-o fixamente.

Droga!, ele não desejava aprofundar-se nesse assunto com ela. Sorriu, embora de modo um tanto forçado.

—Pode se dizer que despertei —respondeu—. Foi espetacular. Uma manhã despertei sendo um jovem inocente e alegre, com a cabeça nas nuvens e cheio de ilusões, e nessa noite deitei-me convertido em um velho cínico, tendo aberto os olhos a todas as ingratas realidades da vida. A ruptura de meu quase compromisso foi o resultado mais amargo de minha transformação. A mulher a quem eu amava loucamente, mas que já não amava mais, partiu na manhã seguinte com sua família e não voltei a vê-los. Por sorte, vivem no norte da Inglaterra e nunca mais foram a Londres. Embora eu soube que ela casou-se em menos de seis meses mais tarde.

Mas o resultado mais amargo de sua transformação não foi a perda da Bertha, mas a deterioração na relação com sua mãe. Peter nunca foi um «*menino da mamãe*», mas a amava com toda a alma. A seus olhos era perfeita. Mas nesse dia descobriu que era apenas um ser de carne e osso.

Maldição! Como era possível que estivesse falando disto, embora vagamente, com Susanne Osbourne? Jamais falou com alguém sobre este episódio. Estranho. Peter a olhou sorrindo com acanhamento.

—Isso me valeu a fama de um '*Don Juán'* que dedica-se somente a destroçar os corações femininos —disse—. Totalmente imerecida. Essa mulher não possuia coração.

Susanne continuou olhando para ele.

—De modo que a persistente preocupação de minha mãe sobre meu estado marital, melhor dizendo, meu celibato, aflige-me —disse ele—embora ela o faça por meu bem.

—Às vezes a família pode ser uma carga —comentou ela brandamente—, Apesar de ter perdido minha mãe ao nascer e meu pai quando tinha doze anos.

Peter a observou intrigado, mas ela não parecia estar olhando para ele a não ser através dele.

—Não tem parentes por parte paterna nem materna? —Perguntou ele.

Ao pensar nisso depois do piquenique, Peter ficou chocado que os Markham não tivessem achado nenhuma família que tomasse conta de Susanne ou, em todo caso, que não se ocupassem eles mesmos da menina. Uma menina de doze anos! Os Markham nunca mostraram ser pessoas insensíveis ou desalmadas. Como era possível que tivesse tido que perambular sozinha por Londres, aos doze anos, em busca de trabalho?

—Eu não sei —respondeu ela fixando de novo a vista nele—. Meu pai brigou com sua família e por mais que eu perguntasse, jamais falava deles. Também se negava a falar de minha mãe e da família desta. Possivelmente não queria recordar o passado, como eu.

Era natural, tratando-se de lembranças tão dolorosas. Não obstante parecia estranho, inclusive cruel, que Osbourne não tivesse contado a sua filha tudo referente a sua família. Possivelmente não imaginava que morreria tão jovem. Ninguém imagina nunca. Ou não soubesse que possuía um coração delicado e podia sofrer uma parada cardíaca a qualquer momento. De modo que Susanne Osbourne não tinha ninguém. Sua mãe morreu de parto e Osbourne não contou nada que a fizesse lembrar sua mãe. Em seus sonhos infantis nunca pode dar-lhe um rosto, nem sequer imaginário.

Na próxima vez que fizesse uma queixa dos aniversários de suas numerosas irmãs, sobrinhos e sobrinhas que era obrigado a recordar, pensaria em Susanne Osbourne, Peter disse para si mesmo.

—Retornará para casa quando a festa que sua mãe organizou tiver terminado? —Perguntou ela.

—Planejei voltar para casa no dia seguinte ao conhecê-la—respondeu ele—. Por fim, depois de permanecer ausente de minha casa durante cinco anos, ia retornar. Mas algumas horas antes que você e eu nos conhecêssemos recebi a carta de minha mãe me contando que havia organizado uma festa de vários dias em minha honra, e que estaria presente a jovem que pretendia que fosse minha esposa.

—De modo que não pensa retornar? —Inquiriu ela.

Ele encolheu os ombros. Retornaria? Não decidiu ainda. Sidley foi também o lar de sua mãe desde que seu casamento com seu pai, que sempre governou com firmeza e eficácia. Peter não estava seguro de que ambos pudessem continuar vivendo juntos ali, agora que ele já não era seu filhinho submisso e obediente. E tampouco estava seguro de estar disposto a pedir sua mãe que partisse ou insistir que instalasse sua residência na casa da viúva em Sidley.

No final das contas era sua mãe. E Peter não era uma pessoa cruel.

—Sua maior virtude e seu maior problema —observou Susanne Osbourne—é sua bondade.

Peter surpreso, deu-se conta de que tinha expressado seus pensamentos em voz alta.

—Isso soa a debilidade —replicou, envergonhado, enquanto atacava a comida que tinha no prato.

—A bondade não é debilidade —protestou ela com firmeza.

—Parece uma traço de bondade não ter assistido à festa organizada por minha mãe? —Perguntou ele.

Ela olhou-o, apoiando de novo o queixo na mão. Ele observou que ela havia parado de comer.

Susanne suspirou.

—O que você precisa —disse—é matar um dragão.

Ele riu.

—E resgatar uma donzela indefesa?

—Conte-me seus sonhos —disse ela.

—Esses estranhos fragmentos de coisas que me passam pela mente quando estou dormindo? —perguntou ele sorrindo.

Mas ela não devolveu o sorriso. Não estava disposta a deixar que ele fugisse do assunto.

—Seus sonhos —insistiu.

Ele afastou seu prato e refletiu um momento.

—Não são coisas importantes —respondeu—. Sonho que passeio por minhas terras empunhando um grosso forcado e seguido por alguns cães. Sonho que conheço minha propriedade palmo a palmo, que trabalho a terra sentindo sua textura entre os dedos, a emoção de ver crescer os cultivos que ajudei a plantar, contemplar seus brotos verdes e frágeis. Sonho que conheço meus trabalhadores e suas famílias, que conheço seus sonhos e trabalho com eles para contribuir com harmonia a nossas vidas e aspirações. Sonho sendo por fim o dono e senhor de minha vida. Sonho que conheço meus vizinhos até o ponto de que posso me apresentar em suas casas a qualquer hora do dia ou da noite e igualmente, eles possam apresentar-se na minha sem que temam me incomodar. Sonho com que chegue o dia em que o fato de ser o visconde de Whitleaf não me afaste de outros mortais que vivem perto de minha casa. Basta-lhe isso?

—Sim —respondeu ela sorrindo—.Alegro-me que tenha me convencido a ser sua amiga. Me alegro por ter um amigo como você. Eu gusto de você.

Ele sentiu-se curiosamente comovido por estas palavras.

—Caramba —disse rindo brandamente—. Isso é muito adulador. À senhorita Susanne Osbourne gosta de mim.

Ela recostou-se em sua cadeira e apoiou as mãos no regaço.

—Não estava ironizando —disse ele—. Sempre achei que pareço bem à maioria das pessoas que conheço; não acredito ser um homem difícil de tratar. Mas não consigo recordar ter ouvido alguem me dizer isso. Vindo de você essas palavras, meu coração, esse órgão que bombeia sangue dentro de meu peito. Fica reconfortado.

Desta vez, o sorriso de Susanne mostrava autêntica felicidade.

—Agora conte-me seus sonhos —disse ele.

Ela adotou imediatamente uma expressão nostálgica.

—Na realidade não tenho sonhos —respondeu—. Estou conformada com o que tenho.

—Caso fosse verdade —disse ele, —isso seria a coisa mais triste que ouvi em muito tempo. Todos necessitamos de sonhos. E não acredito que você não os tenha. Vejo em seus olhos que tem e muitos.

—Em meus olhos? —Perguntou Susanne, receosa—. Os olhos não podem falar.

—Nisso se engana, senhorita sabichona —disse ele—. Os olhos podem ser muito eloquentes, os seus mais que a maioria. Conte-me seus sonhos. Eu contei os meus, e somos amigos, não? Prometo não rir de você e nem ficar em pé na cadeira para revelar seus sonhos secretos para toda a concorrência.

—São tão modestos como os seus —disse ela sorrindo de novo—. Um lar próprio. Durante meus doze primeiros anos vivi na casa de outra pessoa e após isso vivi na escola em Bath. Sonho ter uma casa só minha em um lugar como este, com vizinhos e amigos. Não é preciso que seja muito grande. Ficarei contente com uma casa de campo, um pequeno jardim onde possa cultivar flores, hortaliças e criar beleza e abundância ao redor. E... Meu sonho mais importante.

Susanne parou de falar e mordeu o lábio inferior. Já que ele não dizia nada prosseguiu:

—Um marido e filhos, uma família a quem amar e me sentir amada por eles —disse—. Não sonho com riqueza nem títulos, só com amor. Já que insistiu que dissesse, agora já sabe. Esses são meus sonhos.

Eram em efeito sonhos modestos. Nenhuma mulher deveria ver-se privada de um lar e uma família se o desejasse, pensou ele, mas ela considerava que eram sonhos impossíveis de alcançar. Eram? Era uma jovem incrivelmente bela e doce. Entretanto, onde, além daqui, poderia conhecer um homem digno dela? Possivelmente ele...

Mas não. Não podia ser. Era impossível. Não tinha sentido ficar a maquinar e urdir um plano. Além disso... Nada.

De repente ele percebeu de que as xícaras de ambos mostravam uma superficie cinzenta que indicava que o chá esfriara. Seus pratos estavam quase intactos.

—Trarei outra xícara de chá —disse.

Mas o rosto dela mostrou surpresa ao fixar a vista em um ponto além dele, e ao virar-se Peter comprovou que estavam sozinhos. No salão principal se ouvia o som da música e as risadas das pessoas. Começava a última dança da noite.

—Santo céu! — Exclamou ele—. Reservou esta última dança?

—Não —respondeu ela.

—Eu tampouco —disse Peter com certo alívio—. Aqui faz muito calor, não parece?

—Sim —respondeu ela.

—Quer sair para dar um passeio até que os outros se disponham a partir? —Propôs ele.

Ela pensou por uns instantes.

—Gostaria muito —respondeu.

De modo que, cinco minutos mais tarde puseram-se a andar pela rua do povoado, passando em frente à multidão de carruagens e criados que esperavam para recolher seus respectivos passageiros, frente à loja, o cemitério, a casa do pároco e a igreja. Susanne tirou seu braço dos dele depois de alguns minutos e tomou sua mão, enlaçando seus dedos e apertando o braço contra seu lado.

—Estas duas semanas que estive aqui me recordou que gosto do campo muito mais que Londres ou Brighton ou qualquer cidade grande —disse ele—. Penso que devo retornar para casa, assim que finalize a festa de vários dias que organizou minha mãe. Talvez não tenha perdido toda a época da colheita. E possivelmente... Deixe-o, não importa.

—Talvez —disse ela—seu sonho pode tornar-se logo em relalidade. Eu desejo de coração. Seu lugar está entre estas pessoas.

—Não teria aproveitado tanto durante estas duas semanas caso não tivesse conhecido você—respondeu ele, surpreso pela sinceridade de suas palavras. Eram palavras vácuas e carentes de sentido que ele estava acostumado a pronunciar quando flertava com uma mulher.

—As duas semanas ainda não concluíram —apontou ela—. Ainda faltam três dias. Ai, só três dias!

Disse com tom de tristeza. Depois desses três dias só restava voltar para à escola e ao trabalho, embora tivesse contado a ele em outras ocasiões que gostava muito de sua profissão. Também sabia —Susanne acabava de reconhecer —que a perspectiva de exercer o professorado o resto de sua vida não constituía um de seus sonhos.

Pararam em frente à igreja, à sombra de um olmo.

—Gostaria de ficar aqui mais tempo? —Perguntou ele.

—Não, não —respondeu ela—. Tudo que é bom acaba, e devo retornar. Mas estas foram férias maravilhosas, as melhores de minha vida, e me entristece saber que estão a ponto de terminar.

—O fato de eu estar aqui contribuiu para torná-las maravilhosas? —Perguntou ele.

De novo era o tipo de pergunta que ele teria formulado enquanto flertava com uma mulher; ele sorriria e ela também, e ambos saberiam que ele não perguntou a sério. Mas Susanne Osbourne refletiu por alguns momentos sobre a pergunta, enquanto Peter esperava sua resposta como se fosse importante para ele.

—Sim —respondeu ela suavemente—. Dei muito valor à nossa amizade.

Ele percebeu que ela havia respondido em pretérito. Logo pertenceria ao passado por completo, pois era muito improvável que voltassem a encontrar-se quando partissem daqui. Ele nunca iria a Bath, e ela logo sairia dali.

—Amizade —repetiu ele com tom sério, inclinando a cabeça para a da Susanne—. Essa palavra me parece insuficiente. Não tem a sensação de que somos algo mais que amigos?

A que diabos ele se referia com isso? Mas infelizmente a ele não ocorreu expor esta pergunta mais tarde. Neste momento estava imerso em um insólito instante de seriedade e sinceridade.

—Não diga isso —protestou ela, e ele percebeu uma nota de desgosto em sua voz— .Por favor. Não estrague o que compartilhamos. Não tente paquerar comigo.

Céu santo!

—A última coisa que pretendo é paquerar com você —Assegurou ele.

Mas se não estava paquerando, o que era exatamente o que fazia? Peter tinha a incômoda sensação de ter entrado sem querer em águas tempestuosas.

De qualquer maneira ele tinha inclinado a cabeça e ela não se moveu, suas faces se roçaram. Ele fechou os olhos e não se moveu. Ela tampouco.

Peter sentiu novamente uma profunda melancolia, ainda pior do que aquela que experimentou ontem depois do passeio que deram até a cascata.

Abriu os olhos, moveu um pouco a cabeça e a beijou suavemente nos lábios.

Mas somente durante um breve e absurdo momento antes de levantar a cabeça e olhar para a igreja. Percebeu que ambos continuavam com as mãos entrelaçadas.

Durante alguns instantes ouviu a respiração entrecortada de Susanne e de repente ocorreu a ele um inquietante pensamento. Esse beijo provavelmente —não, com toda segurança—era seu primeiro beijo. Por mais que não parecesse. Mas agora podia fazer com que a ocasião fosse ainda mais inesquecível para ela. Comprimindo novamente seus lábios sobre os dela e beijando-a de forma mais apaixonada e perfeita.

Era o pior que podia ter feito.

Não devia beijá-la.

Não estava acostumado a brincar com os sentimentos de jovens e inocentes professoras. Nem com os seus próprios.

No final das contas, eram amigos. Só amigos!

—Acredito —disse ela brandamente—, que deveríamos retornar à hospedaria, lorde Whitleaf. Vejo que as pessoas começam a sair e a música cessou.

Ele pensou que devia desculpar-se. Mas isso só faria dar mais importância ao que na realidade não podia ser considerado um beijo.

Ainda estava sob os efeitos que sentiu ao perceber a suave e cálida boca de Susanne contra a sua.

Maldição, por que não deu atenção a ela quando o advertiu há mais de uma semana que a amizade entre um homem e uma mulher era impossível? Ele mostrou o exemplo de Edgecombe e da condessa para demonstrar que estava enganda. Mas não levou em conta o fato de que eles eram amantes ao mesmo tempo que amigos.

Um homem solteiro e uma mulher solteira não podiam ser ambas as coisas.

Nem, ao que parecia, só amigos. O problema era que ele a desejava sexualmente. E isso era impossível.

—Vou acompanhá-la—disse, profundamente aliviado de que a festa tivesse terminado evitando que cometesse mais asneiras.

Edgecombe e a condessa os esperavam junto a sua carruagem. A seu redor formavam-se redemoinhos de outras pessoas, carruagens e cavalos em animada desordem enquanto todos despediam um do outro.

Peter sorriu e olhou a seu redor com ar jovial.

—A senhorita Osbourne e eu fomos mais espertos que vocês —disse quando aproximaram-se da multidão—. Demos um tranquilo passeio pela rua, aproveitando o ar fresco.

Quando olhou para Susanne, comprovou que ela também sorria alegremente.

—Foi uma noite encantadora, não é, Frances? —Disse a jovem—. Agradeço que tenham me trazido.

Edgecombe sorriu amavelmente no instante em que lhe oferecia a mão para ajudá-la a subir na carruagem; a condessa deu boa noite a Peter antes de subir também, Edgecombe fez o mesmo e ao final de alguns momentos o condutor manobrou a carruagem entre a multidão e partiram.

Peter emitiu em silêncio um suspiro de alívio enquanto se despedia deles agitando a mão, depois voltou-se para a senhorita Raycroft, que lhe deu o braço e tagarelava excitada sobre o quanto aproveitou a noite.

Mas ele só a escutava pela metade.

O que precisava era matar um dragão, havia dito ela quando se achavam na sala do bufe.

O que necessita, é matar um dragão.

***

Quando Frances bateu na porta do quarto de Susanne, esta murmurou algo que não significava «*adiante*», mas não disse com suficiente claridade. Frances girou a chave, abriu a porta alguns centímetros e colocou a cabeça.

—Vejo que ainda não adormeceu —disse, abrindo mais a porta, ao ver à luz da vela que estava acesa sobre a mesinha, que Susanne estava na janela

—.Pensei que talvez quisesse comentar com alguém suas impressões sobre seu primeiro baile. Durante o trajeto de volta para casa mal separou os lábios para dizer dizer que foi uma noite encantadora. Uma noite encantadora, Susanne? Isso é tudo? Lucius comentou que talvez sua presença a impedia de dizer tudo o que pensava. Mas agora o deixei em nosso quarto e estamos sozinhas.

Frances entrou no quarto e fechou a porta atrás dela.

—Sim —disse Susanne animadamente enquanto trabalhava em excesso para fechar as cortinas, compreendendo que agora já não havia desculpas para não virar-se—. Foi uma noite muito agradável, não foi?

—Somente agradável? E encantadora? Não parece a você elogios muito mornos para descrever a noite? —Frances riu suavemente, depois ficou calada enquanto sua amiga alisava as cortinas—. Susanne? Não esta chorando, não é?

—Não, claro que não —protestou esta. Mas, um ignominioso gemido rematou suas breves palavras.

—Mas está chorando! Pobrezinha! —Exclamou Frances atravessando apressadamente o quarto na direção dela—. O que aconteceu?

Susanne soltou uma risadinha nervosa e procurou no bolso de seu robe o lenço ao mesmo tempo em que virava-se . Viu que Frances também se despiu disposta a ir para a cama. Vestia um robe largo de cor azul escuro e a escura cabeleira dela caía pelas costas.

—Sinto-me uma tola porque me surpreendeu chorando —disse Susanne assoando o nariz—, especialmente em uma ocasião tão pouco apropriada. Asseguro a voce que não são lágrimas de tristeza. Ao contrário, foi uma noite maravilhosa. A recordarei por toda minha vida. Dancei todas as danças exceto duas. Foi uma noite como jamais poderia ter sonhado. E inclusive poderia ter dançado essas duas danças. O senhor Finn queria tirar-me para dançar, mas a senhorita Honeydew sentia-se um pouco enjoada e a acompanhei à sala do bufe. E durante a última contradança o visconde de Whitleaf e eu saímos para dar um passeio para nos refrescar em vez de dançar.

Susanne sentou na cama, e quando Frances ocupou a cadeira que havia junto a penteadeira, a jovem elevou as pernas, rodeou seus joelhos com os braços e dispôs as dobras do robe ao redor de seus pés.

—É como nos velhos tempos —disse Frances sorrinndo—. Ainda sinto falta tanto de você quanto das outras, Da vida na escola e as ocasiões em que ficávamos conversando até bem tarde da noite. Isso não significa que renunciaria a minha vida atual para retornar ao passado, mas... Inclusive as escolhas mais acertadas implicam certo sacrifício. Imagino que a maioria de nós queríamos ter tudo, caso isso fosse possível.

—Aproveitou bem esta noite? —Perguntou Susanne.

—É obvio —respondeu Frances—. Sempre passo melhor em uma festa local que em um baile chique. E esta festa foi ainda mais especial porque você também estava presente e dançou com numerosos homens agradáveis. E ainda tocaram uma valsa e dancei com Lucius e vi que você também dançou. Sim, tudo foi quase perfeito.

—Terei muitas coisas para contar quando retornar a Bath —disse Susanne—. Entre muitas coisas incríveis, poderei contar a Claudia, a Anne ao senhor Huckerby, que dancei a valsa em um autentico baile, ou pelo menos em uma festa, nada menos que com um visconde. Não é um duque, mas quase.

Sempre brincou com suas amigas sobre seu empenho em conquistar algum dia um duque. Sorriu e apoiou a testa sobre os joelhos.

—A valsa é a mais maravilhosa de que qualquer outra dança—Comentou Frances suspirando—. É tão... romântica.

—Sim. —Susanne fechou os olhos e recordou a incrível sensação que experimentou. Pareceu-lhe como se flutuasse sobre o piso de madeira sem tocá-lo com os pés. Como se dançar a valsa e seu sonho de voar em liberdade fossem a mesma coisa. Exceto que não dançou a valsa sozinha, mas com um homem que a sustentou entre seus braços e emanava virilidade e um perfume de almíscar. Durante os minutos que tinha durado a valsa, os sonhos e a realidade se confundiram e ela experimentou uma alegria absoluta, um desses estranhos momentos na vida.

Foi simplesmente mágico.

Sempre recordaria com uma mescla de alegria e dor. Temia que durante um tempo a dor ocultasse à alegria.

De improviso e ignominiosamente, sentiu que voltavam a saltar as lágrimas, molhando seu robe enquanto emitia audíveis soluços ao mesmo tempo que tentata reprimi-los.

—Santo céu —disse, tornando a rebuscar em seu bolso o lenço e soltando uma risada nervosa—. Deve pensar que sou uma idiota.

Produziu-se um breve mas desconcertante silêncio.

—Susanne —disse Frances por fim—, espero que não tenha se apaixonado pelo visconde de Whitleaf.

Susanne levantou bruscamente a cabeça e olhou horrorizada para sua amiga com os olhos úmidos e avermelhados.

—Não! —exclamou—. É obvio que não, Frances. Como lhe ocorreu semelhante tolice?

Mas o problema era que esta noite não podia reprimir as lágrimas. Estas voltaram a aflorar e sentiu que duas rolavam por suas faces. As enxugou rapidamente com o lenço, que sustentou sobre seus olhos.

—Minha pobre amiga —disse Frances brandamente.

—Está muito enganada. Que tola sou —gemeu Susanne—. Não estou apaixonada por ele, Frances, asseguro-lhe isso. Embora goste muito dele. Durante estas duas semanas ficamos amigos. E esta noite dancei a valsa com ele. Mas agora que a festa terminou, não posso evitar recordar que as férias estão a ponto de acabar e que dentro de alguns dias retornarei a Bath. Não me interprete mal, estou desejando voltar. É meu lar e minhas outras amigas estão ali. E a perspectiva de iniciar outro ano escolar com novas alunas e a volta das antigas sempre é estimulante. Mas, nestes momentos me entristece a ideia de ter que me despedir de você, de lorde Edgecombe e de todos os outros.

—Incluído o visconde de Whitleaf —apostilou Frances suavemente.

—Sim. —Susanne sorriu fracamente enquanto guardava o lenço no bolso—. Incluindo ele.

—Está certa que é só um amigo? —Inquiriu Frances franzindo o cenho; seus olhos refletiam inquietação à luz das velas.

—Sim —assegurou Susanne, esforçando-se para sorrir mais animadamente—. É obvio que só é um amigo, boba.

Os amigos não se beijam.

Ele a beijou debaixo do olmo em frente à igreja. Ou era patético qualificar esse breve roçar dos lábios de um beijo? Contudo, Susanne sabia que o recordaria pelo resto de sua vida como um beijo, seu primeiro e certamente último beijo.

Os amigos não se beijam.

Mas eles eram amigos.

De fato, entre eles não havia mais que amizade. Ela não queria que houvesse nada mais. Não podia.

Apoiou de novo a testa nos joelhos.

—Susanne. —Frances levantou-se da cadeira e foi sentar na beira da cama. Apoiou uma mão entre os ombros de sua amiga e deu um suave tapinha em suas costas—. Eu sinto. Sinto muito.

Susanne fez um esforço para respirar fundo e com normalidade, procurando ao mesmo tempo reprimir as lágrimas. Nunca foi uma chorona. As lágrimas desta noite eram impróprias dela.

—Asseguro que é só um amigo —disse quando esteve segura de poder falar sem que sua voz quebrasse—. Mas os amigos tem muito carinho, Frances. Me partiria o coração me despedir de você, de Anne ou de Claudia sabendo que será para sempre.

—De modo que tem o coração partido? —Perguntou Frances.

—Não. Claro que não —respondeu Susanne—. Falava em sentido figurado. Sentirei muita tristeza quando terminar minha estadia aqui. Muito triste e também agradecida pelas numerosas e felizes lembranças. Mas ainda não acabou. Ainda faltam três dias para aproveitá-los aqui.

—Sinto-me impotente —disse Frances depois de alguns minutos em silêncio—. Lamento profundamente por você, Susanne. Mas não sei o que dizer nem como a consolar.

Era evidente que Frances não acreditava em sua amiga quando insistia em dizer que não estava apaixonada pelo visconde de Whitleaf. E era certo que Susanne causaria pena ter que despedir-se dele —embora na verdade não fossem mais que amigos—, abaixou a cabeça e não disse nada durante outros dois minutos.

—O fato de que esteja a meu lado já é um grande consolo—disse Susanne com firmeza depois de um momento, levantando-se da cama e parando junto a Frances—. Inclusive o fato que seja minha amiga. Foi uma noite maravilhosa, Frances, a mais maravilhosa de minha vida, e umas férias inesquecíveis. Perdoe-me por ficar sentimental e chorar porque minha estadia aqui está a ponto de concluir. Anda, retorna para o lado de lorde Edgecombe. Embora você não necessite, eu preciso dormir minhas horas para estar apresentável.

Frances tomou as mãos dela e as apertou ao tempo que a beijava na face.

—Boa garota —disse—. É muito valente, Susanne.Boa noite. Espero que durma bem.

Assim que ficou sozinha, Susanne retirou a coberta da cama, apagou a vela e deitou-se. Cobriu-se com o lençol até o queixo e fechou os olhos.

Elembrou novamente quando dançou a valsa com ele. Compartilhando com ele seus sonhos na sala do bufê e passeando pela rua com ele, aspirando o ar puro, de braço e com as mãos enlaçadas.

Ereviveu novamente o breve beijo. Dentro de três dias partiria e nunca mais veria seu querido amigo.

Embora fosse absurdo considerá-lo seu querido amigo, quando fazia menos de duas semanas que o conhecia e apenas passou mais de meia hora com ele durante estes dias. E sendo ele nada menos que o visconde de Whitleaf.

Amizade. Essa palavra me parece insuficiente. Não tem a sensação de que somos algo mais que amigos?

Susanne ouviu Peter pronunciar essas palavras, justamente antes que lhe tocasse a face com a sua e a beijasse.

Mas não queria recordar essas palavras, nem esse beijo. Não queria acreditar que fossem realmente algo mais que amigos. A dor seria insuportável se...

Voltou-se de costas e deslizou a mão debaixo do travesseiro. Encolheu os joelhos e cobriu-se com o lençol até o queixo.

Imaginou de novo girando ao redor da pista de baile, entre seus braços, envolta pela música e a magia.

Sentiu novamente os lábios dele sobre os seus.

CAPÍTULO 10

Peter não conseguia se lembrar da última hora da festa com satisfação.

De fato, recordava com profundo desgosto.

Quebrou várias das estritas normas que impôs a si mesmo.

Dançou a valsa com Susanne Osbourne, depois jantou com ela —em um tête-à-tête quando podiam ter sentado junto com outras pessoas em uma das mesas grandes, depois ainda saiu para dar um passeio com ela, a sós também. Passou pelo menos uma hora exclusivamente com ela, mais do que o dobro de tempo que estava acostumado a passar a sós com uma dama que não fosse sua irmã.

Não contente em oferecer-lhe o braço enquanto passeavam, tomou-lhe a mão e entrelaçou seus dedos com os dela. Um gesto quase indecoroso. Não, na realidade ultrapassou o limite. Isso, sem dúvida.

Por último —o cúmulo de uma conduta imprópria dele— a beijou. Para ser sincero, devia reconhecer que esse breve encontro de lábios não poderia qualificar-se de um beijo.

Tudo isso bastava para o fazer suar frio, pois o certo era que não conseguia desterrar essas lembranças de sua mente. Pelo contrário, não cessavam de aparecer em sua consciência tal qual dedos acusadores.

Brincou com os sentimentos dessa jovem. Era inútil tentar convencer-se que não importava, que esqueceria dentro de uma semana. Talvez sim. Mas também sabia —por isso possuia cinco irmãs— que as mulheres recordavam destas coisas durante muito mais tempo que os homens e davam a maior importância.

Ele sempre foi consciente disso, e sempre respeitou os sentimentos femininos, salvo em uma memorável ocasião. E a noite da festa.

Sentiu a incômoda sensação de que Susanne Osbourne podia sentir-se mais ferida quando chegasse o momento inevitável de despedir-se.

Peter estava disposto a reconhecer que talvez fora excessivamente vaidoso de sua parte pensar nisso, mas em qualquer caso não desejava feri-la.

O pior —pior que o restante— era que esse lamentável acontecimento do beijo certamente foi o primeiro para ela.

Maldição, não sentia orgulho de si mesmo. Antes, sentia-se profundamente envergonhado.

É obvio, não podia cortejá-la embora desejasse, gostava, isso é tudo. Entre ambos existia uma diferença social insolúvel.

Por mais que essas diferenças fossem absurdas, não deixavam de ser importantes. Ele vivia em um mundo em que os cavalheiros com título deviam escolher esposa entre seu círculo de amizades da alta sociedade. Existiam alguns motivos lógicos para essa exclusividade mais à frente do simples esnobismo. As esposas de homens com título receberam uma educação que as preparou para as funções que deviam cumprir, e ser capazes de realizar determinados deveres sociais com habilidade e desenvoltura.

Essas justificativas soavam muito débeis quando ele as verbalizava em sua mente, mas não era assim. Tudo era parte da malha da sociedade em que ele foi criado e viveu desde sua juventude.

Havia apenas uma solução, Peter decidiu durante a noite que passou praticamente sem dormir após a festa.. Tinha que manter distância da senhorita Susanne Osbourne durante os três dias que esta permanecesse em Somerset, posto que ele partiria mais tarde. Devia evitar dizer ou fazer algo que pudesse arrepender-se. Ou qualquer outra coisa.

Era uma decisão eminentemente sensata, que ele manteve durante dois dias. No primeiro dia, ele foi convidado juntamente com os Raycroft e outros vizinhos para jantar em Barclay Court e, em seguida, jogar charadas e cartas. Não ignorou Susanne Osbourne, isso era impossível. Ela era parte da equipe contrária a sua durante as charadas, e se entregou ao jogo com a mesma energia e entusiasmo que tinha demonstrado nas regatas. Estava deslumbrante e mostrava um magnífico bom humor que fez com que Peter ficasse convencido —com profundo alívio— que não aborreceu Susanne profundamente na noite da festa. O caso é que nem a ignorou nem a evitou. Conversou, riu e competiu com ela animadamente. Mas, sempre rodeados por um numeroso grupo de pessoas e sem passar sequer um minuto a sós com ela.

No dia seguinte, como resultado de uma proposta feita pela senhorita Moss durante o jantar em Barclay Court, um grande grupo de jovens foram a Taunton em quatro carruagens para bisbilhotar pelas lojas e aproveitar de um piquenique às margens do Thone. Peter se absteve de viajar na mesma carruagem de Susanne Osbourne, e embora durante as poucas horas que passaram em Taunton estiveram o suficientemente perto para trocar alguns comentários e sorrisos, não estiveram sozinhos em nenhum momento.

Mas no terceiro dia Peter despertou sobressaltado uma hora antes do habitual pensando quase em pânico que esse era o último dia que ela passaria em Barclay Court, e que tinham desperdiçado dois dias inteiros quando com um pouco de criatividade poderiam ter ficado alguns momentos sozinhos.

Maldição, gostaria que não a tivesse beijado! Ou passeado com ela pela rua do povoado, de braço e com as mãos entrelaçadas.

O mais prudente, pensou Peter quando desceu para tomar o café da manhã depois de um tempo, era evitar ficar a sós com ela nesse dia também. Amanhã Susanne partiria de Somerset, e ele partiria pouco depois.

Raycroft e sua irmã, conforme averiguou Peter na hora de tomar o café da manhã, decidiram dar um passeio até Barclay Court durante a manhã para despedir-se da senhorita Osbourne. No caminho, passariam para apanhar às irmãs Calvert.

—É preciso que venha conosco, lorde Whitleaf —disse a senhorita Raycroft—. É muito triste que a senhorita Osbourne vá tão depressa, não é?

Ir a Barclay Court com eles parecia a oportunidade ideal de fazer o correto —despedir-se dela—, mas com a segurança oferecida por ser parte de um grupo grande de pessoas. Sim, era o mais sensato. E durante o passeio de ida e volta a Barclay Court apreciaria a agradável companhia de quatro jovens damas.

Mas quando abriu a boca para responder, as palavras que pronunciou não eram as que pensou em dizer.

—Prometi à senhorita Honeydew visitá-la esta manhã —disse, embora não era certo—. Eu também estou a ponto de partir daqui e tomei um grande afeto a essa senhora. Procurarei passar por Barclay Court esta tarde.

A senhorita Raycroft fez um gesto, mas não sugeriu —como ele temia—postergar o passeio a Barclay Court até a tarde para que pudessem ir todos juntos.

De modo que ela e Raycroft partiram sem Peter, e este dedicou a manhã a partir lenha para a senhorita Honeydew, face aos enérgicos protestos da anciã, tarefa pela que foi recompensado com efusivas amostras de gratidão, algumas lágrimas e a insistência de que comesse pelo menos uma dúzia dos pasteis especiais que preparava sua governanta, que nesta ocasião apresentavam uma suspeita cor negra na parte inferior e estavam duros como uma pedra no centro. Peter levou o cão para dar um passeio antes de retornar a Hareford House em sua carruagem de corrida.

Fazia uma manhã nublada, um desses dias em que podia chover como sair o sol. Se estivesse chovendo Peter ficaria com a certeza de que era preferível ficar em casa e jogar uma partida de xadrez com o pai de Raycroft, que sempre estava disposto a jogar com alguém quase capaz de ganhar.

Mas as nuvens se dissiparam e sai o sol. Por isso o dia convidava a sair.

Peter foi em sua pequena carruagem de dois lugares a Barclay Court. Deixou o cavalo aos cuidados de um moço no estábulo, atravessou o terraço e subiu por um lado da escada em forma de ferradura. O mordomo já tinha aberto a porta e o informou que sua senhoria e as damas acabavam de almoçar e estariam encantadas em recebê-lo na sala de estar.

Enquanto seguia o mordomo escada acima, Peter decidiu que ficaria uns quinze ou vinte minutos e logo partiria. Desejaria a Susanne Osbourne boa viagem e um feliz curso outonal na escola. Possivelmente beijaria o dorso da mão, ou poderia apenas inclinar-se para ela.

Céu santo, um planejamento tão consciencioso era algo insólito nele! Pensou Peter com desgosto. Os maneiras adequados para cada ocasião eram tão naturais nele que nem sequer pensava de antemão no que devia fazer.

O mordomo abriu a porta da sala de estar.

Com gesto ostentoso, como se fosse anunciar o Príncipe de Gales, depois do qual se deteve.

Susanne Osbourne levantou do assento sob a janela que ocupava. Além dela, a espaçosa sala estava vazia.

—Ah, senhor Smothers —disse—, o conde e a condessa desceram para a biblioteca. Não os viu?

O mordomo voltou-se para o visitante com uma expressão melancólica quase cômica, mas Peter disse rapidamente:

—Vim especialmente para ver a senhorita Osbourne, Smothers. Caso ela queira me receber.

O mordomo voltou-se para a única ocupante da sala.

—Certamente —disse Susanne atravessando a metade da sala antes de deter-se—. Pode retirar-se, senhor Smothers. Como vai, milorde?

Peter não estava muito bem. Na realidade. Foi assaltado de novo pelo absurdo pânico que sentiu ao despertar. Esta era a última vez que a veria. Amanhã pela manhã ela teria partido. No dia seguinte partiria ele. Nestes momentos não o consolava tentar convencer-se de que a semana que vem, a estas horas, já teria esquecido dela.

Sorriu e entrou na sala, e o mordomo fechou a porta atrás dele.

—Frances recebeu esta manhã um convite para dar uns recitais de canto em Londres —explicou Susanne—. Ela e o conde foram à biblioteca para comprovar as datas e começar a fazer os preparativos. Mas não vão demorar.

Não demorarão. De repente a ausência do conde e a condessa deu a Peter um presente que procurou evitar, mas desejava.

Ela estava um pouco pálida, pensou, até que ao olhá-la mais atentamente deu-se conta de que na realidade seu rosto estava ligeiramente bronzeado por ter se exposto ao sol. Mas havia alguma coisa... Eram seus olhos, pareciam risonhos. Não, o resto de seu rosto sorria. Seus olhos estavam sérios. Igual a ele, pensou Peter, era consciente de que esta era a última vez que estariam sozinhos, a última vez que em que se veriam.

É obvio que ela estava consciente desse fato. Durante aproximadamente dez dias se desenvolveu entre eles uma amizade insolitamente afetuosa. Que estúpido foi de privar ambos de dois dias.

—Vim despedir-me de você —disse.

—Sim —respondeu ela suavemente.

—Foi um prazer conhecê-la —disse ele, embora ocorreu a ele que ainda havia muito a conhecer sobre ela... Se tivesse mais tempo.

—Sim —disse ela—. foi um prazer.

—A excursão de ontem foi muito agradável —disse ele.

—Sim —respondeu ela—. Nunca fui antes a Taunton.

—Nem eu —disse ele.

Peter observou que ela engolia em seco, depois do qual virou a cabeça um instantes antes de olhar para ele novamente.

—Desejo uma boa viagem depois de amanhã —disse ela.

—Sim. Obrigado. — Peter cruzou as mãos atrás das costas.

—Quer que eu...?

—Quer você...?

Ambos falaram ao mesmo tempo e pararam simultaneamente, e Peter indicou que ela prosseguisse:

—Gostaria de sair para dar um passeio comigo? —Perguntou ele, abandonando sem pensar seu calculado plano de fazer uma visita de quinze minutos—. Está fazendo um dia esplêndido.

—Irei buscar meu chapéu —disse ela.

Deixou-o no patamar da escada enquanto ela subia as escadas, e novamente ele sentiu pânico. E se não conseguissem sair da casa e desaparecer antes que Edgecombe e sua esposa saíssem da biblioteca? Só restava esta tarde. Era a última oportunidade que possuia ele. Amanhã a estas horas...

Sua última oportunidade para quê?

Quando atravessaram o arco da escada para o vestíbulo, Edgecombe e a condessa saíram da biblioteca e sorriram amigavelmente ao ver Peter.

—Olá, Whitleaf —disse Edgecombe—. Smothers veio nos dizer que estava aqui.

Lamento o mal-entendido. Dispúnhamos-nos a subir para reunimos com você. Já está partindo?

— Por favor não vá ainda—disse a condessa.

—A senhorita Osbourne e eu íamos dar um passeio —explicou Peter—. É uma lástima desperdiçar este magnífico sol.

—Aconselho que percorram a trilha do bosque que há junto à casa —sugeriu Edgecombe—. É muito pitoresco, criado por um paisagista. Iremos junto com vocês, parece bem, Frances?

Esta apoiou a mão na manga de seu marido.

—Ontem advertiu-me —disse—que não tomasse muito sol durante o piquenique, lembra?

—O quê? —Respondeu Edgecombe olhando-a com o cenho franzido.

—Acredito que é mais prudente que hoje não saia —disse Frances.

Peter observou nos olhos de Edgecombe que este captou a insinuação ao mesmo tempo que ele.

—Certamente, meu amor —disse Edgecombe—. Ficaremos juntos. Espero que não importe, Susanne.

—Não, é obvio que não —respondeu ela.

—Os raios de sol podem ser perigosos —acrescentou Peter.

De modo que saíram sozinhos da casa, Susanne Osbourne e ele, aparentemente com a bênção da condessa de Edgecombe.

Mas a bênção para quê?

Mesmo assim, confiava que a condessa não o tivesse interpretado mal, que não pensasse que...

Mas decidiu não seguir atormentando-se com conjeturas e não esbanjar nem um momento mais desta oportunidade inesperada e impagável de estar a sós com Susanne Osbourne, sua amiga.

Ofereceu-lhe o braço sem dizer uma palavra, e que ela aceitou sem olhar para ele.

De repente ambos sentiram a estranha —e potencialmente perturbadora— sensação de culminação.

CAPÍTULO 11

As malas da Susanne estavam quase preparadas. Ela mesma aprontou tudo depois do café da manhã, embora Frances tivesse dito que não ficasse preocupada porque enviaria mais tarde uma empregada para que as fizesse. Não obstante, confessou que havia muitas coisas que preferia fazer ela mesma em vez de deixar que os criados pusessem tudo em ordem.

Susanne sentia-se quase animada. Ansiosa com a perspectiva de retornar para casa, quer dizer, à escola. Era seu lar. E as mulheres e as meninas que a aguardavam constituíam sua família.

Conseguiu desterrar a depressão que sentiu na noite seguinte à festa. Passou duas maravilhosas semanas de descanso em uma incrível e luxuosa mansão com uma de suas melhores amigas e outras pessoas muito agradáveis. E se por acaso fosse pouco, viajou pela primeira vez na carruagem de corrida de um cavalheiro, participou de uma regata —que acabou ganhando—, Teve seu primeiro baile —assim era como ela preferia chamá-lo, embora fosse uma simples festa campestre, dançou todas as danças menos duas, cada uma com um par diferente. Até mesmo dançou a valsa, e beijou pela primeira vez, pois também considerava que o breve roçar de lábios podia descrever-se como um beijo. Nada havia de particular em ocasiões que amigos de sexos diferentes se beijassem, embora o sentimento atrás desse beijo fosse de afeto mais que de amor.

Decidiu—muito sensatamente— recordar tudo sobre essas duas semanas, até o menor detalhe, e deleitar-se com as lembranças em vez de deixar que a deprimissem.

O fato de que o visconde de Whitleaf não tivesse dado a ela uma atenção especial durante os dois últimos dias contribuiu para que não ficasse mais triste. Sorriram-se amigavelmente e inclusive conversaram, mas sempre rodeados por um grupo de amigos.

Também foi um alívio que ele não aparecesse esta manhã com o senhor Raycroft, a irmã deste e as Calvert. As quatro jovens despediram dela com um abraço, e inclusive a senhorita Raycroft e a senhorita Mary Calvert derramaram algumas lagrimas. O senhor Raycroft tomou sua mão entre as dele, dando-lhe um amável tapinha e desejou uma boa viagem e um feliz curso outonal na escola.

Sim, decididamente foi um alívio que ele não tivesse vindo também, e evitado despedir-se dela.

Mas à hora do almoço Susanne esforçou-se por manter uma conversa animada com Frances e o conde.

Teve dificuldades em engolir a comida devido ao nó em sua garganta.

Reconhecia internamente que estava dolorida, tanto pela ausência dele esta manhã como pelo empenho que teve em evitar ficar a sós com ela ontem e anteontem. Ela sabia que foi tudo deliberado.

Parecia como se esse beijo, que talvez não tenha sido um autêntico beijo, tivesse destruído a amizade entre eles.

Mas enfim ele veio.

Sozinho.

E a encontrou sozinha. Mas quando o conde popôs que ele e Frances os acompanhassem durante o passeio, o visconde de Whitleaf absteve-se de aproveitar a oportunidade de não ficar sozinho com ela. Não havia dito nada. E Frances parecia ter adivinhado que ela desejava passar esta última tarde alguns minutos a sós com ele. Era certa?

Frances e ela decidiram antes do almoço que a tarde dariam um passeio ao redor do lago. As duas sozinhas. Durante o almoço o conde comentou que deixaria que as duas gozassem de sua mútua companhia posto que iam separar se novamente durante um tempo.

Susanne notou que o braço oferecido pelo visconde não estava relaxado. Os músculos estavam tensos. Ele ficou em silêncio durante um momento enquanto a conduzia através do terraço e em sentido diagonal através da grama para o bosque, onde estava a trilha agreste.

Ela não podia recordar o silêncio em que percorreram mais da metade do caminho desde Hareford House até Barclay Court o dia que se conheceram, há quase duas semanas.

Mas este silêncio era diferente.

Era quase impossível acreditar que somente duas semanas ela nunca havia se encontrado com ele antes, salvo em uma breve ocasião, quando eram crianças.

—Aí está —disse, rompendo o silêncio por fim e mostrando uma trilha claramente definida que desaparecia entre as árvores—. A trilha do bosque. Discorre através dele e pelo topo da colina até uma pequena ponte sobre o rio, depois do qual continuava ao lado do rio para o caminho de acesso à casa pelo outro lado.

— Uma longa caminhada—observou ele.

Com efeito.

—Sente-se com forças para caminhar? —Perguntou ele.

—Sempre gostei de caminhar —respondeu ela.

—Eu também —disse ele—. Participei de várias excursões a pé pelas Terras Altas da Escócia e o Distrito dos Lagos. Algum dia quero fazer pelo norte de Gales.

—Dizem que o monte Snowdon é impressionante —comentou ela—, e que é uma região selvagem e de uma grande beleza.

—Sim —disse ele—, isso me disseram.

A trilha estava bem cuidada e permitiu que eles caminhassem comodamente um ao lado do outro. Enquanto avançavam debaixo dos ramos que ofereciam sombra e entre as frondosas árvores que os rodeavam como pilares em uma catedral, ambos experimentaram uma sensação de isolamento. Alguns pássaros entoavam seu canto dos galhos.

—Eu gostaria que falasse-me sobre as excursões que realizou a pé —disse ela.

Ele demorou um momento em responder. Susanne era consciente de ele a olhava, mas manteve o olhar fixo na trilha.

— Nós podemos fazer isso se quiser— ele disse baixinho depois de alguns minutos—. Podemos abordar algumas questões sobre as quais ambos ou um de nós pode falar com eloquência por um tempo. E quando chegarmos ao final da trilha retornarmos para casa, podemos congratular-nos por não ter deixado que produzisse um momento de silêncio depois dos primeiros e tensos minutos. Podemos nos despedir alegremente e ponto. Fim da história.

Ela não sabia o que dizer. Não formulou nenhuma pergunta.

—Sim —disse.

—É isso o que deseja? —Ele inclinou a cabeça sobre ela, e ela voltou-se para o olhar nos olhos, que pareciam mais escuros que o habitual à sombra das árvores e estavam a poucos centímetros dos seus.

Foi sua perdição.

—Não —respondeu ela, sem saber exatamente a que se referia, mas convencida que não queria conversar cortesmente com ele sobre temas banais nesta última vez que estariam sozinhos.

A última.

—Não —repetiu com mais firmeza, sorriu brevemente e virou a cabeça para olhar para trás no caminho—. Que deseja que façamos em vez disso?

—Aproveitar a tarde e nossa mútua companhia. Rir um pouco —disse ele—. Mas aproveitar e rir francamente, como dois amigos. O que acha?

Era absurdo dar um toque trágico à situação. A estas horas na semana que vem, o ano que vem, ela iria olhar para trás e perguntaria a si mesma por que não aproveitou cada momento em vez de viver com a tolice do que o futuro proporcionaria. Como sabia se o futuro seria vazio? Como sabia se existiria sequer um futuro?

—Excelente ideia —respondeu ela rindo. — parece-me francamente brilhante.

Ele riu também, mas embora riam de besteiras —o comentário dela e a resposta dele não pareciam nada espirituoso — ambos experimentaram uma sensação muito agradável. E de repente Susanne sentiu-se feliz. Não, não queria pensar no futuro.

—Percebeu —perguntou— que vivemos boa parte de nossa vida no passado e a maior parte no futuro? Percebeu que com frequência deixamos que o momento presente transcorra sem que prestemos atenção nele?

—Até que ele se torne passado —respondeu —.Então ai sim, prestamos atenção. Sim, tem razão. Quantos momentos presente acredita que haverá até que retornarmos para casa? E, a propósito, quanto dura um momento presente? Possivelmente poderia dizer-se que é infinito, eterno.

—Ou mais fugaz que uma fração de segundo —apontou ela.

—Acredito —disse ele— que se trata de novo da atitude do copo meio vazio em lugar de meio cheio. Mas o que nos colocou a filosofar? É uma possibilidade alarmante. Um pouco que nos descuidemos e tentaremos decifrar quantos anjos podem dançar sobre a cabeça de um alfinete.

—Nenhum ou um número infinito —respondeu ela—. Nunca soube se o primeiro ou o segundo. Acredita que existe uma resposta correta?

—Bem —disse ele rindo—, o que acha se concordarmos em viver este momento infinito estritamente no presente? Ou esta incalculável sucessão de momentos presentes?

—Tudo bem, faremos assim —respondeu ela rindo junto com ele.

Enquanto passeavam, Susanne elevou o rosto para observar os desenhos que mudavam para luz e sombra, calor e frescor, consciente dos sons do canto dos pássaros, o zumbido dos insetos, os passos apressados de animais invisíveis e os aromas de terra, e colônia masculina. Sentia cada acidente do caminho, cada pequeno canto que pisava, os músculos firmes, mas relaxados do braço de Peter debaixo de sua mão, seu calor através do manga do paletó.

Voltou- se para sorrir e comprovou que ele a olhava também com um relaxado, sincero e alegre sorriso.

—Vejo um banco a poucos metros —disse Peter—. Deduzo que ali deve ter uma bonita vista.

—Sim —respondeu ela—. Esta trilha foi criada com esmero para deleite de caminhantes, como você mesmo observou quando fomos até a cascata.

Permaneceram um momento em pé atrás do banco, contemplando através do que parecia uma abertura natural entre as árvores, os amplos prados que se estendiam até a casa e ao estábulo ao longe. No centro do prado ficava um velho carvalho que emoldurava perfeitamente a vista.

Neste momento ela estava aqui, admirando o panorama, pensou Susanne, sentindo o suave tecido da manga da casaca dele sem mover a mão.

— A trilha vai até a colina—disse assinalando à frente—. Ali tem uma vista magnífica. Embora em minha opinião a melhor é a do rio e a pequena ponte.

Detiveram-se várias vezes antes de chegar no local, admirando ora a cultivada beleza do parque, ora a bucólica paz e os férteis campos que os rodeavam.

—Eu gostaria que visse Sidley —disse ele descansando os olhos e contemplando ao longe o mosaico de campos, separados por pequenas sebes vivas—. Disse-me que nunca foi lá, não é assim? Sempre pensei que não existe nada comparável a esse lugar quanto a beleza. Suponho que minha opinião não pode ser imparcial. É impossível. Toca-me aqui —acrescentou levando uma mão ao coração. Logo se voltou de repente para ela e sorriu com gesto malicioso—. Toca-me neste órgão que tenho no peito que bombeia sangue.

—O coração, o centro de nossos sentimentos mais ternos —respondeu ela—, sequer acreditam que deve centrar-se em algum lugar. Deve ser maravilhoso ter um lar próprio. Imagino que deve contemplá-lo mais com as emoções que com os olhos ou o intelecto.

—Espero que algum dia você tenha seu próprio lar —disse ele dando um tapinha na mão dela que repousava sobre seu braço.

Continuaram avançando, descendo pela trilha que corria através das ladeiras inferiores da colina até que começou a descer de novo por um terreno espaçoso e divisaram o rio, mais estreito daqui que perto do lago. Viram também a pequena ponte sobre o rio, cujo arco era tão acentuado que formava degraus que subiam até o centro e desciam pelo outro lado. A água que fluía debaixo dela era de um verde escuro devido aos reflexos das frondosas árvores que cresciam em suas margens e se estendiam pelas ladeiras.

—Com efeito —disse ele quando pararam —Você tem razão. Esta é a melhor vista. Inclusive melhor que a vista da cascata. É espetacular, mas como a maioria das vistas neste lugar compreende o agreste e o mundo exterior. Esta paragem é totalmente agreste.

Susanne soltou o braço e virou-se. A colina atrás dela quase alcançava o infinito; Pelos outros três lados viam-se árvores. Mais abaixo viam-se mais árvores, matagais, samambaias, o rio e a ponte.

—Não tinha reparado nisso —disse—. Mas é verdade. Isto explica por que eu gosto tanto de vir aqui. Oferece...

—Uma escapatória?

Mas Susanna franziu a testa e balançou a cabeça.

—Um retiro —respondeu—. É uma palavra mais adequada.

—Quer sentar um momento? —Perguntou ele—. Aqui não há nenhum banco, mas suponho que a grama não deva estar úmida. Há dias que não chove.

Peter abaixou-se e esfregou a grama com força. Logo elevou a mão, com a palma para cima, e mostrou para ela que a grama estava seca.

Susanne sentou, encolhendo os joelhos e os rodeando com os braços. Peter sentou a seu lado, apoiado em um cotovelo e sustentando a cabeça com uma mão enquanto passava a outra ligeiramente sobre a grama.

Os quentes raios do sol brilhavam sobre suas cabeças.

—Escute —disse ela depois de alguns momentos. Ele deixou de acariciar a grama.

—A cascata?

—Sim.

Ambos escutaram durante um momento o murmúrio da água antes que ele elevasse a mão da grama e a apoiasse ligeiramente sobre uma das mãos de Susanne, que estava ao redor de seus joelhos.

—Sentirei falta de você, Susanne —disse.

—Combinamos que não pensaríamos no futuro —replicou ela, mas antes teve que respirar fundo.

—Certo —disse ele. Retirou a mão da sua, tirou o chapéu e deitou sobre a grama, dobrando uma perna e apoiando o pé envolto em uma bota no chão, protegeu os olhos com uma mão.

Susanne sentia uma dolorosa opressão na garganta. Não era fácil manter futuro longe da mente. Concentrou-se novamente no longínquo som da cascata.

—Não desejou alguma vez —perguntou ele ao fim de alguns minutos— ser totalmente livre?

—Sonho continuamente com isso —respondeu ela.

—Eu também.

Fazia duas semanas —ou menos— ela imaginava que um homem como ele gozava de toda a liberdade que pudesse desejar ou necessitar. Imaginava que a maioria dos homens eram essencialmente livres.

—Somos uns ingratos —comentou ele com uma risada.

—Mas não é da escola, de uma relativa pobreza ou de nenhum outro fator em minha vida que desejo livrar-me —esclareceu ela—. É... Em certa ocasião ouvi alguém descrevê-lo como um anseio de Deus, embora tampouco é exatamente isto. trata-se de... mmm...

—O anseio de algo além de você, além de tudo que conheceu ou sonhou —apontou ele.

—Sim —respondeu ela suspirando.

—É possível que estejamos filosofando de novo? —Perguntou ele, retirando a mão de seus olhos e voltando-se para olhá-la sorrindo—. Duas vezes em uma tarde? Devo estar ficando doente.

Ela riu e virou-se para olhar Peter. De repente ocorreu alguma coisa.

O momento era muito presente, como se o passado e o futuro desaparecessem ou tivessem sido assimilados pelo presente. Era um momento simplesmente mágico.

E insuportavelmente tenso.

Ambos fitaram-se nos olhos, sem que nenhum dissesse uma palavra enquanto seus sorrisos se dissipavam, até que ele levantou a mão e apoiou os nós dos dedos ligeiramente na face dela.

—Susanne — disse ele baixinho..

Ela poderia ter dito ou feito várias coisas para colocar em movimento o tempo novamente. Mas não fez nada; de fato, nem sequer pensou em fazer. Estava suspensa na magia do momento.

Ela virou a cabeça para que seus lábios roçarem os dedos dele. E fixou os olhos nos dele, de cor violeta, velados e profundos como o oceano.

Abaixou a mão e desatou as fitas de seu chapéu. Logo o empurrou para trás e este caiu sobre a grama atrás dela. Susanne sentiu o ar quente sobre seu rosto e através de seu cabelo ligeiramente úmido. Ele tomou seu rosto com ambas as mãos e o atraiu para si. Ela relaxou a rigidez de suas pernas e virou-se, ajoelhando junto a ele.

Então seus lábios roçaram de novo, foi um beijo tão breve, como seria o último. Ele afastou o rosto de Susanne do dele e a olhou nos olhos ao mesmo tempo que seus polegares desenhavam círculos sobre sua face.

—Deixe-me beija-la —disse ele.

Foi um pedido um tanto absurdo, posto que acabava de fazer sem pedir permissão. Mas, apesar da quase total falta de experiência de Susanne em matéria de beijos, possuía a suficiente intuição feminina para saber com exatidão o que ele queria dizer.

—Sim —respondeu.

Ela seguia ajoelhada e inclinada sobre Peter, uma mão apoiada em seu peito, a outra apoiada na grama,do outro lado dele, enquanto Peter voltava a beijá-la.

Mas desta vez o beijo não terminou depois de breves instantes, mas depois de um longo tempo. E desta vez não foi um mero roçar de lábios.

Desta vez ele entreabriu os lábios úmidos e mordiscou o lábio inferior de Susanne com seus dentes, tocou seus lábios com a língua e deslizou a ponta pelo contorno interior, de uma esquina à outra, pressionando a língua mais firmemente até deslizar debaixo do lábio superior dela para acariciar a pele suave e sensível no interior. Logo a beijou breve e suavemente sobre a boca e até o queixo antes de voltar a beijá-la apaixonadamente, apertando sua boca com mais força, de forma mais insistente. A língua de Peter abriu caminho entre os lábios dela, entre seus dentes, até introduzir-se profundamente em sua boca. Finalmente o beijo ficou mais suave, e ele afastou novamente o rosto de Susanne do dele.

Fixou os olhos lânguidos e entrecerrados dela.

—Deite a meu lado —disse—. Você parece desconfortável.

Ela seguia inclinada sobre ele, sustentando com uma mão uma de suas lapelas e com a outra um punhado da grama áspera.

Deitou-se a seu lado, de costas, com o braço dele debaixo de sua cabeça. Apoiou a mão sobre seu coração e fechou os olhos. Não queria que ele dissesse nada. Não queria pensar. Só desejava sentir.

Era assim como beijavam as pessoas, os homens e as mulheres? Ela não tinha a menor ideia. Imaginou que a beijavam, e em sua imaginação deixou-se arrastar pela emoção de lábios que se unem. Em sua ingenuidade não tinha pensado na possibilidade de que um beijo, como prelúdio do ato sexual, pudesse ter um efeito muito potente sobre certas partes de seu corpo além de seus lábios. De fato, sobre todas as partes de seu corpo, inclusive aquelas que apenas era consciente que as possuia. Sentia certa tensão e dor em diversos pontos de seu corpo que eram desconhecidos para ela.

Tampouco lhe ocorreu que em um beijo entrasse também a boca, não só os lábios.

Sentia os acelerado pulsar do coração dele debaixo de sua mão.

De improviso, antes que ela recuperasse a compostura, Peter virou-se de frente para ela, acariciou-lhe de novo as faces e o cabelo com a mão que tinha livre e afastou algumas mechas da testa.

Ela o viu engolir em seco.

—O mau dos beijos —disse ele suavemente — é que, inevitavelmente, desejamos mais.

—Sim. Mais?

— Alguns beijos, como um prelúdio de...

Ele a beijou novamente, suave e lentamente, e permaneceram estendidos sobre o gramado abraçados, enquanto ela respondia movendo também a boca e o corpo. Moveu seus lábios sobre os dele, tocando-os com a língua, acariciando a língua de Peter com a sua quando ele voltou a introduzi-la em sua boca, sugando-a. Quando Peter emitiu um som gutural, ela deslizou a mão sobre a parte posterior da cabeça dele, enredando seus dedos entre seu cabelo morno devido ao sol.

Nesse momento ele apertou o resto de seu corpo contra o dela e Susanne experimentou a desconhecida e intensa emoção de sentir o contato do musculoso corpo de um homem contra o seu, dos lábios até os dedos dos pés.

Peter enlaçou as pernas dela com uma de suas botas, atraindo-a mais para si.

—Susanne —murmurou contra sua boca.

—Sim.

—Diga meu nome —murmurou.

—Peter.

Era muito mais pessoal, mais íntimo, do que seu título. Ela nunca pensou nele como Peter. Mas era seu nome, seu pertence mais pessoal. Assim era como o recordaria.

O desejo sexual produzia uma dor quase insuportável.

Ele apoiou a mão sobre um de seus seios, explorando-o ligeiramente, acariciando-o, elevando-o com a palma da mão, esfregando o polegar sobre o mamilo, ereto e sensível. Introduziu o polegar debaixo do tecido do vestido de Susanne à altura do ombro e o deslizou sobre seu braço até que seu seio ficou exposto. Cobriu-o de novo com sua mão, cálida e quente sobre a pálida pele dela. Logo inclinou lentamente a cabeça e antes que ela pudesse adivinhar suas intenções, beijou-o e sugou o mamilo.

Susanne experimentou uma intensa sensação que cravou como uma faca na garganta e logo através de seu útero e ao longo da parte interna de suas coxas.

Nesse momento abandonou todo intento de enganar-se.

Esta não era uma amizade normal e inocente.

Nunca foi.

Não suportava pensar no amanhã. Mas não só porque perderia um amigo. Mas sim porque deixaria para atrás o homem por quem se apaixonou perdidamente.

Perdidamente era a palavra chave. Perdidamente e sem esperança. Sem futuro. Existia somente o agora.

Ele levantou a cabeça e aproximou seus lábios dos dela. Mas em lugar de beijá-la, olhou-a profundamente nos olhos com um desejo não menos imperioso. Não era difícil interpretar essa expressão, embora ela nunca a tivesse visto no semblante de um homem.

— Peça que me detenha agora —murmurou ele, —ou que Deus nos ajude.

Deter-se?

Não! Não e mil vezes não. O futuro não existia, só existia o agora, mas ela não estava disposta a deixar que o instante fosse arrebatado para sempre. Não, queria saboreá-lo até o fim.

Ela não analisou as palavras dele de forma racional. Era incapaz de pensar de forma racional, mas carecia de experiência neste tipo de situação. Sua mente nem sequer pensou na moral ou na virtude. E, menos ainda. nas consequências ou os riscos que comportava não obrigá-lo a deter-se.

Somente existia o agora.

Ele estava agora junto a ela.

Amanhã ela teria partido, e no dia seguinte o faria ele.

—Susanne? —Murmurou ele de novo.

—Não pare —respondeu ela. — Eu imploro, não pare.

Ele não parou. Virou-a de costas para baixo, beijando-a, despindo seu outro peito e acariciando-a com mãos e lábios enquanto ela permanecia estendida debaixo dele, sentindo uma mescla de confusão, desejo e intensas sensações físicas que trespassavam cada veia, osso e terminação nervosa de seu corpo.

Então, ele levantou a bainha de seu vestido rolou-o até os quadris e tirando todos as peças intimas até que ela sentiu a grama sobre sua pele nua. Ele desabotoou a barguilha de suas calças e montou sobre ela, separando suas pernas antes de apoiar as mãos com firmeza debaixo de seu corpo para amortecer a dureza do chão.

Ela compreendeu o que ocorreria. Conhecia com seu intelecto o processo, pelo menos em parte. Sabia que o homem penetrava na mulher e derramava sua semente em seu interior. Sempre imaginou que seria ao mesmo tempo doloroso e vergonhoso, embora sempre desejou experimentar.

Houve dor. Ele a penetrou devagar, mas com firmeza, atravessando a barreira de sua virgindade até ficar encaixado profundamente nela.

Não houve vergonha.

Não imaginou o quão grande era o membro viril, duro e como a penetraria profundamente.

E não imaginou o que ocorreria entre o momento em que ele a penetrasse e ejaculasse.

Ocorreu uma mescla de dor, prazer, emoção e satisfação. Dor quando ele a penetrou e ficou movendo-se dentro dela repetidamente depois de desvirginá-la e convertê-la em mulher. Prazer porque foi mais maravilhoso, mais excitante que qualquer outra sensação que ela tenha experimentado. Emoção porque não imaginou uma invasão tão profunda, intensa e prolongada de seu corpo. Satisfação porque agora, antes de que fosse muito tarde, ele a converteu em sua amante. Porque ela sempre poderia recordá-lo como seu amante.

Apesar da dor e choque, ela desejava que não terminasse nunca. Apoiou os pés com firmeza no chão, sentindo o suave couro das botas dele contra a parte interna de suas pernas, abraçou-o com força fechou os olhos e entregou-se ao leque de sensações que experimentava, sentindo cada movimento doloroso, potente e maravilhoso do corpo dele dentro dela, escutando cada ofego que ele emitia, cheirando o perfume de sua colônia e a essência de sua virilidade, compreendendo por fim, pela primeira vez em sua vida, que estava celebrando sua sexualidade com o homem que amava.

Mais tarde não ficaria arrependida. Estava convencida disso. Não queria pensar no depois. Mas este chegou indevidamente.

O ritmo dele ficou acelerado e seus movimentos ficaram mais profundos até que Peter aquietou-se, cada músculo do corpo dele tenso, depois do qual suspirou e relaxou enquanto ela sentia que algo quente derramava-se em seu interior.

Susanne engoliu em seco, sentindo-se decepcionada de que tudo tivesse terminado.

Para sempre.

Não importava. Não deixaria que tivesse importância. Recordaria disto sempre.

Ele separou-se dela e apressado abaixou a saia de Susanne sobre as pernas e cobriu seus seios com o corpet. Logo virou de costas para a grama junto a ela e cobriu-se também. Com um braço sobre os olhos e a outra mão apoiada no dorso da mão de Susanne que estava sobre a grama entre eles.

Ela teve a sensação de que ele dormiu durante alguns minutos.

Como era possível que alguém pudesse dormir depois disso? Embora, é obvio, ele tivesse sofrido grande desgaste de energia.

Ela retinha sua semente no mais profundo do ser. Começava a recuperar a faculdade de pensar de forma racional.

—Susanne —disse ele com voz sonolenta, enquanto ela jazia com os olhos fechados, revivendo cada momento do que acabava de acontecer.

Susanne virou o rosto para olhá-lo. O cabelo dele estava alvoroçado, as faces ligeiramente vermelhas e estava incrivelmente bonito.

— Venha comigo—disse ele.

—O quê? —Perguntou ela. Durante instantes sentiu que nascia em seu coração uma esperança absurda.

—Partamos daqui —disse ele—. Por que temos que nos despedir quando nenhum dos dois desejamos? Podemos ir para o norte de Gales. Podemos contemplar juntos Monte Snowdon e passear pelas colinas e praias. Vamos fazer isso. Vamos fugir.

Espantoso, pensou, enquanto o fitava atônita, era que ele dizia estas palavras a sério. Que por menos de nada ela estava disposta a abandonar toda cautela e sensatez e fugir com ele.

—E depois? —Perguntou.

—Depois? —Ele riu brandamente—Pensaremos nisso quando chegar o momento. Jamais a abandonarei na miséria, prometo-lhe. Antes que a vejam comigo, vamos fugir.

O pensamento racional retornou de onde estava oculto e se impôs de novo na mente de Susanne. Queria convertê-la em sua amante.

Levar uma vida dupla, sem dúvida, maravilhosa e logo ele pagaria por seus serviços e romperia com ela. Posto que era basicamente um homem decente e bondoso, ocuparia-se de que ela não morresse de fome quando a abandonasse.

Poderia ela tornar-se em sua amante.

Sua puta.

—Eu gosto de minha vida atual —disse ela—Eu adoro a escola, o trabalho que realizo nela, minhas alunas e minhas colegas, as outras professoras. Pretendo retornar amanhã.

—Não é obrigada a fazer nada —respondeu ele.

—Tem razão. —Ela ficou em pé e alisou o vestido com mãos trêmulas—. É verdade. Não tenho que fugir com você.

Ele levantou-se também.

—Não suporto separar-me de você—Disse ele enquanto ela recolhia o chapéu e o colocava sobre seus despenteados cachos. É capaz de separar-se de mim?

—Não —reconheceu ela, detendo-se enquanto apertava as fitas embaixo do queixo—. Mas não há outra alternativa a não ser o fato de ter que separar-me de você.

—Susanne... —disse ele.

Mas ela apenas olhou para ele. Até mesmo teve suficiente orgulho para esboçar um meio sorriso.

—Considerarei como um tesouro a lembrança destes quinze dias —disse—. Inclusive a lembrança deste momento. Mas isto é o fim. Deve ser. O restante seria sórdido.

—Sórdido! —Ele a olhou franzindo o cenho, recolhendo seu chapéu; Ficou em frente a ela—. Acredita seriamente?

—Sim —respondeu ela—. Sou uma professora, não uma cortesã. Desejo continuar sendo uma professora.

Ele olhou para ela durante uns momentos com os olhos inescrutáveis, depois do qual assentiu.

—Peço desculpas —disse—. Peço desculpa por tê-la insultado.

—Não me insultou —respondeu ela brandamente— por me dizer que estaria disposto a prolongar nossa relação se pudesse. O que você acha de voltar para casa em vez de seguir adiante? Ja faz bastante tempo que nos ausentamos, e Frances estará se perguntando o que...

—O que estamos fazendo? —Sugeriu ele.

Ambos se olharam sorrindo lentamente com tristeza. Quando ofereceu o braço a Susanne, ela aceitou e começaram de novo a andar, embora em direção oposta. Ela sentia toda a irrealidade do que tinha ocorrido durante a última meia hora.

Salvo que não era irreal.

Sentia entre suas coxas a trêmula sequela do que fizeram juntos.

Sentia em seu interior uma ardência inconfundível.

No mais íntimo de seu ser abrigava a semente dele.

Pensou nas consequências, mas já era muito tarde.

CAPÍTULO 12

Peter retornou para Sidley Park em setembro, quando teve certeza de que todos os convidados de sua mãe já teriam partido. Quando a carruagem chegou em casa perguntou para si mesmo um tanto preocupado se tudo seria fácil —ou inclusive possível— compartilhar sua casa com sua mãe, agora que ele decidiu se estabelecer ali. Amava-a muito, mas sua mãe sempre governou Sidley Park pensando que eram seus domínios e imaginava que todos os ocupantes como se fosse uma divindade que soubesse o que melhor convinha a todos. Com prudência criou seus filhos com mão firme e com carinho, embora fosse justamente esse fato o que faria com que fosse mais difícil impor sua vontade.

Mas por que antecipar os problemas quando ainda não existiam?

Quando a carruagem estacionou diante da casa e o condutor abriu a portinhola, Peter nem sequer esperou que ele colocasse os degraus, e saltou sobre o espaço pavimentado como um menino ansioso por ter retornado para casa depois de um aborrecido ano escolar.

Não demorou para comprovar que, efetivamente, existiam problemas.

Sua mãe aliviou o tédio que sentia redecorando a sala de estar com uma preponderância de cor rosa e babados. Peter reparou primeiro nas almofadas cor de rosa com babados que havia em toda parte, embora eram preferíveis às cortinas rosas adornadas com franzidos, babados e festões até um extremo que causou-lhe náuseas.

—Era uma sala muito insípida, escura e deprimente —Explicou sua mãe tomando-o pelo braço para que ele admirasse o trabalho dela.—. Agora parece mais clara e alegre, não é, querido? E ficará ainda melhor quando substituirmos os quadros por bonitas paisagens.

—Onde pensa colocar os quadros? —Perguntou-lhe Peter, dissimulando seu desgosto com um tom de educado interesse. Alguns quadros eram de seus antepassados e ele sempre sentiu orgulho, deles, ao mesmo tempo que fascinado por quem sentia grande afeto. Estavam vinculados a seu pai, de quem não se lembrava, e com as origens por parte paterna, e que ninguém exceto ele, mostrou o menor interesse.

—No sótão —respondeu sua mãe—. Sempre detestei esses quadros. Não necessitamos de coisas tão deprimentes do passado, não é, querido?

Peter emitiu um grunhido em tom neutro.

A sala de estar, pensou —embora não tenha dito em voz alta, parecia um gigantesco gabinete feminino. E pareceria ainda mais decorado com quadros diferentes.

—Bem, o que acha? —Perguntou sua mãe sorrindo.

Possivelmente chegara o momento de assumir o papel de implacável dono e senhor da casa. Mas sua mãe parecia muito satisfeita e certa de que ele também sentia-se satisfeito. E, no final das contas, era apenas uma sala. Peter decidiu que podia viver com uma sala rosa, sempre e quando não fosse a biblioteca ou seu quarto.

—É muito... muito você, mamãe —respondeu. Era uma sala que combinava com perfeição a ela. Sua mãe sempre foi bonita —ainda era—, delicada e muito feminina. O rosa foi sempre sua cor predileta.

—Sabia que você adoraria —disse ela apertando com afeto o braço dele—Alegro-me que tenha retornado. Mas, querido, foi muito incorreto por parte dos Raycroft insistir que ficasse com eles em Somerset, quando sabiam que desejava estar aqui. Nossos convidados ficaram decepcionados, em especial lady Larchwell, que acredito, confiava que você ficasse

atraído pela filha dela. A senhorita Larchwell é uma jovem muito bonita e modesta, tendo em conta que seu bisavô materno era um duque. Acredito que assim que a conhecesse, gostaria dela. Deveria impor sua vontade com os Raycroft. É muito melhor.

—Devo confessar, mamãe —respondeu ele—que apreciei muito a minha estadia em Hareford House.

—Estou certa —disse sua mãe sentando-se em uma poltrona e quase desaparecendo entre um montão de almofadas—. Embora imagine que a companhia não tenha mudado muito. Suponho que tampouco seja aqui, já que todos os convidados partiram. Alegro-me de tê-lo aqui, querido.

—Estão os Markham —apontou ele—. Celebrarei muito ver novamente Theo. E estão os Harris, os Mummert e os Pole.

Mas sua mãe fez um gesto de descaso e não respondeu.

Sempre comportou-se amavelmente com seus vizinhos, mas também os tinha tratado com condescendência o que indicava a distância social que sempre pensou que existisse entre eles. Os Markham eram uma família distinta, certamente e sempre foram personagens importantes nos círculos políticos; o pai de Theo foi ministro do governo durante vários anos. Mas embora há muito tempo a mãe de Peter visitasse os Markham com frequência e às vezes levava ele e suas irmãs para Fincham Manor, a relação havia esfriado com o tempo. Era uma pena. A mãe de Theo continuava vivendo em Fincham Manor durante os meses de inverno e contava aproximadamente com a idade de sua mãe. Podiam ter sido amigas.

—A propósito dos Markham —disse ele quando ocorreu-lhe de repente uma ideia—, Lembra-se do senhor Osbourne?

Sua mãe deixou de brincar com o babado de uma das almofadas e olhou para seu filho sem compreender.

—A verdade é que não —respondeu.

—Foi o secretário do falecido sir Charles Markham durante muitos anos —explicou Peter.

—Ah, sim? —Depois de refletir uns instantes sobre o assunto, sua mãe encolheu os ombros e meneou a cabeça—. Em tal caso devia tê-lo conhecido, não?

—Em certa ocasião me reñiste —disse Peter, —quando ele estava ensinando a eu e Theo a escrever com uma elegante caligrafia em seu escritorio, entrou apressadamente e se mostrou muito desgostosa, porque acreditava que estivéssemos no quarto de Theo em vez de estar inalando o cheiro de tinta, dizendo que provavelmente, nos causaria enxaqueca.

—Sua saúde sempre foi muito delicada, querido —disse sua mãe—. Sempre temi por você, principalmente quando não o encontrava onde imaginava que estivesse. Mas não recordo desse incidente.

—E em outra ocasião —disse ele—, quando estava em casa uma semana porque estava de férias da escola, acompanhei Fincham, sem minhas irmãs e resultou que Theo não havia tirado férias da escola e Edith foi ao aniversário de uma amiga. Fui Levar um recado com o senhor Osbourne montado em um dos cavalos do estábulo. Suponho que tenha dito a ele que a senhora tinha dado permissão ou possivelmente pensou que na minha idade não necessitasse. A senhora sentiu tal desgosto que, quando retornamos para casa, ficou indisposta. Foi a última vez que vi o senhor Osbourne.

—Ah, sim? —Respondeu ela—. Por acaso o despediram? Em todo caso, fez por merecer.

—Não, morreu —respondeu Peter—. De repente. De um ataque cardíaco.

—Ah, sim? —Disse sua mãe—. Lamento. Mas a que vem essa lembrança de um simples secretário tantos anos depois de sua morte? Querido, faz o favor de chamar a criada para que nos sirva o chá.

Peter obedeceu sem responder à pergunta de sua mãe. Era natural que ela não lembrasse de um homem que foi pouco mais que um criado. Era ainda menos provável que se lembrasse de Susanne Osbourne, embora Peter não tivesse a menor intenção de mencionar o nome dela para sua mãe.

O certo era que ele mesmo fazia um esforço para esquecê-lo, ou pelo menos o sentimento de culpa que o invadia quando lembrava-se dele.

Durante as semanas seguintes Peter foi visitar todos os seus vizinhos. Os Harris falaram sobre sua recente estadia em Tunbridge Wells, os Mummert pediram que ele contasse o que estava acontecendo em Londres, pois queriam passar ali algumas semanas na primavera, e os Pole divertiram Peter com histórias sobre as proezas de seus numerosos netos. Todos mostraram-se muito amáveis, mas nenhum o convidou para almoçar ou jogar cartas ou mesmo para compartilhar com eles alguma outra diversão. Não estavam acostumados a fazer; ele era o visconde de Whitleaf e estava tão acima deles na escalão social como as estrelas. Quando foi visita-los todos eles demonstraram um respeito quase reverencial, assegurando que estavam profundamente honrados de que Peter tivesse ido vê-los. Mas Peter tampouco os convidou para que fossem visitá-lo; sua mãe acharia incômodo, inclusive desgostosa, que pessoas inferiores a ela invadissem sua casa.

Sua casa!

Era a casa dele!

Maldição! Mudar a forma de pensar era mais complicado do que ele imaginava. Sidley foi conservado nos modos de sua mãe desde seu casamento. E embora tenha passado às mãos dele, há vinte e três anos, durante dezoito desses anos ele foi menor de idade e era natural que sua mãe tomasse conta da casa.

Por que diabos não havia dito a seus tios e à sua mãe, quando completou vinte e um anos que era muito jovem para pensar em casar-se, mas que era suficientemente adulto para assumir as rédeas de sua vida, de sua casa e de suas terras? Teria sido mais fácil fazê-lo então. Teria sido o mais natural. Sem dúvida todos teriam estado preparados para isso.

Ou por que não havia dito com firmeza para sua mãe, quando decidiu não casar-se, que ela não podia continuar vivendo na casa principal de Sidley e devia procurar outro lugar onde residir?

Mas era muito jovem para tomar essas decisões. Durante vinte e um anos, sua vida foi governada por outras pessoas. Como ia adquirir da noite para o dia a sabedoria necessária para fazer o que devia?

Um dia Peter foi a Fincham e ficou muito alegre ao encontrar Theo em casa. Edith já não vivia ali. Casou-se com Lawrence Morley há dois anos e agora residia em Gloucestershire com seu marido. Lady Markham estava neste dia ali com ela, para dar-lhe uma mão depois do recente nascimento do primeiro filho de Edith.

A partir dessa primeira visita, Peter foi com frequência ver Theo e às vezes saía a passear a cavalo com seu velho amigo. Em uma dessas ocasiões formulou a mesma pergunta que havia feito a sua mãe.

—Lembra-se de Osbourne? —Perguntou.

—William Osbourne? —Respondeu Theo—. Refere-se ao secretário de meu pai?

—Dava-me muito bem com ele. —Disse Peter—. Sempre procurava uma forma de nos entreter, lembra? Lamentei muito sua morte.

Theo inclinou-se sobre sua montaria e abriu uma porteira de acesso a um campo para que pudessem cavalgar ali em vez de seguir pelo empoeirado caminho.

—Foi uma tragédia —disse—. Poderia ter sido evitada, como se costuma fazer com esse tipo de morte. Embora suponho que o pobre homem não pôde prevê-la.

—Diz que poderia ter sido evitada? —Inquiriu Peter.

—Claro —respondeu Theo secamente enquanto fechava a porteira às suas costas—. Não dando um tiro na própria cabeça.

—Suicidou-se? —Peter puxou as rédeas tão repentinamente que seu cavalo ficou pulando e teve que lutar com ele para o controlar e evitar que o derrubasse da sela.

—Não sabia? —perguntou Theo franzindo o cenho, quando Peter o olhou—.Ninguém contou isso á você?

—Só sabia que tinha morrido —respondeu Peter.

—Humm. —Theo seguiu avançando através do prado—.É lógico. As pessoas que o rodeavam sempre o protegeram contra alguma coisa desagradável. O que levou você a pensar nisso agora?

—Neste verão, encontrei sua filha —respondeu Peter.

—Susanne? —Perguntou Theo—. Pobre garota. Tive a impressão de que havia desaparecido do mapa, embora suponha que já seja uma mulher agora. Edith ficou inconsolável quando Susanne partiu, e minha mãe, desesperada. Por sorte eu estava no colégio e não senti o drama. Embora tenha lamentado a morte de Osbourne. Era um tipo excelente.

—Por que se suicidou? —Perguntou Peter.

—Quando fiz essa mesma pregunta, as pessoas pensaram em diversas possibilidades —respondeu Theo—. Ou ninguém conhecia a verdadeira causa ou todo mundo a ocultava. Não puderam sepultá-lo em terreno sagrado, e embora provavelmente teria dado no mesmo, para Susanne teria sido muito duro caso tivesse ficado para assistir o funeral do pai. Ao que parece não o fez. Seja como for, que tal trocarmos de assunto?

Não voltaram a referir-se a isso nem essa tarde nem em outra ocasião. Mas Peter perguntou a si mesmo que diabos podia ter acontecido de tão nefasto na vida de Osbourne para levá-lo ao suicídio, mesmo porque possuía uma filha a quem deveria cuidar. Agora compreendia melhor o fato de Susanne ter fugido. Seu pai havia cometido o suicídio, um pecado mortal segundo a doutrina da Igreja. Pobre garota, ter que fugir para Londres e procurar um emprego... Se foi mesmo lady Hallmere quem ocupou-se de enviar Susanne à escola da senhorita Martin em Bath, sempre teria afeto por essa senhora por isso.

Mas seguia esforçando-se em não pensar em Susanne Osbourne, nem no que fez a ela na véspera da partida dela de Barclay Court.

Peter passava muito tempo na fazenda da propriedade, embora não tanto como desejava. A colheita estava quase toda recolhida e teria sido um tanto ridículo que ele tivesse decidido dar uma mão a seus trabalhadores, cheio de energia e entusiasmo, quando logo ficaria sem nada a fazer.

Passava bastante tempo com seu administrador, e revisavam juntos todos os livros, embora examinasse minuciosamente cada relatório mensal que este remetia a ele. Mas Millingsworth foi contratado pelos tutores de Peter quando este era um menino. Era um homem organizado, eficiente, inteligente e experiente que o considerava —ou isso parecia— ainda um menino, cuja presença em seus domínios constituía um pequeno problema, que suportava somente porque Peter era o dono oficial do imóvel.

Quando ficava em casa, a mãe de Peter não cessava de cuidar dele, preocupada de que não comesse o suficiente, não vestisse de forma apropriada para o tempo que fazia ou não pensasse a sério sobre seu futuro, isto é, em casar-se e formar uma família. Sua mãe encarregava-se de que os criados acatassem todas suas ordens com prontidão, que satisfizeram todos seus desejos, que servissem a ele a melhor comida, mesmo que já tivessem depositado no prato dela. Caso Peter decidisse sair quando chovia, fazia umidade ou soprava um vento mais forte que uma mera brisa, sua mãe ficava chateada até o ponto de quase começar a chorar. Uma noite inclusive apareceu na porta da biblioteca depois da meia-noite, quando ele estava lendo, para o aconselhar que fosse dormir porque sabia que dormindo tarde, no dia seguinte ele certamente despertaria com dor de cabeça.

A Peter tudo isto irritava profundamente. Possivelmente teria suportado melhor se não ficasse mortalmente deprimido. Mesmo com o entusiasmo com que saltou da carruagem quando chegou, não conseguia ficar alegre desde que abandonou Hareford House.

Nada apresentava a menor atração para ele.

Por fim, ao término de umas semanas, —um pensamento lhe pareceu muito sensato—que era preferível ausentar-se até depois do ano novo quando pudesse estar presente para os preparativos da próxima primavera. O novo ano seria um momento mais oportuno —o momento idôneo —para empreender a nova vida que se propôs a viver. Possivelmente retornaria para o Natal. Algumas de suas irmãs viriam também a Sidley, e ele sentia muito carinho por elas, como também pelos seus numerosos sobrinhos e sobrinhas.

De modo que retornou a Londres, com o pretexto de que visitaria seu alfaiate e seu corretor de apostas. Ali levava uma vida tão ocupada como insubstancial enquanto perseguia uma diversão atrás da outra. Era surpreendente as numerosas diversões que podiam achar-se em Londres, inclusive em um mês tão fora de temporada como outubro.

Era uma vida que parecia a Peter reconfortante e familiar.

Salvo que as diversões nem sempre o alegravam.

As atividades que antes sempre o divertia pareciam ter perdido a faculdade de tirá-lo de sua persistente insatisfação com o rumo de sua vida.

As cartas de sua mãe o informavam que chegaram os novos quadros para a sala de estar, que agora estava tão bonita quanto as demais salas da casa, por isso decidiu fazer também uma reforma na cozinha.

Céu santo, era preciso fazer algo para detê-la! Pensou.

Bárbara, sua irmã mais velha, que foi passar alguns dias em Londres com seu marido no outono, mencionou o tema sobre o natal.

—Confio que passe o natal em Sidley —disse—. Clarence e eu iremos com as crianças e tudo será muito aborrecido se você não estiver lá, Peter. Além disso, mamãe convidará outras pessoas e terá que estar presente para ser o anfitrião.

—Outras pessoas? —Peter fez um gesto aborrecido—. Quem é a jovem esta vez?

Bárbara estalou a língua enquanto Clarence olhava seu cunhado movendo as sobrancelhas sem dizer nada.

—Não tenho a menor ideia —respondeu sua irmã—. Com certeza haverá alguma. Mamãe está preocupada com você, Peter. Deseja vê-lo casado e feliz. É absurdo que demonstre sua teimosia só porque faz cinco anos. Você não gostava de Bertha Grantham e só não reconheceu isso até o último momento.

Nenhuma de suas irmãs sabia o que ocorreu nessa ocasião, e ele não possuía a menor intenção de explicar.

Peter trocou de novo um olhar com seu cunhado e este piscou os olhos disfarçadamente para ele.

—Eu escolherei a minha esposa quando quiser, Barb —disse—. Quanto ao Natal, veremos.

Mas só o fato de pensar em casamento, deprimiu-se mais ainda que antes. Durante os dois meses em que abandonou Somerset, ainda não recuperou-se do intenso sentimento de culpa que o embargava.

Santo céu, desonrou uma jovem inocente!

Não havia desculpa para isso. Nenhuma absolutamente.

Cada vez que pensava nessa tarde, na trilha do bosque, sentia-se enojado consigo mesmo. E era quase impossível não pensar nisso ao menos uma dúzia de vezes ao dia.

O fato de saber que o pai de Susanne cometeu o suicídio piorava a situação. Não que ele tivesse a culpa de tão lamentável incidente nem que os fatos do verão estivessem relacionados com este, mas... Osbourne tratava-o com carinho. E sua filha também.

Cada vez que esses pensamentos o ameaçavam fazendo sua cabeça explodir de dor, saía de novo em busca de outra diversão.

Por fim, nos últimos dias de outubro, decidiu que uma mudança de cenário o animaria e foi passar algumas semanas com sua prima Lauren, a viscondessa de Ravensberg, em Alvesley Park, em Wiltshire, onde vivia com Kit, seu marido, seus filhos e os pais de Kit, o conde e a condessa de Redfield. Peter sempre era bem-vindo na casa de sua prima e sabia que ali era bem tratado.

Lauren e ele sentiam um grande afeto um pelo outro, possivelmente porque ficaram separados até que ele alcançou sua maioridade. Um dia, na volta de uma excursão a pé, descobriu entre sua correspondência, um convite de Lauren para seu casamento. Até que Peter fez vinte e um anos, nunca lhe entregaram a correspondência diretamente, e não conhecia Lauren. De fato, quando ouviu falar dela, salvo como a filha possivelmente ilegítima de uma mulher de vida alegre: a viúva do irmão mais velho de seu pai, o antigo visconde de Whitleaf.

Peter assistiu a casamento, embora tenha chegado um pouco atrasado e comprovou que Lauren era bonita e encantadora; era impossível que fosse ilegítima, pois tinha os olhos da mesma e insólita cor dos olhos dele.

Peter foi agora passar uma temporada em Alvesley e divertiu-se muito; passava horas em companhia de Lauren e a condessa de Redfield, brincando com os três crianças, cavalgando e falando sobre as questões agrícolas e políticas com o kit e o conde, visitando os vizinhos, entre eles o duque e a duquesa de Bewcastle, brincando com seu filhinho pequenino, para felicidade da duquesa e a irmã mais velha dela, a senhorita Thompson que

comentou rindo, que o bebê geralmente muito mal-humorado e não deixava que ninguém mais o acariciasse, exceto sua mãe e pai. E sua avó, acrescentou a senhora Thompson com tom de recriminação.

Embora o termo *« diversão* » era um tanto relativo hoje em dia, Peter ainda não tinha conseguido livrar-se de sua sensação de inquietação e insatisfação consigo mesmo.

De repente a sorte deu um giro imprevisto em seu destino.

Possivelmente não devia ficar tão surpreso como o fez. . Logo após sua chegada, tinha descobriu um fato quase inacreditável que esteve a ponto de encontrar-se com Sydnam Butler, o cunhado de Lauren, o qual passou uma semana em sua casa com sua nova esposa, cujo nome de solteira era Anne Jewell, uma ex-professora da Escola para Meninas da Senhorita Martin em Bath, e uma das melhores amigas de Susanne, conforme recordava. E ao visitar Bewcastle, recordou também a relação que Susanne acreditava que existia entre a escola e lady Hallmere, a irmã de Bewcastle.

Mas de repente, quando fazia quase uma semana de sua chegada, Peter verificou que Lauren e a duquesa tinham concluído planos para oferecer uma recepção de casamento surpresa aos recém casados, que se casaram de forma discreta e com uma licença especial em Bath. Lauren participou desses planos porque Sydnam era seu cunhado, e a duquesa porque ele era o administrador da propriedade galesa de Bewcastle.

O plano consistia em reunir tantos parentes e amigos em Bath quanto possível em poucos dias, conseguir que os recém casados fossem ali com algum pretexto e logo surpreendê-los com uma elegante recepção no Upper Assembly Rooms para celebrar o casamento.

—Partiremos todos daqui —explicou Lauren um dia enquanto tomavam o chá—. nós adoraríamos que viesse conosco, Peter, verdade, Kit?. Mas compreendo que talvez não queira ir a Bath para participar de uma recepção de casamento. Talvez prefira retornar para casa, embora fique pensando que o obriguei a isso —acrescentou rindo—. Por favor, venha conosco. Pelo menos para agradar-me.

Lauren jamais saberia a confusão que suas palavras suscitaram nele.

Haviam lhe convidado —inclusive insistido—a ir a Bath. Mas não era só isso. Tudo indicava que era mais que provável que ali encontraria Susanne, que como amiga e antiga colega da noiva sem dúvida seria convidada para a recepção.

Voltaria a vê-la.

Mas ela certamente não desejava vê-lo, disse. A essa altura provavelmente, o odiava e o considerava um descarado, o qual não podia reprovar. Afinal das contas, primeiro a seduziu, em seguida, fez a ela uma proposta insultante e depois a acompanhou à Barclay Court, despediu-se alegremente dela na presença dos Edgecombe e partiu a cavalo sem nenhuma cerimônia.

Mas convenceu-se de que fez isso porque Susanne insistiu que não havia outra opção.

Mas Peter suspeitou de algo com relação aos recém casados, embora nem Lauren nem a duquesa cometeram a indiscrição de revelar. A senhora Butler provavelmente estava grávida, um fato que explicaria a pressa e o segredo sobre o casamento. Esta passou um mês do verão em Gales, foi o que Susanne havia dito, sem dúvida na propriedade que Sydnam era administrador. Foi para ali com os Hallmere.

Sua suspeita o induziu a pensar se Susanne também...

A mera possibilidade bastou para que provocasse nele uma opressão no estômago e uma sensação de vertigem.

Mas em tal caso, ela o teria comunicado. Teria escrito para ele.

Ou não?

Sabia muito bem que não faria.

Santo Deus! Maldição! Devia ter pensado nisso antes e ter procurado descobrir a verdade por si mesmo. Era um cavalheiro, caso existisse uma forma cavalheiresca de resolver esta situação. Ou pensou nisso e afastou essa espantosa possibilidade? Afinal das contas, não era um néscio. Sabia o que ocorria com frequência quando um homem deitava-se com uma mulher.

Talvez supôs que caso afastasse essa ideia, a possibilidade desapareceria.

Esta confusão de pensamentos e ideias passaram por sua mente durante alguns segundos enquanto sorria com gesto jovial para Lauren.

—Não tenho nada melhor para fazer —disse—, e eu gostaria de ver Sydnam e desejar que seja feliz. Sim, eu adoraria ir com vocês.

Ele pensou que jamais voltasse a ver Susanne Osbourne!

Inclusive imaginou que no final de algumas semanas teria esquecido de como havia se comportado mal com ela. Talvez o fato de não tê-la esquecido indicava que não era tão desprezível como acreditava, e ainda não estava satisfeito do modo como agiu.

Mas iria para Bath. E estava quase seguro que voltaria a vê-la.

Era preciso que fosse, pensou. Teria preferido ir para outro lugar. Mas eu tinha que descobrir se causou a Susanne um dano irreparável, e era imperdoável que demorasse tanto em fazer.

Maldição! E se...?

Exato.

E se...?

CAPÍTULO 13

Susanne retornou para Bath na carruagem do conde de Edgecombe, que estava dotado de uma excelente suspensão. Quando esta parou com certo bamboleio na frente da escola na Daniel Street, a jovem ocultou suas emoções alteradas e a flor da pele em seu interior e sorriu quando a porta abriu e o senhor Keeble apareceu. Quase imediatamente Claudia e Anne saíram apressadamente à calçada, sorrindo alegremente enquanto corriam para abraçá-la.

Durante um momento experimentou emoções prazenteiras enquanto assegurava a suas amigas e logo às alunas, quando reuniu-se a elas enquanto lanchavam, que estava encantada por ter retornado, embora tenha passado dias maravilhosos em Somerset. Todas elas ficaram felizes em vê-la. Susanne sentia-se agasalhada por uma sensação de familiaridade e carinho.

Estava em casa.

E a partir desse momento teria muitas coisas em que ocupar sua mente. Teria que planejar e confrontar com entusiasmo o ano letivo.

A viagem, apesar da comodidade oferecida pelo transporte do Conde, foi horrível. Porque viajou sozinha e portanto não pode impedir que as lembranças das duas últimas semanas dessem voltas pela sua cabeça sem cessar, em particular a lembrança da última tarde. Parecia- incrível que tivesse ocorrido, que ela tivesse permitido que ocorresse. Mas ocorreu, e ela permitiu que ocorresse. Conforme giravam as rodas da carruagem Susanne estava consciente de que se afastava mais e mais dele, um pensamento absurdo, pois sempre estiveram separados por um universo radicalmente oposto.

Inclusive quando eram crianças a irmã de Peter ficou horrorizada ao ver os dois juntos e o tirou apressadamente de perto de Susanne.

Ela viveu a maior aventura de sua vida, o maior romance de sua vida, pensou com sensatez na sua volta para casa, e chegou o momento de retornar à realidade.

Mas sua determinação em mostrar-se animada esteve a ponto de sucumbir na mesma noite de sua volta. Claudia saiu para jantar com os pais de uma das novas alunas e Anne a convidou para conversar em seu quarto depois que as alunas foram para seus dormitórios.

Susanne sentou-se na cama, seu assento preferido, elevando os joelhos e as rodeando com os braços, enquanto Anne ocupava a cadeira junto a sua mesa. Falaram durante um momento sobre Frances até que Anne rompeu um breve, mas não incômodo silêncio com uma pergunta.

—E você? —perguntou—. É verdade que teve dias maravilhosos em Somerset? Conheceu alguém interessante?

Durante alguns momentos Susanne pensou em contar a Anne toda a história. Mas era muito pessoal, principalmente o final. Talvez, quando as lembranças não fossem tão dolorosas, pudesse confiar em Anne, mas agora não. Ainda não.

— Você está falando de um duque que me conquistou e levou-me para seu castelo e transformou-me em sua esposa? —Susanne riu da velha piada. — Infelizmente, isso não aconteceu. Mas Frances e lorde Edgecombe foram maravilhosos, e me trataram muito bem Anne. Queriam que eu participasse de um evento quase todos os dias, embora eu tenho certeza que teriam preferido ficar em casa descansando após estar ausente por tanto tempo. Estive com pessoas muito amáveis e interessantes, a maioria das quais já conhecia de minha visita anterior.

—Mas ninguém especial? —Perguntou Anne. Susanne sentiu que seu coração encolhia.

—Não —respondeu—. Ninguém especial.

Anne arqueou as sobrancelhas.

—Só um cavalheiro —acrescentou Susanne não sem alguma relutância—, que me expôs suas intenções nada honrosas e sem rodeios. A história de sempre, Anne. Mas era muito bonito e muito amável. Bem, deixa estar estar. E você? Contou-nos muitos detalhes sobre suas férias galesas na noite antes que eu partisse, mas nada muito pessoal. Conheceu alguém interessante?

Anne e seu filho, David foram passar um mês em Gales com os Bedwyn, na propriedade do duque de Bewcastle

—Os Bedwyn —respondeu Anne sorrindo—, são fascinantes, Susanne e este qualificativo é pouco para empregar. O duque de Bedwyn faz honra a sua fama de homem de armas. Tem olhos frios e prateados, longos dedos enroscados permanentemente ao

redor da haste de seu monóculo. É aterrador. Entretanto, sempre foi muito cortês comigo. A duquesa é um encanto e nada esnobe e está claro que ele a adora, embora nunca demonstre em público. O duque adora também seu filho, um bebê exigente e nervoso, salvo quando seu pai o sustenta nos braços. Coisa que ele faz com frequência. É um homem estranho, misterioso e fascinante.

—Esta conversa sobre duques casados me deprime — disse sorrindo—. Não havia ninguém que não estivesse casado?

—Mas não era um duque —respondeu Anne sorrindo. Havia algo em seu tom que alarmou a Susanne.

—Ai, Anne! —Exclamou—. Quem era?

—Ninguém, na realidade — Anne, respondeu apressada mexendo-se em sua cadeira—. Que coisa tão espantosa de dizer sobre outro ser humano! É claro que era alguém. É o administrador do duque em Glandwr. Estava sozinho e eu estava sozinha, por isso era natural que de vez em quando déssemos um passeio ou nos sentássemos para conversar nas noites em que o convidavam para jantar. Isso é tudo.

—Isso é tudo? —Repetiu Susanne—. Diga-me, era alto, moreno e bonito, Anne?

—Sim —respondeu esta—. As três coisas. Susanne continuou olhando-a fixamente. —Ficamos apenas amigos —disse Anne.

—Serio? —perguntou Susanne brandamente.

—Ficamos... muito bons amigos —respondeu Anne.

Mas Susanne compreendeu algo com tanta certeza, parecendo até que ambas confiaram uma na outra todos seus respectivos segredos. Conheceram alguém muito especial durante suas férias. E ambas retornaram com o coração ferido, possivelmente destroçado.

—Mas não se declarou a você—disse—.Sinto muito Anne,

Depois ficaram um longo momento em silencio, e Anne não disse nada contra.

—Acredita que a vida seria mais simples, Anne —perguntou Susanne ao final de um momento, caso uma de nós tivesse pais e parentes com quem sair e que nos apresentassem a pessoas honradas, e pretendentes aceitáveis? Seria mais simples que viver em um internato para meninas como uma das professoras?

Parecia absurdo ter saudades de sua mãe nesta altura com seus vinte e três anos, uma mãe que nem sequer conheceu.

—Não estou segura —respondeu Anne levantando-se para fechar as cortinas de novo —que a vida nunca é simples. Frequentemente as jovens e as mulheres contraem casamentos desastrosos, embora estejam rodeadas por parentes que as ajudem a escolher marido ou eles mesmos escolham para elas. Acredito que entre um casamento desventurado e viver aqui, sempre escolheria aqui. De fato, estou certa disso.

—Fui uma ingrata ao formular essa pergunta —disse Susanne—. A sorte me sorriu quando vim para esta escola, e foi uma bênção quando Claudia me ofereceu um posto de professora. E aqui tenho muito boas amigas. Que mais posso pedir à vida?

—Mas além de professoras somos mulheres, Susanne —observou Anne sentando-se de novo—. Temos necessidades que a natureza nos deu para a preservação de nossa espécie.

Sim, isso era mau. Esse era o problema. Sem essas necessidades, pensou Susanne, poderia ter saído ilesa de suas férias. Poderia ter seguido o resto de sua vida convencida de que o visconde de Whitleaf foi somente um bom amigo de quem sentia falta.

—E às vezes são muito difíceis de ignorar —disse—. Este verão senti a tentação de tornar-me amante de um homem, Anne. Em parte ainda não estou convencida de ter tomado a decisão certa. Serei capaz de tomar a mesma decisão na próxima vez? E a próxima?

Como se fosse apresentar uma próxima vez! O certo era que ficou tentada em mais de um aspecto. E não resistiu a uma dessas tentações.

— Eu não sei—respondeu esta.

—Somos umas pobres e tristes solteironas —disse Susanne rindo e levantando-se da cama onde estava sentada—.Vou deitar em meu solitário leito. Estou cansada da viagem. Boa noite, Anne.

Depois de três dias, todas as internas retornaram para a escola junto com várias garotas novas, incluindo duas alunas de caridade que requeriam muitos cuidados e atenção. No dia seguinte retornaram as externas e começaram as aulas.

Sim...

Era um alívio estar de novo atarefada.

Susanne experimentou um alívio ainda maior — para dizer o mínimo— ao descobrir depois de duas semanas que não estava grávida e que sua grande indiscrição não teve consequências graves. Em todo caso eram consequências evidentes aos olhos de outros.

Entretanto, paradoxalmente, seu descobrimento a enfurnou novamente na tristeza.

Tudo terminou, definitivamente.

Seu coração, sua vida, pareciam mais terrivelmente vazios agora.

Para Anne, entretanto, não havia terminado tudo.

Um sábado pela manhã, em fins de setembro, um repentino aguaceiro obrigou Susanne e algumas alunas sob sua responsabilidade, que estavam nos prados situados além da Daniel Street, aonde iam sempre para praticar esportes, a refugiar-se de novo na escola. Susanne enviou às meninas para os seus quartos para trocar de roupa e estava preparando para ir ao seu quarto para tirar o casaco e chapéu, que estavam encharcados, antes de reunir-se com elas na sala principal para organizar jogos de salão, quando o senhor Keeble a informou que precisavam dela no escritório e que ele já antecipou-se pedindo à senhorita Walton que ficasse responsável das alunas.

Susanne encontrou Claudia e Anne esperando por ela e sorriu ao observar que tinham aceso o fogo da lareira. Fora fazia muito frio.

—Vamos perder Anne, Susanne —disse Claudia com gesto sério e sem mais preâmbulos—. Vai se casar com o senhor Sydnam Butler, filho do conde de Redfield e administrador da propriedade galesa do duque de Bewcastle.

A pobre Claudia nem sequer pôde pronunciar esse sobrenome sem que sua voz denotasse um pouco de veneno. Seu último emprego de preceptora, com lady Freyja Bedwyn como sua pupila e o duque de Bewcastle como seu empregador, suscitou nela uma persistente antipatia para ambos. Detestava-os com toda sua alma embora reconhecia que caso não tivesse vivido essa experiência tão desagradável possivelmente não teria tido a oportunidade para abrir sua própria escola.

Mas Susanne não pensou em Claudia. Olhou o rosto mudado de Anne e imediatamente compreendeu tudo.

—Oh, Anne! —Disse apressando-se a abraçar sua amiga.

—Disse-lhe que não é obrigada a casar-se —falou Claudia—.Procuraremos outra alternativa. Mas ela insiste em casar-se.

—É claro. —Anne separou-se dos braços de Susanne e dirigiu a ambas um sorriso tão jovial como forçado—. Desejo casar-me com o senhor Butler. Tenho-lhe carinho. Não caso-me com ele só porque estou grávida. Vou ter um filho, Susanne.

—Vamos tomar uma xícara de chá —disse Claudia com calma—. E vamos sentar. Embora não necessariamente nessa ordem.

Susanne ficou muito alegre em poder sentar-se. Adivinhou imediatamente a situação. Anne estava mais que afeiçoada ao senhor Butler, mas este era filho de um conde. Engravidou-a quando esta retornou a Bath, sem oferecer-lhe casamento. Mas agora decidiu fazer o que corresponde a um cavalheiro e casaria-se com ela, mas só porque não tinha escolha. .

Pobre Anne! Que terrível devia ser para ela enfrentar um casamento em que seus sentimentos estavam em jogo quando seu futuro esposo não a amava.

Iss o poderia ter ocorrido com ela também, pensou Susanne, sentindo que seu coração ficar gelado, apesar do fogo que esquentava seus pés e o rosto.

Caso ela mesma tivesse ficado grávida, nunca teria comunicado ao visconde de Whitleaf. De resto, duvidava que este tivesse oferecido casamento , se soubesse que havia ficado grávida.

Mas na realidade ela não sabia o que teria feito se ocorresse esta situação à sua pessoa. Ou o que teria feito ele, caso soubesse.

Sentiu que as pernas apenas a sustentavam só em pensar no perto que esteve do desastre.

Anne não teve essa sorte.

Susanne não conheceu o senhor Butler até o dia, duas semanas mais tarde, em que celebrou-se o casamento com uma licença especial, no salão privado de Claudia. Butler foi gravemente ferido na Guerra da Península e em consequência desta guerra, perdeu um braço e um olho e o lado direito de seu rosto foi queimado. Além disso, como Anne havia dito a Susanne na noite que voltou de Somerset, ele era alto, moreno e bonito. Susanne disse a Butler com olhar travesso depois da breve cerimônia, quando Anne já era sua esposa, mas disse apenas porque ele pareceu a Susanne um homem com senso de humor e teve a certeza de que era muito possível que ele gostasse muito de Anne.

Pelo menos, acreditava de todo coração que fosse assim.

Esforçou-se em abandonar todo sentimento de inveja; mas que absurdo pensar na inveja, quando durante os últimos quinze dias nada fez, a não ser compadecer-se de Anne. Em certas ocasiões as emoções humanas não tinham sentido.

Não obstante, acreditava que apesar de tudo, sua amiga tivesse encontrado a felicidade. Tudo indicava que o senhor Butler trataria David com afeto , embora não era tão evidente que este aceitasse de bom grado o novo padrasto.

Susanne e Claudia pararam na calçada em frente à escola, depois da pequena recepção aos recém casados, despedindo-se dos três quando estes dispuseram-se a partir de retorno a Gales.

—Susanne —disse Claudia quando a carruagem virou a esquina da Sutton Street e desapareceu, —acreditei que partiria meu coração. Mas talvez estava errada. O que você acha?

—Acredito —respondeu Susanne— por um lado existe carinho e o outro sentido de honra, e mesmo isso promete certa felicidade no futuro. Mas também acredito que há um pouco de amor de ambas as partes.

—Eu também —disse Claudia suspirando—. Espero que tenhamos razão e que não sejamos um par de empedernidas românticas. Oh, Anne! Eu acho que não a veremos por muito tempo. Confesso que lamento perder minhas amigas, por não dizer minhas professoras. Terei que procurar alguém que a substitua, embora Lila parece arrumar-se muito bem, não é?

Lila Walton era uma professora auxiliar que no final do verão foi promovida a professora das alunas mais velhas. Como Susanne, foi uma aluna de caridade.

—Mostra grandes aptidões, tal como eu acreditava —respondeu Susanne enquanto Claudia pegava seu braço e entravam novamente na escola.

Não obstante, voltariam a ver Anne muito antes do que Claudia imaginava. Acontece que Anne e Butler não foram diretamente ao País de Gales, mas sim foram primeiro a Alvesley Park em Wiltshire, o lar da família do senhor Butler, e em seguida, a Gloucestershire para visitar os pais de Anne, que estavam afastados. Um dia chegou à escola uma carta de Anne escrita da casa de seu pai, chegou outra da viscondessa de Ravensberg escrita de Alvesley Park. Quando Susanne foi ao escritório de Claudia ao término de uma aula de redação, uma disciplina que Claudia encarregou-a depois da saída de Frances há dois anos, encontrou-a segurando a carta aberta.

—Vão oferecer uma recepção surpresa para Anne e o senhor Butler em Upper Assembly Rooms na semana que vem. —Explicou Claudia—. A viscondessa de Ravensberg e a duquesa de Bewcastle organizaram tudo e urdiram um inteligente truque para fazer com que o casal retorne aqui. Nós duas estamos convidadas, além do senhor Huckerby e o senhor Upton.

Ambas se olharam. A estranha coincidência que o senhor Butler fosse cunhado da viscondessa de Ravensberg, prima do visconde de Whitleaf, não tinha passado inadvertida para Susanne quando Anne se casou. Agora teria a inesperada oportunidade de conhecer essa dama, a prima, conforme entendeu, que possuía os olhos da mesma cor que ele.

Corria o risco de que certas feridas, que pareciam ter cicatrizado, mas que ainda doíam se a tocassem, voltassem a abrir, pensou Susanne. Por isso teria que assegurar-se de que isso não ocorreria.

Claudia olhou para Susanne com expressão séria.

—Já sabe o que isto significa, não é, Susanne? —Perguntou Claudia dobrando a carta e dando pequenos golpes na perna com a carta— Se a duquesa de Bewcastle participou da organização do convite, o duque sem dúvida também assistirá. E posto que lady Potford que vive em Great Pulteney Street é amiga de Anne e avó da marquesa de Hallmere, é muito possível que o marquês e essa mulher venham também a Bath para participar do banquete. Preferiria que me arrancassem todas as unhas das duas mãos que ter que ver essas duas pessoas. Mas há coisas que não podemos evitar. Farei tudo por Anne. Participarei do banquete. Virá você também?

Enquanto falava, Claudia permaneceu rígida como um pau, como se a tivessem convidado para um funeral.

—Irei segurar sua mão —prometeu Susanne a ela.

Claudia fez um movimento brusco e depois riu.

—Suponho que nenhum dos dois me reconhecerá ou sequer me cumprimentará. Embora lady Hallmere apareceu aqui há alguns anos, para me espiar e a minha escola e ainda perguntar se eu precisava de alguma. Que desfaçatez! Mas, Susanne, voltaremos a ver nossa querida Anne e a nosso querido David.

—Sim. —Susanne sorriu—. Voltaremos a vê-los. E à viscondessa de Ravensberg.

Que absurdo pensar que o fato de ver essa viscondessa, fizesse com que sentisse o visconde de Whitleaf mais perto. Ou que caso fosse assim, isso seria desejável.

Sim, a ferida tinha cicatrizado, mas ao tocá-la ainda doía.

CAPÍTULO 14

A duquesa de Bewcastle reservou o salão de baile junto com o salão de chá nos Upper Assembly Rooms em Bath para oferecer as crianças um lugar onde brincar de correr e alvoroçar enquanto os adultos conversavam de forma civilizada, tomavam o chá e escutavam alguns discursos. Mas também contratou os serviços de uma orquestra, como Peter soube quando chegou a tarde com Lauren e Kit. Afinal das contas, explicou Lauren rindo, enquanto o duque assistia à cena com seu característico gesto altivo, embora curiosamente quando olhava sua mulher, mostrava uma expressão de sincero afeto.

— Seria uma tragédia que a presença no salão de baile despertasse nos presentes o desejo de dançar e não pudessem porque não havia música.

—O que quer dizer, Christine —disse Bewcastle, enroscando seus longos dedos ao redor da haste de seu monóculo e elevando-o para seu olho—, está decidida a dançar caso consiga convencer Sydnam e a senhora Butler para que abram o baile.

—Conhece-me muito bem, Wulfric —respondeu a duquesa rindo.

Peter aguardava este evento social com insólito nervosismo. Provavelmente não devia ter vindo. Se de repente, depois de vários meses de inércia, sentiu a necessidade de interessar-se pelo estado de saúde de Susanne, o que teria que ter feito era escrever uma carta para ela ou passar na escola. No mínimo, deveria ter comunicado sua presença na recepção. Estava quase seguro que ela estaria presente. Lauren informou que estariam na recepção quatro professoras da escola, além da ex-professora que estava casada com o conde de Edgecombe.

Contudo, enquanto estes pensamentos não cessavam de dar voltas pela cabeça dele, pensou que a oportunidade de encontrar-se de novo com Susanne esta tarde poderia ser motivo de alegria para ambos. Foram amigos até o último dia. Peter pensava com amargura não ter permanecido essa última tarde, com ela na sala de estar, ou ter aceito a proposta de Edgecombe para que condessa e ele os acompanhassem durante o passeio. Em tal caso hoje provavelmente teriam compartilhado a alegria de amigos que não imaginavam que voltariam a se encontrar tão rápido.

Começaram a chegar os outros convidados. Peter foi apresentado aos pais da senhora Butler, a seus irmãos e cônjuges de Gloucestershire e a lorde e lady Aidan Bedwyn, a quem não conhecia. Cumprimentou lorde e lady Alleyne Bedwyn e a vários primos e primas de Kit e Sydnam, que conheceu anteriormente em Alvesley.

Em circunstâncias normais estaria em seu elemento.

Mas seu nervosismo aumentava a cada momento, e não cessava de olhar a porta a cada poucos segundos, em vez de procurar mostrar-se amável com as pessoas com quem conversava. Mais de uma dúzia de vezes pensou em fugir antes que fosse muito tarde, mas conforme transcorria o tempo, compreendeu que era impossível fazê-lo. Caso partisse apressadamente, teria que atravessar um comprido corredor e um amplo pátio exterior, antes de conseguir sair sem que algum convidado o visse.

Dirigiu-se para o salão de baile e durante um momento esqueceu suas preocupações quando Andrew e Sophie, dois dos filhos de Lauren, tomaram uma mão de Peter e o arrastaram com gesto triunfal até uma espaçosa estadia, pedindo que ele brincasse com eles. Um nutrido grupo de crianças amontoou-se redor de Peter e ele aceitou brincar de galinha cega com eles com grande alvoroço, energia e bom humor.

De repente ouviu o barulho de sonoros aplausos e aclamações procedente do salão de chá e supôs que haviam chegado os convidados de honra e que outros convidados reuniram também no salão.

Mais uma vez sentiu-se tentado a partir confiando que ninguém reparasse em sua ausência.

Mas não podia acrescentar uma imperdoável covardia a seus outros defeitos, que formavam uma legião. De modo que quando conseguiu desfazer-se das crianças e abandonar o jogo infantil, ficou espiando cautelosamente na penumbra de uma soleira da porta do salão de chá.

Como um ladrão em plena noite, pensou enojado consigo mesmo.

Sydnam Butler e uma senhora vestida de rosa, que sem dúvida era sua esposa, pisaram em um monte de pétalas de rosas vermelhas junto à porta do outro lado do salão, parecendo espantado e confuso. A duquesa de Bewcastle bateu as mãos para impor silêncio.

—Bem, senhor e senhora Butler —disse com tom afetuoso e jovial—, talvez pensaram que foram muito espertos em casar-se em grande segredo, há algumas semanas. Mas não conseguiram despistar seus parentes e amigos. Bem-vindos a sua recepção de casamento.

As crianças, não tendo um adulto com quem distrair-se no salão de baile, saíram do salão e entraram na sala, passando junto a Peter, para descobrir a causa do tumulto. Não demoraram para unir-se a alegre gritaria que prosseguiu durante uns minutos enquanto todos tentavam aproximar-se dos recém casados para estreitar a mão do noivo e beijar à noiva na face.

Mas Peter, que permaneceu em silencio na soleira, não participou da alegria coletiva.

Pois viu Susanne.

Ela usava um azul pálido e seus cachos curtos e acobreados faziam um vibrante contraste. De repente inclinou-se para abraçar um menino, que Peter supôs ser o filho da senhora Butler, depois do qual abraçou esta com grande afeto durante alguns segundos. Rindo, chorando, mostrando os olhos brilhantes de alegria e deslumbramento.

Durante alguns momentos ele limitou-se a fitá-la; sua reticência a encontrar-se de novo com ela dissipou-se imediatamente. Droga, havia sentido muita falta dela. Observou-a tomando nota de cada detalhe de sua pessoa, pensando que era a mais bela e vibrante entre todas as mulheres que conheceu.

Então ela se afastou para as damas que a acompanhavam, —a condessa de Edgecombe e uma mulher de cabelo castanho e aspecto severo, embora não fosse feia, que provavelmente era a senhorita Martin— pudessem também cumprimentar a noiva. Susanne esperou para apresentar seus respeitos a Butler, olhando a seu redor e observando os outros convidados com olhos alegres e deslumbrantes.

De repente esses olhos cruzaram com os dele através do salão e seu sorriso gelou em seu rosto, sumindo imediatamente.

Peter voltou a ficar perturbado, consciente que no espaço de uma tarde a desonrou, fez-lhe uma oferta ignominiosa e a abandonou sem mais contemplações. E agora reaparecía em sua vida sem aviso prévio precisamente quando ela celebrava o casamento de uma amiga.

Não devia ter vindo, pensou de novo.

Mas era muito tarde para bater em retirada.

Atravessou com passo decidido o salão para saudá-la. Mas Lauren, o rosto corado e animada, pegou seu braço quando ele se aproximou, conduzindo-o para os recém casados e o apresentou à senhora Butler, que, conforme pôde comprovar, era muito bonita. Inclinou-se para ela, tomou sua mão e a aproximou de seus lábios. Estreitou a mão esquerda de Sydnam com sua mão esquerda e felicitou-o. Em seguida estreitou a mão do menino —que era David Jewell—, Piscou para ele e sorriu.

—Quando quiser escapar daqui —disse—, encontrará uma legião de crianças no salão de baile.

O menino devolveu o sorriso.

—Vêm sentar-se na nossa mesa, Peter —disse Lauren quando o animado caos que durou vários minutos, amainou-se e as crianças decidiram retornar ao salão de baile para não suportar um aborrecido banquete de adultos.

—Obrigado Lauren, aceito encantado —respondeu Peter—, mas antes quero apresentar meus respeitos a uma pessoa.

antes de adiar muito o momento e incrementar a sensação de desconforto que sentia, aproximou-se da mesa que ocupava Susanne com Edgecombe e a condessa, lorde e lady Aidan Bedwyn, a dama desconhecida de aspecto severo e a irmã da duquesa, a senhorita Thompson.

—Whitleaf —disse Edgecombe, levantando-se para estreitar sua mão—. Alegro-me de voltar a vê-lo.

—Ah, sim —disse a condessa sorrindo—. Você é parente de lady Ravensberg, não é? É um prazer voltar a vê-lo, lorde Whitleaf.

Mas seu tom denotava que não estava alegre de vê-lo. Ou talvez a má consciência de Peter o induziu a imaginar o que não era certo.

Inclinou-se diante dela e a senhorita Thompson, que Peter supôs que teria chegado com sua mãe depois que ele entrou no salão, e voltou-se para a Susanne.

—Senhorita Osbourne —disse—. Espero que esteja bem.

—Sim, obrigada —respondeu ela com absoluta compostura e sorrindo cortesmente, como se jamais tivessem deitados juntos em uma afastada colina sobre o rio em Barclay Court—. E você, milorde?

—Perfeitamente —respondeu ele—, obrigado.

Céu santo! Onde estava seu arsenal de frases intranscedentes quando mais necessitava? Mas talvez fosse preferível que não o pudesse usar, porque possivelmente falaria alguma estupidez como por exemplo que um dos requisitos indispensáveis para ocupar o posto de professora na Escola para Meninas da Senhorita Martin era possuir uma grande beleza. Tinha a sensação de que esse comentário não teria divertido os presentes.

—Milorde —disse Susanne antes que ele pudesse escapar e retornar a sua mesa—, deixe-me apresentá-lo à senhorita Martin, proprietária da escola onde dou aulas. Este é o visconde de Whitleaf, Claudia. Ele não ficou muito longe de Barclay Court.

A estranha de aspecto severo o saudou com uma inclinação de cabeça enquanto ele fazia uma reverência e dedicava a ela um sorriso.

—Senhora —disse—. Fazia tempo que desejava ter o prazer de conhecê-la.

As palavras foram um pouco exageradas, mas ao fixar os olhos nos olhos cinzas e sérios da dama, Peter sentiu de repente como se estivesse nu. Não em um sentido físico, claro, mas sim como esta senhora o tivesse despojado de todo artifício e tivesse reconhecido nele o tipo vazio e insubstancial que era. Perguntou-se se Susanne havia revelado a sua amiga alguma coisa sobre ele.

—Encantada de conhecê-lo, lorde Whitleaf —disse a senhorita Martin.

Em seguida, Peter retirou-se com certo decoro sentando-se de costas para a mesa ocupada por Susanne e suas amigas enquanto ele tomava chá e conversava com as pessoas a seu redor escutando os discursos e os brinde que pronunciaram a seguir. Teria conseguido convencer-se que fez bem em ter vindo ao banquete, caso não tivesse cometido uma estupidez.

Percebeu que ela não ficou contente em vê-lo.

—Como podem imaginar —disse Sydnam Butler aos presentes, depois de referir-se à surpresa de encontrar tantos convidados esperando por eles ali—, durante este inverno, quando não tivermos outra coisa a fazer, Anne e eu nos dedicaremos a imaginar alguma forma de vingança.

Peter uniu-se ao coro de risadas.

Quando os discursos e os brindes terminaram, aguçou os ouvidos para captar algo que Hallmere, que estava sentado na mesa contigua à sua, comentava nesse momentos.

—Foi precisamente aqui onde dançamos a valsa pela primeira vez, Freyja —disse— Lembra?

Peter perguntou-se como sentiria Susanne ao encontrar-se na mesma sala com lady Hallmere, que em certa ocasião negou-se a empregá-la como sua dama de companhia e talvez fosse quem a enviou a Bath como uma aluna de caridade na escola da senhorita Martin. E também ficou imaginando se lady Hallmere ainda se lembrava dela.

Mas a dama depressa respondeu:

—Como poderia esquecer? —disse—. Enquanto dançávamos a valsa pediu que fingisse que estávamos comprometidos, e antes que nos déssemos conta, tínhamos nos casado, mas um autêntico casamento.

Ambos riram, assim como o resto dos comensais sentados a sua mesa e alguns na mesa de Peter. Kit também ouviu esse comentário.

—Seria uma lástima —disse elevando a voz e ficando em pé—, ter uma orquestra e dispor de um dos salões de baile mais bonito do país e não dançar. Pedirei à orquestra que toque uma valsa. Mas devemos lembrar que esta é uma recepção de casamento. A noiva deve ser a primeira em dançar. Quer dançar a valsa comigo, Anne?

Sydnam também se levantou.

—Agradeço-lhe, Kit —disse com firmeza—, mas é o costume que o noivo seja o primeiro a dançar com sua esposa, Anne, quer dançar a valsa comigo?

Foi um corajoso oferecimento, pensou Peter, enquanto os convidados retiravam suas cadeiras e ficavam em pé para dirigir-se ao salão de baile, de onde procedia a música que escutaram enquanto tomavam o chá. Como Butlher faria para dançar quando não possuia o braço direito... e um olho?

—Encantada —respondeu a senhora Butler. E nesse momento Peter compreendeu que o deles era uma união de amor.

Observou-os quando depois de alguns momentos começaram a dançar a valsa, no princípio com certa dificuldade, logo com mais soltura. A seguir Hallmere conduziu à marquesa à pista para reunir-se a eles, seguidos pelo Kit e Lauren, Edgecombe e a condessa e Bewcastle e a duquesa. Outros cavalheiros tiraram seus pares para dançar.

Era uma valsa.

Peter nunca desperdiçou a oportunidade de dançar em todos os bailes que participou. Mas nesse momento recordou a última vez que dançou uma valsa. Foi muito bom, apesar de ter sido em uma pequena e singela festa rural. Do mesmo modo, foi o prelúdio de todos seus problemas, inclusive o mais grave. Sem essa valsa, provavelmente não teria existido aquele beijo. E sem o beijo, provavelmente não teria ocorrido...

Bem.

Compreendeu que não bastava saudá-la agora. Isso não serviu para expiar sua culpa. Decidiu vir, agora teria que fazer outro esforço para descobrir o que era necessário. E que melhor momento que este?

Peter foi novamente para onde estava Susanne, observando os casais na pista de dança, entre a senhorita Martin e a senhorita Thompson, as quais pareciam dois severos anjos vingadores, exceto que a senhorita Martin tinha lágrimas nos olhos enquanto observava aos recém casados dançar e a senhorita Thompson mostrava uma expressão divertida.

Inclinou-se para elas e dirigiu seu sorriso cativante.

—Senhorita Osbourne —disse—, quer dar-me a honra de dançar esta valsa comigo?

Peter era consciente que os olhos da diretora da escola o observou com o rosto sério, apesar das lágrimas, embora ele tenha olhado somente para Susanne, cujos olhos verdes fitou os deles com expressão inescrutável.

Supôs que fosse recusar. Droga, isso seria uma terrível humilhação, por mais que merecesse o castigo.

—Sim —respondeu ela, e umedeceu os lábios—. Sim, obrigada, milorde.

Ele estendeu a mão, com a palma para cima e Susanne apoiou sua mão sobre ela.

A Peter assaltaram imediatamente as familiares palavras pronunciadas em voz alta e com claridade em sua cabeça, embora fosse diferentes da habitual.

Aqui está ela, disse a voz.

Era um fato incontestável. Sim, aqui estava ela, com as mão apoiada na de Peter, disposta a dançar a valsa com ele.

Durante os dois últimos meses e meio Susanne tentou de convencer-se que não estava tentando consertar seu coração quebrado.

Agora, por fim, havia conseguido.

O visconde de Whitleaf não era de modo algum digno das lágrimas que verteu por ele, dos dolorosos sonhos que imaginou em torno de sua pessoa, dos remorsos que experimentou ao evocar certas lembranças relacionadas a ele.

Devia ter comunicado suas intenções antes de vir à recepção. Sem dúvida sabia que ela estaria aqui. Que interesse podia sentir por Anne? Ou pelo marido de Anne, por mais que o senhor Butler fosse o cunhado da viscondessa de Ravensberg?

Quando Susanne deu uma olhada ao redor do salão de chá depois de abraçar Anne, sentindo-se muito feliz por saber que o senhor Butler gostava muito de sua amiga e que esta sentia-se feliz que o pequeno David também fosse, de repente viu o visconde de Whitleaf na penumbra da soleira do outro lado da sala, e...

Ah, mas era impossível expressar com palavras a reação física que experimentou. As pernas pareciam feitas de geleia, seu coração pulsava com força no peito e nos ouvidos, as mãos suavam e teve a sensação de que não podia respirar. Seu cérebro demorou alguns de segundos para reagir.

Então ele entrou com passo decidido na sala, sorrindo, como se não tivesse a menor preocupação, coisa que sem dúvida era verdade. Aproximou-se de braço dado com sua prima e sorriu para Anne e para o senhor Butler. Até mesmo saudou David, não foi por menos que os presentes na sala se convertessem em seu mais rendido admirador. Então aproximou-se dela para cumprimentá-la e deteve-se breves e corteses momentos em sua mesa, havia mostrado todo o seu charme, especialmente para Claudia, depois do qual afastou-se para sentar e ficar de costas para elas durante todo o chá.

Sim, um homem sem a menor preocupação. Provavelmente apenas lembrava-se dela.

Claudia não foi seduzida por seu encanto.

—Esse cavalheiro é muito convencido —Comentou quando ele afastou-se da mesa.

—Parece-me muito amável —Disse o conde de Edgecombe.

—Sempre pareceu-me muito alegre e educado —Falou a senhorita Eleanor Thompson, a irmã da duquesa.

Susanne não disse nada, embora ficasse inexplicavelmente agradecida ao conde e à senhorita Thompson e Frances não fez quaisquer comentários.

Ele conseguiu estragar com sua vinda, um evento que Susanne aguardou ansiosa durante uma semana inteira. Foi incapaz de ingerir mais que alguns bocados de comida ou relaxar com o fato de encontrar-se de novo em companhia de suas três melhores amigas: Frances e Claudia sentadas à mesma mesa que ela, Anne em outra próxima a seu marido, com as faces avermelhadas e feliz. Não pode ficar calma sabendo que estava na mesma sala e na mesma festa que a marquesa de Hallmere, que reconheceu imediatamente como a pessoa que tempo atrás estava a ponto de contratá-la.

Não era justo.

E para cúmulo agora pediu que dançasse a valsa com ele e ela aceitou.

Susanne entrou no salão de baile com Claudia e a senhorita Thompson, sorrindo alegremente e sabendo que ficaria de pé observando Anne dançar a valsa com o senhor Butler e Frances com o conde. Não sentia-se tão deprimida desde os fins de agosto, principalmente ao saber que ele estava presente no salão e provavelmente dançaria com alguma das outras damas.

E agora?

Agora, ao voltar-se para lorde Whitleaf na pista de dança e fixar os olhos em seu queixo, sorrindo, não sentia nada absolutamente, salvo a satisfação de saber que seu coração não estava quebrado como imaginara.

Peter apoiou a mão na parte posterior da cintura de Susanne e ela apoiou a sua em seu ombro. Tomou a mão com a que tinha livre.

Ela notou que seguia utilizando a mesma colônia. A valsa começou, por isso começaram a dançar sem mais demora.

Ainda assim, ela seguia entesourando a lembrança da outra valsa. Não queria que aquela se misturasse com a lembrança desta, embora tenha compreendido que era inevitável.

Não era justo. Ele não devia ter vindo. A partir de agora recordaria com rancor por ele ter comparecido, sem levar em conta os sentimentos dela. Provavelmente sem lembrar-se que algo tinha acontecido que a feriu profundamente.

Entretanto, pensou ela, se a última tarde em Barclay Court desenvolveria de modo distinto, se Frances e o conde os tivessem acompanhado durante o passeio, se tivessem avançado através da ponte e descessem até a cascata em vez de sentar-se na colina, se ela tivesse dito «*pare»* em vez de «*não pare*»... Caso ocorresse qualquer um desses fatos, ela teria ficado alegre ao vê-lo esta tarde. Não o censuraria por vir. Consideraria-o apenas como um bom amigo.

Susanne elevou a vista e o fitou nos olhos enquanto ele a conduzia dançando e girando sem cessar para uma esquina do salão, e comprovou que ele a olhava sorrindo também. Como poderiam não sorrir? Estavam rodeados de convidados.

—Susanne —disse ele suavemente—, está tão bela como sempre.

—O dia parece mais quente e alegre devido a minha presença? —Perguntou Susanne, incapaz de reprimir um toque de amargura.

Peter inclinou um pouco a cabeça enquanto a olhava nos olhos.

—Não está alegre em me ver—disse.

—Deveria me alegrar? —Replicou ela.

—Pensei que possivelmente estivesse alegre —confessou ele—. Mas era uma recepção de casamento que participariam muitas pessoas que conheço e estimo. Como podia resistir a vir?

Isso era o pior, pensou ela. Era incapaz de resistir a deixar-se arrastar por qualquer vento que soprasse em sua direção. Em certa ocasião havia dito que era um homem bondoso. Mas acaso foi um gesto bondoso de sua parte apresentar-se aqui só porque tratava-se de uma celebração e ia encontrar pessoas que estimava?

—De modo que sabia que eu aceitaria o convite? —Perguntou ela enquanto dançavam em outra esquina do salão.

—Sim —respondeu ele—. Por isso vim.

Acabava de contradizer-se. Onde estava sua firmeza de caráter?

—Susanne —disse ele com maior suavidade que antes—, você está grávida?

Se estivesse, pensou ela, o filho teria dado um salto dentro de seu ventre. De fato, sentiu que o coração dava um tombo ao mesmo tempo em que continha o fôlego e dava um pequeno tropeção. Ele a sustentou entre seus braços com mais força até que ela recuperou o equilíbrio e firmou novamente seus passos aos dele.

—Não —respondeu.

Ele a olhou com expressão escrutinadora. Ela percebeu que o sorriso dele saiu de seu rosto. O seu também, por isso esboçou um novo sorriso forçado.

—Me alegro —disse ele.

—Não duvido.

Susanne baixou a vista e tentou recuperar uma parte da magia que havia sentido na última vez dançaram uma valsa. Fixou deliberadamente sua atenção nos outros casais e viu Anne e o senhor Butler dançando com surpreendente graça, apesar do fato de que ele não tinha o braço direito. Anne parecia menos magra, especialmente da cintura para baixo. A duquesa ria ao mesmo tempo que olhava o sério rosto do duque, a quem Claudia detestava com toda sua alma. Seus pálidos olhos prateados contemplavam sua esposa com um encantamento que insinuava as emoções que buliam atrás de sua aristocrática fachada. Frances dançava nos braços do conde, e era evidente que só tinham olhos um para o outro.

Ao que parecia, o mundo estava cheio de casais felizes e ela estava sozinha.

Que pensamento tão ridículo e autocomplacente!

—Vejo que está ressentida —observou o visconde de Whitleaf. Era verdade? Perguntou-se ela. Não tinha motivos para estar, ou sim? Ele não a seduziu. Deu-lhe a oportunidade de detê-lo. Mais tarde pediu que fugisse com ele e prometeu cuidar dela, mesmo quando tudo terminasse entre eles. Ela negou. Despediram-se como amigos. Ah, essa despedida, essa recordação ao vê-lo partir a cavalo através da terraço e pelo caminho até desaparecer! Era uma lembrança que cravou a dor nela profundamente, porque supôs que nunca mais voltaria a vê-lo.

Agora dançava com ele a valsa em Upper Assembly Rooms em Bath, novamente. Uma realidade que ela ainda não conseguiu assimilar.

—Minha resposta é o silêncio —disse ele—. Eu não a culpo. Seria trivial para mim dizer que sinto muito. Mas não sei mais o que posso dizer.

—Não é preciso que diga nada. —Olhou novamente nos olhos dele—. E não há necessidade de se arrepender, nem lamentar. Foi o que aconteceu e ponto final. Em qualquer caso nossa amizade teria que terminar. Por que não dessa forma?

—Terminou? —Inquiriu ele.

Ela olhou-o e assentiu. É obvio que terminou. Como podiam fingir a partir de agora que continuavam amigos?

—Então lamento profundamente —disse ele—.Eu gostava de você Susanne, e continuo gostando. Supõe-se que gostava de mim.

Ela engoliu em seco.

—Assim era.

— No passado? —Inquiriu ele depois de um breve silêncio que perdurou entre ambos—. Sim, no passado.

Deixaram de dançar durante alguns momentos enquanto a orquestra concluía a melodia da valsa e dispunha a interpretar o música seguinte.

De modo que ela já nem sequer sentia simpatia por ele? Porque ele apareceu hoje por aqui para turvar de novo sua tranquilidade?

Veio porque sabia que ela estaria presente. Veio para perguntar se estava grávida.

Como teria reagido caso a resposta fosse afirmativa? Teria partido apressadamente? Ela sabia que não.

Susanne o fitou quando reataram a dança e disse:

—Não me desagrada.

—Não?

Ele sorriu. Ela sorriu também. De qualquer maneira continuaram olhando-se nos olhos, seus sorrisos tornaram-se mais tristes... e mais autênticos.

—Tentei que me convencer —disse ele—que teria sido melhor para mim, e imensamente melhor para você, que eu partisse de Hareford House dois dias depois de sua chegada a Barclay Court, tal como pensei em fazer. Deste modo, evitei que fizesse isso a você, como uma professora de escola um tanto escrupulosa, severa e hostil.

—Essa é a impressão que dei para você? —perguntou ela.

—E como alguém que fez com que um esplêndido dia de verão me parecesse mais quente e alegre. —Deu outras duas voltas em uma esquina do salão, conseguindo que ela risse—. Mas outra parte de mim me diz que fiquei aborrecido por não ter podido conhecê-la mais profundamente.

Ela olhou a seu redor com um sorriso em seu rosto. Observou que senhor Huckerby observava seus pés, para comprovar se Susanne lembrava os passos que ensinou a ela. Olhou para Claudia quando passou dançando junto a eles sorrindo.

—Teria preferido —perguntou lorde Whitleaf— que eu tivesse partido quando tinha decidido?

Teria preferido? Perguntou-se ela. Isso teria evitado uma grande dor... E muitas experiências gratificantes.

—Não —respondeu ela.

—Por quê? —Perguntou aproximando seu rosto ao dele.

—Em certa ocasião me disse —respondeu ela—que em sua infância esteve rodeado de mulheres. É o que me ocorreu também desde que completei doze anos. Não tive contato com homens. Com os homens me sinto tímida, insegura, sem saber falar ou comportar-me. Quando eu o conheci, estava apavorada, porque era um homem bonito, seguro de si e um nobre. Então percebi que era gentil e amável, e foi muito fácil falar com você. Cheguei a sentir grande simpatia e a cada dia esperava com impaciência o momento para vê-lo e passar alguns momentos conversando com você. Sabendo que alegrava minha vida e fornecia lembranças que no futuro recordaria com prazer, montada em uma carruagem de corrida, disputando uma regata, subindo até a cascata, dançando a valsa tudo isso com você.

Beijando-o.

Fazendo amor com você.

—Não lamento que tivesse ficado —disse.

—Então, voltamos a ser amigos? —Perguntou ele.

Ela riu brandamente.

—Certamente, suponho que sim —respondeu—, pelo menos durante o resto da tarde.

Embora a Susanne tenha ocorrido que o convite provavelmente não se prolongaria muito e que ela retornaria à escola e ele partiria com os Ravensberg e não voltariam a encontrar-se, desta vez para sempre.

E ela voltaria a sofrer.

Mas o sofrimento era algo que a vida comportava de forma inevitável. Caso não houvesse dor, as pessoas não viviam plenamente e não existiria a possibilidade de ser feliz. Ela foi feliz —plena e enormemente feliz— em poucas ocasiões de sua vida, quase todas com o visconde de Whitleaf. Devia ter isso muito consciente. Houve dois episódios perfeitos que proporcionaram tal felicidade a ela que nenhuma dor podia eclipsá-los. Um ocorreu no salão de celebrações quando dançou a valsa com ele. O outro na colina sobre o rio e a pequena ponte, quando fizeram amor.

Era fácil recordar o episódio na colina, como o pior que aconteceu porque causou uma dor maior do que sentiu ao despedir-se dele. Mas ao mesmo tempo, foi o mais maravilhoso episódio que aconteceu em sua vida.

Não havia dúvida. Essa foi a meia hora mais feliz de sua vida.

Agora, mais uma vez, dançava a valsa com o homem que tinha dançado, em seguida, com o homem com quem fez amor naquela colina. Caso não sentisse plena felicidade agora, foi porque deixou a dor do passado e do futuro manchar a magia do momento presente.

Sim, era mágico.

—Vamos dançar esta valsa sem pensar em nada —disse ela. O sorriso acentuou-se nos lábios e nos olhos dele.

—Tudo bem —respondeu.

E durante o resto da valsa não voltaram a falar, mas sim, limitaram-se a dançar e a olhar-se nos olhos sorrindo.

Sim, alegrava-se que ele tivesse vindo, pensou Susanne. Alegrava-se muito. O fato de que estivesse aqui contribuiria sem dúvida para cicatrizar suas feridas. Não apagou a lembrança dela ou de haver feito amor de sua mente. Susanne supôs que a partir de hoje ia sentir menos tristeza. Ou talvez estivesse enganada. Amanhã sua vida continuaria sem ele.

Mas não queria pensar no amanhã.

Ela continuou a dançar, consciente da atmosfera radiante que a cercava, dos convidados e da música; todos os seus sentidos estavam atentos. E também estava ciente de que o homem cujos braços ela dançava, era o homem que a tinha beijado, acariciado e penetrado profundamente em seu corpo.

Nunca se arrependeria de ter vivido essa experiência.

Uma vez bastava.

Não podia ser de outro modo.

Ele emitiu uma sonora gargalhada ao mesmo tempo que a fazia girar vertiginosamente em frente da orquestra e ela riu também.

CAPÍTULO 15

—Bom, tudo terminou —observou Claudia suspirando quando entrou na escola com Susanne e a porta fechou-se atrás delas—. Muitas despedidas. Isso não faz com que alguém sinta mais animação, não é verdade?

Acabavam de despedir-se de Frances e do conde de Edgecombe, que insistiu em levá-las em sua carruagem depois da recepção, mesmo Claudia tendo assegurado a ele que Susanne e ela podiam retornar a pé sem problema nenhum. Na manhã seguinte os Edgecombe partiram cedo de Bath para Londres. E antes que todos abandonassem os Upper Rooms, despediram-se de Anne e David, que também partiriam na manhã seguinte com o senhor Butler para seu novo lar no Gales.

—Mas foi muito gratificante ver Anne tão feliz —comentou Susanne — e David também. Deduzo que o senhor Butler deu-se muito bem com ele.

—Agora resta-nos retornar ao trabalho —disse Claudia com tom firme, tirando a capa e pendurando no braço—. Nossa missão é dirigir a escola, Susanne. Depois do chá ocorreu-me comentar com a senhorita Thompson que procurava uma nova professora e fiquei muito surpreendida quando disse que estava interessada nesse posto.

—Serio? —Perguntou Susanne.

—A duquesa convenceu à senhora Thompson que fosse viver em uma casa perto de Lindsey Hall —disse Claudia—. Suponho que a senhorita Thompson ficará instalada ali, como é lógico, embora tema perder certa independência quando abandonar sua antiga casa e o povoado. Diz que se sentirá como uma parenta pobre do duque de Bewcastle. Entendo que seria um destino terrível. Mas não deixa de ser interessante, Susanne, que a senhorita Thompson prefira dar aulas aqui. Pedi que viesse amanhã ou depois de amanhã. Eu gostei dela. Tem uma conversa interessante e tem lido muito. Além disso, é uma pessoa sensata com um senso de humor mordaz.

—Exerceu antes o cargo de professora? —Perguntou Susanne, voltando-se enquanto subia a escada para seu quarto.

Mas Claudia não teve tempo de responder, pois nesse momento apareceu o senhor Keeble pigarreando para limpar a garganta de forma tão visível que era evidente que diria algo importante.

Aparentemente Agnes Ryde, uma das novas alunas de caridade, teve uma violenta briga e fez com que Lila Walton chorasse, suscitando a ira da supervisora, que enviou à menina para cama em plena tarde, assegurando que pagaria as consequências de sua conduta, assim que a senhorita Martin retornasse.

Claudia suspirou.

—Obrigado, senhor Keeble —disse—. Que volta mais ingrata à realidade! Onde está Anne quando mais preciso?Ela possuia um dom especial para tratar as meninas briguentas.

—É verdade —respondeu Susanne enquanto tirava o chapéu—. Mas compreendo o que a pessoa sente ao ser uma aluna de caridade, Claudia. Confesso que em parte me identifico com a pobre Agnes. Deixe que eu suba para falar com ela.

—Pobre Agnes! —Protestou Claudia elevando a vista ao teto—. A supervisora deixou-me de mãos atadas. Caso eu suba, terei que tomar uma medida extrema, como obrigar à menina a ficar na cama e alimentar só de pão seco e água durante ao menos uma semana.

Susanne riu da desatinada imagem que Claudia tinha pintado, depois do qual endireitou as costas e continuou escada acima, disposta para a batalha. Lila, por ser uma professora auxiliar, possuia a nada invejável tarefa que antes correspondia a Susanne, dar aulas de locução às meninas que precisavam e Agnes Ryde necessitava mais que nenhuma

outra aluna. Chegou à escola no final de agosto com um acento cockney* tão marcado, que ninguém compreendia a metade do que dizia. E resistia a modificar seu acento para falar—— Lila não era precisamente sua professora predileta.

Susanne agradeceu esta pequena crise na escola. Fez com que esquecesse todo o resto durante uma hora, enquanto permanecia sentada em um dos dormitórios junto à cama de Agnes, em princípio falando com uma garota hostil virada para a parede até que no fim, transformou-se em conversa, quando ela virou-se para olhá-la com manifesta suspeita.

—*Asin* que a colocaram aqui como uma aluna de caridade, *senão*? —Perguntou.

—Sim —respondeu Susanne, ignorando a gramática da menina—igualmente como à senhorita Walton, como esta não duvidaria em reconhecer. Ambas estivemos onde você está agora. Não é o lugar mais cômodo do mundo, verdade? Lembro que em algum momento acreditei que trouxeram-me aqui para que outros zombassem de mim.

— Todo mundo ri de mim—declarou Agnes com raiva—. Na próxima vez darei um murro, asseguro....

—Todo mundo? —Susanne arqueou as sobrancelhas—. Está certa de que todo mundo zomba de você? Não serão só duas ou três garotas que não têm nada melhor a fazer que atormentar uma companheira? Lembro que um dia a senhorita Martin deu-me um conselho. Na próxima vez que as alunas particulares zombassem de mim dizendo que devia ser muito agradável que outras pessoas pagassem meus gastos, recomendou-me que sorrisse como não tivesse notado o sarcasmo e respondesse que sim, que era muito agradável. Como continuariam zombando depois dessa resposta? Perguntou-me a senhorita Martin. E teve toda a razão. Funcionou às mil maravilhas. Muito melhor do que se eu tivesse me envolvido em golpes com elas, porque era isso que elas desejavam. Acreditavam que eu reagisse assim para que pudesse ir chorando a uma das professoras e colocar-me uma confusão.

Quando desceu novamente, Susanne estava esgotada, mas satisfeita por ter resolvido outro problema. Mas teve que assegurar a Lila Walton, que estava na salinha da Claudia e não parava de chorar, que não devia pensar que fracassou, que acostumar-se a isto era uma das partes da instrução e uma parte consistente em resolver as diversas crises que surgiam indevidamente quando um grande número de seres humanos conviviam juntos. E, é obvio, uma professora não podia ser sempre popular.

—Isso é justamente o que falei para ela —disse Claudia—. Agora vamos tomar uma xícara de chá e esta noite pode sair cedo, Lila. Amanhã pela tarde ocuparei seu lugar na hora da aula para que disponha de tempo livre. Devo pedir a Pierre Cecile que venha hoje para dar uma mão, embora o tenha informado que hoje não teria aulas porque Susanne e eu, assim como o senhor Huckerby e o senhor Upton fomos convidados para uma recepção. A escola segue em pé, não? Não se queimou nem ficou reduzida a um monte de escombros. Todas as garotas continuam vivinhas e abanando o rabo..., ao menos que eu saiba.

Lila riu e pegou uma xícara de chá das mãos de Claudia. Depois de quinze minutos dirigiu-se a seu quarto, visivelmente aliviada de que a jornada tivesse concluída.

—É verdade que Lila faz muito bem do ponto de vista acadêmico —disse Claudia quando esta saiu—. Em outras áreas é mais frágil. Talvez descubra que não foi feita para o

---

* 1. Um nativo do East End de Londres.
2. O dialecto ou sotaque dos nativos do East End de Londres.

ensino, embora ainda acredito que consiga adaptar-se. Confio que a senhorita Thompson deva trabalhar aqui. É mais velha e mais madura. Causou boa impressão em você, Susanne?

—Sim —respondeu esta levantando-se para encher as duas xícaras de chá—. Tem os olhos risonhos. As pessoas com olhos risonhos sempre me inspiram confiança.

Claudia riu.

—Se vier aqui, seu senso de humor será submetido a uma dura prova —disse—, embora certamente será um fator positivo. Acredita que seria possível exercer o professorado como é devido caso não tivesse um saudável senso de ridículo? Duvido muito.

Beberam o chá e guardaram silêncio; os pensamentos de Susanne giravam indevidamente em torno dessa tarde, ao visconde de Whitleaf, à valsa que dançaram juntos e ao tom jovial da forma que se despediram mais tarde. Nesses momentos ela não sentiu-se trágica e agora também.

Alegrava-se por ter visto novamente o visconde e saber de sua preocupação por ela e a possível responsabilidade dele para com sua pessoa.

Mas agora ocorria a inevitável dor do vazio que sentia em seu interior e que era muito difícil de ignorar.

—Sou muito sensível às correntes soterradas —disse Claudia—. Estou convencida de que é outra qualidade que deve possuir uma professora. Às vezes vejo coisas muito antes que aflorem e causem problemas ou mesmo desastre.

Susanne bebeu um pouco de chá. Ignorava onde queria parar Claudia com essa observação.

—Conheceu visconde de Whitleaf neste verão quando voce foi passar uns dias em Barclay Court —disse Claudia.

—Sim —respondeu Susanne com receio—. Ele estava em Hareford House. É amigo do jovem senhor Raycroft. Acredito que já o conheça e a sua família.

Claudia assentiu. Passou alguns dias em Barclay Court no início do ano , antes que Frances partisse para a Europa.

—Minha primeira impressão do visconde —disse Claudia—, foi que era um homem vaidoso, além de incrivelmente bonito, certamente. Tanto o conde de Edgecombe como a senhorita Thompson me asseguraram que estava enganada. Nem você nem Frances expressaram nenhuma opinião. Logo observei que comeu a metade de um sanduíche de pepino e um terço de um bolo com passas e e ficou encerrada em um quase mutismo durante todo o chá. E Frances mal separou os lábios. Esteve quase todo o tempo observando você , Susanne, com expressão preocupada. Não sei se o que percebi foi uma corrente soterrada.

Susanne compreendeu que era inútil fingir que não sabia o que Claudia queria dizer. Fazia muito tempo que se conheciam. Foram amigas durante muitos anos desde que ela era uma menina. E sua amizade ficou mais forte depois do afastamento de Anne.

—Não é o que imagina —disse.

—E o que é que imagino? —Perguntou Claudia olhando seu rosto profundamente.

—O visconde de Whitleaf e eu somos apenas amigos —explicou Susanne—. Eu não tinha ilusões de que poderíamos ter mais, nem desejava. É muito amável, Claudia e uma boa pessoa; demonstrou-me isso em numerosas ocasiões. Entristeceu-me despedir dele ao término das férias. Frances temia que eu estivesse apaixonada por ele. Talvez ainda tema, mas se engana. Foi maravilhoso voltar a vê-lo hoje e dançar com ele, mas... Deixe, não

importa. Não tem importância. Não voltarei a vê-lo, e aceito isso. O visconde de Whitleaf não vai me fazer perder o sono.

Susanne sorriu e derramou o chá no pires. Apressou-se a depositar a xícara na mesa até que suas mãos deixassem de tremer.

Céu santo! Deus Bendito! Só faltava que começasse a chorar, como fez na noite depois da festa, quando Frances entrou em seu quarto. Que humilhação!

— É uma pena—disse Claudia suspirando depois de um breve silêncio— não podemos nos livrar de nossa necessidade feminina de amar e cuidar de alguém e nos sentir amadas, ou quando menos obter uma adequada satisfação por dirigir esses instintos para nossas alunas, nossos colegas e nossas amigas, não acredita? Não deveríamos sentir a necessidade de um homem e de quanto ele possa nos oferecer no sentido físico e emocional quando as probabilidades de encontrar um bom partido e fazer um casamento proveitoso são quase nulas.

Susanne nunca ouviu Claudia falar sobre a necessidade dela por um homem, necessidade física. Era muito fácil supor que não sentia essas necessidades. Contava com mais de trinta anos. Já era uma pessoa adulta quando Susanne chegou à escola. E durante esses anos viveu sem nenhum homem.

—Eu pude oferecer à você a relativa segurança de um posto de professora quando ficou adulta—disse Cláudia—. Mas infelizmente não consegui encontrar-lhe um marido, apesar de sua beleza, a vitalidade e a inteligência.

—Cláudia —respondeu Susanne, depositando a xícara e o pires na mesa—, asseguro que fez muito por mim. E não estou apaixonada pelo visconde de Whitleaf...Nem por nenhum outro homem.

Cláudia voltou a suspirar.

—Acredito em você—disse em um tom animado—. Vamos, é hora de ir para a cama, embora ainda não seja muito tarde. Foi uma longa jornada cheia de emoções e estou quebrada. E por cúmulo, prometi encarregar-me amanhã cedo de uma aula.

—Eu tenho que dirigir o ensaio das festas natalinas —disse Susanne—, do contrário eu a substituiria.

A vida segue, disse para si mesma no final de alguns minutos quando fechou a porta de seu quarto. Sobrevivi ao fim de agosto. Sobreviveria o dia de hoje.

Ao menos teria muitas coisas com que ocupar sua mente amanhã e em dias sucessivos.

E ao menos, as lembranças agradáveis de hoje seriam acrescentadas as do verão. Alegrava-se que ele tivesse vindo e perguntado sobre uma possível gravidez. Caso estivesse, não a teria abandonado a sua sorte. Estava tão convencida disso como se ele tivesse dito.

Era ainda um homem que ela gostava e até ... Sim, ainda o amava Seria absurdo negar.

Sobreviveria a esta confissão. Sobreviveu a ela em agosto e o faria agora. Não obstante, Susanne perguntou para si mesma com tristeza, quando morreria um amor não correspondido. Não podia durar para sempre. Fervorosamente esperávamos que fosse assim.

Esperava impaciente o dia em que pudesse esquecer e obter das lembranças só um prazer nostálgico.

Mas esse dia ainda não tinha chegado.

***

Peter não viajou com Lauren e Kit quando partiram para Alvesley Park na manhã seguinte, embora os dois o assegurassem que ficariam encantados caso ele os acompanhasse e seus filhos pediram calorosamente que partisse com eles. Decidiu partir para Londres no final de algumas horas, porque tinha alguns negócios lá. Os negócios consistiam em procurar um novo grupo de cavalos, embora para falar a verdade os seus cavalos atuais estavam em perfeito estado. Também queria visitar os clubes, principalmente o White's, para verificar quem saiu da cidade e quem acabava de chegar, assim como as últimas novidades e fofocas, embora estas atividades não podiam qualificar-se de «*negócios*».

Realmente, não via nenhum motivo urgente para ir a qualquer lugar no mundo, exceto para casa. Mas ainda faltavam alguns dias para o Natal e decidiu retornar mais tarde para lá.

Sua mãe ia transformar sua cozinha em uma monstruosidade de cor lavanda —em sua última carta contou-lhe a cor—para que combinasse com a sala de estar. Mas adiaria até depois de Natal, porque teriam convidados, como realçou utilizando o plural. De modo que Peter confiava em poder impedir semelhante desastre passado o natal. Céu santo, uma cozinha de cor lavanda!

Que nova reforma atacaria sua mãe? A biblioteca?

Esta convidou os Flynn-Posy para o Natal, pois lady Flynn-Posy era uma de suas melhores amigas e a conhecia há muito tempo. Em sua carta dizia que possivelmente recordasse seu nome. Mas ele não recordava. Trariam seu filho, um jovem encantador que estudava em Oxford, e —, inevitavelmente—sua filha, uma senhorita instruída e de notável beleza, que ia completar a maioridade na primavera.

Peter compreendeu que não teria mais escolha que enfrentar à senhorita Flynn-Posy. Não queria mais continuar se escondendo na afetuosa intromissão de sua mãe em sua vida.

Mas ainda não queria retornar para sua casa.

Mas o que ia fazer enquanto isso? Despediu-se de Lauren, de Kit e das crianças quando partiram do Hotel Royal York e dez minutos mais tarde, do conde e da condessa de Redfield, depois do qual retornou sozinho a seu quarto para contemplar abatido suas malas, preparadas com esmero, pelo seu mordomo.

Depois de uma hora desceu do quarto e teve a oportunidade de despedir-se do duque e da duquesa de Bewcastle e também da senhora Thompson, a mãe da duquesa, que estavam retornando para casa. A senhorita Thompson permaneceria alguns dias em Bath, mas não ficaria no hotel.

—Para minha mãe não acha correto, embora faça vários anos que deixei para trás os vinte anos—explicou ela a Peter enquanto ambos observavam a carruagem que acabava de desaparecer na curva—. E Christine estava de acordo com ela, assim como o duque, embora não dissesse uma palavra. Não era preciso que o fizesse. Não conheço ninguém cujo silêncio seja mais eloquente, lorde Whitleaf —declarou a senhorita Thompson com expressão risonha.

—De modo que ficará com lady Potford? —Inquiriu Peter.

—Sim —respondeu ela—. Parece que ainda preciso de uma acompanhante. É muito irritante.

—Permita-me levá-la junto com sua bagagem a casa de lady Potford? —Perguntou Peter.

—É muito amável de sua parte —respondeu a senhorita Thompson—, mas minhas malas já partiram. O duque as enviou.

—Lady Potford vive perto? —Perguntou ele.

—Em Great Pulteney Street —respondeu ela—. Fica a certa distância, mas gosto de esticar as pernas, especialmente em um dia ensolarado. A casa está muito perto da escola da senhorita Martin na Daniel Street. Prometi vê-la hoje ou amanhã. A senhorita Martin precisa de uma nova professora, e decidi me candidatar para o posto.

—Sério? —Perguntou Peter—. Permita-me acompanhá-la até Great Pulteney Street, senhora?

—E atrasar sua partida? —Respondeu ela—. Você é muito amável, lorde Whitleaf. Não necessito de um acompanhante ou uma dama de companhia pelas ruas de Bath.

—Mas eu —insistiu ele inclinando-se e sorrindo—, possivelmente prefira demorar minha partida até manhã, senhora, que renunciar ao prazer de sua companhia e a de lady Potford. Além disso, eu gostaria de ver a escola onde a senhorita Osbourne dá aulas. Neste verão fizemos amizade quando estávamos com amigos na mesma comarca.

—Ah, a senhorita Osbourne, sim —disse a outra rindo—. Observei que é extraordinariamente bela. Muito bem, lorde Whitleaf. Posto que está tão desejoso para aproveitar de minha companhia, não o privarei dela. O que acha de nos encontrarmos aqui embaixo dentro de meia hora?

—De acordo —respondeu ele com uma reverência.

De modo que em vez de partir para Londres como decidira, Peter pôs-se a andar pelas ruas de Bath com a senhorita Thompson no braço. Passaram em frente ao Pump Room e a Abadia de Bath e passearam junto ao rio para a Pulteney Bridge. Cruzaram a ponte e enfiaram-se pela Great Pulteney Street até chegar a casa de lady Potford. Não deixaram de conversar durante todo o trajeto, e Peter comprovou que a companhia da senhorita Thompson era deliciosa e riu com ela de muitas coisas absurdas que ela assinalou.

Ao mesmo tempo ficou se perguntando se era prudente o que estava fazendo, melhor dizendo, se o que faria depois de visitar lady Potford seria prudente. Pensava realmente acompanhar à senhorita Thompson à escola? Mas com que fim? Ontem verificou o que queria saber sobre Susanne. Passou uma agradável meia hora dançando e conversando com ela e depois despediram-se.

Não havia nada mais a dizer, ou sim?

Mas, maldição, ele ainda gostava da senhorita Osbourne. Desejava manter uma amizade com ela. E, para ser sincero consigo mesmo, provavelmente sentia por ela algo mais que uma simples amizade. Um fato inquietante que Peter teve que reconhecer e que era motivo mais que suficiente para despedir-se da senhorita Thompson na porta da casa em Great Pulteney e retornar para seu hotel o mais rápido possível e colocar muita distancia entre a Escola para Meninas da Senhorita Martin em Bath e ele, quanto a luz diurna e a velocidade de sua carruagem permitissem.

Mas quando o mordomo de lady Potford abriu a porta, Peter atravessou a soleira quase sem dar-se conta.

E pouco mais de meia hora, depois que tomou café na sala de estar e conversar com lady Potford, que sentia-se um pouco abatida por ter se despedido de seus hóspedes há

pouco tempo, acompanhou de novo à senhorita Thompson durante o breve percurso até a esquina da rua e quase imediatamente dobraram para a Sutton Street. A esquina com Daniel Street não estava longe.

De modo que aqui estava, pensou Peter ao subir os degraus da escola e bater na porta, incapaz sequer de reconsiderar no último momento e afastar-se apressadamente. A senhorita Thompson achava-se atrás dele e teria ficado chocada ao vê-lo desparecer sem maiores explicações.

Que diabos pensaria ela? «*Ela*», é claro, era Susanne Osbourne.

Um porteiro de idade avançada e cara de poucos amigos abriu a porta e olhou Peter com manifesta suspeita. Sua casaca negra, brilhante devido ao passar do tempo, parecia tão velha quanto ele.

Era talvez o dragão que guardava as donzelas?

—A senhorita Thompson e o visconde de Whitleaf desejam ver a senhorita Martin —disse Peter.

O porteiro olhou por cima do ombro de Peter e seu aspecto suavizou-se um pouco.

—A senhorita Martin está esperando, senhora —respondeu, ignorando Peter—, embora neste momento esteja dando uma aula.

—Então não a incomode —disse a senhorita Thompson—. Esperarei que acabe.

Estava salvo! Pensou Peter. Tinha a desculpa perfeita para despedir-se dela com uma reverência e afastar-se a toda pressa. «*Esperare que acabe*», havia dito a senhorita Thompson, não «*esperaremos que acabe*».

Mas em vez disso retrocedeu um passo para deixar que esta o precedesse e entrou atrás dela.

Se alguma vez conseguisse compreender-se, lamentou Peter, o mundo deixaria de girar sobre seu eixo e produziria um cataclismo.

Entrou em um saguão escuro e estreito. Imediatamente ouviu o longínquo murmúrio de vozes femininas e juvenis entoando uma canção. Penetrou no mundo de Susanne Osbourne, pensou, percebendo uma mescla de aromas de cera para mobília, tinta, couve e algo indefinível que teria indicado que se encontrava em uma escola embora não soubesse.

CAPÍTULO 16

Susanne estava almoçando na sala de jantar. O assento junto a ela na mesa principal —a das professoras— estava vazio. Claudia provavelmente estava comendo em seu escritório com a senhorita Thompson, que ao que parecia, chegou para dar uma olhada à escola com o propósito de lecionar ali.

Convinha ter outra professora residente, pensou Susanne, e Claudia simpatizou com ela ao conhecê-la.

Onde estaria ele agora, perguntou-se, como tinha feito repetidas vezes durante toda a manhã enquanto dava aulas. A quantos quilômetros de Bath? A quantos quilômetros de onde se dirigia?

Susanne tentou centrar-se de novo na conversa com as outras professoras.

Mas o senhor Keeble, cujas botas rangiam como faziam sempre desde que ela o conhecia, como se o ancião as mandasse fazer com essa peculiar característica, entrou na cozinha e dirigiu-se para a mesa principal. Susanne olhou-o com um gesto interrogativo.

—A senhorita Martin deseja vê-la em seu escritório quando tiver terminado de comer, senhorita Osbourne —disse o senhor Keeble.

A sobremesa não fora ainda servida. Mas Susanne não se importava. Hoje não tinha vontade. Desculpando-se, levantou-se e foi em direção ao escritório. Estaria ainda a senhorita Thompson aqui? Perguntou-se.

Com efeito, estava. Junto com, inexplicavelmente, o visconde de Whitleaf. Este ficou em pé quando Susanne abriu a porta e inclinou a cabeça para ela assim que a jovem entrou na sala.

Susanne sentiu de repente que ficava sem fôlego, tal como tinha acontecido ontem para vê-lo de surpresa no Upper Assembly Rooms. Mas lá dispôs de uns minutos para recuperar a compostura sem ter a sensação de que todo mundo a olhava. Hoje os três ocupantes da sala permaneciam com os olhos fixos nela.

—Senhorita Thompson —disse sorrindo—. Visconde de Whitleaf.

Que diabos fazia ele aqui? Acreditava que estivesse a muitos quilômetros.

—Senhorita Osbourne —disse a senhorita Thompson com olhos risonhos—. Devia imaginar que um simples vestido cinza de trabalho realçaria a vibrante cor acobreada de seu cabelo. Se tivesse dez anos menos, sentiria-me mortalmente ciumenta de você.

—A senhorita Thompson ficará esta tarde conosco —disse Claudia—. O visconde de Whitleaf se dispunha a partir, mas aceitou passar pela casa de lady Potford para entregar uma mensagem. Enviou-me um convite para que vá com ela e a senhorita Thompson a um concerto na Abadia de Bath amanhã na parte da tarde. Não vou poder assistir, pois prometi ajudar três alunas a estudar para o exame de história na semana que vem. Não obstante, a senhorita Thompson sugeriu que você poderia assistir em meu lugar, Susanne.

—Eu adoraria que aceitasse, senhorita Osbourne —assegurou a senhorita Thompson—. E tenho certeza que lady Potford também.

Susanna teve problemas para pensar com clareza, na presença do visconde Whitleaf, situado a poucos passos dela e observando-a em silêncio. Mas a oportunidade de assistir um concerto vespertino era muito tentadora. Nunca assistira um evento que não estivesse relacionado diretamente com a escola. E a Abadia era uma igreja magnífica.

—O ensaio da peça natalina é esta noite —disse Claudia—e amanhã, como é sexta-feira, as meninas não têm que estudar. De modo que nada a impede de ir Susanne, caso queira ir.

—É obvio que eu gostaria de ir—assegurou Susanne.

—Esplêndido! —Exclamou a senhorita Thompson—. Então está decidido.

—Informarei a lady Potford que houve uma ligeira mudança de planos —disse o visconde de Whitleaf—. Bem, adeus, senhora —acrescentou inclinando-se para Claudia—. Senhorita Osbourne, tem a amabilidade de acompanhar-me à porta?

Que desfaçatez! A estas horas já deveria estar muito longe de Bath.

—Como é que continua ainda em Bath? — Perguntou Susanne quando saíram ao corredor e ele fechou a porta as suas costas. Desta vez não havia rastro do senhor Keeble—. Supus que todos os convidados partiriam cedo esta manhã.

—Despedi-me de todos —respondeu ele—, e logo descobri duas coisas. A primeira que a senhorita Thompson não teria quem a acompanhasse a casa de lady Potford em Great Pulteney Street nem aqui, e segundo que eu não tinha nenhuma pressa para ir a algum lugar.

— Você já voltou a Sidley Park? —Inquiriu ela.

Parecia um tanto surrealista vê-lo ali, na escola, em domínios muito femininos. Ele usava uma capa que o fazia parecer mais alto, de ombros largos e mais viril do que nunca. Sua presença a fazia sentir-se meio sufocada.

—Desde agosto? —Respondeu ele—. Sim. Fui para lá depois que os convidados de minha mãe partiram. Mas em minha ausência a sala de estar foi decorada de cor de rosa e com babados, um horror! E a cozinha será pintada de cor lavanda depois do Natal, que, pelo visto passarei em Sidley na companhia de uma tal senhorita Flynn-Posy e seus pais. Irei salvar pelo menos, minha cozinha de tão terrível sorte.

Seu aspecto era tão cômico e abatido que ela não pôde deixar de sorrir divertida.

—Suponho que sua amabilidade o impede de expor suas objeções claramente para sua mãe —disse.

—Absolutamente —respondeu ele.

—Ontem, quando cheguei, você estava brincando com todos as crianças no salão de baile, não é assim? —Perguntou Susanne—. Ouvi a senhorita Thompson comentar com Claudia depois de nossa valsa.

—Cheguei cedo —respondeu ele—, e brincar com as crianças me pareceu uma boa forma de passar o tempo, sobre tudo posso dizer que me sequestraram.

—Mas nenhum outro adulto ficou brincando com elas —disse ela—, e ao que parece não ocorreu às crianças sequestrar nenhum outro adulto, só você, porque queria entretê-los e intuíram que era uma pessoa que prestaria toda atenção neles e faria com que passassem uma tarde divertida. Mas, claro está, não o fez levado por sua amabilidade.

Ele sorriu com certo acanhamento e ela compreendeu que agora, dentro de momentos, ele sairia pela porta e ela a fecharia atrás dele e voltaria a ficar sozinha.

—Amanhã pela tarde virei apanhá-la em minha carruagem —disse —parece bem a você eu chegar às seis e meia?

Susanne o fitou sem compreender.

—Vou ficar alguns dias a mais —explicou ele—. Acompanharei lady Potford e à senhorita Thompson ao concerto.

—E combinou com elas para que me convidassem também, não? —Perguntou ela surpreendida.

—Absolutamente —respondeu ele—. Isso foi um golpe de sorte. Tentava achar a forma de fazer, mas o assunto ficou resolvido quando a senhorita Martin disse que não poderia ir e a senhorita Thompson propôs que você fosse em seu lugar.

Ela olhou estupefata para Peter.

— Diga-me que se alegra por isso—disse ele. Susanne pareceu sorrir com certo acanhamento, talvez até mesmo com certa tristeza, o qual sem dúvida era uma bobagem.

—Alegra-me muito assistir o concerto —respondeu ela—. A Abadia de Bath é utilizada com frequência para recitais de órgão. Nada me agrada mais que escutar alguém tocar o imponente órgão de tubos, embora não o ouça com frequência. Talvez amanhã toquem umas peças para órgão.

—Alegra-se por assistir o concerto — disse ele baixinho—. Bem, terei que me conformar com isso. Ficamos então às seis e meia?

—Obrigada —respondeu ela.

Então ele abriu a porta, saiu e ela a fechou atrás dele e voltou a sentir-se sozinha. Fechou os olhos brevemente e respirou fundo algumas vezes. Não só ia assistir um concerto na Abadia amanhã pela tarde, convidada por lady Potford, mas também seria acompanhada pelo visconde de Whitleaf. Era quase muito grandioso para assimilar. A emoção da impaciência podia matá-la.

Esta tarde teria que dar aulas de caligrafia e escrita. De fato, a primeira aula começaria dentro de cinco ou dez minutos.

Susanne afastou-se da porta e tratou de fingir que esta tarde não era diferente de qualquer outra tarde na escola.

***

Isto era a coisa mais insólita, pensou Peter ao chamar novamente à porta da escola da senhorita Martin na tarde seguinte. Ele gostava de música. Frequentemente assistia a concertos e mesmo à ópera em Londres, dependendo dos artistas que cantassem. Mas um concerto na Abadia de Bath? Era possível que tivesse atrasado sua partida de Bath só por esse motivo, quando ainda pensava que acompanharia as damas lady Potford a senhorita Thompson e a senhorita Martin?

Foi um golpe de sorte poder substituir o último nome pelo de Susanne Osbourne. Trabalhou em vários ardis para inclui-la no grupo, mas sabia muito bem que não era provável que as duas professoras residentes abandonassem ao mesmo tempo a escola durante toda uma tarde, e muito menos poucos dias depois da recepção de casamento.

Sim, era uma coisa das mais insólitas, mas aqui estava ele. E aí estava ela, como comprovou Peter quando o porteiro da escola, que mostrava uma expressão mais avinagrada que nunca, abriu-lhe a porta. Susanne trajava uma simples capa de cor cinza, mas a senhorita Thompson estava certa ontem ao comentar o efeito que essa insípida cor tinha sobre seu cabelo. A senhorita Martin, que estava junto a ela, entregou um xale de caxemira, que sem dúvida necessitaria no interior da Abadia. Dentro das igrejas costumava fazer frio.

Aí estava ela. Repetia esta frase em sua mente como um eco.

—Boa tarde, senhorita Martin e senhorita Osbourne —disse inclinando-se diante delas.

Peter observou à luz de um abajur de mesa que a expressão de Susanne era de alegria e as faces estavam um pouco vermelhas, e pensou com ternura que esta devia ser uma ocasião muito importante para ela, como havia sido a festa em Somerset.

—Já estou pronta —disse Susanne com voz um tanto emocionada.

—Acredito —disse a senhorita Martin—que lady Potford e a senhorita Thompson devem aguardá-la em sua carruagem, lorde Whitleaf.

—Esperam-me em casa de lady Potford, senhora —disse ele—. Está só a cinco minutos daqui em carruagem.

Claudia inclinou a cabeça e virou a cabeça para sua colega.

—Divirta-se, Susanne —disse suavizando o tom de sua voz.

—Sim —respondeu Susanne adiantando-se para que ele pudesse tomá-la pelo cotovelo e conduzi-la para a calçada.

Logo tomou a mão para ajudá-la a subir na carruagem. Peter observou que Susanne sentou de costas para os cavalos para deixar o assento mais confortável às outras damas. Subiu na carruagem de um salto e sentou a seu lado.

A porta da escola não se fechou até que o condutor tivesse fechado a portinhola da carruagem, subido à boleia e açulado os cavalos para que partissem.

—A senhorita Martin sente grande estima por você —comentou ele—. Assim como o dragão.

—O senhor Keeble? —Susanne riu—. Estima todas igualmente tanto as alunas quanto as professoras. Se pudesse nos protegeria do malvado mundo além das portas do colégio.

—E eu sou o grande lobo feroz? —Perguntou ele quando a carruagem dobrou pela Sutton Street.

—É um homem —respondeu ela rindo, —que aos olhos do senhor Keeble provavelmente seja muito pior. Mesmo eu sendo apenas uma professora, lorde Whitleaf, para Claudia e o senhor Keeble também sou uma dama que deve ser protegida contra qualquer possível percalço.

—Acima de tudo é uma dama —disse ele quando a carruagem girou descrevendo uma ampla curva para entrar pela Great Pulteney Street—, embora coincida de que também é uma professora.

Ela virou o rosto e ambos se olharam a débil luz projetada pelos faróis da carruagem acesas no exterior.

Nós dois sabemos que tipo de percalço pode sofrer uma dama que não está devidamente protegida.

Peter não pronunciou essas palavras em voz alta. Não era preciso que fizesse.

Não costumava evocar experiências sexuais passadas. Somente constituíam um gozo presente e uma expectativa futura. E pouquíssimas vezes pensava em suas ex-amantes. Mas, de repente recordou com toda nitidez ter deitado com Susanne Osbourne na colina sobre o rio em Barclay Court. Recordou a pele quente de seu corpo de mulher debaixo do dele, o...

Enfim...

Por que recorda sempre as coisas que preferia esquecer?

—Decidiu a senhorita Thompson aceitar o posto de professora na escola? —Perguntou.

—Ontem permaneceu toda a tarde conosco —respondeu Susanne—, e acredito que passou bem. É possível que fique. Espero sim. Todas nós gostamos muito dela. Claudia não leva em conta o fato de que seja cunhada do duque de Bewcastle, pois não é culpa dela. Claudia não simpatiza com nenhum dos Bedwyn, e menos ainda com lady Hallmere e o duque.

Ambos riram. Mas não tiveram tempo de continuar conversando. A carruagem parou em frente a casa de lady Potford e ele desceu para bater na porta e ajudar às damas a subir no veículo para dirigirem-se à Abadia, situada no outro lado do rio.

A Abadia de Bath era um edifício imponente, como a maioria das igrejas góticas. Esta era mais bonita que a maioria, com janelas em forma de ogivas tão grandes que até poderiam perguntar se a parede era suficiente sólida para sustentar a imensa altura e o peso do edifício. Ao longo da nave elevavam-se gigantescos pilares que formavam a abóbada em forma de leque, dirigindo os olhos, a mente e o espírito para o céu. Era um esplêndido marco para um concerto, pensou Peter enquanto conduzia às damas para o interior. Assim

que atravessaram a porta, lady Potford tomou a dianteira com a senhorita Thompson enquanto ele tomava a Susanne pelo braço e as seguia.

—Trouxe aqui minhas alunas durante nossos passeios turísticos pela cidade. Inclusive assisti a missa em algumas ocasiões. Seu esplendor nunca deixa de me impressionar. Mas nunca a vi iluminada a noite. É absolutamente... mágica.

—Mágica —repetiu ele sorrindo—. Não deixe que nenhum sacerdote a ouça pronunciar essa palavra.

Susanne riu.

—Bom, então… mística —disse—. Olhe, deve haver milhares de velas acesas, e as correntes de ar fazem que a luz oscile. Contemplou alguma vez algo tão...?

—Mágico? —Respondeu ele—. Não, jamais.

Ele se encantava com o entusiasmo ingênuo de Susanne, algo que a típica rapariga da alta sociedade aprendia a ocultar debaixo de uma elegante atitude de aborrecimento. Entretanto, em Susanne Osbourne não havia nada pueril. Era uma mulher adulta.

Susanne logo deixou de prestar atenção a sua volta para fixar-se nas pessoas que ocupavam a igreja, e imediatamente expressou inquietação.

O público era muito numeroso, mas sua natureza era tal como tinha suposto Peter. A maioria dos participantes eram pessoas de idade ou, pelo menos, meia-idade. Exceto Susanne e a senhorita Thompson, não havia ninguém que ele conhecesse. Não era a época turística. Estas pessoas eram quase exclusivamente residentes de Bath.

Peter encontrou-se com algumas delas esta manhã no Pump Room durante o passeio cotidiano, que efetuou porque não havia nada melhor para fazer, e porque gostava de lidar com as pessoas independentemente da sua idade ou classe social. Sua presença suscitou grande interesse, em parte porque era um estranho e em parte, conforme suspeitava ele, porque tinha menos de quarenta anos.

Várias dessas pessoas o saudaram enquanto avançava pela nave central para a parte dianteira da igreja com suas acompanhantes. Alguns observaram ele e à senhorita Osbourne com curiosidade. Outros saudaram lady Potford, que se deteve várias vezes para trocar algumas palavras com suas amigas.

—Aí está o senhor Blake —disse Susanne, sorrindo mais animada enquanto o saudava com a mão—, e o senhor e a senhora Reynolds.

—Deseja falar com eles? —Perguntou-lhe Peter.

— Talvez mais tarde —respondeu ela—. O senhor Blake é o médico que vai à escola quando alguém fica doente. Betsy Reynolds é uma aluna externa.

Embora Susanne segurasse o braço de Peter com firmeza, ele suspeitava que se divertia.

Era uma dama dos pés à cabeça, pensou. Seu pai foi William Osbourne. Que possuiu um elevado posto de secretário de um ministro do governo que instalava sua residência na casa de campo do dito ministro.

Mas William Osbourne, por algum motivo desconhecido, suicidou-se com um tiro na têmpora.

Peter sentou em uma cadeira no corredor. Susanne sentou-se ao lado dele e a senhorita Thompson ao lado dela e por último lady Potford. Fazia um pouco de frio, mas ele ajudou Susanne a tirar a capa, que pendurou sobre o respaldo de sua cadeira enquanto lhe colocava o xale de caxemira sobre os ombros. Observou que usava o mesmo vestido verde

que colocou para à festa. Estava adornado com a faixa que ela adquiriu na loja do povoado no dia em que ele a acompanhou.

Durante alguns momentos lembranças nostálgicas dessa quinzena o assaltaram, durante a qual ela se tornou inesperadamente em sua amiga, antes que ele estragasse tudo convertendo-a em sua amante. Recordava com nitidez de sua risada enquanto andou na carruagem de corrida, demonstrando que além de aterrorizada estava também entusiasmada.

Susanne não deixou de surpreendê-lo durante essas duas semanas. Ele esteve a ponto de apaixonar-se seriamente por ela, o que se recusou a reconhecer até muito recentemente.

Por sorte e tranquilidade de ânimo, o concerto começou pouco depois que sentassem. A orquestra estava composta por numerosos professores. Mais importante ainda, havia um órgão de tubos, que interpretou vários solos alagando cada espaço cheio de luz e cada canto em penumbra da abadia com a música de Handel e Bach.

—Tinha razão sobre o órgão —disse ele aproximando a sua cabeça a de Susanne ao término de uma das peças.

Os olhos dela resplandeciam de felicidade.

—Isto é como um pedacinho de céu —disse Susanne.

Isto. O que compreendia essa palavra? Perguntou-se ele. Mas com razão. Era a noite mais agradável que ele havia passado desde... Nem se lembrava desde quando. Sua mente analisou todas as noitadas em que passou em Londres antes de ir a Alvesley Park e logo lembrou-se de uma determinada noite em Somerset, quando dançou a valsa em uma festa campestre e deu um passeio pela rua do povoado.

Talvez tenha realmente se apaixonado por dela. Acreditava que não fosse assim. Mas não sabia como descrever sua relação com Susanne Osbourne ou seus sentimentos por ela. Se não era simples amizade, o que era? Era algo mais profundo que isso. Embora tampouco podia dizer-se que estivesse enamorado dela. Era um sentimento menos frívolo.

Peter percebeu que a orquestra estava tocando uma Música de Handel, mas não recordava a primeira parte da interpretação. Prestou atenção ao resto da obra.

Durante o espetáculo houve vários intervalos, entre os quais os assistentes puderam relaxar alguns minutos e trocar impressões sobre o programa. Peter sabia que quando este terminasse, todos mostrariam pouca vontade em partir. Todos se levantariam formando grupos, conversando durante uma meia hora antes de retornar para casa. Esperava ansioso essa meia hora, embora não quisesse desperdiçar o resto da noite.

Mas resultou que foi praticamente o primeiro a partir.

Durante o espetáculo Susanne virou várias vezes a cabeça e em certas ocasiões olhou para o teto. Era evidente que estava admirando a imponente igreja e observando a outros membros do público. Peter supôs que estava fazendo uma coleção de lembranças para levar levar ao retornar para a escola. Pouco antes da última peça interpretada pelo órgão, ela virou e olhou para trás. Peter teve a impressão que depois voltava a cabeça apressadamente para a frente e observou que segurava com força as pontas de seu xale com ambas as mãos.

Ele virou a cabeça também, mas nesse momento um homem alto, sentado duas fileiras mais atrás, endireitou-se depois de inclinar-se para falar com uma pessoa sentada a seu lado, impedindo Peter de ver a maioria das pessoas que estavam sentados no fundo da igreja.

Peter centrou sua atenção na triunfal interpretação de *Jesus Alegria dos Homens*, de Bach.

Quando as últimas notas reverberaram através da elevada abóbada, voltou-se sorrindo para Susanne e viu que ela estava tremendo.

—Está com frio? —Perguntou, apoiando uma mão sobre uma das suas, que estava crispada e gelada.

— Preciso ir imediatamente—respondeu ela com os dentes tocando castanholas—. O concerto durou mais do que supunha. Claudia se perguntará... —Voltou a cabeça e Peter a ouviu dirigir-se a lady Potford através do barulho de vozes que se produziu ao término do recital—. Devo partir, senhora. Esperam-me na escola. Agradeço que me convidasse, e a você, senhorita Thompson, por propor que ocupasse o lugar de Claudia.

—Não é preciso que vá agora —respondeu lady Potford—. Estou segura que a senhorita Martin compreenderá; no final das contas amanhã não haverá aulas. Confiava em que você e o visconde de Whitleaf viessem a minha casa para tomar uma xícara de chá.

Mas Susanne não esperou sequer que a dama terminasse a frase. Levantou-se rápido colocando a capa com as costas encurvada, como encolhida, conforme observou Peter. Passou a frente dele e pôs-se a andar apressadamente pelo corredor central, com a cabeça abaixada.

—Por Deus —comentou a senhorita Thompson—, o que a terá aborrecido? Parecia divert...

—Desculpe, senhora —disse Peter levantando— Vou acompanhá-la para ter certeza que voltará para casa com segurança. Lady Potford, rogo que tome minha carruagem e diga a meu chofer que não me espere.

Não ficou para escutar a resposta da dama. Susanne estava a ponto de abandonar a abadia e ele correu atrás dela. Alcançou-a na porta exterior e a pegou pelo cotovelo.

—Ocorreu alguma coisa que a desgostou —disse.

—Não. —Olhou para ele sorrindo—. Mas eu não gosto de me ausentar muito da escola. Não parece justo. Não queria que saísse do espetáculo por minha culpa, lorde Whitleaf. Posso retornar caminhando sozinha. Estou acostumada.

—A noite? Esta noite não deixarei que caminhe sozinha pelas ruas —declarou ele—. Não prefere esperar minha carruagem? Não demorará para chegar.

Ela negou com a cabeça.

—Devo retornar —disse.

—Nesse caso acompanharei você. —Peter segurou seu braço com firmeza.

—Obrigada.

Foi tudo o que disse Susanne durante alguns minutos enquanto caminhavam. O certo é que não fazia uma noite fria, pensou Peter, e o vento que soprava a suas costas era afável.

Perguntou-se o que tinha ocorrido para empanar a alegria que ela mostrava estampado no rosto durante toda noite. Possivelmente, pensou enquanto caminhava junto a ela e observava sua cabeça abaixada, começou a recordar, como ele fez antes. Para ele eram lembranças perturbadoras que incidiam em sua honra. Para ela sem dúvida eram muito piores.

Apoiou uma mão enluvada sobre o braço dela.

—Susanne —disse—, devo perguntar por mais que seja difícil responder-me. Causei-lhe alguma ferida em Barclay Court? Não refiro só fisicamente, embora isso também. Diga-

me. Eram umas palavras tranquilizadoras e ele sabia que continham certa dose de verdade. Mas em última instancia, eram palavras fúteis. Que outra coisa poderia ela responder? Peter emitiu um sonoro suspiro.

Uma pergunta estúpida. A resposta só poderia ser afirmativa. Esperava, que ela dissesse que não?

—Não —respondeu ela—. Não me causou nenhum dano.

—Sinto-me tremendamente culpado —disse —Juro que jamais cometi, nem antes nem depois, uma infâmia semelhante. Não sou um sedutor... pelo menos não era.

—Você não me seduziu —respondeu ela com firmeza quando giraram para atravessar Pulteney Bridge—. O que ocorreu foi por consentimento mútuo.

Eram palavras tranquilizadoras e ele sabia que continham certa dose de verdade.

—Isto não basta —disse—. Maldição, não é suficiente. Quer casar-se comigo, Susanne? Dará-me a honra de casar-se comigo?

Parecia como se as palavras tivessem brotado de seus lábios de forma espontânea. Entretanto, Peter sentiu um profundo alívio por tê-las pronunciado. Devia tê-las pronunciado na colina, devia ter ido apressadamente a Barclay Court antes que ela partisse. Devia tê-la seguido até Bath em vez de ir primeiro a Londres, depois para casa e por último a Alvesley. Devia ter dito essas palavras anteontem no Upper Assembly Rooms.

Quer casar-se comigo?

De repente compreendeu que por fim fez o correto e que há muito tempo desejava dizer essas palavras. Compreendeu que fez o honorável e o que desejava fazer: proteger esta mulher, que converteu-se em sua melhor amiga, possivelmente em sua amiga mais estimada. O fato de que não estivesse grávida não fazia que seu dever para com ela fosse menor.

Ela seguiu caminhando a seu lado, enquanto os passos de ambos ressoavam na rua deserta de Great Pulteney. Peter pensou que Susanne não ia responder, Inclusive começou a perguntar se formulou mesmo a pergunta em voz alta ou somente em sua mente.

—Não —respondeu ela—. É obvio que não me casarei com você.

—Por quê? —Perguntou ele depois de outro breve silencio, quando passaram em frente à casa de lady Potford.

—Seria mais pertinente perguntar por que eu faria isso —respondeu ela—. Uma pessoa não pode casar-se com alguém simplesmente por sentir-se culpado.

Que motivo teria ele para casar-se com ela?Caso não a tivesse desonrado em Barclay Court, teria ocorrido a ele a ideia de pedi-la em casamento? Era uma pergunta estúpida, certamente. O certo era que a desonrou. E sem dúvida era algo mais que um sentimento de culpa que o impulsionou a formular a pergunta.

Quando dobraram pela Sutton Street, ela riu.

—Quando rezar esta noite, lorde Whitleaf, não esqueça de agradecer por ter salvado seu pescoço.

—De modo que continua pensando que sou incapaz de sentir uma emoção profunda? —perguntou ele enlaçando seus dedos com os dela.

—Estou convencida disso —respondeu Susanne—. Mas sei que suas principais qualidades são a amabilidade e a galanteria com as damas. Não pode, ou não deve casar-se apoiando-se somente nessas coisas. Deve examinar seu coração mais profundamente e aprender a estimar-se.

Suas palavras o feriram profundamente. Por mais que ela negasse, o certo é que viu nele um homem incapaz de experimentar sentimentos verdadeiros que a amabilidade. Não acreditava que o fato de ter oferecido seu coração a ela, fosse um presente suficientemente importante. Mas acreditava ele nisso? Peter não acreditava ter oferecido seu coração, ou sim?

Há alguns anos perdeu toda a esperança de encontrar o amor. Entregou todo o amor de seu jovem e generoso coração a Bertha Grantham e acabou fazendo-se de ridículo.

Era possível que o problema principal residisse no fato de ter perdido a confiança em si mesmo? Em sua capacidade de amar ou ser amado? Era certo que deixou de estimar-se? Sentiu-se como um idiota, um ingênuo e crédulo mentecapto. Mas significava isso que deixou de estimar-se?

Era uma ideia tão insólita —e perturbadora—que acabou não dizendo nenhuma palavra até quando se aproximaram da escola e diminuíram o passo.

—Não deve pensar que é obrigado a casar-se comigo —disse ela suavizando o tom, como se ele fosse o único que necessitasse consolo—só porque acredita que neste verão me causou algum dano e imagina que me sinto sozinha e insatisfeita com minha vida. Caso tudo isso fosse verdade, o que não é, não é motivo suficiente para casar-se comigo. Por parte de nenhum dos dois. Você não me deve nada.

—Entendo —respondeu ele quando pararam. —Sua mente estava em branco. Não ocorria nada que pudesse dizer. Sentiu um grande alívio quando a porta abriu antes que ela chamasse o onipresente porteiro, que apareceu colocando a cabeça no vão da porta.

Mas não podia deixar que Susanne saísse assim. Não podia despedir-se dela desta forma.

—Amanhã é sábado —disse—. Suponho que não haverá aulas.

—Exceto o momento que dedicamos ao esporte pela manhã —respondeu ela—. Sempre encarrego-me de fiscalizá-lo no campo, caso não chova.

—Então posso vê-la manhã a tarde? —Perguntou ele—. Podemos dar um passeio por Sydney Gardens se o tempo permitir. E depois tomaremos um chá, em um lugar público, certamente, para guardar o devido decoro.

Seria melhor para os dois, pensou Peter, que ela negasse. Mas no fundo, não desejava que recusasse seu oferecimento. Não queria que esta fosse uma despedida definitiva. Queria ter a oportunidade de rir novamente com ela antes que se afastassem para sempre.

Ela retirou sua mão do braço dele. Peter ficou estupefato quando Susanne tirou uma das luvas e apoiou os dedos delicadamente em sua face.

—Sim —respondeu Susanne—. Eu gostaria muito.

Peter engoliu em seco e virou a cabeça para roçar com seus lábios a palma da mão dela. Mas só durante um instante. O porteiro não se moveu. Peter temeu que emitisse um grunhido de protesto, ou abrisse a boca e cuspisse uma corrente de fogo.

—Então até manhã —disse ele retrocedendo—. Boa noite.

—Boa noite. E obrigado por me acompanhar —respondeu ela antes de voltar-se e entrar apressadamente no edifício fechando a porta atrás dela com um ruido seco.

***

Peter supos que deveria estar de acordo com ela nesse ponto. Tratou de imaginar a reação de sua mãe e de suas irmãs caso tivesse apresentado Susanne Osbourne como sua noiva. Elas não teriam achado nenhuma graça.

Mas não podia estar de acordo com ela.

Maldição, se era assim como sentia alguem ao estar apaixonado, fez muito bem em proteger seu coração durante os últimos anos.

Depois de emitir um prolongado suspiro, empreendeu a longa caminhada de volta a seu hotel.

CAPÍTULO 17

— Eu estou contente que não tenha chegado tarde em casa—disse o senhor Keeble, como se fosse seu pai—. Me preocupo quando um de vocês não voltam antes de escurecer. A senhorita Martin gostaria que se reunisse com ela em sua sala de estar.

—Obrigada —respondeu Susanne enquanto o porteiro a precedia pelo corredor, para conduzi-la escada acima.

Teria dado qualquer coisa no mundo, pensou enquanto o seguia, para poder dirigir-se diretamente ao seu quarto, deitar-se debaixo das cobertas, ocultar-se do mundo e dela mesma para sempre. Entretanto, paradoxalmente, ansiava pela tranquilizadora e gratificante presença de Claudia.

Quanto ansiava por sua mãe! Por mais ridículo que fosse, a verdade é que sentia muita falta dela

—A senhorita Osbourne, senhora —disse o senhor Keeble depois de bater na porta da sala de Claudia, anunciando Susanne de forma cerimoniosa, como fazia sempre que se apresentava a oportunidade.

Susanne sentiu um grande alívio ao entrar e comprovar que Lila não estava presente, apesar do afeto que sentia por sua colega. Claudia estava sentada ao lado de uma agradável lareira, com um livro no colo e aspecto cansado. Mas olhou sua amiga com curiosidade deixando o livro de lado e levantou-se quando o senhor Keeble fechou a porta.

Inexplicavelmente, Susanne jogou-se nos braços de Claudia, apoiando a cabeça em seu ombro. Jamais aconteceu nada parecido. Por um momento relaxou no conforto que oferece aos braços de sua amiga, em silêncio, antes de retroceder, mordendo o lábio, envergonhada.

— Desculpe —disse.

—Sente-se —respondeu Claudia, aproximando a outra poltrona ao fogo—, e eu servirei uma xícara de chá. Foi feito agora e está bem quente.

Susanne sempre teve a tarefa de servir o chá, mas nesta ocasião não opôs objeção. Sentou-se na poltrona depois de tirar a capa e as luvas e depositou o xale sobre eles. Agradecia o calor da lareira sobre seu corpo gelado.

—Bem —disse Claudia depois que Susanne bebeu um reconfortante gole de chá quente—, deseja contar algo para mim?

Nenhuma delas infiltrou-se na vida da outra. Não deixava de ser surpreendente que tivessem sido tão boas amigas durante anos sem que nenhuma conhecesse muitos detalhes sobre o passado da outra, embora, naturalmente, Susanna tinha apenas 12 anos de idade, quando chegou à escola.

—Vi alguém na abadia —disse—.Na realidade, vi duas pessoas, embora não esteja segura da identidade de uma delas.

—Duas pessoas que conhecia? —Perguntou Claudia.

—Faz muito tempo. —Susanne bebeu outro longo gole de chá, depositou a xícara no pires e os deixou na mesa ao lado dela —. Eu cresci na casa até os doze anos, quando que meu pai morreu. Trabalhou como secretária lá.

Claudia não disse nada.

—Ele suicidou-se —falou Susanne de supetão—. Tirou a própria vida, Claudia. Ele deu um tiro na cabeça.

—Pobrezinha —disse Claudia suavemente—. Não sabia.

—Suponho que minha existência não bastou a ele para desejar continuar vivendo —disse Susanne—. Nem sequer se incomodou em assegurar meu futuro. —Alegrou-se de que Claudia guardasse silêncio durante um momento. Não tinha pensado em até que ponto compadeceu-se de si mesmo durante os últimos anos, até que ponto reprovou seu pai, que escolheu a morte em lugar de escolher a ela, embora acreditava compreender em parte seu motivo para fazer o que fez. Ele sempre foi um pai afetuoso, embora tenha deixado que frequentasse o quarto de brinquedos dos meninos com Edith e não estava acostumado a vê-la mais que alguns minutos por dia e às vezes nem isso.

—E a pessoa que viu esta noite, o proprietário ou a proprietária da casa, tampouco incomodou-se em assegurar seu futuro? —Perguntou Claudia—. Por isso fugiu, Susanne?

—Lady Markham —respondeu Susanne estendendo as mãos sobre seu colo e fixando a vista nelas—. Acredito que Edith era sua companheira nesta noite. Compartilhei minha infância com ela, embora tivesse um ano a menos que eu e era a filha dos proprietários. Eramos muito unidas, mesmo eu sendo somente a filha de um empregado. Mas meu pai era um cavalheiro.

Há muito tempo mostrava-se sempre na defensiva sobre esse particular.

—Certamente —disse Claudia—. No mesmo instante em que chegou a Bath, percebi que era uma senhorita, Susanne. Não necessitava aulas de locução ou de conduta e já sabia ler. Sempre pensei que foi por esse motivo que o senhor Hatchard fixou em você e me escreveu perguntando se a aceitaria por aqui.

—Eu saí de meu dormitório e ia ao quarto das crianças —disse Susanne, apertando com força as palmas das mãos em seu colo e esticando os dedos enquanto relatava as lembranças que a assaltavam na Abadia—. Suponho que procurava desesperadamente que alguém me consolasse, embora seja impossível achar consolo quando meu pai acabou de estourar os miolos e apesar das lágrimas e dos gritos não me deixam vê-lo. Procurava Edith. Mas não cheguei a entrar no quarto dela. Ouvi lady Markham falando lá dentro, embora nunca soube com quem falava. Possivelmente com Edith, que acabava de fazer onze anos.

Susanne se deteve, respirou fundo e expeliu o ar com um suspiro.

—Acredito que lembro-me de suas palavras exatas —disse—. Estão gravadas a fogo em minha memoria: Como é natural, a Igreja não quis abençoá-lo, disse. Cometeu um pecado mortal ao cometer o suicídio. Não pode ser sepultado em terreno sagrado. E o que

vamos fazer com Susanne? Tudo isto representa uma carga muito onerosa para nós. A menina não pode ficar aqui.

Susanne fugiu do quarto das crianças e da casa.

—Meu pai não foi enterrado no cemitério —disse—, e eu não fiquei para ver o que fizeram com ele. Abandonei-o como ele me abandonou e fui para Londres.

—E agora lady Markham está em Bath —disse Claudia.

—Sim. —Susanne crispou os dedos nas palmas das mãos e elevou a cabeça para contemplar o fogo—. E estou quase segura que a jovem sentada a seu lado era Edith. Fiz uma tolice ao agir desse modo. Voltei-me no momento que interpretavam as últimas peças, como fiz durante toda a noite. Um homem forte estava sentado algumas filas mais atrás e quando afastou-se, eu as vi. Suponho que permaneceram ali todo o tempo. Mas já esqueci o desgosto —acrescentou sorrindo—. Como foi esta tarde com as meninas?

Mas Claudia ignorou sua pergunta. Tinha também os olhos fixos no fogo.

—Não há nada pior —disse—que não enfrentar-se com firmeza o passado. Alguém pode tentar convencer-se que esqueceu totalmente o desagradável passado, mas o mero fato de dizermos que o esquecemos, demonstra que não é verdade.

Susanne engoliu em seco.

—Mas é inútil recordar —replicou— quando não se pode fazer nada para mudar o passado. Estou bem, Claudia. Amanhã tornarei a ficar tão animada como sempre, prometo.

Mas perguntou para si mesma se Claudia ocultava alguma coisa. Havia algo em seu passado que não foi resolvido? Havia algo por resolver no passado de todo o mundo? Era a memória às vezes tão daninha como prazenteira?

Claudia olhou para cima e sorriu. .

—Quando vi seu rosto ao entrar —disse—, estava convencida que era culpa do visconde do Whitleaf. Estava disposta a agarrar o pau de macarrão da cozinheira e ir em sua busca.

—Ai, Claudia —soltou Susanne sem pensar no que dizia—, pediu-me em casamento.

Claudia ficou muda.

—E...? —Perguntou ao fim.

—Disse que não, claro—respondeu Susanne.

—Disse isto? —Perguntou Claudia—. Por que?

—É o tipo de homem que... Não sei como descrevê-lo —respondeu Susanne—. Frequentemente leva a galanteria ao extremo exagero. Pretende carregar os problemas de todas as mulheres que conhece. Deseja que se sintam bem. Deseja que se sintam felizes consigo mesmas. É capaz de tudo para não feri-las ou privá-las do que é importante para elas. Embora essa descrição não expresse com rigor o que pretendo dizer. É amável, sincero e... E parece uma confusão. Quando me acompanhou até aqui, viu que estava desgostosa e tentou me consolar. Pensou que talvez este verão me induziu a ter ilusões com respeito a ele e acreditou-se no dever de propor-me casamento. Talvez pense que ser uma professora solteirona não é uma destino desejável para nenhuma mulher.

—É certo que a induziu a ter ilusões com relação a ele? —Perguntou Claudia olhando-a com desconcertante intensidade.

—Não —respondeu Susanne—. Claro que não.

—Está apaixonada por ele? —Inquiriu Claudia. Susanne abriu a boca para responder em sentido negative, mas voltou a fechá-la. Respirou fundo e expeliu o ar lentamente.

—O amor não tem nada que a ver com isso —disse—. Eu disse que não e disse a sério. Não seria um casamento feliz, Claudia, para nenhum dos dois. Um amor não correspondido só pioraria a situação, para mim e talvez também para ele.

—Sei que esta noite está fraca e vulnerável —disse Claudia depois de alguns momentos de silêncio—, mas na realidade é uma pessoa muito forte, Susanne. Já era quando menina. Sempre soube que seu pai tinha morrido e a deixou sozinha no mundo, você mesma me contou isso quando chegou aqui. Mas ignorava a trágica verdade até esta noite. Sempre foi a mais alegre de minhas alunas, embora durante os primeiros meses foi um tanto rebelde. E de todas minhas professoras é a de temperamento mais alegre e as garotas a estimam, quase sem exceção. Quem sou eu para julgar sua decisão de recusar o oferta do visconde de Whitleaf? Esse casamento teria proporcionado segurança a você, além de riqueza e conforto pelo resto de sua vida, mas isso já sabe. Alegro-me que tivesse a integridade de antepor sua felicidade e integridade à segurança material. E, como é natural, me alegro no sentido egoísta.

Susanne sorriu fracamente.

—Amanhã pela tarde ele virá me apanhar— disse—. Daremos um passeio. Talvez deva recusar também esse convite, pois me ausentei da escola esta noite.

—Mas Susanne —respondeu Claudia—, também devemos aproveitar as oportunidades que nos oferece a vida. O ensino é um trabalho, querida, não uma vida.

Susanne a olhou um tanto surpreendida. Imaginou que Claudia não aprovaria que prosseguisse sua relação com o visconde.

—Será a última vez —prometeu, levantando-se—. Em breve ele partirá de Bath.

—Boa noite, Susanne —disse Claudia—. Mas não perguntei se o concerto foi bom.

—Foi absolutamente maravilhoso —respondeu ela.

Depois de alguns momentos subiu para seu quarto, sentindo-se mais tranquila. Mas ainda notava uma dor surda na parte inferior de seu abdômen. E ainda pediu que se casasse com ele.

E havia dito que não. Havia dito que não!

Depois, tratou de animá-lo porque sabia que havia se aborrecido.

Mas não modificou sua negativa. Não podia casar-se só porque ele sentia que era culpado por deitar-se com ela. Não a amava.

Como se isso fosse motivo suficiente para repelir uma proposta de casamento tão incrível!

Mas o amava, e isso complicava tudo.

Quando entrou em seu quarto e fechou a porta, desejou sentir metade da força que Claudia assegurou que tinha.

***

Fazia tempo que Bath deixou de ser um elegante balneário. Tornou-se em um centro de retiro para velhos, aposentados, inválidos e a classe média com afã de prosperar, apesar dos aristocratas ainda frequentarem a cidade. Mas seguia conservando seu encanto, e seus rituais, um dos quais, e mais persistente, era o passeio nas primeiras horas da manhã pelo Pump Room ao som da suave música que interpretava a orquestra de câmara situada num canto no extremo da sala.

Algumas pessoas iam tomar as águas confiando em melhorar sua saúde. Outros iam fazer exercício ou tentavam convencer-se disso. A maioria ia observar os novos rostos, escutar as últimas fofocas e relatar alguma novidade, pois sempre acreditavam que alguém ainda não tinha ouvido.

Peter apareceu por ali na manhã seguinte ao concerto, como fez no dia anterior. Agradava-lhe encontrar com outras pessoas embora, como agora, não houvesse quase ninguém de sua idade e que ele conhecesse além das amizades que tinha feito na véspera. Mas este último não demoraria para mudar.

Conversava com um grupo de senhoras entre as quais achava-se lady Holt-Barron, que, ao inteirar-se que Peter havia comparecido a recepção de casamento nos Upper Rooms há dias atrás, informou-lhe que nutria amizade com os Bedwyn e que o duque de Bewcastle foi visita-la em sua casa no Circus uma tarde, quando a marquesa de Hallmere estava hospedada na casa de sua filha, e que a marquesa era ainda lady Freyja Bedwyn. Peter escutava o confuso relato da dama com risonha paciência quando viu dois rostos que eram muito familiares, no outro lado da sala.

Lady Markham e Edith.

Assim que a educação permitiu, Peter pediu desculpas e foi ao encontro das damas, sorrindo com gesto jovial. Estas o observaram aproximar-se sorrindo também.

—Que surpresa —disse depois de saudar as duas e inclinar-se diante delas— Recentemente soube através de Theo, que Edith vivia perto e que a senhora passaria uns dias com ela lady Markham, mas não acreditei quando as vi.

—Não nos surpreende vê-lo, Whitleaf, embora nos perguntamos o que trouxe sua amável pessoa para Bath —respondeu lady Markham—. O vimos ontem à noite na abadia e queríamos conversar com você depois do concerto. Mas desapareceu de repente e nos perguntamos se não teria sido uma miragem.

—Ah, sim —disse ele—. Uma das senhoras de meu grupo não pôde ficar, de modo que parti assim que terminou o concerto e fui acompanhá-la até a sua casa.

Enquanto falava, Peter recordou que Susanne tinha passado sua infância em Fincham Manor. De todos os modos decidiu não mencionar seu nome a lady Markham e a Edith, pois era muito possível que ela não desejasse que fizesse isso.

A verdade é que desde que despertou de um sonho fragmentado e agitado, tratou de não pensar muito em Susanne. Céu santo, ontem à noite ele a pediu em casamento e ela recusou!

Deve examinar seu coração mais profundamente, e aprender a estimar-se.

E ainda isso! Mas era melhor não pensar nisso.

—Entendo que devo felicitá-la —disse a Edith—. E confio que recuperou a saúde depois do parto. A criança está bem?

—Ambas as coisas —respondeu ela sorrindo—. Mas Lawrence achou que uma mudança de ares nos faria bem, de modo que alugou uma casa na cidade durante um mês. Me alegro de voltar a vê-lo, Peter, está mais atraente do que nunca. Todas as damas daqui parecem dispostas a comê-lo, caso pudessem.

—Cheguei há alguns dias para assistir uma recepção de casamento—explicou Peter—, e decidi ficar mais um pouco antes de retornar para Londres.

Conversaram cordialmente durante alguns minutos antes que Edith apoiasse uma mão na manga dele.

—Peter —disse ela, —eu preciso perguntar, embora seja impertinente. A dama que voce acompanhou ontem à noite não seria... Era Susanne Osbourne, por acaso?

Era impossível evitar responder uma pergunta tão direta.

—Sim —respondeu ele—. A conheci neste verão e nos encontramos novamente numa recepção de casamento. A noiva é amiga dela e o noivo é cunhado de minha prima.

A mão de Edith apertou o braço dele com mais força.

—De modo que está viva —disse—.Fiquei me perguntando o que teria sido dela.

—Desapareceu depois da morte de seu pai —explicou lady Markham—. Nossos esforços para encontrá-la foram em vão. Não voltamos a vê-la. Foi muito doloroso depois de todo o ocorrido, como talvez recorde, Whitleaf. Ou talvez não. Acredito que nesta época você deveria estar no colégio. Susanne tinha só doze anos, era muito jovem para andar sozinha pelo mundo. Mas o que podíamos fazer? Não tínhamos nem ideia de onde localizá-la, apesar de procurarmos durante muito tempo.

— Talvez isto a anime —disse Peter sorrindo— verificar depois de tanto tempo que conseguiu sobreviver.

—Onde vive ou está hospedada, Peter? —inquiriu Edith—. Eu adoraria visitá-la, falar com ela. Fomos muito amigas. Queríamos-nos quase como irmãs. Tive um desgosto tremendo quando desapareceu.

—É possível —respondeu ele com cautela, e com gesto de desculpa— que tivesse fugido e não voltasse a dar sinal de vida, porque precisava romper o vínculo com os empregadores de seu pai. Talvez a lembrança de algo ou alguém relacionado com eles fosse ainda muito doloroso. Possivelmente pensou que havia fundadas...

—E talvez —cortou Edith com tristeza— você é muito cavalheiro para trair sua confiança, Peter. Compreendemos, perfeitamente, não é mamãe?

—Neste verão a senhorita Osbourne demorou um tempo para me revelar quem era, embora tenha me reconhecido imediatamente, ou pelo menos meu nome. E só me contou que seu pai tinha morrido em Fincham, de um ataque ao coração. Foi Theo quem me contou a verdade sobre seu suicídio quando retornei para casa. Suponho que é compreensível que ela não deseje que nada a recorde essa época.

De repente ocorreu a ele uma possibilidade: Viu Susanne ontem à noite a lady Markham e a Edith e as reconheceu? Por esse motivo abandonou apressadamente a abadia assim que terminou o concerto, embora até então parecia desfrutar enormemente com a noite?

—Nunca compreendemos por que partiu —comentou lady Markham suspirando—. Não era mais que uma menina e seu pai acabava de morrer. Sempre a tratamos bem, como se fosse da família, e Edith a adorava. O lógico teria sido que viesse a nós em busca de consolo.

—Caso volte a vê-la, Peter —disse Edith—, fará o favor de perguntar se posso visitá-la? Ou mesmo se ela quer vir ver-me, caso não deseje revelar onde vive?

—Perguntarei a ela —prometeu Peter. Mas não podia resistir e fazer uma pergunta.

—Por que o pai dela suicidou-se? —Perguntou dirigindo-se a lady Markham—. Conseguiram descobrir?

A dama pensou alguns instantes.

—Surpreende-me —respondeu—que você não soubesse do suicídio até que Theo tenha contado. Segundo minhas lembranças, você estimava muito o senhor Osbourne, e ele

a você. Não obstante, suponho ser natural que lady Whitleaf desejasse protege-lo de uma verdade tão trágica e que fizesse com que suas irmãs jurassem guardar segredo. Quanto ao motivo que levou William Osbourne a fazer o que fez, isso morreu com ele, pobre homem.

—Não deixou uma nota para lorde Markham? —Perguntou Peter. A dama vacilou de novo antes de responder.

—Sim, deixou —disse. Mas não quis aprofundar-se no tema e Peter não insistiu em algo que ela evidentemente não desejava falar. Sem dúvida devia ser um episódio muito doloroso em sua vida. Não obstante, fez-lhe uma última pergunta.

—Deixou também uma carta para ... para a senhorita Osbourne? —Inquiriu.

—Sim —respondeu lady Markham.

—Leu esta carta?

—Ambas as cartas estavam dobradas dentro da última página atualizada de um livro de contabilidade dentro da gaveta da mesa de Osbourne —Explicou sua interlocutora—, e como é natural não foram descobertas até depois de seu enterro e então Susanne já havia partido sem deixar rastro. Opino que é preferível deixar as coisas como estão, Whitleaf. É uma velha e trágica história que é melhor esquecer. Mas ao menos teve um final feliz. Susanne está viva e ao que parece encontra-se bem. Certo? Encontra-se bem? É feliz?

—Acredito que ambas as coisas —respondeu ele.

Sabia que esse verão a desgraçou. Inclusive agora queria acreditar que a perspectiva de despedir-se de novo dele a entristecia. Mas a sinceridade obrigava Peter a reconhecer que a jovem levava uma vida com segurança, amizade, satisfação e possivelmente até mesmo felicidade. Não o necessitava em sua vida. Ela podia viver muito bem sem ele. Peter não mentiu a lady Markham.

A ideia de que Susanne não precisasse dele, que ontem à noite tivesse rejeitado sua proposta de casamento, a qual sem dúvida era muito vantajosa para ela do ponto de vista material, deu-lhe uma lição de humildade. Ela havia dito que ele devia aprender a estimar a si mesmo. Antes de despedir-se dele, tirou a luva e acariciou a face dele com suavidade, como se fosse ele quem estivesse necessitado de ternura e consolo.

Parecia até que ela era a mais forte e mais segura de si.

Peter despediu-se de lady Markham e de Edith depois de prometer visitá-las antes de partir de Bath. Minutos mais tarde abandonou Pump Room e retornou a pé a seu hotel para tomar o café da manhã.

CAPÍTULO 18

Alguns dias de novembro mostravam ainda certas características do esplêndido, embora as árvores estavam desprovidas de folhas e os jardins de flores. Mas em geral, esses dias ocorriam quando o dever obrigava a ficar em casa, gozando do tempo só ao olhar de vez em quando pela janela.

Este sábado foi um desses dias. Mas desta vez Susanne pôde desfrutá-lo ao máximo. Era dia de esportes, e passou toda a manhã no campo além da escola com as alunas que preferiam ficar ao ar livre e o exercício em lugar de dedicar-se a bordar, fazer trabalhos manuais ou de agulha de crochê. Como ocorria frequentemente, Susanne cedeu ao desejo das alunas e ao seu próprio e participou dos jogos, de modo que quando conduziu às duas

fileiras de meninas em ordem de volta à escola para comer, tinha as faces avermelhadas e apesar de ofegar um pouco, seu corpo transbordava de energia.

O exercício matutino não foi o único bom evento nesse dia. A tarde oferecia uma estranha distração —um passeio, possivelmente pelo Sydney Gardens, que estava perto, embora raramente visitava devido ao elevado custo da entrada—, e nada menos que com um cavalheiro.

Não seria humano, pensou Susanne enquanto escolhia seu melhor vestido de lã depois de almoçar e escovar os cabelos, se não exultasse de alegria ante a perspectiva. Durante sua juventude tinha apreciado poucas diversões e não teve nenhum pretendente.

Nem sequer a lembrança da noite anterior conseguiu mitigar sua exuberância. O visconde de Whitleaf pediu que se casasse com ele na véspera e ela recusou. Provavelmente não ia tornar a vê-lo a partir de hoje. Mas ela mesma decidiu assim. No verão passado negou-se a fugir com ele. Ontem à noite negou a casar-se. E no caso dele reiterar esse pedido, ela voltará a recusar. De modo que não havia motivo para lamentar-se, entristecer-se ou chorar; já se lamentou, entristeceu e chorou bastante em sua vida. De fato, tinha motivos para sentir-se orgulhosa. Era certo que o amava, mas negou-se a deixar que isso a induzisse a agarrar-se a ele a qualquer custo.

Ele não a amava, mas isso era irrelevante. Ela gostava dela. Com isso bastava.

Não fixou uma hora certa para ir apanhá-la esta tarde. Quando ficou pronta, Susanne desceu e entrou na sala de arte, onde o senhor Upton trabalhava com algumas alunas para desenhar os cenários destinados aos concertos natalinos. A senhorita Thonpson também estava ali, usando um amplo avental branco para proteger seu vestido, pois decidira pintar os cenários.

—Conforme informaram —disse a Susanne, afastando-se do grupo que estava deliberando—Dar aulas na escola da senhorita Martin comporta algo mais que instruir alunas dóceis e receptivas. De modo que estou aqui para verificar caso tenha o talento e a energia suficientes para oferecer algo mais. E pensar que nestes momentos podia estar em Lindsey Hall, lendo tranquilamente um livro!

Parecia estar divertindo-se muito. Seus olhos faiscavam, uma expressão característica nela. Susanne riu.

—Mas os preparativos para o concerto natalino sempre são muito divertidos —disse—. Além de muito trabalhoso.

—O que parecem estes esboços, senhorita Osbourne? —Perguntou o senhor Upton, solicitando que ela se aproximasse de uma mesa coberta de desenhos. Não estava acostumado a ir à escola nos sábados, mas provavelmente o faria cada semana a partir de agora e até o fim do trimestre.

Mas Susanne só teve tempo de dar uma olhada nos esboços, comentar os que gostava e fazer algumas sugestões para melhorá-los antes que um coro de vozes femininas indicasse a presença do senhor Keeble, que estava na porta olhando para ela.

Susanne supôs que o visconde de Whitleaf tinha chegado.

E assim foi. Ele a esperava no vestíbulo quando Susanne apareceu coberta com sua capa cinza de inverno e atando as fitas de seu chapéu verde debaixo do queixo. Peter usava seu capote novamente e apresentava um aspecto muito viril.

—Senhorita Osbourne —disse inclinando-se diante dela. Mas embora esse gesto e seu sorriso denotassem sua habitual desenvoltura e encanto, a Susanne pareceu observar certa reserva em seu olhar.

—Lorde Whitleaf. —Caminhou através do vestíbulo em direção a ele com um ar não menos reservado.

O dia anterior se estendia entre eles como uma grande sombra.

O tempo não mudou durante aproximadamente a hora em que ela permaneceu dentro da escola, conforme comprovou Susanne quando saíram à calçada, salvo que o ar parecia mais morno. O sol brilhava sobre eles sob um céu sem nuvens. Não soprava vento. Ela não poderia pedir mais na última tarde que passariam juntos.

—Gostaria de ir a Sydney Gardens? —Perguntou Peter oferecendo o braço—. Imagino que o parque não ofereça seu melhor aspecto em novembro, mas é um lugar tranquilo e bucólico.

E embora estivesse fazendo um dia esplêndido, estariam praticamentes sozinhos, pensou ela.

—Será muito agradável —disse enquanto caminhavam para Sydney Gardens e atravessavam a rua para o parque.

Falaram sobre o verão e seus mútuos amigos em Somerset. Falaram sobre a escola e os preparativos para o concerto natalino, ao que sempre assistiam os pais e demais parentes e amigos das alunas e professoras e ainda vários dignatários de Bath. Falaram sobre as irmãs dele e seus maridos e filhos. Falaram sobre o parque que os rodeava, nu de folhas em meados do outono, mas pitoresco e aprazível. Mas estavam praticamente sozinhos. Passaram em frente a um ruidoso grupo de oito pessoas, que estavam na porta, dispondo-se a sair.

Assim era como uma amizade devia terminar, pensou Susanne, caso tivesse que terminar. Ambos estavam com um aspecto sereno e alegre e em perfeita harmonia. O impróprio e inesperado arrebatamento de paixão durante sua última tarde juntos em Barclay Court e a confusão dele ao tentar espiar sua culpa ontem à noite desapareceram. Hoje conversavam e riam, desfrutando de sua mútua companhia e o estranho gozo de um ideal dia de novembro.

E assim ela recordaria a relação deles, decidiu Susanne. Não haveria mais lágrimas, só boas lembranças. Pois foi assim como se comportaram nos momentos que estiveram juntos no verão, com a exceção do primeiro e último dia.

—Ah, o labirinto —disse ele quando subiram por um íngreme caminho—. Sabia que aqui havia um. Quer comprovar se somos capazes de nos perder nele?

—Possivelmente para sempre? —Perguntou ela—. E se nós não conseguirmos achar o caminho para o centro, nem sair, mas sim ficarmos condenados a vagar em círculos durante o resto de nossos dias?

—Como na vida real, não é? —Respondeu ele. Ambos riram.—Mas ou menos —acrescentou então—, perderemos-nos juntos.

—Um magnífico consolo —respondeu ela, e voltaram a rir.

Mas, como é natural, era impossível mostrar-se alegre durante toda a tarde. Ambos sentiram uma pontada de tristeza ao compreender que na realidade não se perderiam juntos para sempre no labirinto. Encontrariam a saída e seguiriam passeando.

E logo chegaria o fim.

Quando entraram no labirinto tomou a mão de Susanne. Embora ambos levassem luvas, ela sentiu o calor e a força dos dedos dele e recordou a forma com que juntou com os seus enquanto caminhavam pela rua do povoado durante a festa.

Deram numerosas voltas inutilmente e tiveram que retroceder sobre seus passos para tomar outra direção. Mas por fim, depois de expor suas opiniões sobre o caminho que deviam tomar e rir de boa vontade, acharam o centro do labirinto, onde havia um par de bancos de madeira que ofereciam repouso.

—Suponho —disse ele depois que ela sentou em um dos bancos e ele fizesse o mesmo a seu lado—, que deveríamos ter vindo armados com um monte de lenços para ir deixando em pontos estratégicos com o passar do caminho. Sabe como sair daqui?

—Não —respondeu ela rindo.

—Acredito que devemos agradecer —disse ele tomando de novo a mão— que neste lugar não habite um monstro de sete cabeças ou algo um pouco parecido.

No silêncio que reinava no centro do labirinto rodeado de Sydney Gardens, era muito fácil esquecer do mundo exterior, o passo inevitável do tempo, a efêmera natureza da amizade entre um homem e uma mulher. Era muito fácil acreditar na perfeição do momento.

Permaneceram uns cinco minutos —ou talvez dez—sem conversar. Mas em ocasiões, como tinham descoberto no verão, a conversa era desnecessária. A comunicação se produzia a um nível mais profundo.

Depois de um momento Susanne percebeu que seu ombro estava apoiado contra o dele. A parte externa de suas coxas se roçavam. E de alguma forma —ela não recordava como tinha ocorrido—Sua luva direita estava sobre o colo, o esquerdo dele repousava sobre seus joelhos, e tinham as mãos enlaçadas.

Ouviu Peter suspirar e expelir o ar lentamente.

—Lamento não ter insistido para que me protegessem menos quando era criança— disse ele.— Mas podia ter insistido nisso? Eu possuía esse poder? Teria gostado de tentar ao menos conhecê-la melhor. Conhecia seu pai mas não você. De tê-la conhecido, de ter insistido em verificar o que ocorria em minha casa e minha vizinhança enquanto estava no colégio, Talvez poderia ter-lhe oferecido meu apoio quando seu pai morreu. Embora duvide que conseguisse consolá-la.

Não, ele menos que ninguém.

—Todas as pessoas sofrem a perda de um ente querido —disse ela—, mesmo as crianças. Eu consegui superar minha dor.

—Susanne. —Ele tirou a outra luva com os dentes, transladou com sua mão esquerda a mão esquerda dela e a sua direita rodeou-lhe os ombros com seu braço esquerdo—. Quando estive em casa falei com Theo Markham. Contou-me sobre seu pai.

Ela esteve a ponto de afastar-se bruscamente e levantar-se de um salto. Mas em lugar disso ficou quieta. O que havia contado Theo Markham?

—Não acredito que fosse um pecado mortal —Susanne falou depressa—. Não me importa o que diga a Igreja sobre o assunto nem que proíba um enterro cristão a quem comete o suicidio. Seria um Deus muito injusto e cruel aquele que condenasse para sempre, um homem a quem induziram a tirar a vida algumas pessoas que continuam vivendo e que

perdoam e redimem a si mesmos. Se existisse um Deus assim, converteria-me em uma ateia convicta.

—Acredita que alguém o induziu a fazer isso? —Inquiriu ele. Ela esperou que ele acrescentasse mais alguma coisa, mas não o fez.

—Quem sabe? —Respondeu ela—. Meu pai guardou seus segredos antes e depois de sua morte. Em todo caso, já não importa. Encontrou a paz. Pelo menos, isso espero.

Não obstante, algumas vezes, inclusive agora que era uma mulher adulta, ainda não o perdoou por ter escolhido a paz em lugar dela.

—Lamento muito —disse ele—. Seu pai era meu amigo. Sempre procurava entreter Theo e a mim. Não posso imaginar sequer o muito que deve ter sofrido você com sua morte.

Ele não podia adivinhar, lógico, a dor que suas palavras causaram. Ela sempre acreditou que seu pai teria preferido ter um filho a uma filha. Nunca mostrou-se duro com ela, ao contrário, sempre mostrou um profundo afeto. Mas nunca lhe propôs fazer algo juntos.

Ocorreu a Susanne de repente, que talvez fosse a lembrança inconsciente do abandono que sofreu nas mãos de seu pai o que ajudou que ela proferisse não, ontem à noite. Susanne sabia muito bem o que significava não gozar da plena entrega e carinho de um homem que adorava e de quem ela dependia e a quem devia lealdade e obediência.

—Não é necessário que imagine —respondeu ao mesmo tempo que apoiava um dedo sobre os lábios dele e logo o dorso sobre sua face—. Não é necessário que carregue com as desditas de outros. Isso só quem sofre pode fazer. Eu carreguei minha dor e continuo aqui. Sobrevivi, pelo menos acredito isso.

Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça. As mãos enlaçadas de ambos repousavam sobre o colo dela e Peter a estreitou contra si com seu outro braço.

—Por que fugiu? —Perguntou ele.

—Não me permitiram vê-lo —respondeu ela—, e o enterraram fora do cemitério. Não sabiam o que fazer comigo. Eu era uma carga para eles. No fim das contas, não era parente deles, nem de ninguém. Iam mesmo mandar-me embora. Preferi partir sem esperar que o fizessem. Eu mesma controlei meu destino.

—Por que acredita—perguntou ele—que iam jogá-la na rua? Que a consideravam um estorvo?

—Ouvi lady Markham dizer isso —respondeu ela—. Não confundi nem interpretei mal suas palavras. Uma carga representa um problema. Isso foi o que ela falou. Disse que eu não poderia ficar ali.

—Entretanto —disse ele—, quando desapareceu a procuraram durante muito tempo.

—Isso foi o que Theo disse? —Perguntou ela.

—Theo estava no colégio —respondeu ele—, Como eu. Foi lady Markham quem me disse isso e Edith também. Esta manhã.

Ela ficou rígida e logo voltou a relaxar-se contra ele, apoiando a cabeça sobre seu ombro e fechando os olhos.

—Ah —disse—. De modo que as viu. Ou elas viram você. Disse-lhes onde vivo?

—Não —respondeu ele—. Não tenho direito de divulgar este segredo, caso seja um segredo.

—Não desejo vê-las —disse ela.

—Não se comportaram bem com você? —Perguntou ele.

—Ao contrário —respondeu ela—Elas se comportaram muito bem. Cometi o engano de acreditar que era considerada como da família. Às vezes, quando Edith ficava sentada no colo de sua mãe, eu fazia o mesmo e ela nunca me rechaçou por mais que lhe chocasse. Eu gostava de Edith como uma irmã. Às vezes as crianças não se dão conta que sua segurança fica pendente de um fio muito frágil. Possivelmente seja melhor assim; a maioria ficam adultos antes de que esse fio se rompa. Mas não quero seguir falando disto. Desejo aproveitar esta tarde.

—Sinto —disse ele suspirando—. Sinto muito mesmo.

Durante um momento guardaram silêncio e ela pensou o quanto era reconfortante sentir o braço de um homem ao redor de seus ombros, seu musculoso ombro debaixo de sua face e sua mão enlaçada com a sua. Seria muito fácil acostumar-se a esta gratificante sensação e a essa dependência. Deve ser maravilhoso tranferir todos os problemas que nos afligem para os robustos ombros de um homem e refugiar-se na segurança e amparo que estes oferecem.

E que fácil era deixar que a mente caísse na ilusão e imaginar que havia algo desejável no fato de renunciar a sua autonomia, a sua própria essência.

Como se fosse possível viver feliz e satisfeita eternamente e não tivesse que esforçar-se em construir sua própria vida.

Ela voltou a cabeça sobre o ombro dele e desejou que a vida fosse tão simples como os sonhos de uma menina, antes de que completasse doze anos e antes que seu pai se suicidasse.

Ele largou a mão e desatou as fitas de Susanne debaixo de seu queixo. Ela não levantou o rosto quando tirou o chapéu e Peter o deixou no assento a seu lado. Logo apoiou a mão debaixo de seu queixo, sustentando-a entre o polegar e o indicador, e a obrigou a levantar a cabeça até que ambos pudessem se olhar nos olhos.

—Susanne —murmurou ele—. Minha forte e doce Susanne.

Ela não sentia-se forte. Os lábios dela tremiam quando ele colocou os seus contra eles, quentes, entreabertos, maravilhosamente reconfortantes, produzindo uma sensação curiosamente familiar, como quando a gente retorna ao lar. Ela ficou apoiada contra ele, com uma mão sobre seu ombro, rodeando-lhe o pescoço com o outro braço para estreitá-lo contra si. Entreabriu os lábios e sentiu todo o calor e a força dele —toda sua essência— quando ele introduziu a língua dentro de sua boca.

A paixão deles desencadeou-se, e Susanne gemeu ao sentir a mão de Peter debaixo de sua capa acariciando seus seios, deslizando-se pelo contorno de sua cintura na linha do quadril. O beijou com frenético abandono e ambos sentiram o fogo de seu ardor.

Mas não foi um abraço desenfreado. Encontravam-se no centro de um labirinto no meio de um parque provavelmente deserto. Mas não significava que não pudessem interrompê-los a qualquer momento. E não era só isso. Em Barclay Court comportaram-se de forma indiscreta e imprudente e ambos sofreram por causa disso.

Quando ela afastou a cabeça, apoiou a testa na dele e fechou os olhos, Peter retirou sua mão do interior da capa dela e não tentou prolongar o abraço.

—Susanne —disse depois de alguns momentos—. Queria que repensasse...

Mas Susanne apoiou dois dedos sobre seus lábios e afastou-se um pouco para olhar nos olhos dele que se fixou nos seus. Sob a luz do sol, seus olhos apresentavam uma cor violeta escura sob os olhos dela. Não tentou terminar a frase que tinha iniciado.

—Não me olhe assim —murmurou ela.

—De que forma? —Pegou a mão dela e retirou de sua boca..

—Com lástima e compaixão. —Zangada, Susanne se afastou e ficou de pé bruscamente—. Sempre quer «*dar*», «*consolar*», «*proteger*». Alguma vez quer «t*omar*», «*exigir*», fazer valer seus desejos? Não preciso de sua compaixão.

A que diabos vinha isso? Susanne virou-se de costas para ele e avançou alguns passos para o outro lado do centro do labirinto.

O silêncio dele era tão acusador como as palavras. Ela sabia que o feriu, mas não podia retratar-se.

—Acaso deveria possui-la de novo aqui e satisfazer meu desejo tomando-a pela força? —perguntou ele com um tom enérgico que a alarmou por que ele nunca se enfureceu com ela.— Deveria exigir que se casasse comigo para restaurar minha honra? Deveria fazer valer meus desejos como homem e como um homem rico e nobre e tomar o que desejo de todos quantos cruzassem meu caminho? Em especial das mulheres? É isso o que quer de mim, Susanne? Ignorava isso. Sinto muito, não posso ser esse homem.

—Oh, Peter. —Ela virou-se para ele. Continuava sentado no banco, com os ombros um tanto encurvados, os antebraços apoiados nas coxas, as mãos pendurada entre seus joelhos—. Não é o que eu quis dizer.

— Então, o que você quis dizer? —Perguntou ele.

Ela abriu a boca e aspirou ar, mas não deu nenhuma resposta. Não sabia ao que se referia com exatidão. Ontem à noite havia dito que devia aprender a estimar a si mesmo. Tampouco queria dizer exatamente isso. Em certa ocasião disse que precisava matar um dragão. Nem sequer estava segura a que se referiu com essa frase.

Queria que ele...

Removesse céu e terra.

Por ela. Por ele mesmo.

Queria que a amasse.

Que estupidez! Como pudesse mudar as coisas.

—Não pode responder, não é? —insistiu ele—. Porque não falava a sério quando disse essas coisas. Eu acredito estar bastante seguro de minha auto-estima. É você quem não se estima.

Mas elevou uma mão para silenciá-la e esboçou um meio sorriso quando ela abriu a boca para responder.

—Basta! —disse ele—. Acredito que deve ser uma excelente professora, Susanne Osbourne. Nunca analisei tanto minhas emoções e sentimentos como desde o momento que a conheci. Estava acostumado a acreditar que era um tipo alegre e sem complicações. Agora me sinto como se tivesse sido desmontado e remontado esquecendo de restituir certas peças.

Susanne não pôde deixar de sorrir.

—Nesse caso não devo ser uma boa professora —disse—. Mas você é um bom homem, Peter. Asseguro isto. O que ocorre é que...

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Não sou só uma mulher —disse ela—. Sou uma pessoa. Todas as mulheres são pessoas. Se somos fracas e dependemos dos homens, é porque permitimos que os homens nos moldem para que ofereçamos essa imagem. Possivelmente os homens sintam-se bem

fortes ao nos ver dessa forma. E talvez a maioria das mulheres estejam de acordo com isso. Talvez a sociedade funcione relativamente bem devido a que tanto os homens como as mulheres sintam-se insatisfeitos com os papéis que nossa sociedade impôs a eles. Mas eu me vi obrigada desde muito jovem a suportar os reveses da vida. Jamais direi que alegro do que me ocorreu, mas sim me alegro de que as circunstâncias obrigaram-me a viver fora do molde. Prefiro ser uma pessoa completa que somente uma mulher, embora isso me condene a ficar sozinha.

—Não é preciso que fique sozinha —respondeu ele.

—Não. — ela sorriu —. Está disposto a casar-se comigo e a me manter e me proteger o resto de minha vida. E assim completaremos o círculo. Sinto muito, Peter. Não pretendia soltar um discurso tão pomposo. Nem sequer acreditava nessas coisas até que elas brotaram de meus lábios. Mas fique certo que acredito nelas.

—Então é assim—disse ele levantando-se e entregando seu chapéu—. Você é mais feliz sem mim. Uma realidade que devo aceitar com humildade.

Susanne não podia contradizê-lo.

Ela pegou seu chapéu e o colocou, atando as fitas embaixo do queixo.

—Quer fazer-me um favor? —Perguntou.

—O quê? —Respondeu Peter. Olhou nos olhos dela.

—Quando retornar a Sidley Park para o Natal —disse—, fique ali. Converta o lugar em seu lar e sua vida. —Sentiu-se horrorizada de repente por sua rabugice.

—E quer me case com a senhorita Flynn-Posy? —Perguntou ele com um sorriso malicioso.

—Se deseja casar-se com ela, é claro —respondeu Susanne—. Falará com sua mãe, Peter? Irá dizer a ela o que pensa com toda sinceridade?

—Aconselha-me que imponha critério? Que me mostre autoritário? —Perguntou ele—. Que faça desventurados todos os que me rodeiam?

—Explique quem você é —disse ela—. Talvez sua mãe colocou tanto empenho em demonstrar seu amor durante toda sua vida, que não o conhece realmente. Talvez não, certamente não conhece seus sonhos.

Susanne sentiu-se profundamente morta de vergonha ao comprovar que Peter não respondeu imediatamente. Como teve a coragem de meter-se em sua vida dessa forma? Inclusive quando guiava e aconselhava às meninas na escola a respeito de seus problemas e seu futuro, procurava não mostrar-se tão dogmática como estava agora.

—Sinto —disse—. Não tenho nenhum direito...

—Fará um último favor para mim, Susanne? —Perguntou Peter. Susanne sentiu o impacto da realidade como um murro no estômago. Um último favor. Amanhã a estas horas ele já teria partido. Seria somente uma lembrança e nem sequer uma lembrança totalmente feliz como ela tentou convencer-se. Os últimos minutos destruíram essa possibilidade. O fitou com expressão interrogante.

—Permita-me que a leve para ver lady Markham e Edith? —Perguntou ele.

—Agora? —Respondeu ela.

—Por que não? Lawrence Morley, o marido de Edith, alugou uma casa aqui, e está bem pertinho, prometi que iria vê-las antes de partir de Bath. E prometi a Edith que perguntaria se aceita que ela vá visitá-la ou mesmo se você faria uma visita a ela.

Susanne negou com a cabeça.

—Repense —disse ele—. Não sei se devo revelar, mas havia duas cartas, uma dirigida a lorde Markham e a outra a você.

Susanne sentiu frio na cabeça e nas fossas nasais.

—Duas cartas? —Mas ao pronunciar essas palavras não emitiu nenhum som.

—De seu pai. —Avançou um passo para ela e tomou ambas as mãos, que sustentou com força—. Não sei se as conservam, Susanne, nem conheço seu conteúdo. Mas não acredita que deve ir ao menos para ver lady Markham?

Cartas... uma das quais estava dirigida a ela.

Seu pai havia escrito uma carta para ela!

O que dizia nela? E o que revelava a carta a lorde Markham? Mas com a presteza que o espanto a fez presa, este deu passo ao terror.

—Possivelmente fosse preferível que as tivessem destruído —disse ela, soltando-se para retornar ao banco e recolher suas luvas—. Não tem sentido remover ao final de tantos anos, a desdita que levou um homem a suicidar-se. —Colocou as luvas com gestos torpes e nervosos—. Só vai servir para causar mais dor.

—Não retornou alguma vez, Susanne? —Perguntou ele.

Peter não esclareceu a que se referia. Não era necessário. É obvio que ela nunca deixou de pensar no passado. Como poderia?. Esses eventos aconteceram e causaram um sofrimento inexprimível. O passado era parte dela. Mas sempre tratou de superá-lo. Levava uma vida segura, proveitosa e feliz em comparação com a vida de muitas pessoas. Não valia a pena reviver tudo. Era muito tarde.

—William Osbourne desejava que o ouvissem —disse ele—. Tinha algo a dizer.

—Então disse isso a lorde Markham e a mim —replicou ela voltando-se para Peter—. Durante doze anos não me disse nada. Nem sequer de minha mãe, e isso constituía um imenso vazio em minha vida. Poderia ter falado comigo em vez de suicidar-se. Poderia ter me amado em lugar de procurar consolo na morte.

—Você o amava —disse ele brandamente.

—É obvio que o amava —respondeu ela.

—Então o perdoe —disse ele.

— Por quê?—Susanne enxugou furiosa as lágrimas que brotavam de seus olhos, de costas para Peter.

—Exige o carinho —respondeu ele.

Ela soltou uma gargalhada, um som trêmulo e patético.

—Sempre —disse ele—. Invariavelmente. Se ele soubesse que você o amava.

—Muito bem. —Ela virou-se para ele—. Vamos. Então leve-me para vê-las. Eu perguntarei sobre as cartas e sobre o conteúdo destas. Mas advirto de antemão, lorde Whitleaf, que será bem possível que iremos abrir a caixa da Pandora e que uma vez aberta é impossível voltar a fechá-la.

—Este assunto não me concerne —respondeu ele—. Acredito que deve fazer para sua própria satisfação. Possivelmente as cartas já não existam Susanne e talvez tenham destruído sua carta antes que alguém a tenha lido. Mas acredito que deve falar de novo com lady Markham e Edith. Deve dar uma oportunidade a elas.

Susanne olhou para Peter e assentiu brevemente.

—Vamos—disse.

—Caso consigamos sair deste labirinto —respondeu ele suavizando o olhar e sorrindo.

—Neste momento desejaria que pudéssemos nos perder aqui para sempre —disse ela sem poder evitar sorrir com tristeza.

—Eu também —respondeu ele—. Devemos aproveitar a oportunidade que temos para fugir e construir uma cabana no topo do monte Snowdon, Susanne.

Ele ofereceu o braço e ela aceitou.

CAPÍTULO 19

Quando se aproximaram de uma rua em forma de losango junto ao extremo da ponte de Great Pulteney Street, Peter pensou ser este era o momento mais inoportuno de descobrir que não estava apaixonado por Susanne Osbourne. Mas sim, que a amava.

Havia um mundo de diferença entre esses dois tipos de amor.

Amava-a, mas ela sentiu quase sempre uma profunda antipatia por ele e inclusive o desprezava.

Se existisse um Deus, devia ser um brincalhão. Com o risco de parecer vaidoso diante de seus próprios olhos, Peter convenceu-se de que praticamente todas as jovens que conheceu —e conheceu um grande número durante os cinco anos depois que alcançou a maioridade— sentiam simpatia por ele, admiravam-o e mesmo se apaixonaram por ele.

Amanhã na primeira hora partiria de Bath. De fato, estava impaciente para partir. Caso não tivesse se comprometido a fazer esta visita vespertina, teria partido agora mesmo, esta tarde.

Susanne e ele caminharam desde Sydney Gardens em silêncio.

—É aqui —disse ele por fim ao ver o número da casa. Subiu os degraus da entrada e bateu na porta.

Desejava tomar a Susanne pelo braço, sabendo o quanto estava nervosa, mas se absteve. Sua mãe e suas irmãs o protegeram em excesso, e sem perceber que ele aprendeu a fazer o mesmo com os outros, principalmente com a mulher que amava. Ela não desejava seu apoio e amparo. Para falar a verdade, não precisava deles.

As senhoras acabavam de retornar das compras, conforme informou o mordomo que abriu a porta. Olhou o cartão de visita que Peter entregou e arqueou as sobrancelhas antes de afastar-se.

Dois minutos mais tarde, o mordomo conduziu ambos a uma pequena sala de estar situada no andar de cima e Edith apresentou a Peter um homem jovem, magro, loiro e com óculos como Lawrence Morley, seu marido. Logo virou-se para Susanne com as faces vermelhas.

—Claro que você é, Susanne —disse—. Reconheceria esse cabelo e esses olhos em qualquer lugar. Já é uma mulher, mas não mudou nada. Estava convencida que era você ontem à noite na abadia com Peter. —Estendeu-lhe as mãos—. Que alegria. Lawrence, querido, esta é a Susanne Osbourne, que falei durante o café da manhã.

Susanne vacilou antes de apoiar suas mãos nas de Edith, mas esta a abraçou com força.

Enquanto isso, Lady Markham permanecia de pé em silencio no fundo da sala. Saudou Peter com uma inclinação de cabeça, mas agora seus olhos estavam fixos em Susanne.

—Durante todos estes anos —disse enquanto Edith retrocedia com os olhos cheios de lágrimas—, temi que tivesse morrido, Susanne.

—Como pode ver, não morri —respondeu ela.

—Senhorita Osbourne, lorde Whitleaf —falou o senhor Morley—, sentem-se perto da lareira. Devem ter caminhado muito, pois não ouvi nenhuma carruagem na rua.

—Fomos dar um passeio por Sydney Gardens —explicou Peter quando todos estavam sentados—. Está fazendo um dia esplêndido.

— Na verdade, por ser novembro —disse Morley—, embora faça um pouco de frio. Confio em que estivesse bem abrigada, senhorita Osbourne. Deixou seus objetos exteriores la embaixo?

—Sim, senhor —respondeu Susanne sorrindo—. Minha capa e minhas luvas me protegem inclusive nos dias mais frios.

—Fez bem em usá-los hoje —disse Morley—. Assim que Edith vê o sol deseja sair para dar um passeio antes que os criados comprovem se esta fazendo uma temperatura agradável, se não sopra o vento nem que ameace chover. Imagino que ontem à noite estivesse frio na abadia, mas ela quis assistir o concerto. Eu me alegrei de que minha sogra a acompanhasse e insistisse para que cobrisse os ombros com a capa. Edith está recuperando-se do recente parto, como sem dúvida sabem.

—Não, não sabia —respondeu Susanne olhando-a—. Alegro-me por você Edith.

—Temos um filho —disse Edith sorrindo.—. É adorável, verdade, querido? Parece com seu papai.

Seguiram conversando cortesmente e quando trouxeram o chá lady Markham serviu e passou as xícaras e os pires para todos oferecendo uma porção de bolo de frutas.

—Vive em Bath, Susanne? —Perguntou- Edith—. Onde está sua casa?

—Trabalho como professora e resido na Escola para Meninas da Senhorita Martin na rua Daniel Street —respondeu ela—. Dou aulas de leitura, redação e esporte, entre outras disciplinas.

—Esporte? —Inquiriu Morley—. Espero que não sejam exercícios muito exaustivos, senhorita Osbourne. Ouvi dizer que o exercício intenso não é bom para as jovens, e estou convencido disso. Acredito que é preferível que se dediquem a costurar ou pintar. Os esportes duros estão excluídos na maioria das academias para jovens, o qual me parece muito acertado.

—De modo que é professora —disse lady Markham antes que Susanne pudesse responder, enquanto Peter ficou recordando as divertidas imagens de Susanne remando, acalorada e rindo, durante as regatas em Barclay Court—. Como é isso, Susanne?

—Fui a Londres e inscrevi-me em uma agência de empregos —explicou ela—. Mas tive a sorte de que alguém se fixasse em mim e me enviasse como aluna de caridade à escola da senhorita Martin aqui em Bath. Fui aluna até que completei os dezoito anos, depois do qual me ofereceram o posto de professora auxiliar.

—Assim foi a Londres —disse lady Markham—. Mas como chegou ali Susanne? Era uma menina. Nós perguntamos por você em todas as paradas de diligência ao longo de muitos quilômetros em todas as direções.

—Entrei na sala de meu pai —respondeu Susanne—. Encontrei um pouco de dinheiro em uma caixa sobre sua cômoda e o peguei, pois acreditei que fosse meu. Havia também uma mala bastante grande para conter a maior parte de meus pertences, mas bastante

pequena para poder conduzi-la. Fui andando e tive a sorte de que me recolhessem os condutores de diversos veículos durante boa parte do caminho. Não tinha suficiente dinheiro para desperdiçá-lo em um meio de transporte.

—Confio, senhorita Osbourne —disse Morley—, que não sentasse sobre um monte de feno, como fazem muitos quando não viajam de trem ou em diligência. O feno costuma ficar úmido embora pareça seco.

—Não acredito que tenha me sentado sobre nenhum monte de feno, senhor — respondeu ela.

—Mas Susanne —disse lady Markham depositando sua xícara e pires sobre seu prato vazio— por que foi dessa forma, sem dizer uma palavra a ninguém? É natural que estivesse muito desgostosa, pobre menina, mas acreditei que viria a nós em busca de consolo. Fomos quase sua família, ao menos nisso acreditava eu.

Peter observou que Susanne provou só um bocado de seu bolo. Também observou que estava mais pálida que de costume em que pese os acontecimentos das duas últimas horas no exterior.

—Como você mesma acaba de dizer, senhora —disse Susanne—, eu estava muito chateada e era uma menina. Quem sabe por que fugi? Não queriam deixar-me ver meu pai e não estava segura de que estivesse morto. Então ouvi que não podiam enterrá-lo no cemitério e compreendi que tinha morrido. Eu...

—A Igreja deve mostrar-se firme em matéria de princípios —atravessou Morley por mais lamentável que...

—Querido —interrompeu Edith—. Temo que Jamie tenha acordado e vai querer que um de nos dois estejamos perto, embora a babá esteja com ele.

Seu marido levantou-se apressadamente.

—Verei agora mesmo —disse—. Me desculpem, senhorita Osbourne, lorde Whitleaf, mamãe. Estou seguro de que desculparão a natural ansiedade de um pai principiante.

—Obrigado, Lawrence —disse Edith—. É muito bom.

Em outras circunstâncias, Peter teria achado divertido, mas agora admirou a relação entre ele e Edith, que pareciam sentir um sincero afeto mutuo. Mas era consciente do nervosismo de Susanne e de suas antigas amigas.

—Markham não quis que você, nem eu, vissemos seu pai —disse lady Markham quando Morley saiu e fechou a porta—, porque... porque...

—Entendo-o —respondeu Susanne—. Ele deu-se um tiro na cabeça. Mas era tudo que eu tinha no mundo e não me deixaram vê-lo. Em ainda por cima ia ter que sofrer a humilhação de seu funeral. Suponho que quis me afastar quanto fosse possível da tragédia.

—Nem sequer despediu de mim Susanne—disse Edith—. Quando aconteceu o caos em casa não me permitiram sair de meu quarto, nem para ir ao quarto das crianças. Logo, quando fomos em sua busca, não a encontramos Ninguém conseguiu localizar seu paradeiro. Não sabe quanto senti —acrescentou reclinando-se em sua cadeira—. Está claro que seu sofrimento foi muito superior ao meu. E só tinha doze anos. Eu com onze, parecia muito maior, mas não podia tomar uma decisão responsável. Lamento... Dá no mesmo. Alegro-me muito de voltar a vê-la e saber que as coisas foram bem. De modo que trabalha como professora em uma escola para meninas! Estou segura que deve ser uma excelente professora.

Incrivelmente, a conversa girou em torno desse tema enquanto comentavam as vantagens e desvantagens de enviar às meninas à escola em vez de recebessem aulas em casa.

Não queriam seguir pinçando nas razões que teve Susanne para fugir, pensou Peter, e ela não queria oferecer mais detalhes. Tampouco queriam mencionar as cartas que William Osbourne escreveu e ela não queria perguntar por elas.

Peter ficou um pouco chocado por saber que Susanne não queria saber mais pormenores sobre as cartas e que não estivesse ansiosa por inteirar-se do que seu pai tentou dizer durante a última hora de sua vida. Em Sydney Gardens, passados os primeiros momentos em que parecia deprimida, referiu-se à caixa da Pandora e não quis continuar falando do assunto.

Em certo sentido era compreensível. Durante todos estes anos Susanne acreditou que seu pai morreu sem deixar nenhuma pista sobre seus motivos ou sentimentos, sem despedir-se dela nem preocupou-se com seu futuro. Agora sabia que ele escreveu duas cartas no final de sua vida. Mas, como diz o velho e sábio refrão, mais vale não mexer nas coisas, ainda mais que aconteceram há onze anos.

O momento da revelação de uma verdade importante também parecia ter passado. Pelo visto preferiam instalar-se na comodidade de uma conversa cortês e amável própria de uma visita vespertina.

Peter decidiu que não devia meter-se no assunto. Obrigou Susanne a vir aqui. Cumpriu a promessa que fez a Edith. Supunha que as três damas ficaram satisfeitas, lady Markham e Edith ao saber que Susanne estava viva, que gozava de boa saúde e estava feliz, e ela ao saber que não a odiaram nem a abandonaram sem esforçar-se em saber do seu paradeiro.

Não devia entrometer-se, posto que nada disto era da sua conta. Mas não pôde evitar.

—Há um momento falei com a senhorita Osbourne, senhora —disse Peter durante uma pausa na conversa—, sobre as cartas que descobriram entre as páginas de um livro na mesa do senhor Osbourne depois de sua morte.

Três pares de olhos cravaram-se nele com recriminação. Logo Susanne fechou os seus brevemente.

—Sim —disse lady Markham—. Havia duas, uma dirigida a Markham e outra a Susanne.

—O que dizia meu pai nessas cartas? —Perguntou Susanne com voz profundamente angustiada—. Explicava por que fez aquilo?

—Acredito que sim —respondeu lady Markham enquanto Edith depositava seu prato na mesa—. Deve ter em conta que uma estava dirigida a lorde Markham, Susanne, não a mim. Eu, melhor dizendo nós, sempre vamos recordar seu pai com respeito e inclusive com afeição. Era um secretário capaz e eficiente.

—Mas você viu a carta? —Inquiriu Susanne.

—Sim —confessou lady Markham—. Acredito que sim.

—Mas o que dizia? —insistiu Susanne—Rogo que me diga.

Ocorreu de repente uma ideia a Peter e ele ficou em pé.

—Possivelmente —disse—prefiram que eu não esteja presente, posto que este assunto não tem nada que ver comigo. Desejam que me ausente? Posso esperar à senhorita Osbourne...

Mas lady Markham elevou uma mão para detê-lo e ele voltou a sentar-se.

—Não —disse lady Markham com tom lento—. Não é necessário que saia. No passado de seu pai, Susanne, havia algo que permaneceu oculto durante anos e que no final, saiu à luz. As coisas começaram a ficar feias para ele. Osbourne temia que a desonra caísse sobre sua pessoa e sobre Markham por tê-lo empregado e o acolhido em sua casa. Suponho que pensou que seria despedido e que já não teria meio de se manter e a uma filha que ainda era uma menina. Não viu outra solução que fazer o que fez. Isto é quanto lembrança. Foi muito trágico, mas não se pode fazer nada para alterar as penosas consequências.

Esses argumentos a Peter pareceram uma evasiva. Sim, acreditou que tenha visto. Não seria mais lógico que cada palavra de uma carta de suicídio estivesse gravada a fogo na mente de qualquer um que a tivesse lido, especialmente quando esse homem viveu, trabalhou e suicidou-se em casa dessa pessoa?

—E minha carta? —Inquiriu Susanne.

—Que eu saiba, não foi aberta —respondeu lady Markham.

—Foi destruída? —insistiu Susanne.

—Ignoro. —Lady Markham pestanejou rapidamente—. Não imagino que Markham a tenha queimado, mas não sei.

—Talvez Theo saiba o que foi feito dela, mamãe —sugeriu Edith—. Certamente ainda exista.

—Talvez seja preferível que já não exista —disse Susanne. Levantou-se e Peter também o fez—. Se meu pai fez algo vergonhoso antes que eu nascesse, acredito que expiou sua culpa com uma vida entregue ao trabalho duro e ao serviço leal a sir Charles. Não quero saber o que fez. Não quero saber quem... Não importa. Prefiro deixar que descanse em paz. Obrigado por ter me recebido e pelo chá, mas devo ir. Permaneci toda a tarde ausente da escola e devo retornar a meu trabalho.

—Susanne —disse Edith levantando-se também—, espero que volte a nos visitar. Talvez possamos dar um passeio juntas ou ir às compras. Talvez...

—Não —respondeu Susanne—. Minhas aulas na escola ocupam boa parte de minha jornada praticamente todos os dias, Edith, e tenho que preparar o concerto natalino, o qual me manterá ainda mais ocupada. Ontem à noite saí e esta tarde também. consumi minha cota de tempo livre. Eu... Você tem agora um marido e um filho que requer sua atenção. Movemo-nos em mundos distintos. É melhor deixar assim.

Edith enlaçou as mãos à altura da cintura. Parecia sentir-se ferida.

—Escreverei —disse—. Acredito que encontre um momento para ler a carta.

—Obrigada —respondeu Susanne com um sorriso forçado.

—Esta visita foi um prazer —disse lady Markham—. Não saberá nunca, Susanne, as noites que durante estes anos permaneci acordada pensando no que havia acontecido a você, me perguntando se estava viva ou morta e se puderíamos ter feito algo mais para encontrá-la. Estou encantada de que tenha vindo. Voce acompanhará Susanne de retorno à escola da senhorita Martin, Whitleaf?

—Certamente, senhora —respondeu ele inclinando-se.

Mas quando saíram à rua depois de alguns minutos Peter pensou que a visita não havia resolvido grande coisa. Susanne não parecia querer saber o que ocorreu com exatidão há onze anos e porquê. Possivelmente bastava o consolo de saber que seu pai havia escrito uma carta para ela. Não, não teria ficado satisfeita, pensou, mas não se tratava disso.

Em todo caso a visita agradou a lady Markham e a Edith e possivelmente convenceu Susanne de que não representava para eles uma onerosa carga, como sempre acreditou.

—Alegra-se de ter vindo? —Perguntou tomando o braço dela.

Susanne virou-se para olhar Peter brevemente.

—Sim —respondeu—. Temia sair da escola e encontrar-me com elas. Agora que as vi cara a cara comprovei que são as pessoas tal como eu as recordava. Edith é muito bonita, não é? Espero que seja feliz com o senhor Morley.

—Embora você não possa ser algum dia? —Perguntou Peter rindo.

—Mas eu não tenho que ser —replicou ela rindo também. Era agradável ouvi-la rir novamente.

Chegou o momento da despedida. Ela poderia estar agora celebrando suas núpcias, em lugar de ter que despedir-se. Mas ela mesma decidiu.

Quando puseram-se a andar pela Great Pulteney Street em silêncio e dobraram pela Sydney Park Susanne compreendeu que as lembranças de sua visita a lady Markham e a Edith a afligiriam durante algum tempo, junto com sua decisão de não insistir em descobrir o conteúdo da carta que seu pai dirigiu a sir Charles Markham ou a possível existência ainda da que tinha escrito a ela.

Mas agora não queria pensar nisso.

Seu coração estava pesaroso. Sentia como se com cada passo que dava o pisoteasse, intensificando sua dor.

Entretanto, no princípio da tarde acreditou que tudo terminasse de forma alegre e amigável. O fato de que o amasse carecia de importância. Dadas as circunstâncias de sua vida, o estranho teria sido que não tivesse se apaixonado por ele. Já superaria. Por força. Um casamento feliz entre ambos era impossível por várias razões, e ela preferia perdê-lo para sempre que casar-se e que ambos fossem miseráveis.

Mas neste momento era muito difícil pensar com coerência. Possivelmente pudesse fazer dentro de uma hora. Esta noite a semana que vem, e o mês que vem poderia pôr em ordem seus pensamentos. Mas agora...

—Parto para Londres amanhã cedo —disse Peter quando dobraram pela Sutton Street e avistaram a escola.

—Sim —respondeu ela—. Suponho que não há nada que o faça ficar em Bath, especialmente nesta época do ano.

—Passei dias muito agradáveis aqui —disse ele.

—Fico contente.

Falavam-se como dois estranhos, num tom afável e educado.

—Também, estou contente por tê-la visto de novo —disse ele.

—Sim.

—Talvez —disse ele— voltaremos a nos encontrar algum dia.

—Sim, seria muito agradável.

Diminuíram o passo e pararam antes de girar pela Daniel Street.

—Susanne—disse ele cobrindo a mão dela que repousava sobre seu braço, embora não tenha se virado para olhá-la—. Antes de partir quero que saiba que a estimo muito. Sei que muitas vezes não aprova minha forma de ser, mas eu a estimo. Acredito que tempos atrás fomos amigos. Acredito que em muitos sentidos ainda somos. Mas essa tarde, quando nossa amizade ficou mais profunda, meus sentimentos eram sinceros. Eu não era simplesmente um homem libidinoso que se aproveita ao encontrar-se a sós com uma mulher pura e inocente. Eu a estimava e a estimo. Sei que você não me quer nem precisa de mim. Sei que está satisfeita com a vida que leva. Mas acredito que em certo modo possivelmente sinta certo afeto por mim e queria que soubesse que... Enfim. Já ouviu alguma vez um monólogo mais confuso, justamente quando queria mostrar-me eloquente e dizer algo memorável?

—Oh, Peter —disse ela agarrando-o pelo braço—, é obvio que tenho afeto por você. Eu asseguro. E é obvio que aprovo praticamente sem reservas sua forma de ser. Como não ia aprovar? Você sempre foi muito amável. Eu também o estimo.

—Mas não o suficiente para casar-se comigo? —Perguntou Peter, sem olhá-la.

—Não. —Era mais fácil dizer não, que tentar explicar... Era impossível explicar a ele seus motivos—. Eu agradeço, mas não seríamos felizes.

—Sim —respondeu ele brandamente—. Suponho que... Então despeço-me de você aqui.

—Sim. —Susanne sentiu que o pânico pesava em seu ventre, seus joelhos, seu pescoço. Retirou a mão do braço dele.

Ele voltou-se e tomou ambas as mãos, as espremendo com tanta força que durante alguns instantes ela esteve a ponto de esboçar uma careta de dor. Logo as elevou, uma atrás da outra e beijou suas palmas enluvadas.

Em seguida a olhou nos olhos e sorriu.

—Um esplêndido dia de novembro me parece muito mais quente e alegre devido a sua presença —disse citando incorretamente as primeiras palavras que dirigiu a ela quando se conheceram—. Obrigado, Susanne.

Por fim, tinha conseguido arrancar-lhe um sorriso, embora ela sentia que seu coração estava em pedaços.

—Que bobagem —respondeu ela—. É absurdo. Mas ambos riram.

—Adeus, Peter —disse ela.

E como não podia suportar mais, pôs-se a correr torpemente, dobrou a esquina, subiu os degraus da escola, elevou a aldrava e a deixou cair com mais força que o necessário.

Quando o senhor Keeble abriu a porta Susanne olhou para a esquina, mas não viu ninguém. Entrou no edifício e a porta fechou-se atrás dela.

Nesse momento teve a sensação que não havia nenhum motivo para seguir vivendo. Nenhum absolutamente. Estava muito desolada para reparar o melodrama desse pensamento.

Antes de partir quero que saiba que a estimo muito.

Mary Fisher, uma das adolescentes internas, dispunha-se a subir a escada e ao ver quem acabava de entrar retrocedeu.

—Ah, senhorita Osbourne —exclamou muito excitada—, o senhor Upton e nós fizemos as mudanças que você desejava nos esboços para o cenário e já terminamos.

—Muito bem. Estou impaciente para vê-los. Anda, mostra-me Mary —respondeu Susanne sorrindo alegremente enquanto desatava as fitas de seu chapeu—Ficaram toda a tarde trabalhando? Isso é magnífico.

Antes de partir quero que saiba que a estimo muito.

..antes de *partir...*

E agora partiu.

CAPÍTULO 20

Peter foi diretamente de Bath para Sidley Park, para ficar.

Quer fazer-me um favor? Este era o favor. É possível que ela nunca soubesse que ele seguiu seu conselho, e ignorava em que sentido podia beneficiá-la o fato que ele tivesse vindo aqui direto. Mas aqui estava. Ele a amava e acatou o último pedido que lhe fez.

Ele esperava que o amor desaparecesse tão rapidamente quanto havia aparecido. Não gostava da sensação de estar apaixonado. Na verdade, era uma situação que lhe causava grande tristeza.

Sua mãe mostrou-se entusiasmada ao vê-lo. Não deixava de falar do Natal, e já que ele havia retornado para casa, ia gostar de tudo que ela organizou. Quatro de suas irmãs —Bárbara, Doris, Amy e Belinda— viriam passar o natal em Sidley Park, todas exceto Josephine, sua irmã do meio, que vivia na Escócia com seu marido e a família deste. Como é natural, a presença de quatro irmãs significava também a presença de seus cônjuges e seus filhos, nove entre as quatro. E posto que era Natal, vários membros de diversas idades de seus parentes consanguíneos foram convidados também. Nenhum dos tios de Peter aceitou o convite, dado que este deixou muito claro há cinco anos que não eram bem-vindos em Sidley Park, embora os tenha visto uma ou outra vez em Londres e aprendeu a mostrar-se cordial com eles.

E é obvio, também viriam os Flynn-Posy para passar o Natal com eles.

Peter decidiu suportá-los. Inclusive os trataria bem. Assumiria seu papel de anfitrião.

No dia seguinte a sua chegada, sua mãe o conduziu a cozinha e explicou as reformas que queria fazer ali para que ele ficasse mais confortável e à vontade.

—Já pensarei nisso, mamãe —respondeu Peter—. Talvez me ocorram algumas ideia a respeito.

—Certamente, querida —disse ela sorrindo satisfeita—. O que você modificar não estragará o efeito geral que planejei. É maravilhoso tê-lo em casa novamente.

Peter deixou o assunto. Nunca foi fácil falar com sua mãe; sempre foi como bater a cabeça contra uma rocha.

Falará com sua mãe, Peter? Explicará a ela o que pensa com toda sinceridade? Explique quem você é. Possivelmente sua mãe pôs tanto empenho em demonstrar seu amor durante toda sua vida, que não o conhece realmente.

Nunca falou a sério com sua mãe, nem ela com ele. Em certa ocasião se enfrentaram—Uma lembrança horrível—, mas ambos ficaram desolados e não aproveitaram a oportunidade para abrir seus respectivos corações, e estabelecer uma nova relação em pé de igualdade entre uma mãe adulta e um filho adulto.

Isso mudaria. Teria que mudar. Peter estava decidido a falar com ela. Não cederia ante a vontade de ferro de sua mãe. Mas parecia absurdo que o motivo da briga fosse uma cozinha cor lavanda.

Peter passou muitos momentos antes do Natal fora de casa. Gostava de ir à casa da viúva, onde permanecia às vezes várias horas, acendendo o fogo na sala de estar e gozando da paz que encontrava ali. Esta casa sempre o encantou, e por isso a mantinham em excelente estado mesmo sabendo que durante toda sua vida só habitou esta casa as instrutoras das garotas e os tutores que ele teve antes de ir para escola e às vezes durante as férias escolar. Era uma pequena mansão situada no centro de um bonito jardim em um canto afastado do grande imóvel.

De fato, seria a residência ideal para sua mãe. Visitou novamente seus vizinhos. E foi ver Theo.

—A propósito, devo agradecê-lo —disse Theo quando estavam na biblioteca bebendo conhaque—por ter levado Susanne Osbourne para visitar minha mãe e Edith em Bath. Ambas me escreveram no dia seguinte para me contar . Suponho que como eu estava no colégio quando Osbourne morreu e Susanne desapareceu, não soube da consternação que causou essa tragédia. Durante todos estes anos minha mãe não deixou de pensar que Susanne tivesse morrido.

— Ainda tem essas cartas?—Inquiriu Peter.

—Certamente —respondeu Theo estendendo seus pés calçados em umas botas—. Estavam no fundo do cofre no velho escritório de Osbourne, em que eu não olhava nunca, no meio de uns velhos documentos que devo examinar um destes dias. Nem sequer li a carta que Osbourne dirigiu a meu pai até que minha mãe escreveu contando. A carta de Susanne continua selada. Imagino que deveria remeter-lhe embora mamãe ache que ela já não se interessa saber o conteúdo da carta. O qual não deixa de ser estranho.

—Acredito que na realidade teme saber alguma coisa ao ler essa carta —disse Peter.

—Como? —Perguntou Theo aproximando mais um pé ao fogo—. Do que tem medo? Dos fantasmas? Suponho que alguém poderia ficar aborrecido ao ler uma carta escrita há mais de uma década do punho e letra de um defunto.

—Acredito realmente que tema o que possa ser encontrado nela —disse Peter—. Às vezes é melhor não saber o que alguém acredita que desapareceu para sempre no passado. Mas me pergunto se o fato de não saber, causará amargura agora que conhece a existência dessa carta. Sabe ela que ainda existe?

—Não a menos que minha mãe tenha dito —respondeu Theo—. Às vezes lamento não ter um secretário. Escrever cartas não é meu passatempo favorito. Mas suponho que de vez em quando a gente não tem mais escolha senão escrever uma carta. Não posso enviar a de seu pai sem um comentário a respeito, verdade?

—Acredita que a carta que Osbourne escreveu a seu pai pode conter algo que não consta na da Susanne? —Perguntou Peter—. Recorda que a escreveu a uma menina de doze anos.

Theo arqueou as sobrancelhas e refletiu sobre a pergunta enquanto contemplava o fogo e bebia outros dois goles de seu conhaque. Então olhou para Peter.

—Ouça, Whitleaf, por que se interessa tanto por este assunto? —Perguntou.

—Por isso —respondeu Peter—. Porque me interessa.

—Disse-me que conheceu Susanne este verão —disse Theo—. Logo esteve com ela nada menos que em um concerto na abadia de Bath, depois em Sydney Gardens e logo na casa de Edith. Por acaso é sua amante? Morley não acharia graça nenhuma se tivesse levado sua amante para visitar Edith.

Mas a imagem devia parecer muito cômica, porque emitiu uma breve risada e terminou inclinando a cabeça para trás e soltando uma sonora gargalhada.

—Provavelmente ele desmaiaria —disse—. Deus sabe o que é que Edith vê nele, mas seu casamento foi por amor.

—Susanne não é minha amante —respondeu Peter sem rir—. E agradeceria Theo, que não volte a insinuar isso. Pedi-lhe que se casasse comigo e ela recusou.

—O que? —Theo franziu o cenho—. Por que diabos fez isso? É uma professora não? E que eu saiba você é um visconde. Para ela seria uma união mais que vantajosa.

Peter se absteve de responder a esse comentário.

—Acredito que é preciso que conheça a verdade —disse—. Tudo o que você e sua mãe sabem e o que ambas as cartas podem revelar. Talvez cause a ela uma profunda consternação, mas não acredito que ela possa deixar o passado para atrás até que saiba toda a verdade. Seu pai era tudo o que ela possuía Theo e decidiu dar um tiro na cabeça.

—Nisso tem razão —conveio Theo—. Pobre garota, pergunto-me se gostaria de passar o Natal aqui. Estou seguro que Edith adoraria, e acredito que minha mãe também ficaria feliz; a propósito, chega depois de amanhã. Eu perguntarei. Bem pensado, também gostaria de voltar a ver Susanne. Queria muito bem a ela. Lembro-me que um verão a ensinei a remar em um bote. Ela fazia muito bem, embora não era mais que uma criança com braços como paus e um cabelo vermelho espetacular. Ainda conserva essa cabeleira?

—É de cor acobreada —respondeu Peter.

Não tratou de induzir Theo para convidá-la a Fincham. Pensou que seria conveniente que Theo fosse a Bath, acompanhado por lady Markham e levando as duas cartas, para que ambos pudessem passar alguns dias com Susanne e ajudá-la a enfrentar o passado.

—Convidará Susanne para vir? —perguntou.

Theo o olhou e emitiu uma risadinha antes de levantar-se para ir em busca de mais conhaque.

—Certamente —respondeu—, e então você decidirá se quer vir a Fincham todos os dias. Diga-me, quando Susanne rejeitou seu pedido, disse com firmeza? Ficou decepcionado? São perguntas retóricas, Whitleaf, a vida sentimental de outro homem não me interessa. Mas trarei Susanne aqui se aceitar meu convite. Embora, certamente, pode ser que não aceite. Tenho a impressão que é uma jovem de caráter, tal como demonstrou aos doze anos. Mais conhaque?

Theo sustentou a licoreira sobre o copo de Peter.

—É excelente —disse Peter elevando seu copo—. Suponho que seja contrabandeado.

—Acaso existe outro? —Replicou Theo.

Ela não vai aceitar, pensou Peter. Claro que não aceitaria.

Era absurdo mesmo pensar, em como ele se comportaria caso ela aceitasse o convite de Theo. Evitaria pôr os pés em Fincham? Ou apareceria todos os dias?

Isso não saberia nunca. Estava convencido que ela não viria.

***

Eleanor Thompson se juntou à equipe da escola da senhorita Martin como professora de geografia e matemática. No princípio Claudia supôs que ela começaria depois do natal, mas a senhorita Thompson estava impaciente para começar imediatamente, de modo que se transladou para a escola diretamente do seu hotel e assumiu seus deveres, assim que Claudia acertou o horário e a carga de trabalho.

No início se tornou muito popular tanto entre as alunas como entre suas colegas professoras. Dirigia suas aulas com bom humor e bom senso. Chegou muito tarde para fazer algo espetacular —segundo o termo que ela mesma empregou— para o concerto natalino, como dirigir uma peça ou um coro ou organizar um baile consistente em que cada participante dançasse ao redor de um poste decorado com grinaldas, flores, bandeirolas e fitas coloridas sustentando uma das fitas enquanto estas ficavam se entrelaçando. Em vez disso, realizaria uma tarefa menos coloridas nos bastidores, conforme anunciou no dia seguinte a sua chegada, dedicando praticamente cada momento que tivesse livre a dirigir a um grupo de alunas voluntárias para plasmar os esboços do senhor Upton em diversas decorações, empunhando ela mesma em muitas ocasiões um pincel.

—E pensar —disse uma tarde emitindo um suspiro de cansaço na salinha de Claudia enquanto esfregava uma persistente mancha de pintura no indicador direito—, que até que Christine tivesse se casado com Bewcastle e mudou todas as nossas vidas eu pensava que a vida ideal consistia em ficar em nossa casa lendo tranquilamente um livro.

—Continua pensando o mesmo? —Perguntou Susanne com um sorriso malicioso.

Eleanor riu.

—De vez em quando —confessou—. Como esta manhã, por exemplo, quando Agnes Ryde soltou um palavrão cockney porque não podia resolver um problema de matemática e resisti a tentação de fingir que não tinha entendido. Suponho que influi o fato de que Agnes é uma de minhas alunas preferidas, embora esteja certa, Claudia, que me dirá que as professoras não devem ter alunas favoritas. Agnes é uma garota com caráter.

—Às vezes muito —lamentou-se Claudia— Mas é impossível não sentir simpatia por ela.

—Ontem disse-me —atravessou Lila—que aprender a falar corretamente e fingir que é uma duquesa, como eu havia sugerido, foi divertido. Inclusive sorriu ao dizer. Em seguida, arqueou uma sobrancelha com gesto altivo e ofereceu-me a mão para que a beijasse.

Todas começaram a rir, e Susanne ficou em pé para servir a todas uma segunda xícara de chá.

—Ficou aborrecida com a carta que recebeu esta manhã, Susanne? —Inquiriu Claudia quando reataram a conversa.

No princípio Susanne supôs que seria de Frances ou de Anne, mas logo viu que estava escrita em uma letra que desconhecia.

—Era de lady Markham de Fincham Manor —respondeu—. Está em Hertfordshire, onde cresci —acrescentou se por acaso Lila e Eleanor não sabiam.

—E? —Perguntou Claudia, sustentando sua xícara a meio caminho da boca.

—Convidaram-me para passar o Natal ali —disse Susanne—. Edith e o senhor Morley e seu filho também irão. Meu convite procede diretamente de sir Theodore Markham. É muito amável por parte dele e de lady Markham, que suponho tenha falado sobre nosso encontro em Bath há algumas semanas, mas como é natural eu recusarei.

Teria respondido hoje para ela, mas estive ocupada e corrigindo os exames depois das aulas.

—Mas Susanne —disse Lila em tom de duvida—, vai recusar a oportunidade de passar as férias com um baronete e sua família em sua propriedade?

—Certamente —respondeu Susanne sem deixar de sorrir—. Gozei de duas semanas de férias no final de agosto. Seria muito egoísta de minha parte pedir mais dias de férias.

—Lila e eu ficaremos aqui durante as festas natalinas, assim como Claudia, para nos ocupar das internas que vão permanecer na escola —disse Eleanor.

—É que não desejo ir —insistiu Susanne—Prefiro ficar aqui com vocês.

Seguiram conversando alguns minutos, até que Eleanor levantou-se e declarou com tom jovial que ia dormir para sobreviver a outro dia como professora. Lila foi com ela. Susanne começou a segui-las depois de empilhar os pratos na bandeja, mas Claudia a deteve.

—Essa carta continha alguma coisa que a desgostou mais que um mero convite para passar o Natal —disse—. Quer falar disso, Susanne? Mas só se desejar.

Susanne olhou para Claudia por um momento antes de suspirar e sentar-se de novo em sua poltrona.

—Não posso retornar a Fincham Manor, Claudia —disse—. Há muitas lembranças amargas associadas com esse lugar.

—E está muito perto de Sidley Park — acrescentou Claudia. Não era uma pergunta.

—Sim. —Susanne abaixou a vista e olhou as mãos.

Ambas guardaram silêncio uns momentos. Nenhuma havia mencionado o nome do visconde de Whitleaf a partir da tarde em que Susanne despediu-se dele. A dor foi muito intensa para compartilhar sequer com sua melhor amiga e Claudia, como de costume, Intuiu e respeitou seu desejo.

—Não acredita que talvez convém que retorne? —Perguntou Claudia rompendo o silêncio—. Agora que, você goste ou não, o passado tornou a aflorar, não acredita que deveria resolvê-lo de uma vez para sempre?

—Há algumas cartas —disse—. Não falei delas para você depois de minha visita a Edith. Meu pai escreveu duas cartas antes de morrer, uma para sir Charles Markham e outra para mim. As duas continuam guardadas no cofre em Fincham. Theodore pediu a lady Markham que me perguntasse, caso eu desejasse, remeteria a minha, mas aconselha que vá a Fincham para ler ambas as cartas e comentar com ele sobre elas.

—Pobre Susanne! —Exclamou Claudia—. Que surpresa foi para você, embora seja bom saber que seu pai escreveu-lhe uma carta antes de tirar a própria vida. E que emocionante saber que essa carta ainda existe! Se desejar a enviarei para Finchan amanhã mesmo para que não tenha que esperar um dia mais do necessário.

—Não quero vê-la —respondeu Susanne. Claudia a olhou assombrada.

—Já sei por que se suicidou —explicou Susanne—, e não vou suportar ler o que ele achou que devia dizer a uma menina de doze anos. Meu pai amava à viscondessa de Whitleaf, Claudia, mas ela se comportou muito mal com ele e destroçou seu coração. Lady Markham contou-me há algumas semanas que no passado de meu pai havia algo vergonhoso e que poderiam dispensá-lo, afundando meu pai ainda mais na desgraça e miséria, mas eu não acreditei. Conheço a verdade. A viscondessa de Whitleaf matou meu pai

como se ela mesma tivesse apertado o gatilho. Ou digamos que o que o matou foi sua fraqueza ao ser incapaz de viver com o coração destruído.

Já estava. Havia dito em voz alta. Tratei de nunca mais pensar nisso, em que uma pessoa pudesse exercer um poder emocional tão intenso sobre outra e que a outra pessoa não tivesse o caráter ou a força de vontade de resistir. Eu os vi juntos. Eu ouvi o que disseram. Sabia. Sempre soube.

Seu pai a abandonou, a deixou para sempre porque era incapaz de viver sem o amor de uma mulher cruel e que não se importava com nada que acontecesse com ele. Essas foram as palavras que empregou a própria viscondessa.

Não era de se estranhar que Susanne tremeu ao ouvir o nome de «*Whitleaf*» na estrada rural perto de Barclay Court neste verão.

—Ai, Susanne —disse Claudia. Nada menos que a condessa de Whitleaf! Pobrezinha.

—Agora compreenderá por que não quero saber de nenhum deles —respondeu Susanne—. Nem dele.

Claudia suspirou.

—Por que nos empenhamos em acreditar que podemos controlar nossas vidas sempre e quando trabalharmos com esforço, vivemos como é devido e não interferindo na vida dos outros?—perguntou—. Não merece tudo isto. Nem merecia quando tinha doze anos. Mas é uma realidade e não pode fugir dela.

—Engana-se —replicou Susanne—. Tudo isto é história. O que importa é o presente. Tenho minha vida e minhas amigas aqui, no presente e sinto-me feliz, Claudia. Asseguro-lhe isso.

—Exceto —disse Claudia—que o sol desapareceu de sua vida, Susanne.

Ambas se olharam.

—É possível que ninguém tenha reparado nisso —prosseguiu Claudia—. Você parece tão viva, animada e trabalhadora como sempre. Ri tanto como antes. Mas há muito tempo que a conheço, e amo você como se você fosse minha irmã, e eu sei que o sol desapareceu de sua vida.

Susanne fechou os olhos brevemente e voltou a abri-los.

—Só preciso de tempo —disse— Vou mostrar-lhe um coração quebrado pode ser consertado, Claudia, que a vida sempre merece ser vivida. Só preciso de um pouco de tempo, isso é tudo.

Susanne pensou que era inútil negar a Claudia —ou a si mesmo—que seu coração estava destroçado. Às vezes perguntava para si mesma se teria a força necessária para recusar essa oferta de casamento se caso Peter voltasse a fazer. Por sorte, não havia perigo que isso ocorresse. À margem de todas as demais considerações —que não eram poucas—, jamais poderia casar-se com o filho da viscondessa de Whitleaf.

—Vou te dar um conselho embora não tenha pedido. —disse Claudia—, um poder que todos os professores da escola, para melhor ou para pior, dominamos. Aceita o convite. Vá passar o Natal em Fincham Manor. Escute o que sir Theodore Markham tem a dizer. Lê sua carta e a outra caso ele ofereça. Saiba da verdade através das palavras de seu pai, saiba do ponto de vista de sir Theodore. Você acredita conhecer o pior, de modo que nada mais pode causar um grande desgosto. Retorne ao lugar de onde fugiu há onze anos e afasta alguns fantasmas de sua vida; Quanto ao visconde de Whitleaf e sua mãe, aconselho que os veja

também se por acaso a oportunidade se apresentar, ou evite-os se desejar. Mas enfrente isso, Susanne. Resolva o problema para que o sol retorne a sua vida.

— Sinto muito—respondeu Susanne— como se no verão tivesse feito em mim uma ferida e volta e meia ela cicatriza. Asseguro que neste momento está cicatrizada Claudia. E não quero... Não vou suportar...

—Mas a carta que recebeu esta manhã tornou a fazer com que novamente a ferida se abrisse —observou Claudia—. Durante quanto tempo deixará que continue supurando, agora que sabe que seu pai falou alguma coisa antes de morrer e que você nega a escutar? Essa ferida voltará a abrir-se outra vez porque você está se negando a curá-la.

—Posso dizer ao Theodore que envie a carta para mim aqui —disse Susanne.

—Certo —respondeu Claudia. Parecia como se fosse acrescentar algo mais, mas fechou a boca.

—É tarde —disse Susanne olhando o relógio no suporte da lareira—, e estou muito cansada. Você também deve estar.

—Sim —disse Claudia levantando-se—. Suspeito que condenei você a passar a noite acordada, Susanne. Mas suponho que de todas formas não fecharia o olho depois de receber essa carta. Não deixa de ser curioso que um fato possa ser a causa inocente de outro feito que não está relacionado com ele, verdade? Ambas nos alegramos muito quando Anne retornou em agosto de Gales para que você pudesse ir a Barclay Court com Frances e o conde. Se Anne ficasse mais um dia fora, nada disto teria acontecido. Embora possivelmente tivesse acontecido de todas formas. Talvez seja impossível evitar nosso destino. Sim, devo estar cansada, porque não deixo de dizer tolices.

Susanne abandonou a sala e depois subiu para seu quarto. Minutos mais tarde estava na cama, debaixo das cobertas para proteger-se do frio noturno. Mas não conseguiu conciliar o sono por um bom tempo.

Se Anne tivesse voltado para casa um dia mais tarde! E se a duquesa de Bewcastle e a viscondessa de Ravensberg não tivessem organizado uma recepção de casamento para Anne e o senhor Butler em Bath? E se ela não tivesse ido à Abadia de Bath para assistir ao concerto vespertino e não tivesse visto de novo lady Markham e Edith! E se não soubesse que seu pai escreveu-lhe uma carta!

E se Claudia concordasse com ela em sua decisão de responder amanhã à carta de Theo recusando seu convite e declinando também sua oferta de remeter a carta de seu pai?

Por que não queria ler essa carta? Estas perguntas fez com que voltasse a acordar justamente quando começava a dormir.

Acaso pretendia voltar as costas para seu pai assim como ele voltou as costas para ela? Tratava-se de uma vingança pelo sofrimento que ele lhe causou? Embora não estivesse vivo desejava ainda magoá-lo?

Papai, pensou afundando a cara no travesseiro.

Fazia muitos anos que não pensava nele com esse nome.

Por fim, pouco antes de dormir, compreendeu que não tinha opção. Solicitaria a Theodore que remetesse a carta para Bath, satisfazendo o intenso desejo que sentia em seu interior, embora duvidasse. Mas havia outros pormenores que deveria saber, lugares a visitar, pessoas com quem falar.

Teria que retornar.

Teria que ouvir tudo, ver tudo, ler tudo.

Talvez pudesse fazer isso sem ter que ver o visconde de Whitleaf. No final das contas, somente em uma ocasião quando era criança, ela o viu em Finchan Manor.

Se,por azar voltasse a vê-lo, em tal caso...

Mas sua mente não podia enfrentar essa possibilidade.

Deve avançar passo a passo.

Bastava que esta noite decidisse retornar.

Bastava isso para aterrorizá-la.

Entretanto, depois de tomar esta decisão conseguiu dormir.

CAPÍTULO 21

Susanne chegou a Fincham Manor a tarde, três dias antes do Natal. Havia partido de Bath pela manhã depois do concerto natalino e todas as atividades relacionadas com o fim do curso. Antes de empreender a viagem já estava cansada, e quando finalizou estava exausta.

O fato de que ficasse aterrorizada por ter vindo não contribuía sua paz de espírito.

Susanne perguntou-se o que sentiria ao entrar novamente nessa casa depois de tantos anos. Quando abandonou Finchan Manor tinha onze anos, seu pai acabava de suicidar-se e ela ouviu lady Markham referir-se a ela como uma carga.

Mas embora tudo parecia ser assombrosamente familiar, ao mesmo tempo causava a impressão de que era um lugar que visitara em outra vida. Não sentia um intenso vínculo emotivo com ele.

Desta vez, como é lógico, ficaria em um quarto para convidados na parte principal da casa em vez do bonito quarto no sótão, ao lado de seu pai. Agora era hóspede da família.

Edith e o senhor Morley chegaram cedo para passar o Natal e esperavam outros convidados. Toda a família dispensou a Susanne uma ardorosa boas vindas; Inclusive, Theo estreitou sua mão com afeto, depois de fazer uma reverência ao mesmo tempo que assegurava que ela havia se tornado uma grande beleza. Ele tornou-se um homem alto e forte, com o cabelo escuro e rebelde e um rosto afável. Susanne o adorava quando era criança e continuava sentindo por ele uma simpatia instintiva.

—Suponho que queira refrescar o corpo e trocar-se para jantar, Susanne —disse Theo—. Posso continuar chamando você de Susanne?

—Somente se eu puder continuar chamando-o de Theo —respondeu ela.

Ele riu de boa vontade.

Quando o jantar terminou e ela tomava uma xícara de chá, na sala de estar com lady Markham e Edith, enquanto os dois cavalheiros bebiam vinho do porto na sala de jantar, a jovem sentiu que seus olhos estavam fechando de sono.

—Susanne está muito cansada —disse lady Markham quando os cavalheiros retornaram—. Acredito que seria melhor postergar a conversa que pensava manter com ela até manhã, Theo.

Sua carta. Foi nesta mesma casa que seu pai escreveu uma carta para ela pouco antes de morrer e Susanne veio somente para lê-la. E agora estava quase transtornada pela impaciência para sustentá-la em suas mãos e a ler. Mas esta noite não. Deveria estar bem acordada e sentir-se forte.

—Eu ia sugerir o mesmo, mamãe —respondeu Theodore—. Está bem, para voce, Susanne? Prefere dormir agora?

—Sim, por favor —respondeu levantando-se—. Obrigada, Theodore. E obrigada por convidar-me a vir.

—Então falaremos amanhã —disse ele—. Amanhã chegarão outros convidados.

Lady Markham acompanhou Susanne até seu quarto.

—Estou muito feliz por você ter vindo—disse—. Sempre pressenti que a história não havia terminado totalmente. E mais ainda depois que a vi em Bath. Agora talvez possamos pôr um ponto final nessa história, Susanne, e continuar sendo amigas depois que você retornar para sua escola. Boa noite. Durma bem.

Com efeito, Susanne dormiu como uma pedra. Não recordou nada entre o momento em que apoiou a cabeça no travesseiro e quando despertou ao ouvir uma criada acender o fogo na pequena lareira de seu quarto. Na mesinha ao lado de sua cama havia uma fumegante xícara de chocolate.

Que luxo!

Mas enquanto vestia seu vestido, depois de um momento, notou que seus dentes tocavam castanholas, nem tanto de frio, mas sim pelo temor com o que a manhã proporcionaria.

Mas em primeiro lugar teria que descer para tomar o café da manhã, sorrir, falar de coisas corriqueiras e assegurar a Edith —com sinceridade—que gostaria de subir com ela ao quarto das crianças para ver Jamie.

—Ainda não, Edith —disse Theodore levantando-se ao término do que parecia um café da manhã interminável—. Susanne e eu vamos resolver um assunto. Irei em busca de sua carta, Susanne, para que a leia onde preferir, em seu quarto ou na sala de estar, que a estas horas do dia sempre está vazia. Ou na biblioteca, se preferir.

Mas Susanne não podia esperar que ele a trouxesse, de modo que se levantou também.

—Se me permite irei com você Theo —disse.

—Certamente —respondeu ele, e Susanne saiu com ele da sala.

Mas ele vacilou alguns instantes em frente a uma outra sala, com a mão apoiada no trinco, e Susanne compreendeu imediatamente o motivo. Era o escritório de seu pai. Onde ele suicidou-se com um tiro.

—Entrarei—disse Theo sorrindo a Susanne amavelmente—. Em seguida volto.

—Por favor —respondeu ela tocando-lhe o braço—, permita que entre contigo.

Theo emitiu um sonoro suspiro e abriu a porta para deixar que ela o precedesse.

Era uma sala que parecia a Susanne desagradavelmente familiar, mesmo não tendo entrado nela muitas vezes quando era menina. Na maioria das vezes seu pai costumava deixar a porta entreaberta, e frequentemente ela parava em frente a porta, aspirando o aroma de couro e a tinta e escutando a voz grave e agradável de seu pai quando falava com alguém ali dentro. Frequentemente era Theodore, e ela os ouvia conversar sobre cavalos, corridas de cavalos ou pesca, Theodore com entusiasmo, seu pai com um tom mais moderado. Susanne sempre desejou abrir a porta e entrar para participar da conversa. Talvez seu pai não teria ordenado que saísse, mas sim a teria acolhido com afeto e teria deixado que ela sentasse em seus joelhos. Talvez —e isso constituía um pensamento

insólito— ele sentiu-se tão abandonado por ela como ela por ele. Talvez tivesse pensado que como ela era uma menina preferia a companhia de Edith.

Susanne deteve-se junto à mesa, deslizando a mão sobre os cantos de couro enquanto Theodore a observava em silêncio. Ela o fitou e esboçou um pequeno sorriso.

—É estranho retornar a uma parte de sua vida que acreditava ter desaparecido para sempre —disse.

—Faz frio aqui —respondeu Theodore depois de observá-la por alguns momentos—. Apanharei a carta para que possa ir a um lugar quente para ler.

—Obrigada —respondeu ela. Supôs que na sala estivesse fazendo frio pois a lareira não estava acesa e o vento batia sobre as janelas, além das quais via que o céu estava escuro. Mas embora não vestisse uma roupa de inverno nem o suave xale de caxemira que Claudia lhe deu, como um presente de Natal antecipado, esta manhã sentia frio—. Prefiro ler a carta aqui. Permita-me que faça isso, Theo?

Neste lugar seu pai escreveu aquela carta, pensou, nesta mesa. Pouco antes de...

Theodore não se opôs. Abaixou-se para acender o fogo, depois do qual abriu o cofre. Retornou sustentando um papel dobrado e selado. Susanne observou que as bordas estavam amareladas.

—Deixarei você sozinha um momento —disse Theo—, e logo retornarei para responder às perguntas que queira me fazer, caso seja capaz de responder. Eu estava no colégio quando ocorreu, e não me explicaram muitos detalhes. Mas li a carta de meu pai e falei com minha mãe.

—Obrigado —respondeu ela, mas quando Theo lhe entregou a carta, percebeu que eram duas. Pegou-as e fechou os olhos até que ouviu Theo fechar a porta silenciosamente atrás dele.

Então sentou-se atrás da mesa e olhou os envelopes que sustentava na mão.

Sua carta era a primeira. As palavras Senhorita Susanne Osbourne estavam escritas com a letra firme, inclinada e elegante que reconheceu em seguida como sendo de seu pai. A mão não tremeu nem sequer nesses momentos, pensou ela ao depositar a outra carta na mesa, mas sua mão tremia ao sustentá-la. Deslizou o polegar debaixo do selo e o rompeu antes de desdobrar o envelope.

Querida Susanne —leu—, sem dúvida pensará que te abandonei, que não a queria o suficiente para viver por sua causa. Quando for mais velha, talvez compreenda que não é assim. Minha vida, caso continuasse vivendo, mudaria brusca e drasticamente, e a sua também. É possível que se fosse sozinho, tivesse enfrentado essa mudança, como enfrentei na outra vez quando era muito mais jovem. Quem sabe? Mas não posso submetê-la a isto. Fui acusado por dois delitos terríveis, um dos quais cometi, mas o outro não. Mas minha inocência no segundo caso não importa. Ninguém acreditará nela porque sou culpado do primeiro delito.

Estou destruído, como possivelmente mereça. Sua mãe já pagou o preço. Chegou o momento que eu pague também. Faço-o, ou pelo menos tento convencer-me disso, para conferir a minha vida um toque de nobreza no último momento, para que você possa viver. Tem uma família, Susanne, a minha e a de sua mãe. Qualquer uma delas a acolherá de bom grado. Teriam acolhido você quando nasceu, mas fui muito egoísta para renunciar a você. Dei instruções a sir Charles e se reunirá com sua família. Eles a tratarão muito bem, são boa

gente. Gozará de uma infância protegida e feliz e de um futuro brilhante. Prometo-lhe isso, embora neste momento, enquanto estiver lendo esta carta, a vida pareça não oferecer esperanças. Peço seu perdão minha querida filha. Asseguro que a amo e que sempre a amei.

Papai.

Susanne esfregou a parte lateral do polegar sobre essa última palavra. Papai. Ela o chamava assim? É claro. Foi mais tarde quando começou a chamá-lo «meu pai.»

Faço-o para que você possa viver.

É possível se estivesse sozinho teria enfrentado essa mudança.

Não dizia nada sobre a viscondessa de Whitleaf nem o fato de ter optado por suicidar-se em vez de viver sem a mulher que amava. Mas que pai teria feito semelhante confissão a uma filha de doze anos?

Era indubitável que amava à viscondessa. Ela viu os dois juntos uma tarde, pouco antes de seu pai morrer. Ocultou-se debaixo de uma cerca viva junto à estrada que discorria de Fincham à aldeia, disposta a sair porque supunha que Edith se cansou de brincar e foi para casa para esperar que Susanne aparecesse. Mas de repente apareceu seu pai, caminhando junto a lady Whitleaf até que ambos pararam a pouca distancia de onde ela se encontrava. Susanne ficou quieta, pois sentiria-se envergonhada que a vissem sair debaixo de uma cerca viva; Podia vê-los, embora acreditava que eles não a vissem.

—Acredita que me importa? —Havia dito lady Whitleaf com um tom cheio de desprezo, agitando a cabeça de forma que a pluma rosa que usava em seu chapéu de montaria roçou a orelha—. Você não me importa nada, nunca me importei com você. —Susanne pensou que era muito bela.

—Sinto muito— respondeu seu pai, tomando sua mão e aproximando-a a seus lábios—. Sinto sinceramente.

—Vai se arrepender por ter sido tão ambicioso —falou lady Whitleaf retirando sua mão bruscamente—. E por ter me assediado .

— Assediado? —Seu pai retrocedeu um passo—. Lamento que tenha interpretado minhas ações dessa forma.

—Assim é justamente como interpretei —replicou a dama olhando-o como se fosse um verme que ela pudesse esmagar com o pé—. Pensar que ia olhar para um mero secretário governamental! Espero que tenha o coração destroçado. É o que merece. Espero que o desespero o leve a morte.

Em seguida lady Whitleaf esporeou seu cavalo e afastou-se rapidamente pelo caminho.

Enquanto Susanne permanecia paralisada em seu esconderijo, mordendo o joelho através da malha de algodão de seu vestido, observou seu pai pasar a mão pelo rosto com gesto lento antes de caminhar novamente para casa.

Susanne concentrou-se novamente no presente e na carta que sustentava. Ouviu o crepitar do fogo na lareira. Inclusive sentiu um pouco de calor procedente do lareira.

Tinha uma família, tanto pelo lado materno como paterno. Eles a teriam acolhido, mas não a seu pai. O que fez ele para ofendê-los até esse extremo?

Fui acusado de dois delitos terríveis, um dos quais cometi...

Sua mãe já pagou o preço e agora era sua vez. O preço final para o quê? Que terrível crime exigia a morte de duas pessoas?

Seu pai suicidou-se pelo bem dela. Sem ela, talvez tivesse continuado lutando. Negou-se a separar-se dela ao nascer, embora poderia tê-la enviado a viver com sua família ou a de sua mãe. Foi muito egoísta para renunciar a ela.

Susanne apoiou a testa na mesa, sobre a carta aberta.

Em seu corpo e sua mente buliam um sem-fim de pensamentos e emoções!

Mas apenas um pensamento rompeu com clareza, melhor dizendo, a lembrança de três palavras escritas no papel debaixo de sua testa.

..Minha querida filha.

Theodore não demoraria para retornar, pensou de repente, e voltou a levantar a cabeça. A carta de seu pai expunha tantas perguntas como respostas. Talvez houvesse algumas respostas...

Estendeu a mão para a outra carta, cujo selo, conforme observou, estava quebrado. Mas desejava descobrir os segredos de seu pai? Como não ia desejar isso, depois de ler a carta que ele escreveu-lhe? Era possível que as coisas não fossem como ela sempre suspeitou? Poderia eliminar um dos impedimentos de seu casamento com Peter, embora existissem outros mil?

Aproximou a carta dirigida a sir Charles e a abriu. Seus olhos fixaram-se em seguida no corpo da letra, apertada e escrita com mão tão firme como na carta dirigida a ela.

Há uns anos você me escutou amavelmente —leu Susanne—*, quando contei meus sórdidos segredos, que ocultei de todos Durante um longo tempo, antes que a viscondessa de Whitleaf soubesse. Os chantagistas nunca mereceram nenhuma consideração e tampouco suas vítimas, que se deixam chantagear. Você teve inclusive a bondade de negar-se a aceitar minha demissão, pelo menos até comprovar que a dama estava disposta a dizer e a gravidade do escândalo que estalaria como consequência disso.*

Não obstante, a situação ficou insustentável. Agora que a ameaça de lady Whitleaf de contar minha história se viu frustrada, esta decidiu revelar ao mundo a farsa de que eu a assediei e até mesmo a violei. Seria uma mentira absurda, a não ser por dois fatos que pesarão contra mim e a favor da história de Lady Whitleaf e ela se encarregará de propagar aos quatro ventos. São as fofocas sobre minha pessoa e esta dama em Londres no ano passado e a verdade é que, durante um tempo fomos amantes. Meu engano —um de muitos que cometi em minha vida—foi tentar pôr fim a nossa relação em vez de esperar que ela fizesse isso.

Desgosta-me que por minha culpa o escândalo caia sobre você, sua família e esta casa. Não poderá continuar me defendendo. Estou perdido e é possível que eu enfrente um processo penal. Não vejo outra saída salvo fazer o que já devia ter feito quando estiver lendo esta carta. Talvez minha morte consiga silenciar à dama e impedir todo o escândalo, exceto o inevitável resultado de meu suicídio.

Mas não posso esperar até ter abandonado Fincham. Devo pensar também em Susanne. Lady Markham e a senhorita Markham sempre foram muito boas com ela, pelo qual não tenho palavras para expressar minha gratidão. Rogo-lhe que demonstrem uma vez mais sua bondade. Enviem-na a casa de meu pai com a carta que anexo. É um homem bom e honrado. Ele oferecerá a ela um lar, compreensão e carinho.

Agradeço sir Charles, por me conceder o privilégio de lhe servir...

Susanne não leu as últimas frases. Depositou a carta sobre a outra na mesa.

De modo que ela estava certa, embora não no modo que imaginou. Lady Whitleaf conduziu seu pai à morte. Esse pequeno fragmento de conversa que ela ouviu entre eles significou algo diferente do que ela imaginou, mas o resultado foi o mesmo.

Salvo que seu pai não morreu porque amava à viscondessa, mas sim em parte, devido a seu amor por ela.

. ... Minha querida filha.

Susanne compreendeu que devia ter levado algum tempo refletindo sobre as cartas quando ouviu uma breve chamada na porta e Theodore entrou no escritório. Ausentou-se durante uma hora, como comprovou ao olhar o relógio sobre o suporte da lareira.

—Trouxe uma xícara de chá —disse ele depositando-a sobre a mesa antes de atiçar o fogo para avivá-lo.

—Theodore, que grave delito cometeu meu pai no passado? —Perguntou ela.

Theodore endireitou-se e a fitou.

—Está certa de que...? —Respondeu.

—Sim. —Susanne agarrou os extremos de seu xale com ambas as mãos e o ajustou sobre os ombros, embora no aposento já não fazia tão frio como antes—. Preciso saber.

—Meu pai contou a minha mãe —disse Theodore—. Sua mãe estava casada com o irmão mais velho de seu pai, Susanne, mas ela e seu pai... amavam-se. Aparentemente, o irmão de seu pai o encarou exigindo uma explicação e houve uma briga e o resultado foi que seu tio morreu. A família informou que tudo foi um trágico acidente, e suponho que foi mesmo, mas obrigaram seu pai a partir. Sua mãe o seguiu e se casaram. O fato de casar-se com a viúva de seu irmão não é proibido expressamente, mas também não é bem visto. E isso ocorreu aproximadamente um mês depois que sua mãe ficou viúva. O caso é que as duas famílias o repudiaram.

Theo estava falando de seus pais, pensou Susanne crispando os punhos sobre a mesa enquanto observava os nós de seus dedos tensos e pálidos.

—Um ano mais tarde sua mãe morreu —disse Theodore—. Meu pai a conheceu. Disse a minha mãe que seus pais amavam-se profundamente, Susanne. Minha mãe também disse que você parecia com ela.

Sua mãe tinha morrido quando ela nasceu. Susanne mordeu o lábio superior. Ela arriscou tudo, inclusive o escândalo e o ostracismo e depois morreu de parto.

E seu pai suicidou-se doze anos mais tarde quando seu passado foi descoberto e uma mulher perversa tentou destruí-lo. Susanne imaginou o profundo sentido de culpa que seu pai abrigou por tantos anos, desde que o conhecia. Mas sempre se mostrou cortês, amável e afetuoso.

Ela era parecida com sua mãe.

—Meu pai encarou lady Whitleaf depois do funeral —disse Theodore—. Ela negou que queria prejudicar gravemente seu pai, como indica esta carta que repousa junto a sua mão. Disse que seu pai era presunçoso e tomou certas liberdades com ela, e então ela decidiu queixar-se dele a meu pai em particular, isso é tudo. O assunto foi arquivado, mas a partir de então produziu-se certa frieza entre meus pais e lady Whitleaf. Meus pais acreditaram na versão de Osbourne.

Susanne estendeu as mãos, com as palmas para cima, e as observou atentamente.

—A terceira carta foi remetida a seu avô —disse Theodore—, embora não puderam enviar você junto com ela. Acredito que seu avô também tentou procurar seu paradeiro, mas desapareceu sem deixar rastro até que Whitleaf a encontrou no verão passado.

—Não desapareci sem deixar rastro —respondeu Susanne enquanto bebia o chá, reconfortada pelo líquido quente—, e Whitleaf não me encontrou.

—De certo modo, sim —disse Theo sorrindo—. Quer que acompanhe você até a sala de estar onde estão minha mãe e minha irmã?

—Sim —respondeu ela suspirando—. Theodore, talvez deva partir amanhã e retornar a Bath para que desfrutem de um natal familiar tranquilo, sem que sintam obrigados a ocupar-se de mim.

—Isso partiria o coração de Edith —respondeu ele—, e minha mãe ficará muito desolada. Tampouco eu gostaria que se fosse. Lembre-se que hoje chegam outros convidados.

—Mais motivo para que eu vá —disse ela franzindo o cenho.

—Engana-se. —Theodore, que se achava diante do fogo, balançou o corpo alguns instantes nas pontas dos pés.—. Espero o coronel e à senhora Osbourne e o reverendo Clapton de Gloucestershire, seus dois avós e sua avó materna.

Susanne o fitou sem dizer nenhuma palavra.

—Foi minha mãe quem sugeriu —disse Theodore—, quando respondeu dizendo que passaria o natal conosco. Escrevi-lhes no mesmo dia e não hesitaram em aceitar. Eles virão para conhecer você.

Susanne engoliu em seco e percebeu um fogo em sua garganta. Afastou a xícara de chá e o pires e fechou os punhos dentro das palmas de suas mãos úmidas.

—Meus avós? —murmurou.

—Oh, Por Deus —disse Theodore elevando-se de novo nas pontas dos pés—, não sei se fiz bem, Susanne. Mas me consta que meu pai teria feito isso por você e minha mãe sempre a quis como se fosse sua filha. Acreditei que seria justo tentar fazer o que seu pai teria feito se fosse por mim, salvo que decidi trazer aqui seus avós em lugar de enviá-la para eles.

De modo que não estava sozinha no mundo. Tinha dois avós e uma avó e talvez outros parentes. Leu nas duas cartas de seu pai, mas não assimilou este fato até este momento.

Tinha avós, que apareceriam aqui em Fincham Manor. Hoje. Para conhecê-la

Susanne levantou-se apressadamente, retirando sua cadeira com a parte posterior dos joelhos.

—Tenho que sair —disse.

—Sair? —Theodore franziu o cenho até que suas grandes sobrancelhas uniram-se sobre seu nariz.

—Para fora —respondeu Susanne, que sentia como estivesse se afogando.

—Refere-se retornar a Bath? —Perguntou ele—. Não vai querer partir agora Susanne. Não pretenderá fugir novamente.

O que ele queria dizer, exatamente? Susanne não sabia. Sua mente estava a ponto de explodir devido a tudo o que aconteceu durante a última hora.

—Preciso sair para dar um passeio, Theodore —respondeu ela—. Respirar ar puro. Você me permite? Estou sendo mal educada? Não pretendo fugir.

—Irei com você —disse ele com ar ainda preocupado—. Ou talvez Edith ou minha mãe...

Mas ela elevou uma mão.

—Não —disse—. Prefiro ficar sozinha. Tenho que pôr em ordem meus pensamentos.

—Tudo bem —respondeu ele—. Tome o tempo que precisar, Susanne. E logo retorne para ficar no calor junto ao fogo e apreciar o Natal conosco. Faremos tudo o que estiver em nossas mãos para que seja feliz.

—Obrigada.

Susanne subiu apressadamente em busca de sua capa, seu chapéu e suas luvas e para calçar suas botas de inverno, profundamente aliviada de não esbarrar com ninguém enquanto caminhava para seu quarto. Se conseguisse descer novamente e sair...

Mas desta vez não teve tanta sorte.

Ao descer a escada encontrou Theodore no vestíbulo, provavelmente esperando por ela. Estava falando com um novo visitante. Durante uma fração de segundo Susanne supôs que era um dos convidados que eles esperavam. Mas logo, quase simultaneamente, compreendeu que o visitante, um jovem de costas largas e com um capote, era o visconde de Whitleaf.

Nesse momento ele levantou a vista e seus olhos fitaram os dela.

Susanne foi invadida por um desejo tão intenso e inopinado que por pouco não conseguiu reprimir o impulso de descer apressadamente a escada e jogar-se nos braços de Peter.

—Senhorita Osbourne —disse ele.

Lorde Whitleaf.

Susanne desceu lentamente, perguntando-se se ele sabia que ela havia aceitado o convite para vir a Fincham Manor.

—Susanne decidiu sair para dar um passeio —disse Theodore—. Ofereci-me para acompanhá-la, mas ela deseja ficar sozinha. Acaba de ler a carta que seu pai lhe escreveu no último dia de sua vida. Bom, Susanne, não quero mais interrompe-la. Levarei Whitleaf para ver minha mãe. Deseja convidá-la para um evento.

—Mais tarde, Theo, caso não se importe —respondeu o visconde de Whitleaf sem afastar os olhos de Susanne—. Irei com a senhorita Osbourne..., se aceitar minha companhia.

Susanne pensou imediatamente na mãe dele —no que ela fez a seu pai—, mas ele não era a viscondessa. De repente sentiu que não suportaria sair sozinha e separar-se dele.

—Obrigada —disse, depois do qual deu meia volta e saiu sem mais demora.

CAPÍTULO 22

—Vou dizer sem temor de exagerar —comentou Peter ontem à noite para Bertie Lamb, seu cunhado favorito, o marido de Amy—, que a casa está tão cheia, que não cabe um alfinete.

O grupo de convidados compunha-se principalmente de parentes e parentes de parentes e é obvio dos Flynn-Posy, que não estavam aparentadas com ninguém, mas claro que confiavam em retificar essa situação num futuro não muito longínquo. Arabella Flynn-

Posy tinha dezessete anos, os olhos e o cabelo escuros e era extraordinariamente bonita se não tivesse a tendência de fazer uma careta de desgosto com a boca, a menor provocação. A mãe de Peter a adorava, e a mãe dela adorava a ele. Até um imbecil com o cérebro de um mosquito saberia da intenção de ambas.

—Mas sua mãe está entusiasmada —respondeu Bertie—. E suas irmãs também. Reconheço que também gosto das reuniões populares. A ideia do baile foi genial, meu amigo, animará muito o ambiente.

Para a mãe de Peter a ideia do baile não entusiasmou muito. Mas Peter decidiu de repente convidar todos os seus vizinhos para uma elegante recepção natalina em Sidley Park e também para um baile na véspera de Natal sem consultar ninguém, exceto sua cozinheira, seu mordomo e sua governanta, os quais interviriam diretamente nos preparativos, e que neste momento mostravam-se entusiasmados ante a perspectiva de um baile em Sidley.

Sua mãe foi a última a saber. Bom, quase a última.

Quando Peter comunicou a sua mãe, ainda não tinha ido a Fincham Manor. Seria uma lástima que os Markham não pudessem ou não quisessem assistir o baile dado que este foi organizado em sua honra, como Peter não demorou a reconhecer em seu íntimo. Bem, não precisamente em honra deles.

O baile era para Susanne.

O amor não morre tão rapidamente, como comprovou Peter durante as semanas precedentes. Caso acontecesse isso. O qual não deixava de ser deprimente. Sua única esperança, como tratou de convencer-se desde que soube que Susanne viria a Fincham, era manter-se afastado dela e confiar que por azar durante as férias não se encontrassem.

E o que ocorreu para pôr em prática tão sensata decisão? Organizar o primeiro baile que oferecia em Sidley para ela. E agora apareceu em Fincham para convidá-los em pessoa, é claro, porque sabia que ela já devia ter chegado.

E aqui estava poucos minutos mais tarde, abandonando a casa mais apressadamente do que entrou para refugiar-se do frio, tendo mencionado o convite a Theo, mas não —como teria sido o correto— a lady Markham e a Edith. Mas isso podia esperar. E também suas mãos, seus pés e o resto de sua pessoa poderiam esperar que encontrasse o calor.

Susanne precisava dele, ou isso disse para si mesmo.

Ela mudou, nas semanas seguintes após a ultima vez em que se viram. Seu rosto estava pálido e tenso, seus olhos emoldurados por profundas olheiras. Peter desejou muito que essas mudanças não fossem só pelo desgosto que sem dúvida sentiu esta manhã.

Alcançou-a na terraço e tomou seu braço com firmeza. Ela olhava a seu redor como se não soubesse que direção tomar.

—Vamos ao estábulo —disse ele—. Com sorte ainda não terão desenganchado os cavalos de minha carruagem de corrida.

—Sim —disse ela sem olhar—. Sim, por favor.

Não era assim como ele imaginou que seria sua manhã, pensou enquanto caminhavam em silencio para o estábulo e entravam no pátio pavimentado, onde seus cavalos seguiam enganchados. Mas ela leu a carta, e ao que parecia fazia somente a poucos minutos.

Ele ajudou Susanne a montar no elevado assento e sentou-se a seu lado. Tomou as rédeas das mãos do moço e indicou aos cavalos que partissem. Recordou a última vez que

ela montou com ele quando foram a casa da senhorita Honeydew. Olhou seu rosto, semi-oculto pela aba do chapéu, mas Susanne olhava para a frente.

Assim que iniciaram o caminho empedrado Peter esporeou os cavalos para que apertassem o passo. Calculou que Susanne desejasse deixar Fincham para atrás, pelo menos durante um momento.

Então elevou a vista para olhá-la, com as faces rosadas devido ao frio e de repente riu.

Ele açulou os cavalos para que corressem mais.

—Quer que façamos uma corrida de ida e volta até Brighton?

Susanne mostrou uma expressão um tanto temerária, e ele manteve o ritmo durante alguns minutos, concentrado-se no que fazia. Não é que tivesse induzido os cavalos a lançar-se rapidamente para a frente, mas não estava acostumado a viajar a esta velocidade com uma senhorita sentada a seu lado.

—Ah, Peter! —Exclamou ela—. Isto é maravilhoso!

Ele sabia que o nervosismo dela raiava a histeria. Mas não podia fazer nada por ela salvo isto, estar a seu lado oferecendo a ilusão, embora fosse durante os breves momentos de uma fuga.

Ao fim obrigou os cavalos a diminuir o passo. O vento soprava em suas costas, e fazia um dia gélido. A velocidade não contribuía para protegê-los do frio em um veículo descoberto. De resto, estes caminhos não foram desenhados para circular por eles a grande velocidade.

—Conte-me como foi seu concerto natalino —disse.

—Muito bem —respondeu ela—. Embora cada ano ficamos como medo do pior. Não aconteceu nenhum desastre e só algumas pequenas crises, embora os assistentes não percebessem. De todos os modos, o público que assiste a estes eventos nunca foi muito crítico.. Apareceu muita gente, e eu me alegrei pelas meninas.

A seguir Susanne falou da parte que dirigiu, os coros, o baile, o quadro vivo do Natal que a senhorita Thompson preparou no último momento, e os prêmios de fim de curso que a senhorita Martin ofereceu.

—Assim a senhorita Thompson participou de tudo? —Perguntou ele.

—Não partiu de Bath —respondeu ela—. Tenho a impressão que gosta de trabalhar na escola e nos agrada tê-la conosco. Sobre tudo Claudia. Devem ter aproximadamente a mesma idade e têm sido muito amigas.

Ao final de alguns minutos ela virou-se para ele.

—De modo que retornou a Sidley para ficar? —Perguntou.

—Sim —respondeu ele—. Você pediu-me isso, recorda? Vim diretamente de Bath. E não sai mais daqui.

Olhou em silêncio enquanto ele mantinha a vista fixa na estrada.

—Inclusive briguei com meu administrador —disse ele.

—Por Deus —respondeu ela.

Ele sorriu.

—Não foi exatamente uma briga —esclareceu—. Eu fiz uma sugestão que ele rejeitou sem deixar-me terminar, com grande amabilidade e tato, como se eu fosse um menino de nove anos meio idiota. O encarei nos olhos e disse que não queria mais que me interrompesse. Pensei que a mandíbula inferior dele fosse cair ao chão. A partir desse momento ficou escutando com os ouvidos aguçados e com os olhos arregalados, fez uma

pequena sugestão e chegamos a um acordo. Talvez seja coisa de minha imaginação, mas tenho a sensação de que desde que ocorreu esse episódio, faz aproximadamente uma semana, o homem está me olhando com mais respeito.

—Ai, Peter —disse Susanne rindo—. Eu o parabenizo. Gostaria de estar presente para vê-lo ficar sério e advertir o administrador que não queria que o interrompesse.

—Poderia ter sido uma boa observadora —disse ele—, teria notado que meus joelhos tremiam.

Ela riu de novo.

—Aonde vamos? —Perguntou.

Ele imaginou que circulariam sem rumo fixo pelos caminhos que rodeavam Fincham, mas quando ela fez-lhe essa pergunta, Peter percebeu que tomou uma direção muito precisa: para Sidley Park, embora ao mesmo tempo compreendeu que seu destino não era a casa.

—Acredito que ainda não está preparada para retornar a Fincham, estou enganado?

—Não —respondeu ela.

—Mas precisamos fugir do frio —disse ele—. Iremos para a casa da viúva em Sidley. Está vazia, mas bem arrumada. Acenderemos um fogo na sala de estar para fazer calor. Então poderá falar sobre sua carta, ou não, como achar melhor. Pode ficar ali o tempo que quizer, sozinha ou comigo.

—Você é muito amável —disse ela.

Mas não seguiram conversando e rindo. Ele conseguiu que ela, se tranquilizasse, pois quando a viu em Fincham Manor era evidente que estava transtornada.

A conversa cessou enquanto percorriam o resto do trajeto, o comprido caminho de acesso a Sidley, dobrando quase imediatamente para tomar um caminho arborizado mais estreito que conduzia à casa da viúva.

Ele ajudou Suzanne a desmontar, desenganchou os cavalos da carruagem conduzi-os ao estábulo e jogou forragem para que comessem e depois conduziu Susanne à casa.

—Está situada em um lugar muito bonito —comentou ela.

—Sim —disse ele, tomando Susanne pelo cotovelo e a conduzindo para a sala de estar—. Gosto desta casa mais até que a casa principal. Aqui sempre me senti a vontade.

A sala de estar fazia também as vezes de biblioteca. Havia várias estantes cheias de livros, muitos dos quais eram os livros favoritos de Peter quando era menino. O amplo sofá e as poltronas eram de couro suave e velho, provavelmente nada elegantes a olhos de pessoas obcecadas com a moda, mas maravilhosamente cômodos.

Ele apoiou um joelho no chão diante da lareira e sem tirar seu capote acendeu o fogo com a lenha que já estava disposta.

—Venha aqui para esquentar as mãos —disse.

—Eu gosto desta sala —disse ela enquanto ambos permaneciam de pé, seus ombros quase roçando, estendendo as mãos para as magras chamas que não demorariam para avivar-se—. É muito acolhedora. Aqui me sentiria muito a vontade também.

—Sério? —Ele voltou a cabeça e encontraram-se em um desses momentos em que a percepção se intensifica. Estava seguro de que ficou ruborizada embora as faces estivessem rosadas devido ao frio.

Ela baixou a vista e tirou o chapéu. Desabotoou a capa, mas a deixou sobre os ombros enquanto sentava em uma poltrona junto ao fogo. Ele tirou o capote e sentou na poltrona do outro lado da sala.

Repentinamente ocorreu a Peter que isto não era nada decoroso. Para o inferno com o decoro!

—Me alegro que tenha decidido ler a carta —disse—, e que o fez aqui em Fincham Manor. Custou-lhe um grande esforço?

Susanne levou dois dedos do coração às têmporas e riscou círculos sobre elas com a vista fixa no colo.

—Não esperava —respondeu—que a letra de uma pessoa é uma coisa viva. Era a letra de meu pai, e isso para mim foi tão familiar como seu rosto. Senti como estivesse olhando para ele momentos antes de sua morte.

Peter não disse nada.

—Meu pai me amava —disse ela olhando para ele e abaixando as mãos.

—É obvio.

—Pensou que sua morte era a melhor coisa para mim —disse ela—. Ele enfrentaria à desonra ou talvez algo pior e decidiu morrer por meu bem. Pode imaginar algo mais estúpido?

Peter viu que as lágrimas afloravam a seus olhos. Ela pestanejou para reprimi-las.

—Como sua norte me beneficiaria? —Susanne inspirou fundo e expeliu o ar lentamente—. Ocupou-se de assegurar meu futuro, e disse que eu seria muito feliz.

—Assegurar seu futuro? —Perguntou ele.

—Oh, Peter, meus dois avós e minha avó chegarão hoje a Fincham —respondeu ela— Virão de Gloucestershire. Mas são pessoas estranhas para mim. O que vou fazer?

Ele a imaginou como uma menina de doze anos em Londres, tentando encontrar trabalho e essa mesma menina sendo enviada a uma escola em Bath como aluna da caridade, sozinha no mundo. Que diferente teria sido sua vida caso tivesse esperado.

Ele não a teria conhecido, salvo naquela ocasião, quando eram crianças.

—Eu creio que você não deve planejar nada —disse—. Depois de conhecê-los deixe que a relação se desenvolva. Afinal trata-se de sua família.

—Estou muito assustada —disse ela—. Embora reconheça que é uma estupidez —acrescentou reclinando-se na poltrona.

—Tenha em conta —observou ele—, que à medida que se aproximarem hoje de Fincham, também ficarão assustados.

—Não me ocorreu isso —respondeu ela—. Acredita seriamente?

—Ficaram dispostos a empreender uma viagem tão longa em pleno inverno só para conhecê-la —disse ele—, sem dúvida é assim.

—Sim —respondeu ela, e fechou os olhos.

Peter deixou que descansasse um momento enquanto ele atiçava o fogo para dispersar as chamas de modo uniforme. Uma chuva de faíscas ascendeu chispando pela lareira.

—Obrigaram meu pai a partir —disse ela sem abrir os olhos—, quando ficou apaixonado pela mulher de seu irmão e o matou durante uma briga. Mas ela o seguiu e se casaram.

—Sua mãe? —Perguntou ele, sentando-se de novo.

—Sim —respondeu ela—. Imagino que devia ser um amor muito profundo e doloroso. Um amor cheio de culpa. Pergunto-me se conheceram algum momento de felicidade.

Provavelmente não. William Osbourne que ele recordava não era um homem duro e insensível.

—Ele escreveu na carta—disse ela—que minha mãe pagou o último preço ao morrer quando eu nasci e que agora seria a vez dele pagar pelo seu erro.

— Mas por que após todo esse tempo? —Inquiriu ele—. por que esperou doze anos?

Peter soube que ela não responderia, e decidiu não insistir. Esta história pertencia a ela. Ele não tinha direito algum de ouvi-la a menos que ela decidisse contra. Mas depois de um momento ela respondeu.

—Seu segredo foi descoberto —disse—. Fazia pouco tempo que havia contado a sir Charles que alguém tentava chantageá-lo ameaçando revelar sua história. Mas logo el... Essa pessoa decidiu destruir meu pai difundindo histórias mentirosas, mas que todo mundo acreditaria nessas mentiras quando seu passado fosse exposto.

Peter imaginou que era algo muito próprio de uma mulher despeitada. E Susanne esteve a ponto de dizer «*ela*» antes de utilizar o termo mais neutro de «*pessoa*». Pobre Osbourne. Talvez tentou encontrar consolo nos braços de outra mulher, e isso havia prejudicado sua vida.

Enfrentaria à desonra ou possivelmente algo pior, havia dito ela há um momento. Pior que a desonra?

Essa mulher o ameaçou acusando de tê-la violado?

—Me acaba de me ocorrer —disse ela—, que meu avô e minha avó perderam os dois filhos no espaço de doze anos, e que meu outro avô perdeu uma filha. E que as circunstâncias devem ter sido extremamente dolorosas para eles.

—E em seguida perderam uma neta quando você desapareceu —apostilou ele.

—Theodore me disse —respondeu ela—que me procuraram, mas que não conseguiram encontrar meu paradeiro.

Susanne cobriu seu rosto com as mãos.

Ao final de alguns momentos ele compreendeu que não estava chorando, embora custasse um grande esforço para ela reprimir as lágrimas. Peter levantou-se de sua poltrona, aproximou-se dela e sem pensar no que fazia a tomou em seus braços, deixando que sua capa caísse de seus ombros e em seguida sentou no sofá sustentando-a sobre seus joelhos. Apoiou sua cabeça contra seu ombro e a abraçou enquanto ela escondia seu rosto em seu peito. E soluçou muito sem retirar as mãos do rosto.

Ele sabia que chorava pelos onze anos de sofrimento, por sua mãe e por seu pai, por seus avós, possivelmente por seu tio que tinha morrido. E por ela mesma. Estreitou-a contra si e deixou que chorasse o tempo que quisesse. Depois ofereceu um lenço, que ela tomou para enxugar os olhos e soar o nariz antes de guarda-lo em seu bolso.

—Sinto —disse Susanne apoiando de novo a cabeça sobre o ombro dele—. Você sabia que eu estava em Fincham?

Sim —respondeu Peter—. Por que acredita que me apresentei ali esta manhã?

—Theodore disse algo sobre um convite para sua mãe —disse ela.

—Um convite para todos vocês —respondeu ele—, mas em especial para você. Na véspera de natal ofereceremos um baile em Sidley. Temos a casa cheia de hóspedes e

convidei também todos os vizinhos. Será o primeiro evento importante que organizo em Sidley. Conto com sua presença.

—Não, não, Peter —respondeu ela, endireitando o corpo e olhando para ele com expressão preocupada—. Não posso ir.

—Mas claro que pode —replicou ele—. É para você. Imaginei que sentiria orgulho de mim. O dragão que matei é muito pequeno, mas consegui. Foi minha ideia, eu me encarreguei de organizar tudo e dos convites. Não pode recusar-se a vir. Por favor.

Ele não participará do baile se ela não participasse também, o que provocara uma situação bastante absurda.

—Como anfitrião —disse—, terei que dançar a noite toda. Se você não vier, dançarei a valsa com outra mulher.

—Oh, Peter —disse ela apoiando a palma de uma mão sobre sua face.

—Diga-me que não quer que dance a valsa com outra mulher que não seja você — disse ele.

—Peter...

— Por favor, diga-me, — implorou .

Ela abaixou a cabeça e fechou os olhos.

—Não suporto a ideia de que dance a valsa com outra mulher—murmurou.

—Susanne...

Ela abriu os olhos, que ainda estavam vermelhos devido ao pranto, e os fixou nos seus.

—Asseguro que não suporto —disse, mas ele não estava seguro de que ela queria dizer só à valsa.

Peter apoiou a mão sobre os suaves cachos de sua nuca e a atraiu para si até que rodeou seu pescoço com os braços e ele a beijou.

Nesse momento ele compreendeu que o amor não morreria nunca, não dissiparia nunca. Possivelmente chegaria um dia em que ele conheceria outra mulher e talvez casasse com ela. Talvez até ficasse relativamente feliz. Mas em seu coração sempre haveria um lugar profundo e precioso reservado a seu autêntico amor. Susanne.

Mas não queria resignar-se a pensar nessa outra mulher e a vida relativamente feliz que possivelmente vivesse. Não estava disposto a renunciar ao que desejava sem lutar. Era verdade que não se comportou como um intrépido cavalheiro durante seus vinte e seis anos, possivelmente não tivesse o costume de ir em busca de dragões contra os quais lutar e matar; e mais, cinco anos atrás tinha fugido deles. Mas agora estava disposto a ir em busca de um e lutar contra ele até a morte se a recompensa fosse Susanne.

O rosto dela, que ele sustentava entre suas mãos, estava a poucos centímetros sobre o seu; seus cachos acobreados se derramavam sobre seus dedos, seus olhos eram muito verdes.

—Vamos lá para cima—disse ele—. Ali não arde um fogo na lareira, mas as roupas da cama estão quentes. Deixe-me fazer amor com você, Susanne.

Ele tinha a sensação de ter alcançado o fim da passarela, como um prisioneiro impotente a bordo de um navio pirata. Sentia-se mais vulnerável que nunca em sua vida. Caso ela negasse, todos os sonhos dele ficariam em pedacinhos. Porque não pedia somente que se deitasse com ele. Pedia-lhe seu amor. E oferecia o seu.

Oferecia-lhe tudo que possuía, tudo que ele era. Ela saberia disso? Compreendia-o? Viu que engolia em seco.

—Sim —respondeu Susanne.

CAPÍTULO 23

Ela deveria ter recusado, é claro. Desta vez eu sabia exatamente a que havia aceitado, a um sofrimento futuro, o perigo das consequências. E sabia também que depois, quando tivesse retornado para Bath, ele voltaria a propor-lhe casamento, e ela voltaria a recusar. Inclusive sabia que os sentimentos que professava eram mais profundos que uma mera amizade. Sabia que sua negativa o machucaria.

Mas nada disso importava.

Às vezes é preciso agarrar o amor na forma como ele é oferecido. E às vezes é preciso dar amor do mesmo modo. Depois de uma manhã cheia de emoções, Susanne desejava, mais que nada neste mundo, dar amor, oferecê-lo com ambas as mãos, sem medo ou reserva.

—Sim —repetiu, levantando-se.

Saíram da sala e subiram a ampla escada sem dizer nada, giraram à direita e passaram em frente a várias portas fechadas, até que ele abriu uma correspondente a um quarto que dava para o jardim, evidentemente o quarto principal, totalmente mobiliado, como a sala de estar.

—Susanne —disse ele fazendo com que ela virasse o corpo para ele e tomando suas duas mãos e as apoiando nas lapelas de sua jaqueta perguntou—, tem certeza?

Sim, estava segura. Nunca esteve tão segura de nada em sua vida. Desejava dar e desejava receber e de repente pensou que ambas as coisas constituíam elementos igualmente importantes do amor. Ela o amava e entregaria seu corpo a ele. E permitiria que em troca ele entregasse o dele.

—Estou segura —respondeu—. Façamos amor, Peter.

—Façamos amor. —Ele sorriu e ao mesmo tempo inclinou a cabeça e roçou os lábios com os seus—. Sim, eu gosto disso.

Ela deixou que ele a despisse, tirando primeiro o vestido, logo as meias e por último suas peças íntimas. No princípio pensou que sentiria vergonha. Mas como podia sentir vergonha quando os olhos dele e suas mãos expressavam adoração enquanto a despia? Havia algo decididamente erótico na frieza do quarto e nas mãos cálidas dele. Susanne sentiu um arrepio por todo o corpo em parte devido ao frio e em parte devido à emoção de saber o que iria acontecer.

Peter voltou a beijá-la,desta vez mais profundamente, introduzindo a língua em sua boca, tomando-a pela cintura e deslizando as mãos sobre suas nádegas para estreitá-la, nua, contra seu corpo completamente vestido.

O fogo do desejo a fez estremecer.

—É muito bela, Susanne —murmurou ele contra seus lábios—. Muito bela.

Ela desajeitadamente tentou desfazer o nó da gravata até que descobriu a forma de fazer. Tirou a jaqueta dele sobre os ombros e os braços até que caiu ao chão. Desabotoou

os botões do colete e o jogou também no chão. Tirou as mangas da camisa e ele levantou os braços para que pudesse sair pela cabeça.

Enquanto ele a observava com os olhos entreabertos, ela apoiou as palmas das mãos sobre o peito de Peter e as deslizou para cima sobre o pelo até seus ombros, deslizou-as para baixo por seu braço voltando a desliza-las até seus ombros e por último para baixo até deter-se na cintura de sua calça. Peter não era nem corpulento nem forte demais, a não ser esbelto e extremamente bonito. Mas tinha o torso, os ombros e a parte superior de seus braços duros e musculosos. Ela estendeu de novo as mãos sobre seu peito e o beijou.

A pele de Peter emanava um maravilhoso aroma de sua colônia habitual.

Então sentiu a pulsação do desejo sexual em seu útero e entre suas coxas. Sentiu que seus seios ficaram entumecidos, que seus mamilos estavam duros. E começou a tremer.

Ele riu suavemente e a beijou no pescoço.

—Eu farei o resto —disse—. Além disso, está tremendo de frio.

Ele virou-se, retirou a coberta da cama e observou como Susanne deitava-se, percorrendo todo seu corpo com o olhar.

Como podia ela sentir vergonha sob um olhar tão ardente? Entretanto, sentiu vergonha quando em tirar a calça dele. Que tolice! Olhou sorrindo e ele a cobriu até o queixo com a pesada colcha antes de tirar as botas. Quando fez isso, não virou as costas para Susanne. Olhou-a enquanto o observava e viu que ela percebeu que estava preparado para o ato de amor.

—Faz calor aí dentro? —Perguntou sorrindo.

— Fará —respondeu ela.

—Não tenha dúvida —disse ele enquanto deitava ao lado dela—. E muito em breve.

De repente ela perguntou para si mesma como seria se fosse casada com ele, compartilhando o mesmo leito todas as noites, compartilhando seus corpos com frequência, fazendo...

Mas era melhor não pensar nisso. O importante era hoje.

Ele ficou sobre um cotovelo e a olhou; seu rosto estava a poucos centímetros do dele, seus olhos a observavam risonhos.

—Eu gostaria de ter a resistência de Hércules—disse— e fazer com que nos dois ofegássemos de excitação durante uma hora. Mas duvido que seja possível. Lamenta muito isso?

—Não. —Devolveu-lhe o sorriso—. Quero sentir você dentro de mim. —Suas atrevidas palavras a fizeram ruborizar-se.

Entretanto, foi uma surpresa —uma maravilhosa surpresa— quando ele ficou sobre ela, deslizou suas mãos debaixo de seu corpo ao mesmo tempo em que lhe separava as pernas com as suas e a penetrava com um movimento suave e firme. Suave, pensou ela, porque fazia muito tempo que estava preparada para recebê-lo e desta vez não doeu.

Susanne respirou fundo e expeliu o ar devagar enquanto deslizava os pés para cima sobre a cama para que ele a penetrasse mais profundamente. Sim, estava preparada para ele tanto como ele estava para ela, mas rogou em seu íntimo que não terminasse logo.

Ela esticou os músculos de seu sexo para abraçar seu membro e experimentou uma sensação maravilhosamente prazenteira. Peter possuía o membro comprido e duro.

Retirando as mãos debaixo dela, apoiou uma parte de seu peso sobre seus antebraços e a olhou.

—Não há nenhum lugar no mundo onde preferiria estar —disse antes de beijá-la—. Façamos amor

E foi o que fizeram depois que ele voltou a cabeça para apoiá-la no travesseiro junto a ela e colocasse todo o peso de seu corpo sobre ela. Retirou-se e voltou a penetrá-la uma e outra vez, imprimindo um ritmo de amor lento e constante. E desta vez, Susanne sabia o que aconteceria e também que podia fazer amor com ele além de deixar que ele fizesse a ela, Começou a mover-se no mesmo ritmo, movendo os quadris, esticando seus músculos internos.

O ato prolongou-se durante longo momento e foi maravilhoso, e a respiração de ambos ficou cada vez mais ofegante, seus corpos estavam cobertos de suor.

Poderia ter desmaiado de prazer, pensou Susanne, até que outra sensação mesclou-se com a de prazer. No princípio experimentou uma forte tensão na vagina, onde ele se esfregava contra ela, seguido de uma sensação quase dolorosa que estendeu-se através de suas pernas e seu útero até alcançar seus seios e alojar-se em sua garganta e atrás de seus olhos.

A sensação deu lugar a uma dor estranha, insuportável, que não causou sofrimento, mas ... Não havia palavras para descrevê-lo.

Susanne emitiu um gemido.

A partir de então o ritmo mudou, tornou-se mais rápido e profundo e ele deslizou de novo as mãos embaixo dela, sustentando-a com firmeza para impedir que escapasse. O ritmo que Suzanne adotou terminou ao mesmo tempo que arqueava o corpo para ele, esticando todos os músculos.

Neste instante algo estourou em seu interior como múltiplas pétalas de uma rosa, eliminando a tensão através de ondas de intenso gozo até que ela por fim relaxou enquanto emitia uma suave exclamação de surpresa.

—Ah! —disse.

As sequelas dessa tensão fizeram com que todo seu corpo tremesse enquanto mergulhava na maravilhosa sensação do desejo sexual satisfeito. Embora não tenha utilizado essas palavras em sua mente. Nem sequer sabia que essa sensação existisse.

Susanne se percebeu que ele também parou de mover-se. Mas seu membro seguia firme e duro dentro dela e seu corpo estava tenso. Deteve-se para que ela pudesse saborear o gozo.

Ela sentiu-se fraca, presa de um glorioso cansaço, mas o abraçou com força e rodeou seus quadris com suas pernas virando a cabeça para beijá-lo na face.

Ele alcançou o clímax com rapidez e intensidade, e Susanne, mergulhou em um estado de frouxidão, surpreendeu-lhe ao comprovar que mesmo sentindo-se saciada, continuava experimentando prazer. O quente líquido dele derramou-se no seu interior e ela acariciou a pele úmida de seu pescoço.

—Susanne —murmurou ele ao ouvido dela.

—Peter.

E abraçados uma ao outro, dormiram…

Enquanto dormia, conforme comprovou Peter, estendeu-se junto à Susanne. Estreitava-a entre seus braços, com a cabeça dela apoiada na curva entre o pescoço e seu ombro. Continuava dormindo.

Foi um pensamento que o despertou, uma lembrança.

A lembrança de encontrar-se no escritório de William Osbourne em Fincham quando ele e Theo eram crianças, aprendendo caligrafia. Repentinamente sua mãe entrou no escritório sem bater, com gesto de surpresa, e brigou com ele por não encontra-lo no quarto de Theo, onde ela supôs que estaria.

Naquela oportunidade ele deduziu que sua mãe estava procurando por ele.

Agora, por um estranho motivo, depois de tantos anos, lembrou que a expressão de sua mãe foi de alívio, ou talvez de irritação. Mas não de surpresa. E por que entrou sem bater? Por mais que fosse o escritório de um simples secretário, Osbourne era um cavalheiro. E seu escritório ficava em uma casa particular que não era a de sua mãe.

E por que diabos ele pensou agora nessas coisas? Por que foi despertado por uma lembrança tão corriqueira? Somente porque a lembrança de Osbourne seguia vivo em sua memória?

Peter bocejou, enterrou o nariz no cabelo de Susanne, beijou-a suavemente na cabeça... e separou-se dela bruscamente. Diabos!

Não podia acreditar que sua mãe...

Era impossível!

Céu santo, Osbourne, embora um cavalheiro, só era o secretário de Markham, e sua mãe era a maior das esnobes! Jamais haveria...

Sim, era possível.

Osbourne era um homem atraente. Não que Peter tenha notado isso quando era criança, mas agora, ao olhar para o passado, reconhecia que, em efeito, era um homem muito atraente.

Ele sabia que sua mãe devia sentir-se sozinha. Ela mesma confessou isso seis anos mais tarde. Há cinco anos.

Osbourne também devia sentir-se sozinho.

Com certeza que o que houve entre eles pôde ter ocorrido por iniciativa de Osbourne. Era possível que sua mãe não o tivesse animado de modo algum. Possivelmente as acusações que o levaram a suicidar-se fossem certas.

Mas sua mãe entrou apressadamente nesse escritório, sem que ninguém a obrigasse a isso. Peter recordava agora que seu rosto transmitia uma expressão animada antes de dar lugar à surpresa, embora era impossível verificar essa expressão.

Maldição, que mistério tão inexplicável.

Peter confiava que fosse coisa de sua imaginação, que imaginou os fatos dando uma forma má a eles.

Mas não foi sua imaginação que viu sua mãe com Grantham —o pai de Bertha— há cinco anos. Ele entrou no escritório de sua mãe em Sidley, cuja porta estava aberta, depois de chamar brevemente por algum motivo que não recordava, e... Pegou os dois de surpresa. Nem sequer se incomodaram em fechar a porta.

O sangue martelava em suas têmporas. E se por acaso isso não tivesse sido um episódio isolado na vida de sua mãe, tal como ela jurou?

E se foi sua mãe quem fez com que Osbourne tirasse sua própria vida?

E neste momento ele estreitava à filha de Osbourne entre seus braços! Acabavam de fazer amor. Estava decidido a casar-se com ela.

Susanne estava acordada. Abriu os olhos, inclinando a cabeça para trás, e o observava com expressão sonolenta e as faces ligeiramente avermelhadas.

Céu santo, estava perdidamente apaixonado por ela! Ao dar-se conta disso —e da força de seus sentimentos—Peter estremeceu.

Se ela soubesse disto, inclusive antes de ler a carta, se o que ele imaginou era verdade, então o motivo...

Pois claro, esse era o motivo! E o que ele havia dito, as primeiras palavras que ele dirigiu a ela?

Senhorita Osbourne, de repente para mim, este esplêndido dia de verão está agora mais quente e alegre.

Peter quase pareceu ouvir ele pronunciar essas palavras.

Que imbecil!

Ao mesmo tempo ela reconheceu seu nome e afastou-se dele.

—Mmm —disse Susanne agora, beijando-o no queixo e logo na boca enquanto Peter abaixava a cabeça.

Agora, no entanto, ela não estava afastando-se dele. Poderia até ser que estivesse engando em suas conjeturas.

—Mmm —repetiu ele esfregando seu nariz contra a dela.

—Não deveríamos retornar? —Perguntou ela suspirando—. Faz um século que nos ausentamos.

Peter pensou em voltar a propor casamento depois que tivessem feito amor. Decidiu antes de subir, quando ela havia dito que sim. Fariam sexo até deixá-la exausta e depois, antes que ela pudesse se recuperar e seu coração endurecer, faria a pergunta enquanto conversavam. E depois, durante o baile de natal, faria o grande anúncio.

Ela jamais casaria com ele caso sua mãe tivesse sido a amante de seu pai, induzindo-o ao desespero, depois de chantageá-lo e fazendo com que se suicidasse.

Por não falar de como reagiria sua mãe ao apresentar à filha de William Osbourne como sua futura esposa.

De algum modo —possivelmente porque não queria acreditar —sabia que suas conjeturas eram certas.

—Sabem que está comigo —disse—Acreditam que a trouxe a Sidley para visitar minha mãe e minha irmã.

—Por que —perguntou ela aconchegando-se a ele— imagino com frequência fugindo para sentir-me livre? Em certa ocasião fugi e agora penso que não devia ter feito isso. Salvo que minha fuga tenha me levado a Bath, onde fui feliz. Por que desejo fugir da felicidade?

—Porque possivelmente não representa tudo o que deseja, necessita ou sonha —respondeu ele—. Eu fugiria com você agora mesmo até o fim do mundo se acreditasse que isso conduziria a esse estado mítico de felicidade eterna. Acredito que este verão falei a sério quando propuz que fôssemos praticar senderismo* em Gales. Mas não voltarei a pedir que faça nada semelhante.

—Não? —respondeu ela brandamente.

—Porque esse lugar não existe —disse ele—. Não existe um lugar em que possamos fugir e achar a felicidade eterna. Temos que nos esforçar em alcançar a felicidade. A partir de agora vou fazer as coisas como é devido. Decidi assim que parti de Bath. Não me pergunte o que vou fazer nem como vou fazer. Ignoro-o. Mas em última instância matarei

---

* Caminhadas

alguns dragões e me sentirei satisfeito por mim mesmo. Então possivelmente tenha algo mais para oferecer ao mundo e a você, do que mera galanteria.

Susanne olhou Peter com os olhos cheios de lágrimas, embora ao mesmo tempo sorrisse.

—Não me arrependo de ter fugido na primeira vez —disse—. Fico feliz em saber como evoluiu minha vida. E se não tivesse fugido, não teria conhecido você. Mas não voltarei a fazer isso retornarei a Fincham para conhecer meus avós, embora saiba que será um grande esforço para mim. E depois do Natal retornarei a Bath e continuarei me esforçando para ser a melhor das professoras.

—Então, não se arrependeu de que voltássemos a nos encontrar este verão? —Perguntou ele.

—Não.

—Eu tampouco.

—Mas tenho retornar a Fincham —disse ela.

Levantou-se sobre um cotovelo e inclinou seu corpo para beijá-lo na face e dar beijinhos em seu queixo. Logo o beijou na boca. Com a mão que tinha livre apertou seu ombro até que ele virou-se e caiu de barriga para cima.

Caramba! Pensou ele, intrigado. Tudo indicava que ela queria fazer amor novamente.

Quando chegaram ao quarto, ele a desejava com tal paixão —e imaginava que ela também sentisse desejo—que havia procedido imediatamente, sem as preliminares. Ao que parecia, ela era mais disciplinada.

E tão hábil como uma cortesã... mas não, essa não era a forma precisa de descrevê-lo. Possivelmente era ele quem estava disposto a excitar-se com suas carícias. Em qualquer caso, ela superou a timidez que a impediu antes que tirasse o calça. Suas mãos se moviam sobre todo seu corpo, tocando, acariciando, detendo-se, esfregando com seus dedos, brincando nos pontos estratégicos, ao mesmo tempo em que fazia carinhos com a boca e a língua.

Ele permaneceu quieto durante um momento, com as mãos apoiadas a cada lado, gozando com a perfeição com que ela o acariciava, maravilhado de seu atrevimento, de saber instintivamente como excitá-lo evitando que perdesse os estribos rapidamente. Mas quando ela sugou um de seus mamilos, mordiscando-o ligeiramente com os dentes, lambendo-o com a língua, ele enterrou as mãos em seus suaves cachos acobreados, gemendo e rindo brandamente.

—Por piedade! —Disse.

Ela levantou a cabeça e sorriu, com os olhos entreabertos e cheios de desejo.

—Não vou ter piedade de você —respondeu com voz grave e gutural enquanto pressionava os lábios contra os seus e os acariciava com a ponta da língua.

Isto começava a ser um suplício.

Então ela montou sobre ele, com os joelhos a cada lado de seus quadris, apoiando-se sobre as mãos, situadas a cada lado de sua cabeça.

Ele deslizou as mãos sobre a formosa curva de suas costas e as apoiou sobre suas nádegas firmes e redondas. Ela tinha seios lindos, não muito grandes, mas firmes e bem torneados. Quando ela novamente pressionou sua boca na dela, ele sentiu seus mamilos endurecidos roçar seu torso. A seguir ela esfregou ligeiramente a parte inferior de seu corpo sobre seu membro ereto.

Mais que um suplício isso era uma agonia, mas era a forma que ela fazia amor agora e ele decidiu seguir seu ritmo.

—Bruxa —murmurou ele.

Ela levantou-se sobre os joelhos, ficando sobre ele e mordendo o lábio inferior enquanto tomava o membro com uma mão, e sentava sobre ele.

Ah!

Tinha a vagina quente e úmida, e seus músculos interiores se esticaram ao redor de seu membro quando ele a penetrou profundamente.

Ele apoiou as mãos ligeiramente sobre os quadris dela e emitiu um prolongado suspiro. Certas agonias eram ao mesmo tempo deliciosas, como esta. Não queria não quero estragar tudo apressando-se. Elevou a vista e a olhou sorrindo.

—Repito —disse ele—, não há nenhum lugar no mundo onde preferiria estar neste momento.

Ela apoiou as mãos a cada lado da cintura de Peter, apertou-lhe os quadris com mais força com seus joelhos, elevou-se quase separando-se dele, voltou a sentar-se sobre ele, e repetiu a manobra uma e outra vez. Fechou os olhos e abaixou a cabeça.

Céu santo, pensou Peter antes de deixar-se arrastar pelas intensas sensações, fazia amor montada sobre ele! Deixou que prosseguisse durante um momento, invadido pelo gozo e desejo, depois do qual a tomou com firmeza pelos quadris e começou a mover-se seguindo seu ritmo até que ambos o interromperam, ela para apertar-se contra ele, ele para elevar-se para ela, até que ambos alcançaram um clímax apoteótico no mesmo momento.

Era mais que extraordinário!

Mais que experimentar o êxtase!

E não era sexo, pensou ele quando ela tombou a seu lado e cobriu as dois com as roupas da cama. Não só sexo. Era amor.

Ele nunca acreditou que existisse uma relação entre ambas as coisas.

Abraçou-a durante alguns minutos, sem dormir, sabendo que ela tampouco estava dormindo, sabendo que ela dizia para si mesma que isto era o fim.

Não era o fim. Se alguém tivesse aparecido nesses momentos com um regimento de dragões, armados até os dentes com fogo, enxofre e outras armas mortíferas, ele teria enfrentado todas com suas próprias mãos.

Isto não era o fim.

Isto era o fim, pensou Susanne, com o ombro pressionado contra o de Peter para aproveitar um pouco seu calor corporal enquanto a pequena carruagem tomava o caminho de acesso a Fincham Manor. Possivelmente o veria novamente depois de hoje. Até mesmo era provável que tivesse que participar do baile que ele mencionou antes,em Sidley, mas não queria pensar nisso.

Mas hoje chegou o fim. O fim de uma relação sentimental sem futuro. Sim, era o fim.

Ao mesmo tempo o começo de outra coisa. Susanne ficou se perguntando se já teriam chegado seus avós.

Seus avós.

Ainda não assimilou essa ideia.

Hoje conheceria três pessoas que estavam estreitamente relacionadas com ela por vínculos sanguíneos depois de acreditar durante onze anos que estava sozinha no mundo.

Mas eram estranhos.

Simpatizariam com ela?

A condenariam por que era o fruto de um casamento que jamais deveria ter sido celebrado?

Afinal de contas aceitaram vir a Finchan não? Gostariam dela e ela deles? Como os saudaria?

—Parece que os visitantes chegaram—comentou Peter. Sim, em frente ao estábulo havia uma grande e velha carruagem. Susanne sentiu que seu coração ficava apertado.

—Assustada? —Perguntou Peter voltando-se para olhá-la.

—Muito —respondeu ela amassando sua capa.

—Que curioso —disse ele—que a vida siga seu curso placidamente durante anos e de repente, sem saber muito bem por que, essa placidez dá lugar a um problema atrás do outro. Ocorreu a nos dois em diferentes sentidos, e começou para ambos ao mesmo tempo, quando uma tarde chegamos juntos a uma bifurcação em um estreito caminho na plácida campina de Somerset. Um encontro que parecia do mais inócuo! E aqui estamos agora, e você vai enfrentar uma prova que não tem nada a ver comigo. Permita-me que a acompanhe?

—Por favor—respondeu ela enquanto Peter estacionava a carruagem diante da porta da casa e descia para ajudá-la a desmontar.

Ao entrar na casa, ela pensou que possivelmente devia ter dito não. Talvez seus avós reconhecessem o nome Whitleaf, como ela reconheceu neste verão. Mas era muito tarde. Além disso, não suportava despedir-se dele e subir sozinha à sala de estar.

Os visitantes acabaram de chegar e estavam esperando, conforme informou o mordomo, enquanto pegava sua capa e seu chapéu e ela compunha os cachos com as mãos e alisava o vestido. O mordomo os conduziu à sala de estar.

Susanne absteve-se de tomar o braço de Peter. Temia agarrar-se a ele. Isto era algo que devia enfrentar sozinha, embora tivesse pedido para que ele a acompanhasse a fim de apoiá-la moralmente.

Assim que atravessou a soleira da porta viu que todos estavam reunidos ali: lady Markham, Edith, o senhor Morley e Theodore, junto com três estranhos, que ficaram em pé ao vê-la entrar. Theodore se aproximou.

—Susanne —disse tomando a mão dela entre as suas e apertando-as antes de soltá-la— quero apresentar-lhe ao coronel e à senhora Osbourne e ao reverendo Clapton, seus avós.

A dama era esbelta quase até o extremo da magreza, com o cabelo branco e elegantemente penteado, o rosto sulcado de rugas e uma boca de expressão doce. O coronel era largo de costas, alto e com porte altivo. Era calvo e usava bigodes brancos que caíam junto às comissuras da boca quase até o queixo. Seu aspecto era muito distinto. Era idêntico a seu pai, embora mais velho. O reverendo era mais baixo e magro com o cabelo espaçado e cinza, usava óculos e se apoiava em uma bengala.

Eram seus avós, pensou Susanne, olhando aos três estranhos.

Fez uma reverência.

A dama encaminhou-se para ela apressadamente, com as mãos estendidas, e Susanne apoiou as suas nelas.

—Susanne —disse sua avó—, querida, acredito que a teria reconhecido em qualquer lugar. É igual a sua mãe, embora pareça que também deve ter algum traço de meu filho. Ai, minha menina, minha querida menina! Sabia que não havia morrido. Não deixei de repetir isso nunca, e agora vejo que estava certa.

O queixo dela tremia e as lágrimas afloraram em seus olhos.

—Por favor, não chore, senhora —disse Susanne com voz entrecortada—. Peço-lhe.

—Avó —disse a dama—. Me chame avó. Por favor.

—Avó —disse Susanne.

A partir desse momento foi impossível reprimir a corrente de lágrimas que ambas derramaram, ao mesmo tempo que Susanne e esta estranha se abraçavam, embora na realidade não era uma estranha, a não ser a mãe de seu pai.

Peter pigarreou, não para chamar a atenção. Ao igual ao reverendo Clapton, que pegava sua bengala com ambas as mãos. Lady Markham e Edith sorriam de felicidade. O senhor Morley parecia entusiasmado. Theodore sorria com ar afável.

O coronel tirou um enorme lenço do bolso de sua jaqueta, emitindo uma enérgica exclamação de gozo, levou o lenço ao nariz e soou de forma tão sonora como se fosse para despertar os mortos.

CAPÍTULO 24

—Isto é muito agradável, Peter — disse sua mãe sentada na cadeira mais confortável, perto do fogo na biblioteca—. Os dois a sós para manter uma conversa agradável. Não ocorria com frequência.

Ele sentou-se na frente de sua mãe. Peter havia solicitado a ela que se reunisse com ele na biblioteca depois que todos outros fossem para seus quartos e só os jovens continuassem na sala de música divertindo-se.

—Está cômoda junto ao fogo, mamãe? —Perguntou Peter.

—Sim —respondeu ela—. Querido, fez muito mal em deixar a casa nesta manhã para entregar um dos seus convites e não voltar cedo. Não obstante, devo reconhecer que esta noite esteve muito amável com a senhorita Flynn-Posy. É uma jovem encantadora, não é?

—Certamente —respondeu ele—. E sem dúvida algum dia, e não muito longe, casará com um homem que a fará muito feliz. Mas não comigo.

Sua mãe olhou-o um tanto surpreendida ao ouvir esta afirmação tão categórica. Mas sorriu e acomodou-se contra as almofadas da poltrona.

— Talvez mude de opinião durante os próximos dias —disse.

—Não mudarei de opinião —replicou ele—. Já escolhi à mulher com quem quero por esposa.

Peter observou a expressão de curiosidade que apareceu nos olhos de sua mãe.

—Oh, Peter! —Exclamou esta levando as mãos ao peito e endireitando-se na poltrona.

—Mas não estou certo de que ela me aceite —acrescentou ele.

—É obvio que essa jovem o aceitará, quem quer que seja —disse ela—. Sabe que é um dos melhores partidos...

ELe levantou a mão.

—Mamãe —disse—, é Susanne Osbourne.

—Quem? —Sua mãe afundou-se de novo na poltrona; toda a animação desapareceu de seu rosto.

—A filha de William Osbourne —respondeu ele—. Eu a amo e quero me casar com ela se me aceitar. Eu a conheci este verão; passava alguns dias na casa da condessa de Edgecombe, não longe de Hareford House. Voltei a vê-la em Bath quando fui ver Lauren e Kit para assistir a recepção de casamento de Sydnam Butler. E hoje estive com ela. Veio passar o Natal em Fincham Manor. Seus avós vieram para conhecê-la. Convidei todos para o baile que daremos aqui na véspera de natal.

Sua mãe umedeceu os lábios. Peter observou que suas mãos seguravam com força os braços da poltrona.

—Suponho que essa garota teve o propósito de caçá-lo —comentou sua mãe—Se fez você acreditar que o recusará, Peter, é somente para ter você em suas mãos. Não pode pensar seriamente...

—Este verão não quis saber nada de mim —a interrompeu ele—, ao descobrir como me chamava.

Sua mãe moveu os lábios, mas não disse nada.

—Que relação teve com o senhor Osbourne, mamãe? —Perguntou ele. Era uma pergunta muito difícil de formular.

—Que relação...? —Respondeu sua mãe indignada—. Isto é uma impertinência, Peter. Recorde que sou sua mãe, embora seja já um homem feito.

—Foram amantes —disse ele.

—Como se atreve! —Respondeu sua mãe arregalando os olhos.

—Como também foram Grantham e você —disse ele—. No entanto me disse que era a única vez que aconteceu desde que meu pai morreu e foi porque sentia-se sozinha e não pôde evitar. Entretanto, fazia tempo que mantinham essa relação e o dia que os surpreendi juntos, estavam aqui, em minha casa, com Bertha e sua mãe como minhas convidadas sob o mesmo teto.

—Peter! —Sua mãe olhou-o com espanto.

A viscondessa assegurou que era o único deslize que cometeu. Outras pessoas revelaram a Peter a verdade, embora ele jamais havia dito a sua mãe. Ela se rebaixou, e ele ficou muito desgostoso. Céu santo, era sua mãe!

—Sem dúvida lady Grantham sabia—disse ele— mas sua educação a obrigou a fazer vista grossa. Deus sabe o sofrimento e a humilhação que teve que suportar em silêncio. Deduzo que Bertha tenha se inteirado antes que eu cometesse a imprudência de revelar o que constatei. Mas foi educada por sua mãe e aceitou a infidelidade de seu pai antes que eu revelasse.

Pior ainda, Bertha não compreendeu quando ele revelou e logo perguntou se todos os homens não eram acaso como seu pai. Quando Peter assegurou que não, que ele seria fiel até a morte, ela afastou-se dizendo que se comportava como uma criança, embora tinha dois anos mais que ela. Bertha disse que não tinha a menor intenção de seguir unida a ele por toda a vida depois de ter completado com seu dever e dar-lhe um filho, ou possivelmente dois. Ele não podia ser tão ingênuo ao pretender isso.

—Meus tios sabiam —disse Peter—, só lamentavam que você não tivesse fechado a porta com chave.

Disseram-lhe sem rodeios que era hora que aceitasse algumas das realidades da vida. Entretanto, foram eles quem o protegeram e o educaram durante sua infância. Disseram para ele que era um jovem ingênuo —as mesmas palavras que tinha utilizou Bertha—, e era melhor que não dissesse uma palavra sobre o que viu e anunciasse seu compromisso no dia seguinte, tal como foi decidido. Chegou o momento que amadurecesse.

Mas em lugar disso, Peter uma hora mais tarde, convocou todos os convidados que estavam em sua casa e anunciou que o compromisso estava quebrado e pediu a todos que abandonassem Sidley antes do meio-dia do dia seguinte. Havia dito a seus tios que os eximia de toda futura obrigação para com ele posto que já completou a maioridade e não precisava mais de tutores nem de conselheiros.

Deixou sua mãe desfeita em lágrimas... e em Sidley. Ele partiu no dia seguinte depois que partiram seus convidados.

Não havia nenhuma justificação para sua mãe. Nem sequer acreditou em sua mentira; aceitou que a relação com Grantham durava muito tempo, mas acreditou que sua mãe amava Grantham. Agora perguntava para si mesmo se era verdade, ou se nesta altura tinha alguma importância. Grantham era um homem casado e ambos estavam dispostos a unir seus filhos em matrimonio.

Sua mãe segurava com força os braços da poltrona, olhando-o com uma mescla de assombro e indignação.

—Mas não é de Grantham de quem quero falar —disse Peter—, mas sim do senhor Osbourne. Manteve uma relação com ele, não é assim? Mas ocorreu algo que pôs fim a essa relação. Deduzo que foi ele quem rompeu. Contou a você sobre seu passado, não é? Ou pesquisou por si própria? Seja como for, ameaçou contar a sir Charles.

Ocorreu a Peter de repente, que não possuía nenhuma prova disso. Seria terrível que estivesse enganado e tenha acusado sua mãe de semelhante crime. Entretanto, desejava estar enganado.

—Peter —respondeu sua mãe—, se isto foi o que contou essa mulher, farei tudo o que estiver ao meu alcance para livrá-lo de suas garras . Você sempre foi ...

—Susanne não me disse —replicou ele—. Falou sobre o conteúdo da carta que seu pai escreveu para ela e sobre a que escreveu a sir Charles, mas não nomeou à pessoa que chantageou seu pai.

—William escreveu uma carta para sua filha? —Inquiriu sua mãe.

Ele a olhou com ar sombrio.

—Pouco antes de suicidar-se—respondeu—. Pensou que o suicídio fosse a única proteção que podia oferecer a sua filha. Se tivesse ficado vivo, ela sofreria as terríveis consequências que ele enfrentaria depois de ser acusado de estupro.

Sua mãe estremeceu.

—Como pode utilizar essa palavra na presença de sua mãe? — Mas logo afundou novamente na poltrona; parecia mais miúda—. Eu só disse que me incomodou e assediou, não que... E era verdade. Contei a sir Charles depois da morte de William. Eu jamais teria... Deve acreditar, Peter.

Peter sentiu-se abatido, afinal queria acreditar que estivesse enganado e que possivelmente tratasse de outra pessoa. Mas durante o trajeto de volta a Fincham desde Sidley recordou que foi na época da morte de Osbourne que as relações entre sua mãe e os Markham esfriaram.

—Eu não imaginava que fosse suicidar-se. —Disse sua mãe—. Como podia adivinhar? Como foi capaz de me castigar dessa forma?

—Mas estava disposta a arrebatar dele sua reputação, seu bom nome, sua liberdade, mãe —respondeu ele—. Fosse o que fosse que Osbourne tivesse feito no passado, ele pagou com acréscimo. Tinha uma filha a quem manter.

—Eu me rebaixei —disse sua mãe com voz trêmula e entrecortada—. Rebaixei a seu nível. E um dia fui a Londres porque ele estava lá, deu-me a entender que essa situação não o alegrava. A partir de então começou a fugir de mim, inclusive em Fincham e por fim disse que tudo teria que terminar entre nós. Imagine o descaramento, Peter! Que humilhação! Deve compreender isso. Eu amava seu pai, mas minha vida estava muito vazia sem ele. Estava disposta a permitir que esse homem...

A mesma explicação que deu cinco anos atrás quando ele a enfrentou!

—Você fez com que ele se matasse —disse Peter em tom enérgico. Sentia náuseas.

—Foi uma estupidez! —Exclamou sua mãe—. Devia imaginar que eu estava tão desgostosa com ele, que jamais teria destruído sua reputação.

—Entretanto —respondeu ele—, depois que Osbourne falou com sir Charles confessando seu passado, você continuou ameaçando Ousbourne.

—Eu não teria sido capaz... —replicou sua mãe.

—Não? —perguntou ele—. É evidente que ele acreditou que sim. Matou-se convencido disso.

Sua mãe cobriu o rosto com as mãos e ele a olhou fixamente, consternado pelo que soube e que confirmou agora. E por saber que sua mãe esteve em duas ocasiões disposta a destruir a vida de outras pessoas devido a suas necessidades sexuais e a sua solidão.

Ficou horrorizado em saber que sua mãe era assim.

Era este um dos dragões contra os que devia lutar? Em tal caso, o preço era muito alto. Nada voltaria a ser igual. Mas igual a quê? Ele mesmo ocultou boa parte desse lixo debaixo do tapete há cinco anos. Mas não continuaria fazendo isso.

—Não sabe o quanto sofri, Peter —disse sua mãe entre lágrimas, como fez na última vez—. Se Osbourne fez isso por vingança, conseguiu seu propósito. Acredite que não me senti como uma assassina todos estes anos? Mas é injusto. Não pretendia causar nenhum mal a ele. Eu o amava. Eu sempre fui sua mãe, e sei que é difícil ver sua mãe como uma mulher. Mas sou uma mulher e me sentia sozinha. Ambos tínhamos enviuvado. Ele amou sua esposa como eu amei seu pai. Inclusive me disse no final que não podia continuar comigo porque a morte de sua mulher partiu seu coração e não conseguia esquecê-la. Mas durante um tempo quase fomos felizes. Não fizemos mal a ninguém.

Peter quase ficou com pena dela. Sua mãe cometeu um ato monstruoso, mas não era um monstro. E o pior de sua monstruosidade era que jamais conseguiria expiar a morte de Osbourne. Teria sido capaz de acusá-lo falsamente caso ele ficasse vivo? Era impossível saber, e Peter não desejava saber. Mas o certo era que sua mãe causou um dano irreparável.

Esteve tentado a levantar-se, tomar as mãos dela, obrigá-la a ficar em pé e abraçá-la, para tranquilizá-la, para que fosse para a cama sentindo-se reconfortada. Mas isso era justamente o que fez na última vez, depois de tê-la surpreendido com Grantham. Se sua mãe necessitava que a perdoassem, era ela mesma quem devia fazer isso, não ele.

Além disso, queria acrescentar uma coisa, e preferia dizer tudo esta noite confiando em que manhã pudessem voltar a recompor suas vidas.

Mas ela adiantou-se a ele.

—Peter —disse—, não pode se casar com a filha de Osbourne. Deve compreender. Seria uma situação horrível, impossível.

Ele suspirou.

—Entretanto parecia perfeito que me casasse com Bertha? —Perguntou-lhe.

Sua mãe não respondeu.

Contudo, Peter compreendeu que a parte sensata de sua mente estava de acordo com ela. Um passado sempre ficaria entre Susanne e ele, o fato de saber que sua mãe e o pai dela foram amantes, que sua mãe era a culpada de sua morte. Era preferível deixar que Susanne retornasse a Bath, que ele partisse para Londres depois do natal e escolhesse uma esposa adequada durante a temporada social. Com o tempo ambos esqueceriam um do outro e quando lembrassem, alegrariam-se de não ter cometido a imprudência que teria lhes custado sua felicidade.

Mas Peter renunciou à sensatez desde que abandonou Bath há algumas semanas. Desejava alcançar a felicidade, ou se isso fosse impossível, ao menos sua auto-estima. Não podia continuar evitando as partes mais escuras de sua vida.

Era possível —inclusive provável—que Susanne o rejeitasse, mas ele não estava disposto a perdê-la por não ter enfrentado seus dragões. Depois que ela fosse embora, teria que continuar vivendo consigo mesmo. E por fim estava decidido a dar valor à pessoa que habitava dentro de seu corpo.

Embora neste momento não estimava a si mesmo, absolutamente.

—A única coisa que fica para resolver sobre o tema da senhorita Osbourne, mamãe —disse—, é caso ela esteja disposta a casar-se comigo dadas as circunstâncias. Já me rejeitou em uma ocasião.

Sua mãe olhou para ele com uma curiosa mescla de indignação e esperança.

—Mamãe —disse ele depois de emitir um comprido suspiro—. Quero que Sidley seja meu lar.

Ela o fitou

surpreendida.

—Sidley já é seu lar, Peter —disse—. Se não quer passar mais tempo aqui, é por sua culpa. Sabe que pedi muitas vezes que viesse.

—Sempre foi mais seu lar que o meu —replicou ele.

—Sidley pertence a você desde que era um menino de pouca idade —disse sua mãe—. Sempre procurei que tudo funcionasse com perfeição para que você ficasse bem acomodo aqui. Sempre mantive a casa em perfeito estado para você. Ultimamente empreendi umas reformas, para agradá-lo.

—Mas nunca me consultou para nada —disse ele.

—Porque nunca está aqui —protestou ela.

Era certo. Sua mãe tinha razão.

—Devia ter tomado posse da casa e da propriedade quando alcancei a maioridade—disse ele—, mas não o fiz por razões que não é preciso falar novamente. Tenho meu próprio critério sobre como administrar a casa e a propriedade, e desejo colocar em prática. Quero ter amizade com meus vizinhos. Quero organizar frequentes jantares e bailes aqui. Quero ficar a vontade em minha casa. Quero viver aqui boa parte do tempo.

—É maravilhoso, Peter! —respondeu sua mãe voltando a assumir seu característico aspecto—. Eu mesma...

—Quero ocupá-la sozinho, mamãe —respondeu ele—, junto com minha esposa e meus filhos, caso me case.

Ela olhou para ele sorrindo com ar indeciso.

—Possivelmente conviria que redecorasse e reformasse a casa da viúva e mudasse para lá quando estiver preparada.

—A casa da viúva? —Sua mãe olhou com uma mescla de assombro e indignação.

—Sempre me encantou essa casa —disse ele—. Estou seguro de que ali você ficará muito a vontade.

—Ali é onde estavam acostumados a viver as professoras e os tutores —protestou sua mãe.

—Em tal caso podemos procurar uma casa adequada em Londres —sugeriu ele—. Ali poderá relacionar-se com as pessoas durante boa parte do ano, participar de numerosos eventos e visitar as lojas. E aqui sempre será bem recebida quando quiser vir para visitar.

Sua mãe reclinou-se na poltrona e olhou fixamente para ele; que observou seu queixo elevado em gesto de desafio.

—Sempre vivi aqui para manter tudo em perfeitas condições—respondeu—. É meu único filho. Assumi essa responsabilidade quando seu pai morreu, e não renunciei a ela. Dei minha vida a você.

Peter compreendeu que era um momento em que teria que recompor certas coisas.

—E estarei eternamente agradecido —disse—. Desfrutei de uma infância maravilhosa e protegida. Jamais duvidei do carinho que me professou. E me alegro de não ter me casado muito jovem. Tive a oportunidade de viver e experimentar durante os primeiros anos de minha vida adulta e descobrir quem sou e o que desejo da vida, sabendo que você e meu lar estavam sempre aqui para mim. Mas agora já descobri quem sou e o que desejo, mamãe e devo deixar que viva e desfrute de sua vida como deseja. Me consta que aqui tem se sentido muito sozinha.

O que acabava de dizer não era de todo certo, mas continha uma grande parte de verdade. E no final das contas, sempre iria amar sua mãe e sempre estaria agradecido a ela por tê-lo amado durante sua infância.

—Acredito —disse ela— que irei gostar de viver em Londres.

Possivelmente ela tampouco dizia a verdade. Mas Peter pensou que provavelmente ela ficaria mais feliz em Londres. E de passagem sentiu-se aliviado de que sua mãe tivesse negado a ideia de mudar-se para à casa da viúva.

—Ocuparemo-nos disso depois do Natal —disse ele—. Mas não quero mais prender a senhora, mamãe. Deve estar querendo ir para a cama. Amanhã será um dia de muito trabalho.

—Sim.

Mas sua mãe não ficou de pé imediatamente.

—Peter —disse—, jamais poderia amar outro homem como amei seu pai. William Osbourne e George Grantham não significaram nada para mim, embora os estimassem. E asseguro a você que nunca quis prejudicar ninguém.

—Sei.

Não era verdade, mas quem era ele para fazer alguma recriminação. Levantou-se e estendeu a mão para ela. Quando sua mãe ficou de pé, miúda, frágil, ainda bonita, beijou-a na fronte.

—Boa noite, mamãe —disse.

—Boa noite, Peter.

Ela abandonou o aposento sem acrescentar nenhuma palavra, com as costas erguidas e o passo firme e ligeiro.

Ele olhou a licoreira de conhaque, mas rejeitou a ideia de servir uma taça. Caso iniciasse esta noite bebendo, sabia que não ia parar até estar bêbado.

***

Durante a véspera de Natal Susanne pensou várias vezes em Claudia, Eleanor, Lila e as meninas que ficariam na escola durante o natal. Neste instante estavam ali, pensou. Tratou de centrar-se na realidade desse pensamento, mas era difícil acreditar nele. Era difícil acreditar em tudo o que estava ocorrendo.

A sensação era de ter penetrado em um estranho sonho.

A vida foi rotineira e aborrecida até o fim do verão. Mas essa monotonia produziu certa satisfação, inclusive uma sensação de sorte.

Ontem tudo parecia irreal. Era possível que tivesse concordado em ir à casa da viúva em Sidley Park com o visconde de Whitleaf? Era possível que havia deitado com ele e tivessem feito amor ali? Duas vezes? A segunda por iniciativa dela?

E que hoje esses estranhos com quem estava passando boa parte do tempo tornaram-se rapidamente em parentes íntimos por quem tomou grande afeto? Era possível sentir um vínculo familiar tão próximo com umas pessoas cuja existência desconhecia até ontem pela manhã?

Seu avô Osbourne possuía um aspecto tão parecido com seu pai, e ela logo que afastava os olhos dele via sua avó com os olhos iguais ao de seu pai, além disso, ela insistia em sustentar continuamente a mão da Susanne e dar uns tapinhas e contemplá-la entre assombrada e fascinada. E seu avô Clapton tinha os olhos verdes como os dela, embora a cor tinha perdido intensidade e eram mais cinzas que verdes e ao observar seu cabelo espaçado e cinza ficou imaginando que em sua juventude ele foi castanho. Sorria e concordava em silêncio, deixando que os outros dois levassem quase sempre a voz cantante, que fazia com que Susanne não deixasse de se emocionar.

A avó e o avô Osbourne não tinham nenhum filho vivo e ela era sua única neta. Suas vidas deviam ter sido cheias de tristeza. Morreram seus dois únicos filhos.

Ao fugir, pensou Susanne, privou seus avós de conhecê-la dos doze anos até agora. Mas foram eles quem expulsaram seu pai de sua casa. Embora ela não queria julgar seus avós por isso. Seu pai meteu-se no casamento de seu irmão mais velho e causou-lhe a morte durante uma briga. Ela ansiava conhecer os pormenores dessa briga. Foi a morte de seu tio totalmente fortuita? Talvez tivesse caído, batendo a cabeça com uma pedra? Mas agora não queria fazer nenhuma pergunta a respeito.

Seu avô Clapton tinha três filhas vivas e oito netos, além de Susanne. Eram suas tias e seus primos, conforme havia dito sorrindo com placidez. A mais velha estava casada com o sucessor do avô Clapton na igreja do povoado e o filho destes era padre em uma paróquia próxima.

De modo que tinha tias, tios e primos, pensou Susanne.

— Como seria diferente a minha vida caso eu não tivesse abandonado Fincham apressadamente —disse.

—E as nossas também, querida —respondeu sua avó dando um tapinha em sua mão.

—Mas trocaria sua vida se pudesse retroceder no tempo? —Perguntou-lhe o avô Clapton suavemente—. Eu acredito que nossas vidas se desenvolvem de uma forma perfeita embora os mistérios só compreende com claridade nosso Senhor.

—Isso é algo que só a voce ocorreria dizer, Ambrose —replicou o avô Osbourne com tom irritado—. Nunca observei uma grande perfeição nas vidas de minha família, tão somente uma desgraça atrás da outra. E se o Todo-poderoso é responsável por isso, quando chegar o Dia do Julgamento lhe direi quatro coisas.

—Não sei se mudaria o curso de minha vida ou não —disse Susanne sorrindo e percebendo que seus avós não estavam de acordo em tudo—. Gostaria de tê-los conhecido antes e confesso que me lembro das duas últimas semanas que passei em Londres com horror. Mas passei seis anos felizes na escola da senhorita Martin, e há cinco sou feliz com meu trabalho de professora. Sinto-me orgulhosa da vida que construí.

Sua avó voltou a lhe dar um tapinha na mão.

—A profissão de professora está muito bem —comentou o avô Osbourne—para uma senhorita sem família ou uma senhorita cuja família disponha de poucos recursos econômicos. Não sou um homem de uma grande fortuna, Susanne, mas tampouco sou pobre e você é tudo o que temos. Opino que deveria retornar para casa conosco. Vamos procurar um bom marido que cuide de você quando nós desaparecermos.

Sua avó apoiou uma mão sobre a sua e Susanne sentiu seus dedos duros e artríticos sobre o dorso de sua mão.

—Acredito, Clarence —disse a anciã—, que Susanne possivelmente já o tenha encontrado sem nossa ajuda. O visconde de Whitleaf é um jovem encantador e ontem deu-me a impressão de que está apaixonado por nossa neta. Convidou a todos para o baile de amanhã a noite em Sidley Park, mas tive a sensação de que é com Susanne que deseja dançar mais que com outras jovens.

—Seguro que não é comigo, Sadie —disse o avô Osbourne soltando uma gargalhada que parecia mais um latido—. Um visconde! Isto é apontar muito alto, embora não muito. Nossa linhagem é muito respeitável. E também a de Ambrose.

—E você foi coronel — recordou a avó Osbourne.

—Hmm —respondeu o avô de Susanne—. Devo averiguar as intenções desse jovem.

Susanne retirou a mão da mão de sua avó para levar ambas as mãos às faces.

—Não, avô —disse—, rogo que não diga nada a ele.

Ficou ruborizada. Mas ao mesmo tempo riu. Fazia menos de vinte e quatro horas que seu avô a conheceu e já pretendia controlar sua vida.

Era possível que fizesse menos de vinte e quatro horas? E já estava muito afeiçoada com os três. Que absurdo!

Que maravilhoso!

Mas de repente percebeu algo. Sem dúvida eles sabiam o papel que desempenhou a viscondessa de Whitleaf na morte de seu pai. Entretanto, ao veridicar o sobrenome de Peter não mostraram a menor reação.

Os quatro não estiveram sozinhos durante o dia todo. Lady Markham, Theodore, Edith e o senhor Morley tiveram o suficiente tato de permanecer em um discreto segundo plano quase todo o tempo, mas na hora de comer reuniram-se com eles e depois do almoço Susanne e sua avó subiram ao quarto das crianças a pedido de Edith para ver Jamie, pois parecia que era essa a hora do dia quando o pequeno estava mais ativo e alegre.

—E como é natural —disse Edith—quero que o vejam no seu melhor momento.

Permaneceram ali mais de uma hora, conversando, admirando o bebê e o passando de uma à outra enquanto trabalhavam em excesso para faze-lo sorrir. A avó de Susanne o sustentou em um braço enquanto conversavam e fazia bajulações quando o menino reclamava sua atenção.

Durante essa hora, como averiguou Susanne mais tarde, o visconde Whitleaf chegou a Finchan com dois cunhados e o jovem senhor Flynn-Posy.

Também verificou que durante sua visita dois avós o convidaram para ir à biblioteca enquanto os outros ficaram conversando sobre a sala de estar. Nenhum deles ofereceu mais detalhes a respeito de quem tomou a iniciativa de celebrar essa reunião privada ou do que tinham falado. E Susanne se absteve de perguntar a seus avós para que não pensassem que estava interessada no visconde.

Quando ela desceu, ele já havia partido.

Mas supôs que o veria no baile, sentindo que seu coração encolhia em seu peito como transbordava de felicidade, fazendo-a sentir tremendamente confuza e um tanto desgostosa.

Não devia começar a pensar que algo impossível pudesse chegar a ser possível.

Foi Peter quem convidou os avós de Susanne para conversar em particular. Embora ao chegar em Finchan Manor ficou decepcionado ao saber que Susanne foi ao quarto infantile com Edith, ao mesmo tempo se alegrou ao comprovar que seria mais fácil levar seu plano adiante do que havia suposto. Pediu a Theo que o deixasse utilizar a biblioteca alguns minutos para falar com o coronel Osbourne e o reverendo Clapton, e Theo cedeu com um sorriso de satisfação.

Depois de trocar com eles algumas frases corteses foi direto ao assunto ou, para ser mais preciso, foi o coronel que com o cenho enrugado, com cara de poucos amigos e pigarreando através de seus imponentes bigodes, obrigou Peter a ir direto ao assunto.

—Pelo que entendi, Whitleaf —disse—ontem a tarde você levou minha neta a passeio em uma carruagem pequena sem que ninguém a acompanhasse.

Peter sentiu como se lhe pusessem uma pistola nas costas.

O outro ancião cavalheiro olhou para ele com gesto afável..., e olhos que refletiam um ponto de dureza.

—Assim é —confessou, pois era inútil mentir e fingir que havia levado seis moços com olhos de lince de pé na parte traseira de sua carruagem como acompanhantes—. Me proponho, senhores, pedir sua neta durante o baile de amanhã a noite, que me faça a honra de casar-se comigo. E antes de fazê-lo desejaria que vocês nos dessem sua bênção.

Ontem à noite ocorreu a ele que isto era o que devia fazer. De passagem, pensou também que Susanne ficaria mais inclinada a aceitar sua proposta se contasse com a bênção de seus avós.

A terceira coisa que ocorreu a ele era que seus avós sem dúvida conheciam o sobrenome Whitleaf e que era possível que se ao expor a questão dessa forma poderia ficar decepcionado com a recusa deles.

O reverendo Clapton sentado em sua poltrona junto ao fogo, olhou sorrindo para Peter.

O coronel, que estava de pé junto à mesa, enrugou de novo o cenho e olhou para ele com cara de poucos amigos.

—Por quê? —bramou—. Por que deseja casar-se com nossa neta?

—Sinto por ela uma profunda estima, senhor —respondeu Peter.

— Apesar de até recentemente a minha neta não tinha ninguém e carecia de dote? — inquiriu o coronel. Peter se compadeceu de todos os soldados que serviram às ordens desse homem, pois suas vidas não deviam ser muito confortável.

—Sim, senhor —respondeu ele.

—Então é você um idiota, Whitleaf —declarou o ancião.

Peter arqueou as sobrancelhas.

—Se o fato de amar à senhorita Osbourne me converta em um idiota —disse—, só posso me confessar culpado.

—Uma excelente resposta —atravessou o clérigo com tom aprazível—, como sem dúvida reconhecerá, Clarence. Eu me inclino a dar-lhe minha bênção sem mais preâmbulo.

—Humm —disse o coronel e de repente ocorreu a Peter que o ancião estava realmente se divertindo—. Pois bem, minha neta já não é uma pobre que carece de dote, Whitleaf. É a herdeira de uma fortuna considerável. O que acha?

—Isso é magnífico para a senhorita Osbourne, senhor —respondeu Peter—, mas não incide em modo algum em meus sentimentos por ela.

—E você, além de seus sentimentos, o que pode oferecer, jovem, que esteja à altura de minha neta? —Perguntou o coronel.

Peter compreendeu que havia começado a fase das negociações matrimoniais. O qual significava que aceitaram sua proposta.

Assim, conquistou a aprovação dos dois anciões cavalheiros.

Isto, deduziu, foi mais simples.

CAPÍTULO 25

Ninguém recordava a última vez que organizaram a última grande festa em Sidley. Durante dias toda a vizinhança comentou a notícia de que por fim haveria um baile ali, e nada menos que no dia de Natal. Parecia que era um presente especial do jovem visconde.

Sempre foi apreciado e admirado de longe. Sempre haviam dito que era uma pessoa mais bondosa e humana que a viscondessa, sua mãe. E agora estavam convencidos disso. O visconde entregou os convites pessoalmente a cada um e pediu a todos que aceitassem compartilhar com sua família e seus amigos uma grande celebração natalina, como se fossem eles que prestasse um favor ao visconde.

Ninguém estava disposto a perder o baile sob nenhum conceito. A emoção do momento em que partissem para Sidley eclipsava todas as demais celebrações natalinas, inclusive a missa matutina e o peru para o jantar.

Em Sidley ocorria a mesma coisa, embora pela tarde o visconde tivesse organizado uma festa para as crianças na sala de estar e que muitos dos pais assistiram enquanto a maioria dos outros adultos descansava em seus quartos para a festa que se aconteceria a noite.

A casa estava suntuosamente decorada com flores e ramos de abeto, fitas, sinos e uma arvore natalina na sala de estar. Também havia um enorme ramo de visco, artisticamente disposto —criação de três irmãs do visconde—, suspensa do centro do teto, debaixo da qual os casais deviam beijar-se e isso constituía o foco de atenção e suscitou muitas risadas porque apareceu ali na última hora na Véspera de natal.

A casa estava deste modo invadida de deliciosos aromas natalinos, inclusive a noite, muito depois que o peru e o pudim de passas tivessem sido retirados da mesa. O mais persistente era o aroma de bolos de frutas picadas, embora também havia um intenso aroma de cerveja especial contida em uma gigantesca taça no salão do bufe.

Peter divertiu-se muito aquele dia embora nunca estivesse tão atarefado. Sentia sincero afeto por suas irmãs, seus cunhados, sobrinhos e sobrinhas e apreciava a companhia de outros convidados. Agradou-lhe observar que florescia um romance entre um dos jovens cunhados de Bárbara e a senhorita Flynn-Posy. Não ficou claro se a mãe da jovem estava satisfeita, mas isso não preocupava Peter.

Sua mãe demonstrou possuir uma grande força de vontade. Não mostrava rastro de desgosto que teve há dois dias. Falou do baile a todos com um entusiasmo que indicava que sempre pareceu uma ideia excelente. Inclusive começou a comentar há dois dias a perspectiva de instalar sua residência em Londres antes de começar a temporada primaveril para iniciar uma vida social mais intensa.

—É o momento oportuno —explicou a lady Flynn-Posy e também Bárbara e Belinda—. Peter já é grandinho para ficar sozinho.

Peter passou muito bem esse dia, mas aguardava que chegasse a noite com uma mescla de felicidade e nervosismo.

A felicidade se devia ao fato da sensação de que era uma festa para celebrar sua liberdade. Esta noite assumiria por fim o papel de dono e senhor de Sidley Park, tratando com atenção seus convidados e vizinhos como se propôs a fazer o resto de sua vida, à margem de seu outro plano para a noite. Era a incerteza a causa de seu nervosismo. Não estava seguro de que Susanne o aceitaria, embora seus dois avós, sua avó e ele se prostrassem de joelhos diante dela para implorar

Em ocasiões Susanne Osbourne tinha a irritante tendência de pensar por si mesma e tomar suas próprias decisões.

Embora, como é natural, o encantava que fosse assim.

Mas sua renovada confiança em si mesmo e desejo de viver sua própria vida e assumir os deveres e as responsabilidades de sua posição não dependiam da resposta de Susanne. Se fosse assim, não teriam nenhum valor.

Contudo, tinha muito que agradecê-la. Caso não a tivesse conhecido, é possível que continuasse levando a mesma vida vazia e insubstancial. Mas ele não dependia dela, e ela também não dependia dele. Era um pensamento muito bom, embora não servisse para acalmar seu crescente nervosismo enquanto arrumava-se para o baile.

O fato de que era nobre e muito rico não significava nada para ela, e não deixava de ser uma lição de humildade. Caso quisesse conquistá-la, teria que fazê-lo por si mesmo, e

pela primeira vez em cinco anos Peter sentiu que possuía algo digno a oferecer. Mas seu sobrenome era parte dele. Era um Whitleaf e isso representava o maior obstáculo.

—Essa é perfeita —disse Peter a seu valete, que descartou anteriormente três elegantes gravatas depois de atar-lhe ao pescoço, por considera-las indignas de sua arte antes de colocar a quarta.

Seu valete—outro personagem com próprio julgamento —abaixou a cabeça e examinou sua obra de arte com uma carranca e um gesto de intensa concentração.

—Com certeza, milorde —disse—. Só falta o alfinete de brilhantes... Assim... isso. Perfeito, milorde.

Ainda era muito cedo, mas Peter desceu e entrou no salão de baile, que oferecia um aspecto festivo com todas as decorações e aromas variados. Nos candelabros que pendiam do teto e nos castiçais da parede havia numerosas velas acesas. O fogo brilhava nas lareiras em ambos os cantos do salão. Embora não conseguissem esquentar o lugar totalmente, devido ao grande tamanho desta e teto muito alto, ao menos mitigavam o frescor do ambiente. E quando o salão de baile estivesse abarrotado de gente e os participantes começassem as enérgicas contradanças, o lugar não demoraria a esquentar.

A orquestra já havia chegado. Seus instrumentos estavam dispostos sobre o pequeno tablado em um canto do salão de baile. Provavelmente os músicos achavam-se abaixo, nas dependências reservadas ao serviço, abarrotando-se de peru recheado.

Alguns criados andavam atarefados na sala do bufe situado junto ao salão de baile. Peter foi lá falar com eles. A única coisa que o preocupou foi o trabalho excessivo que teriam os criados da casa e tiveram que contratar alguns auxiliares. Mas quando conversou com eles comprovou que a perspectiva de servir em um baile em Sidley os deixava animados e ele mesmo decidiu pagar o dobro de seus honorários a eles hoje e amanhã. E amanhã daria a todos uma bonificação mais generosa do que a habitual.

Nisto ouviu que entravam outras pessoas —parentes e convidados que estavam na casa—ao salão de baile e foi conversar com elas. Os convidados de fora não demorariam a chegar e ele os receberia na porta do salão de baile juntamente com sua mãe, Bárbara e Clarence.

Transcorreram uns quinze minutos, conforme comprovou Peter, quando estreitou a mão do senhor Mummert e saudou com uma reverência à senhora e a senhorita Mummert, felicitando-as por sua elegância e agradecendo a presença deles. Era a primeira vez que formava parte do comitê de recepção para saudar seus convidados; era a primeira vez que assumia as funções de anfitrião em um evento semelhante.

Peter prometeu a si mesmo que essa não seria a última vez.

O grupo de Fincham foi praticamente o último em chegar. Lady Markham apareceu acompanhada de Theo e Peter os saudou efusivamente. Observou que sua mãe e lady Markham saudaram-se com cordialidade. A seguir apareceram Edith e Morley, seguidos pelo coronel e pela senhora Osbourne. Os últimos a chegar foram Susanne e seu avô materno.

Peter sentiu que seu coração pulsava com força, até o ponto que seus batimentos retumbassem nos ouvidos.

Susanne usava o mesmo vestido verde que colocou para a festa em Somerset e o concerto na Abadia de Bath. Estava penteada com suaves cachos, presos por uma pequena diadema de pérolas combinando com seu colar também de pérolas. Estas reluziam e eram

novas, e Peter deduziu que eram presentes de natal de um de seus avós. O delicado leque de marfim que sustentava em uma mão enluvada possivelmente fora do outro.

Suas faces estavam vermelhas, e seus olhos fixos no chão. Não sorria. Peter supôs que teria preferido estar em qualquer outro lugar mas não ali. Possivelmente não o perdoasse nunca por te-la obrigado a comparecer. Possivelmente a recordaria sempre como uma das piores noites de sua vida..

—Fico feliz em voltar a vê-lo, senhor —disse Peter inclinando-se ante o reverendo Clapton, que sorriu com gesto afável—. E a você também, senhorita Osbourne.

Ela levantou os olhos e olhou rapidamente para ele.

—Obrigado, milorde —respondeu.

Depois deles não apareceu ninguém mais, por isso Peter aproveitou para dirigir-se a Susanne.

—Me dará a honra de dançar a segunda contradança? —Perguntou-lhe—. E a valsa?

Confiava em dançar também a última dança com ela.

O avô de Susanne esboçou um sorriso ainda mais jovial.

Ela pensou um pouco, mas só durante uns instantes.

—Obrigada —respondeu—. Aceito encantada.

Ele desejava pedir a ela que lhe concedesse a primeira dança, mas não queria envergonhá-la colocando-a em evidencia diante de toda sua família e seus vizinhos. Abriria o baile com sua irmã Bárbara.

O reverendo Clapton saudou sua mãe sorrindo e com uma reverência ao mesmo tempo que trocava umas frases corteses com ela. Peter estava mais que convencido de que o sobrenome Whitleaf não significava nada para o velho cavalheiro, nem para nenhum dos Osbourne.

Mas Susanne abaixou de novo os olhos enquanto fazia uma reverência para sua mãe e Peter notou que esta ficou tensa.

—Senhorita Osbourne —disse sua mãe—, fico feliz que tenha vindo passar uns dias em Fincham nessa época. Espero que se divirta no baile.

—Obrigado, senhora —respondeu Susanne sem levantar a vista.

Devia ser um momento muito chato para ambas, pensou Peter. Como ocorreu a ele pensar que podia casar-se com Susanne e viver feliz com ela para sempre? Mas não, já havia decidido que a felicidade eterna não existia. E também havia decidido que lutaria para alcançar a sua.

O momento passou, e as duas damas entraram no salão de baile sorrindo.

—Peter. —Bárbara pegou seu braço—. Acredito que tenha chegado o momento de iniciar o baile. Não quero esperar mais, posto que vou dançar com meu bonito irmão. Serei a inveja de todas as mulheres presentes.

Ele riu enquanto a conduzia para a pista de dança. Neste momento sentia-se muito animado e esperançoso. Afinal das contas, era Natal, a época do ano mais dedicada à esperança, a renovados sonhos e ao amor.

—Assombra-me ver Susanne Osbourne aqui —comentou Bárbara—. Lembra dela? Seu pai foi o desventurado secretário de sir Charles que suicidou-se. Mamãe não gostava que nos relacionarmos com ela porque seu pai era basicamente um criado, embora Edith costumava brincar sempre com ela.

—Eu a vi uma vez quando era garoto —respondeu Peter—. Mas neste verão voltei a encontrar-me com ela na casa de John Raycroft e em seguida no outono, em uma recepção de casamento que participei com Lauren e Kit em Bath.

—Ah, sim? —perguntou Bárbara com interesse.

Olhou para Susanne, que Theo conduzia para a pista de dança e depois tornou a olhar para seu irmão com curiosidade.

Susanne pensou maravilhada que até fins de agosto nunca havia participado de um baile ou uma festa, enquanto que até agora ja havia participado de dois, além de ter dançado a valsa em Upper Assembly Rooms em Bath.

E esta noite inclusive tinha a sua avó que parecia sua acompanhante, um avô que sorria com amabilidade a todos os homens que a tiravam para dançar e outro que os observava franzindo o cenho com suspeita.

Embora a metade dos convidados pertencessem à alta sociedade e há alguns meses atrás teriam feito com que se portasse com timidez, agora todos mostravam disposição a trata-la bem. E a outra metade dos convidados eram as pessoas que Susanne considerava normais e coerentes. Recordavam os vizinhos de Frances, com os quais simpatizou.

O salão de baile, profusamente decorado com motivos natalinos e demais adornos, estava deslumbrante. Inclusive sem as decorações já deveria ser um salão imponente, pensou Susanne. Era surpreendente que tivesse residido durante doze anos tão perto de Sidley sem nunca ter visitado esta casa.

Quanto teria desfrutado esta noite, pensou Susanne ao finalizar a quarta dança, enquanto o jovem e entusiasmado senhor Flynn-Posy a conduzia de volta junto para sua avó, se...

Mas esta noite queria esquecer as coisas tristes; Desejava simplesmente divertir-se. Dançou quatro vezes seguidas, uma delas uma enérgica contradança, com Peter. A seguinte seria uma valsa.

Não queria pensar que seria a última valsa.

—Dança muito bem, Susane —disse sua avó tomando a mão e convidando-a a sentar-se a seu lado—. E é muito bonita. Sinto-me muito orgulhosa de você e feliz por ter vivido para apreciar esta noite.

Nisto Peter apareceu de novo, inclinando-se diante de sua avó e lhe dirigindo um sorriso encantador, depois do qual voltou-se para ela e ofereceu sua mão.

—Acredito que esta é minha valsa, senhorita Osbourne —disse.

E depois de uns momentos estavam dançando novamente a valsa. Salvo que desta vez, embora olhasse nos olhos dele sorrindo, aspirou o aroma de sua colônia e sentiu-se eufórica com cada passo que dava, não perdeu a noção da realidade enquanto dançava. Desta vez era consciente de que estava na casa de Peter, rodeada por sua família e seus vizinhos. Era consciente da presença de sua própria família e esteve a ponto de começar a chorar ao pensar neste insólito feito. Era consciente da presença de seus amigos; os Markham e os Morley eram seus amigos e sempre foram. Ignorava a que se referiu lady Markham durante a breve conversa que ela ouviu no quarto infantil há muito tempo e não perguntou, mas agora sabia que lady Markham sempre a estimou. Devia ser um problema, uma grave responsabilidade ter que encarregar-se de uma menina órfã e não saber o que fazer com ela.

Era consciente do Natal, uma época de amor, família, paz e generosidade.

Tudo era simplesmente mágico, pensou Susanne.

—No que pensa? —Perguntou Peter enquanto dançavam em um canto do salão ao som da música. Ela recordou que ele fez essa mesma pergunta em outra ocasião, depois de seu passeio até a cascata. Naquela época ela estava muito triste.

—Esta é sua casa, o lugar a que pertence —respondeu—me alegro de tê-lo visto aqui, em seu ambiente. Pressinto que está a ponto de alcançar seu sonho.

Ele sorriu enquanto seguiam girando na pista de baile, até que de repente atravessaram a porta do salão e então ele a conduziu com passo decidido para o vestíbulo. Mas não chegaram ali e sim pararam em frente a uma porta fechada, que ele abriu fazendo-a entrar fechando a porta com firmeza atrás deles.

Era uma biblioteca, conforme observou Susanne, uma sala esplêndida e acolhedora tenuemente iluminada pelo fogo que ardia na lareira e umas velas sobre o suporte.

—Mas Peter —disse ela—, a valsa, meus avós...

—Já sabem que eu ia trazê-la aqui —respondeu ele—. Ao menos seus avós, embora imagine que sua avó também saiba. Ao chegar me saudou com muita doçura.

Soltou sua mão, aproximou-se do fogo e o atiçou.

Susanne aproximou-se também e sentou na beirada de uma poltrona.

Seus avós sabiam?

Mas não sabiam que...

Ele endireitou-se e contemplou o fogo uns momentos, de costas para ela. Susanne esperou que Peter dissesse algo. Amava-o com toda sua alma. E conhecia sua bondade, sua ternura, sua paixão, sua essência.

—Minha mãe fez com que seu pai se suicidasse —disse Peter.

De modo que ele sabia? Mas sem dúvida não sabia há dois dias.

—Ele decidiu suicidar-se —respondeu ela—. Poderia ter escolhido outro caminho.

—Minha mãe viveu com esse remorso —disse ele—, o qual, é obvio, não justifica sua conduta. Eu a amo, Susanne. Sempre amei, e sempre vou amar. O amor, como descobri, não julga. Existe e ponto.

—Minha mãe e meu pai cometeram algumas faltas muito graves —disse ela—. Entre outras coisas, destroçaram o coração de meus avós. Causaram a morte de meu tio. Mas sempre os amei, embora não tenha chegado a conhecer minha mãe.

—O que quero dizer —prosseguiu ele apoiando uma mão sobre o elevado suporte e inclinando a cabeça para frente—, é que nunca a repudiarei, Susanne. Sempre irei visita-la, e ela sempre será bem-vinda aqui, embora dentro de pouco tempo, deverá mudar-se para outra residencia em Londres. Se alguma vez me pedissem que escolhesse entre ela e você, não o faria. Nego-me a fazer isso. As pessoas não podem escolher entre um amor e outro. Nós só podemos escolher caso uma escolha seja mais digna que a outra.

Susanne engoliu em seco.

—Peter —disse—, não tem que escolher nada. Dentro de poucos dias retornarei à escola. Meus avós querem que eu vá viver com eles, mas eu disse que não. Ficarei encantada quando passar as férias com eles. Vou escrever a eles com frequência, mas não quero viver com eles. Nem com você.

Peter inclinou ainda mais a cabeça e permaneceram em um prolongado silêncio enquanto ela escutava a música da valsa procedente do salão de baile. Depois de um momento ele endireitou-se e voltou a fitá-la.

—Diga que não me ama —disse.

Ela negou lentamente com a cabeça.

—Diga-me isso .

—O amor não tem nada a ver com isto—respondeu ela.

—Não estou de acordo —replicou ele—. O amor tem tudo a ver com isto. Diga que não me ama e a levarei novamente ao salão e a partir desta noite nunca mais voltaremos a nos ver. Diga-me Susanne. Mas diga-me a verdade.

Ela nunca o viu tão sério. Estava pálido, com o rosto mudado à luz das velas. Tinha os olhos cravados nos seus.

—Peter —respondeu ela, apressando-se a baixar a vista e fixando-a em suas mãos—, seria impróprio, inclusive sórdido, tendo em conta que sua mãe e meu pai....

—...eram amantes —disse ele—.Pareceu sórdido em Barclay Court? Pareceu sórdido na casa da viúva há dois dias? É certo que é um fato desagradável, que poderia fazer com que toda relação entre você e eu fosse imprópria. Mas não podemos modificar o passado. É o que é. Estamos dispostos a renunciar o presente e o futuro devido a isso? A vida não é perfeita, Susanne. Só podemos viver a realidade tal como ela é. Sem amor seria impossível. Sei que é comum dizer que o amor faz com que tudo seja possível, mas é o certo. Não é uma varinha mágica que possamos agitar sobre a vida para converter tudo em coisas maravilhosas, belas e prazenteiras, mas podemos procurar a energia para lutar contra as adversidades e ganhar.

Ela levantou a vista e olhou Peter nos olhos.

—E nós temos amor em abundância —disse ele—.Diga que estou enganado.

Ela não respondeu.

—Não me refiro ao tipo de amor doce, sentimental e romântico —disse ele—, embora isso também. O seu é um amor duro, Susanne, capaz de sacrificar sua própria felicidade se for necessário e seguir vivendo sem amargura. Eu aprendi muito sobre o amor em pouco tempo. Quero a minha família e minha casa. E quero você.

—Peter... —respondeu ela. Mas meneou a cabeça como não pudesse continuar e mordeu o lábio.

—Seria capaz de destruir nosso amor —perguntou ele—só porque sou rico e tenho um título e você é uma professora, embora também seja uma herdeira, conforme me informaram ontem? E porque sou um Whitleaf? Porque sempre honrarei a minha mãe?

Porque ela e seu pai procuraram um dia consolo para sua solidão nos braços do outro?

Ela fechou os olhos.

—Ou se casará comigo? —Perguntou ele—. E fará muito feliz três velhos que estão no salão de baile permitindo que eu anuncie esta noite nosso noivado?

—Peter! —Exclamou ela olhando zangada—. Isto é muito injusto.

Ele a olhou com gesto sombrio. Logo sorriu. E no final de alguns instantes seu sorriso ficou mais largo.

—Sim, reconheço—respondeu—. Mas fará? Fará seus avós felizes?

Susanne desprezou essas jovens em Somerset que pareciam derreter-se cada vez que ele as olhava, até que compreendeu que era uma reação a enorme simpatia que emanava dele. Entretanto...

Procederia como uma delas?

—O que opina sua mãe a respeito? —Perguntou-lhe—. O que ela disse?

—Sim —respondeu ele—. Minha mãe sempre foi muito possessiva e um tanto dominadora, inclusive egoísta em relação a mim, Susanne, mas indubitável ama minhas irmãs e a mim com toda a alma. Prefere estimar a minha esposa que me perder. Não posso prometer que sua relação com ela será fácil, mas posso assegurar que não será impossível, salvo que lhe pareça isso.

Ela o olhou. Era isto possível? Estava-lhe escutando com seu coração em lugar de com seu bom senso ?

Era com o coração que alguém devia escutar?

De repente cessou toda capacidade de escutar de outra forma que não fosse com seu coração.

Peter caminhou a distância entre ambos, tomando uma de suas mãos enluvadas entre as suas e apoiou um joelho no chão ante ela.

—Outro tópico —disse ele sorrindo. Mas o sorriso se desvaneceu quase imediatamente—. Quer me conceder a honra de casar comigo, Susanne? Se não pode dizer-me com sinceridade que não me ama, poderá dizer que aceita casar-se comigo?

O único protesto que ocorreu a Susanne foi uma coisa absurda.

—Peter —respondeu inclinando-se ligeiramente sobre ele—, sou uma professora. Tenho algumas obrigações para com minhas alunas e Claudia Martin. Não posso abandonar a escola na metade do curso escolar.

—Quando conclui? —perguntou ele.

—Em julho —respondeu ela.

—Então nos casaremos em agosto —disse ele—. O mês em que nos conhecemos. Como vê, esse dragão não era sequer digno de tal nome. Um simples verme. Há algum mais?

—Imagino que deva haver dúzias —respondeu ela.

—Então mais vale que se apresse a enumerá-los —disse ele—, antes que seja muito tarde. Vou beija-la apaixonadamente e a levarei com ar triunfal ao salão de baile. Depois da valsa servirão o jantar, o momento ideal para fazer o anúncio. Tenho tudo organizado.

—Está você muito seguro de si, lorde Whitleaf —disse ela.

—Não é verdade —replicou ele—.Asseguro a você que não, Susanne. Tire-me desta incerteza. Diga-me que me ama, ou que não me ama. Diga que se casará comigo, ou que não se casará comigo. Por favor, meu amor. Não me sinto nada seguro de mim.

Ela supôs que a dúzia de motivos para recusar seu oferecimento não ocorreriam antes que terminasse a noite. Também supôs que os descartaria um após o outro mediante o simples expediente de recordar a forma com que ele a olhava neste momento: ansioso, com os olhos cheios de incerteza e amor, prostrado de joelhos diante dela. E ao recordar como sentia ela neste momento: transbordante de amor.

Retirou a mão que ele sustentava, tomou o rosto entre suas mãos e inclinou-se para beija-lo brandamente nos lábios.

—Eu o amo Peter—disse—, e me casarei com você.

—Sabia que devia fazer isto na sala de estar, não aqui —respondeu ele—. Penduraram ali o ramo de visco debaixo do qual os casais devem se beijar. Mas suponho que nos arrumaremos isso sem ele.

Peter ficou de pé, fazendo com que ela ficasse também, e se abraçaram de uma forma que ficou confirmado que sua hipótese era mais que acertada.

O mais estranho, raciocinou Susanne quando conseguiu pensar com clareza, é que não havia sido um beijo cheio de luxuria o que compartilharam, mesmo sendo muito longo. Foi um beijo de felicidade, esperança, compromisso e amor.

Não, não estava disposta a ter em conta nem por um momento essa dúzia de motivos

—Meu amor —murmurou ele contra seus lábios—. Meu amor.

—Peter —respondeu ela.

E voltaram a beijar-se antes de que tomasse sua mão e a apoiasse cerimoniosamente sobre seu braço para conduzi-la de volta ao salão de baile.

A música tinha cessado.

Todo mundo estava sentado para jantar.

Peter ia anunciar seu compromisso com ela, pensou Susanne. Suas núpcias!

CAPÍTULO 26

O casamento de de Susanne Osbourne com o visconde de Whitleaf foi celebrado na igreja perto de Alvesley Park, em Wiltshire, num dia ideal de agosto.

Escolheram Alvesley entre outros lugares por várias razões. Embora os avós de Susanne desejassem organizar o evento em Gloucestershire, tiveram que reconhecer que suas casas e a hospedaria do povoado não acomodariam todos os convidados e que o salão de celebração no piso superior da hospedaria não era suficientemente elegante, apesar do seu espaçoso tamanho, para celebrar neles a festa de casamento.

Também frustram-se as possibilidade do casamento em Sidley, pois como poderiam as companheiras de Susanne deslocar-se para tão longe quando tinham que ocupar-se das alunas de caridade? E o visconde se negou a casar-se com sua dama sem a presença das amigas dela.

Durante um tempo a única opção viável parecia ser Bath —que a todos pareceu mais que aceitável—até que Lauren, a viscondessa de Ravensberg, e a duquesa de Bewcastle decidiram elas mesmas organizar as celebrações de casamento. Embora na realidade foi Eleanor Thompson quem pôs em marcha os planos quando informou na sua carta semanal a sua irmã do problema referente às alunas de caridade e comentou o grande tamanho de Lindsey Hall.

Ninguém soube nunca —e ninguém perguntou— como conseguiu a duquesa convencer o arrogante duque de Bewcastle para que acolhesse sob seu teto as doze alunas durante toda a semana que aconteceria o casamento de uma de suas professoras, mas o caso é que o fez, e muitos inclusive viram o duque sorrir para sua esposa durante o casamento, uma estranha exibição de afeto em público.

De modo que se casaram em Alvesley, e vieram convidados de todos os lugares da Inglaterra, inclusive da Escócia e do País de Gales: a irmã do visconde e seu marido, o senhor e a senhora Sydnam Butler, com David e sua filhinha de quatro meses, deste último. A viscondessa veio de Londres, onde desfrutava de uma satisfatória e agradável temporada social, tendo obtido a admiração e atenção de dois distintos viúvos. As irmãs do visconde e suas famílias assistiram também, assim como alguns de seus amigos, principalmente Theo Markham e John Raycroft com sua linda esposa.

Os avós da Susanne foram com duas das tias desta e seus maridos, que ela conheceu durante uma visita na Páscoa. Todas as suas melhores amigas estiveram presentes: Claudia Martin, Anne Butler com o senhor Butler e a condessa de Edgecombe com seu marido, a qual acabava de retornar de Paris, onde estreou um recital de canto. Eleanor Thompson também assistiu, assim como Lila Walton e Cecile Pierre, a professora de francês e de música, e inclusive o senhor Huckerby se deslocou de Bath. E é claro as doze alunas de caridade assistiram também o casamento, sob a supervisão da senhorita Thompson e da senhorita Walton, e sentiram-se tão impressionadas pelo evento e pela quantidade de convidados que não foi preciso tomar conta delas. Inclusive Agnes Ryde estava muda de assombro.

Foi maravilhoso este casamento, digno do tempo que aguardaram para celebrá-lo, como convieram os noivos depois do evento.

O visconde viajou em três ocasiões, entre Natal e agosto, para Bath. Em duas dessas ocasiões permaneceu uma semana, a terceira dez dias. Não obstante, suas estadias ali foram quase mais exasperantes que o comprido tempo que passou longe dali, porque que Susanne não queria abandonar suas tarefas, ou o teria feito, caso ele tivesse pedido. Durante essas semanas o visconde compreendeu que o trabalho de uma professora constituía mais uma forma de vida que um trabalho. Pois mesmo a que dispunha de tempo livre, nem sequer pensava em dedicar esse tempo a seu noivo, que adoecia de tristeza.

Além do aborrecimento e a irritação que lhe causou a espera, foram meses felizes para Peter. Compreendeu que seus sonhos cumpriram-se por fim e alcançariam sua plenitude quando tivesse sua esposa junto a ele em Sidley, apesar de que no principio, uma esposa não era parte desses sonhos. Mas uma vez que ela estivesse em Sidley, ele tinha certeza que jamais sentiria o desejo de transpassar os limites de sua terra e suas imediações: seu lar, seu círculo de satisfação e sorte.

Susanne lamentava ter que renunciar a duas coisas quando se casasse. A escola foi seu lar e seu refúgio desde quando era uma menina. Era onde seu coração, confuso e doído, tinha sarado. Constituiu seu lar e seu lugar de trabalho durante sua adolescência. Adorava a profissão de professora, estimava às meninas e as suas colegas, em especial a Claudia, que durante muitos anos foi para ela uma irmã e uma mãe, além de sua amiga.

Mas todas as mulheres devem abandonar seu lar e sua família quando se casam. E em seu caso, como pensava Susanne com crescente emoção conforme transcorriam os meses, a renúncia valeria a pena. Nunca sentiu-se totalmente feliz quando era solteira, sem um marido, sem filhos, sem seu próprio lar. Não plenamente feliz. E amava Peter mais do que imaginou que chegaria a amar a um homem. Possivelmente porque gostava e o admirava como pessoa tanto como o amava.

E não havia nenhuma escola perto de Sidley, como descobriu Susanne. Era uma falha que queria remediar, embora Peter riu quando ela comentou isso durante uma de suas visitas a Bath. Foi uma risada afetuosa cheia de admiração e amor.

Susanne temia o fim do curso em julho, dizendo para si mesma que cada evento que organizavam seria o último no que ela participaria. Mas ao mesmo tempo pensava que este não chegaria nunca.

Casaria em agosto.

Casaria com Peter. Passaria o resto de sua vida com ele, enquanto vivessem. Mas chegou agosto, como ocorre indevidamente cada ano.

E com ele chegou a data do casamento, um esplêndido dia com um céu azul e iluminado.

Peter estava sentado na parte dianteira da igreja, junto a John Raycroft, consciente de que nos bancos as suas costas estavam cheios de convidados, embora não tenha se virado para comprovar.

De fato, pensou que embora quisesse virar a cabeça não poderia. Pela primeira vez durante sua exemplar carreira, seu valete atou-lhe a gravata de uma forma que mal podia respirar, embora este quase chorou de prazer ao contemplar, há aproximadamente uma hora, a maestria de sua obra.

Não devia chegar tão cedo, pensou Peter enquanto notava uma intensa opressão na boca do estômago.

Será que ela não aparecia?

Será que alguém responderia durante o temido momento quando o vigário perguntasse caso alguém conhecia algum impedimento para que não fosse celebrasse esse casamento?

Será que os nervos o impediriam de articular alguma palavra?

Será que deixaria cair a aliança?

Será que Raycroft esqueceu de trazer a aliança?

—Trouxe a aliança? —Murmurou Peter logo que pôde abrir a boca.

—É obvio —respondeu Raycroft também em voz baixa com ar satisfeito, embora dois meses antes, quando Peter pediu para que ele fosse seu padrinho de casamento, também foi preso de um intenso nervosismo—. Já me perguntou isso há cinco minutos.

Será que ela responderia «*não quero*» em lugar de «*sim quero*»? Ou a resposta era simplesmente «*não*» ou «*sim*»? Por mais que se esforçasse, Peter não recordava as palavras exatas. Quando chegasse o momento devia prestar muita atenção ao vigário.

Será que...?

Céu santo!

O murmúrio nos bancos posteriores ficou mais alto e Peter deduziu que Susanne havia chegado com o coronel Osbourne. E quando olhou para o vigário e para o reverendo Clapton, que celebrava a cerimônia nupcial junto com ele, e o viu sorrir com o orgulho próprio de um avô, com os olhos fixos em uma pessoa no fundo da igreja, esteve certo disso.

Peter levantou-se e virou o corpo ao mesmo tempo em que o órgão começou a tocar.

Aí estava ela.

A frase adquiria por fim seu pleno sentido.

Estava vestida dos pés a cabeça com um lindo vestido de delicada cor marfim e um véu cheio de flores que cobria o seu rosto. Oferecia um aspecto quase frágil, ao lado do seu corpulento avô com o orgulhoso porte militar. Mas estava incrivelmente bela. E nenhum véu podia ocultar esses cachos de uma intensa cor vermelho dourada.

Quando ela chegou perto, ele viu seu rosto e seus olhos. Tinha-os fixos nos dele, muito abertos e transbordantes de ansiedade, de assombro e…sim, de amor.

Ah, Susanne!

Inclusive a Peter parecia incrível que tivessem conseguido superar todos os obstáculos para atingir este momento.

Deu-se conta de que se fitavam com uma expressão idêntica. Mas ninguém ia elevar a voz durante esse momento de silêncio, e ninguém ia deixar cair o anel, que Raycroft trouxe. Ele não se confundiria e ela diria «*sim quero*», «*sim*» ou o que fosse.

Tudo daria certo.

Ele a olhou sorrindo lentamente, sentindo tanta felicidade que a emoção esteve a ponto de transbordar.

Ela sorriu, e o sol que brilhava fora alagou o interior da igreja.

Mas se parecia tanto ao homem que a deslumbrou e aterrorizou no caminho de Barclay Court há quase exatamente um ano, que ela maravilhou-se que um estranho tivesse se convertido no pulsar de seu coração em tão breve tempo. Mas desta vez não importava que fosse o visconde de Whitleaf. Era um nome, um título, que ela compartilharia com ele dentro de alguns minutos.

Peter ia elegantemente vestido de cor negra, creme e branco.

Não poderia existia um homem mais lindo no mundo.

O inexplicável terror que ela experimentou havia desaparecido.

Susanne chorou nos braços de sua avó nas primeiras horas da manhã, mas nem ela mesma conseguiu explicar esse arrebatamento. Sua avó havia dito a ela que isso acontecia porque estava apaixonada, que caso casasse por qualquer outro motivo não estaria perdendo os nervos. Ela riu e soou o nariz.

Mas o terror persistiu, e teve que esforçar-se em reprimir as lágrimas quando Anne e Frances entraram em seu quarto para abraçá-la, e resultou quase impossível segurar as lagrimas quando apareceu Claudia que a abraçou com força durante um minuto antes de soltá-la.

—Susanne —disse Claudia—, custou muito separar-me de Frances e de Anne, pois eram e são boas amigas. Mas você é mais que uma amiga. Chegou para mim quando era uma menina confusa, taciturna e desventurada e tomei carinho por você a partir do primeiro momento, muito antes que aflorasse sua verdadeira personalidade. Não permitiria que se casasse com um homem indigno ou que não a amasse com todo seu coração.

Claudia riu, retrocedendo e enxugando os olhos.

—Ai! —exclamou—, por que não percebi de que as três eram mulheres jovens e lindas? Se tivesse percebido, jamais teria inciado uma amizade com vocês. Teria me mostrado distante e indiferente.

Claudia tornou a rir e tratou a todas com carinho.

E agora, como comprovou Susanne enquanto Peter a olhava sorrindo, já não estava aterrorizada. Por que estaria aterrorizada? Este era o dia de seu casamento e estavam juntos na igreja. E havia nele uma coisa que a deslumbrou mais que o sorriso.

A expressão nos olhos dele.

U ma expressão que infundiu nela uma maravilhosa e cálida sensação da raiz do cabelo até a ponta dos pés.

—Queridos contraentes —disse o vigário.

Foi um momento muito breve depois da larga espera. Mas um momento glorioso. Peter respondeu de forma correta, ela também, ele colocou a reluzente aliança de ouro no dedo... Susanne não podia enumerar todos os momentos. Era uma confusão de intensa felicidade.

Então o vigário —não, o avô Clapton— os declarou marido e mulher e os conduziu à sacristia para que assinassem o registro. E Peter levantou seu véu—e com todo o descaramento— a beijou brevemente nos lábios. Ante o olhar do vigário, o senhor Raycroft e os dois avós de Susanne.

O órgão começou a interpretar um sonoro hino de alegria enquanto os noivos saíam da sacristia e começaram a andar pela nave central, frente aos bancos ocupados por seus parentes e amigos. Susanne nunca havia sorrido tanto em sua vida, dedicando um sorriso especial para suas alunas, que ocupavam dois bancos, embelezadas com seus melhores vestidos e comportando-se como autênticas senhoritas.

Anos atrás Susanne foi uma delas.

Uma carruagem elegantemente decorada os esperava em frente à porta da igreja. Uma multidão de aldeões estavam ali para apreciar o espetáculo, mas Peter e Susanne não se apressaram. Os convidados saíram atrás deles para abraçá-los e sorrindo para desejar felicidades. Um grupo composto principalmente pelas alunas jogaram neles uma chuva de pétalas de rosa.

Tanto a face de Susanne quanto a de Peter estavam vermelhas e eles riam felizes

quando subiram na carruagem. Alguém fechou a portinhola e indicou ao condutor que partisse para Alvesley para a recepção de casamento.

Susanne sentou-se em um extremo do banco, Peter no outro, agarrados na mão um do outro e o assento entre eles, com os dedos enlaçados enquanto saudavam com a mão à multidão congregada no campo santo e na estrada.

Depois de um tempo, além do chofer que estava sentado muito rígido no boléia, ficaram sozinhos.

Susanne olhou para Peter e ele a olhou sorrindo.

—Vem para mim —disse brandamente.

—Por quê? —perguntou ela sorrindo também.

—Porque eu ordeno que sim—respondeu ele—, e é minha esposa. — Seus olhos mostravam uma expressão risonha e maliciosa.

—Ah, sim? —replicou ela, sem mover-se.

Peter emitiu um sonoro suspiro e aproximou-se dela.

—Acaba de destruir meu sonho de ter uma esposa dócil com quem pudesse viver feliz por séculos—disse rodeando-a com os braços e estreitando-a com força contra si enquanto Susanne apoiava as mãos sobre seu peito—. Será que vou ter que lutar contra dragões o resto de minha vida?

—Todos os dias —assegurou ela.

Ele a fitou rindo, e ela devolveu o olhar rindo também.

—Permita-me que a beije, lady Whitleaf? —Perguntou Peter.

—Pensei que não fosse pedir isso nunca —respondeu ela. Mas sua risada foi interrompida quando Peter cobriu sua boca com um beijo.

E sua felicidade ficou mais intensa. Como podia incrementar uma felicidade absoluta? Mas esse não era um problema que tivesse que meditar hoje.

Susanne rodeou o pescoço de seu marido com um braço e o beijou com todo o ardor de sua alma.

Atrás dela continuavam a repicar os sinos da igreja no povoado.

FIM